

**Universidade Federal de Pernambuco
Centro de Ciências Sociais Aplicadas
Departamento de Ciências Administrativas
Programa de Pós-Graduação em Administração – PROPAD**

Brunno Fernandes da Silva Gaião

**Carnaval do Recife e Imperativo do Gozo:
a mercadorização da cultura à luz dos
discursos lacanianos**

Recife, 2016

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO

CLASSIFICAÇÃO DE ACESSO A TESES E DISSERTAÇÕES

Considerando a natureza das informações e compromissos assumidos com suas fontes, o acesso a monografias do Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal de Pernambuco é definido em três graus:

- "Grau 1": livre (sem prejuízo das referências ordinárias em citações diretas e indiretas);
- "Grau 2": com vedação a cópias, no todo ou em parte, sendo, em consequência, restrita a consulta em ambientes de biblioteca com saída controlada;
- "Grau 3": apenas com autorização expressa do autor, por escrito, devendo, por isso, o texto, se confiado a bibliotecas que assegurem a restrição, ser mantido em local sob chave ou custódia;

A classificação desta tese se encontra, abaixo, definida por seu autor.

Solicita-se aos depositários e usuários sua fiel observância, a fim de que se preservem as condições éticas e operacionais da pesquisa científica na área da administração.

Título da tese: Carnaval do Recife e Imperativo do Gozo: a mercadorização da cultura à luz dos discursos lacanianos

Nome do autor: BRUNNO FERNANDES DA SILVA GAIÃO

Data da aprovação: 07.04.2016

Classificação, conforme especificação acima:

| | |
|--------|-------------------------------------|
| Grau 1 | <input checked="" type="checkbox"/> |
| Grau 2 | <input type="checkbox"/> |
| Grau 3 | <input type="checkbox"/> |

Recife, 07 de abril de 2016

Brunno Fernandes da Silva Gaião

**Carnaval do Recife e Imperativo do Gozo:
a mercadorização da cultura à luz dos
discursos lacanianos**

Tese apresentada como requisito para a
obtenção do grau Doutor em
Administração do Programa de Pós-
Graduação em Administração da
Universidade Federal de Pernambuco.

Orientador: André Luiz Maranhão de Souza Leão, Dr.

Recife, 2016

Catálogo na Fonte
Bibliotecária Ângela de Fátima Correia Simões, CRB4-773

G137c Gaião, Brunno Fernandes da Silva
Carnaval do Recife e imperativo do gozo: a mercadorização da cultura à luz dos discursos lacanianos / Brunno Fernandes da Silva Gaião. - 2016.
204 folhas : il. 30 cm.

Orientador: Prof. Dr. André Luiz Maranhão de Souza Leão.
Dissertação (Mestrado em Administração) – Universidade Federal de Pernambuco, CCSA, 2016.

Inclui referências.

1. Carnaval. 2. Cultura. 3. Mercado-alvo. 4. Ideologia. 5. Gozo. I. Leão, André Luiz Maranhão de Souza (Orientador). II. Título.

658 CDD (22.ed.)

UFPE (CSA 2016 –051)

**Universidade Federal de Pernambuco
Centro de Ciências Sociais Aplicadas
Departamento de Ciências Administrativas
Programa de Pós-Graduação em Administração (PROPAD)**

Carnaval do Recife e Imperativo do Gozo: a mercadorização da cultura à luz dos discursos lacanianos

Brunno Fernandes da Silva Gaião

Tese submetida ao corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Administração da
Universidade Federal de Pernambuco e aprovada em 07 de abril de 2016.

Banca Examinadora:

André Luiz Maranhão de Souza Leão, Doutor em Administração, PROPAD/UFPE
(Orientador)

Fernando Gomes Paiva Júnior, Doutor em Administração, PROPAD/UFPE
(Examinador Interno)

Ricardo Sérgio Gomes Vieira, Doutor em Administração, PROPAD/UFPE
(Examinador Interno)

Ana Paula Paes de Paula, Doutora em Ciências Sociais, CEPEAD/UFMG
(Examinador Externo)

Amilcar Almeida Bezerra, Doutor em Comunicação, UFPE
(Examinador Externo)

Agradecimentos

A todos aqueles que participaram direta e indiretamente dessa longa caminhada.

Aos professores que fazem parte do PROPAD – UFPE, pelo compartilhamento de seus saberes e disponibilidade quando solicitados.

À FACEPE, pelo apoio financeiro que viabilizou este trabalho.

Ao professor André Leão, pelo compromisso em me conduzir por caminhos sempre novos e desafiadores com brilhantismo e segurança. Por me fazer acreditar que um doutorado não se resume a uma tese e por me oferecer a oportunidade alçar voos mais altos em minha caminhada acadêmica.

A todos os Amigos que fiz durante esses seis anos em Recife. Tantos e tão diversos. E todos especiais.

A toda minha Família pelo apoio e torcida em todas as horas que precisei.

À Amanda, pelos seis anos de caminhada juntos. Pelos desafios superados. Pela fé depositada em mim. E pela oportunidade de continuar escrevendo esta história contigo.

A meus pais, por estarem sempre presentes. Sempre.

“Isso de querer ser exatamente aquilo que a gente é ainda vai nos levar além”

- Paulo Leminski

“Tô me guardando pra quando o Carnaval chegar”

- Chico Buarque

Resumo

Cada vez mais a cultura popular passa a ser regida por uma lógica de mercado. Manifestações culturais são resignificadas e oferecidas como produtos para consumo. No caso do carnaval, a festa surge como um evento-espetáculo localizado no fluxo das redes midiáticas. Assumindo as noções de mediação cultural e do discurso das mídias, e a existência de uma ideologia de imperativo do gozo na sociedade contemporânea, debruçamo-nos sobre o Carnaval do Recife partindo de uma perspectiva žižekiana de crítica psicanalítica à ideologia e propomos o seguinte questionamento: como a cobertura jornalística do carnaval do Recife revela a operação do imperativo do gozo na mercadorização desta festa à luz dos discursos fundamentais lacanianos entre os anos de 1985 e 2015? Por meio de pesquisa qualitativa documental adotamos a Análise de Discurso Laciana na análise de 810 matérias jornalísticas distribuídas entre os anos de 1985, 1995, 2005 e 2015. A análise evidenciou mudanças ocorridas na configuração dos discursos lacanianos neste período. Os Discursos da Universidade e do Capitalista suportam uma apropriação da cultura como recurso a ser gerenciado e explorado. O Discurso da Histérica apresenta sujeitos histericizados diante do “Carnaval”, significante-mestre ao qual é necessário atribuir significado. O Discurso do Analista produz significantes sínteses da relação dos sujeitos com a festa enquanto objeto de desejo. Na passagem do Discurso do Mestre para o Discurso dos Mercados a Lei patriarcal cede lugar a uma Lei superegóica do gozo, na qual o mais-gozar interpela o sujeito de maneira desublimada, como gozo obscuro e intrusivo. Assim, a conversão da cultura carnavalesca em produto(s) está ligada ao funcionamento do Discurso dos Mercados do carnaval do Recife, permitindo que o mais-gozar seja incorporado por objetos *a* parciais que atuam no intuito de interpelar o sujeito-folião ininterruptamente. Limites da pesquisa e indicações de novos estudos são feitos ao final do trabalho.

Palavras-chave: Carnaval. Cultura. Mercado. Imperativo do Gozo. Ideologia.

Abstract

Popular culture is becoming more and more governed by a market logic. Cultural manifestations are resignified and offered as products to be consumed. In the case of Carnival, the party appears as a spectacle-event within the flow of media networks. Assuming the notions of cultural mediation and discourse of the media, and the existence of an enjoyment injunction ideology in contemporary society, we examine Recife Carnival through a žižekian perspective of psychoanalytic critique of ideology and propose the following question: how the media coverage of Recife carnival reveals the operation of enjoyment injunction in the commodification of this party in the light of Lacanian fundamental discourses between 1985 and 2015? Through qualitative documentary research we have adopted the Lacanian Discourse Analysis in the analysis of 810 news stories published among the years of 1985, 1995, 2005 and 2015. The analysis showed changes in the configuration of Lacanian fundamental discourses in this period. The University and Capitalist Discourses support appropriation of culture as a resource to be managed and exploited. The Hysteric's Discourses presents subjects hystericized in confrontation with "Carnival" as a master-signifier to which they must assign meaning. The Analyst's Discourse produces significant synthesizers of relationship of subjects with the carnival party as an object of desire. In the transition from Master's Discourse to Discourse of the Markets, patriarchal law gives way to a superegoic enjoyment Law, in which the surplus-enjoyment interpellates the subject in a non sublime way, as an obscene and intrusive enjoyment. Thus, the conversion of carnival culture into product(s) is linked to the operation of Discourse of the Markets in Recife Carnival, allowing surplus-enjoyment to be incorporated by partial objects a, which interpellates the subject-reveler uninterruptedly. Limits of the research and directions for further research are made at the end of work.

Keywords: Carnival. Culture. Market. Enjoyment Injunction. Ideology.

Lista de Figuras

| | |
|--|-----|
| FIGURA 1 – OS QUATRO DISCURSOS FUNDAMENTAIS DE LACAN | 57 |
| FIGURA 2 – PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DE DISCURSO LACANIANA | 71 |
| FIGURA 3 – EXEMPLO DE ANÁLISE: O CARNAVAL JÁ ESTÁ NAS RUAS | 74 |
| FIGURA 4 – EXEMPLO DE ANÁLISE COM MARCAÇÕES: O CARNAVAL JÁ ESTÁ NAS RUAS | 75 |
| FIGURA 5 – GRUPO DE FORMAÇÕES: O CARNAVAL DA RUA AOS SALÕES E DE VOLTA | 82 |
| FIGURA 6 – EXEMPLOS DO GRUPO DE FORMAÇÕES: O CARNAVAL DA RUA AOS SALÕES E DE VOLTA | 83 |
| FIGURA 7 – GRUPO DE FORMAÇÕES: A MAGNITUDE E RIVALIDADE DA FESTA | 85 |
| FIGURA 8 – EXEMPLO DO GRUPO DE FORMAÇÕES: A MAGNITUDE E RIVALIDADE DA FESTA | 86 |
| FIGURA 9 – GRUPO DE FORMAÇÕES: O CARNAVAL E SEU FOLIÃO | 87 |
| FIGURA 10 – EXEMPLO DO GRUPO DE FORMAÇÕES: O CARNAVAL E SEU FOLIÃO | 88 |
| FIGURA 11 – GRUPO DE FORMAÇÕES: O TEMPO EXTRAORDINÁRIO DA FESTA | 89 |
| FIGURA 12 – EXEMPLO DO GRUPO DE FORMAÇÕES: O TEMPO EXTRAORDINÁRIO DA FESTA | 90 |
| FIGURA 13 – GRUPO DE FORMAÇÕES: CARNAVAL DO PASSADO E FUTURO | 92 |
| FIGURA 14 – EXEMPLO DO GRUPO DE FORMAÇÕES: CARNAVAL DO PASSADO E FUTURO | 93 |
| FIGURA 15 – GRUPO DE FORMAÇÕES: ORGANIZAÇÃO DA FESTA | 101 |
| FIGURA 16 – EXEMPLO DO GRUPO DE FORMAÇÕES: ORGANIZAÇÃO DA FESTA | 101 |
| FIGURA 17 – GRUPO DE FORMAÇÕES: PROMOÇÃO DA FESTA | 104 |
| FIGURA 18 – EXEMPLO DO GRUPO DE FORMAÇÕES: PROMOÇÃO DA FESTA | 104 |
| FIGURA 19 – GRUPO DE FORMAÇÕES: PADRÕES SOCIAIS E JULGAMENTO | 106 |
| FIGURA 20 – EXEMPLO DO GRUPO DE FORMAÇÕES: PADRÕES SOCIAIS E JULGAMENTO | 107 |
| FIGURA 21 – GRUPO DE FORMAÇÕES: INCENTIVO À CULTURA | 109 |
| FIGURA 22 – EXEMPLO DO GRUPO DE FORMAÇÕES: INCENTIVO À CULTURA | 109 |
| FIGURA 23 – GRUPO DE FORMAÇÕES: IMPORTÂNCIA ECONÔMICA DA FESTA | 111 |
| FIGURA 24 – EXEMPLO DO GRUPO DE FORMAÇÕES: IMPORTÂNCIA ECONÔMICA DA FESTA | 112 |
| FIGURA 25 – GRUPO DE FORMAÇÕES: HISTERIA FOLIÁ DE EMANCIPAÇÃO | 119 |
| FIGURA 26 – EXEMPLOS DO GRUPO DE FORMAÇÕES: HISTERIA FOLIÁ DE EMANCIPAÇÃO | 120 |
| FIGURA 27 – GRUPO DE FORMAÇÕES: HISTERIA FOLIÁ DE PRESERVAÇÃO DAS TRADIÇÕES | 122 |
| FIGURA 28 – EXEMPLO DO GRUPO DE FORMAÇÕES: HISTERIA FOLIÁ DE PRESERVAÇÃO DAS TRADIÇÕES | 123 |
| FIGURA 29 – GRUPO DE FORMAÇÕES: HISTERIA FOLIÁ DE CRÍTICA | 124 |
| FIGURA 30 – GRUPO DE FORMAÇÕES: HISTERIA FOLIÁ DE CRÍTICA | 124 |
| FIGURA 31 – GRUPO DE FORMAÇÕES: HISTERIA FOLIÁ DE EUFORIA | 126 |
| FIGURA 32 – EXEMPLOS DO GRUPO DE FORMAÇÕES: HISTERIA FOLIÁ DE EUFORIA | 126 |
| FIGURA 33 – GRUPO DE FORMAÇÕES: HISTERIA CIDADÃ | 128 |
| FIGURA 34 – EXEMPLOS DO GRUPO DE FORMAÇÕES: HISTERIA CIDADÃ | 129 |
| FIGURA 35 – GRUPO DE FORMAÇÕES: HISTERIA POLÍTICA | 131 |
| FIGURA 36 – EXEMPLO DO GRUPO DE FORMAÇÕES: HISTERIA POLÍTICA | 131 |
| FIGURA 37 – GRUPO DE FORMAÇÕES: HISTERIA DAS AGREMIações | 132 |
| FIGURA 38 – EXEMPLOS DO GRUPO DE FORMAÇÕES: HISTERIA DAS AGREMIações | 133 |
| FIGURA 39 – GRUPO DE FORMAÇÕES: HISTERIA DOS ARTISTAS | 135 |
| FIGURA 40 – GRUPO DE FORMAÇÕES: HISTERIA DOS ARTISTAS | 136 |
| FIGURA 41 – GRUPO DE FORMAÇÕES: O QUE É A FESTA DE CARNAVAL | 143 |
| FIGURA 42 – EXEMPLO DO GRUPO DE FORMAÇÕES: O QUE É A FESTA DE CARNAVAL | 144 |
| FIGURA 43 – GRUPO DE FORMAÇÕES: INDIVÍDUOS CAPITALISTAS | 149 |
| FIGURA 44 – EXEMPLOS DO GRUPO DE FORMAÇÕES: INDIVÍDUOS CAPITALISTAS | 150 |
| FIGURA 45 – GRUPO DE FORMAÇÕES: ORGANIZAÇÕES CAPITALISTAS | 152 |
| FIGURA 46 – EXEMPLOS DO GRUPO DE FORMAÇÕES: ORGANIZAÇÕES CAPITALISTAS | 153 |
| FIGURA 47 – GRUPO DE FORMAÇÕES: ESPETÁCULO CARNAVALESCO | 158 |
| FIGURA 48 – EXEMPLOS DO GRUPO DE FORMAÇÕES: ESPETÁCULO CARNAVALESCO | 159 |
| FIGURA 49 – GRUPO DE FORMAÇÕES: A VERDADEIRA FESTA | 162 |
| FIGURA 50 – EXEMPLOS DO GRUPO DE FORMAÇÕES: A VERDADEIRA FESTA | 163 |

| | |
|--|-----|
| FIGURA 51 – GRUPO DE FORMAÇÕES: A FESTA PARA TODOS | 166 |
| FIGURA 52 – EXEMPLOS DO GRUPO DE FORMAÇÕES: A FESTA PARA TODOS | 166 |
| FIGURA 53 – GRUPO DE FORMAÇÕES: A FESTA PARA POUCOS | 168 |
| FIGURA 54 – EXEMPLO DO GRUPO DE FORMAÇÕES: A FESTA PARA POUCOS | 168 |
| FIGURA 55 – GRUPO DE FORMAÇÕES: A ALEGRIA DA FESTA | 169 |
| FIGURA 56 – EXEMPLOS DO GRUPO DE FORMAÇÕES: A ALEGRIA DA FESTA | 170 |

Lista de Quadros

| | |
|---|-----|
| QUADRO 1 – LEVANTAMENTO PRELIMINAR DO <i>CORPUS</i> DE PESQUISA | 68 |
| QUADRO 2 – OS SETE PRINCÍPIOS DA ANÁLISE DE DISCURSO LACANIANA | 70 |
| QUADRO 3 – DISTRIBUIÇÃO DE GRUPOS E FORMAÇÕES LINGÜÍSTICAS..... | 80 |
| QUADRO 4 – FORMAÇÕES LINGÜÍSTICAS DO DISCURSO DO MESTRE..... | 81 |
| QUADRO 5 – FORMAÇÕES LINGÜÍSTICAS DO DISCURSO DA UNIVERSIDADE | 99 |
| QUADRO 6 – FORMAÇÕES LINGÜÍSTICAS DO DISCURSO DA HISTÉRICA | 118 |
| QUADRO 7 – FORMAÇÕES LINGÜÍSTICAS DO DISCURSO DO ANALISTA | 142 |
| QUADRO 8 – FORMAÇÕES LINGÜÍSTICAS DO DISCURSO DO CAPITALISTA | 149 |
| QUADRO 9 – FORMAÇÕES LINGÜÍSTICAS DO DISCURSO DOS MERCADOS | 158 |

Sumário

| | | |
|-------|---|----|
| 1 | INTRODUÇÃO..... | 7 |
| 2 | UM POUCO DE HISTÓRIA: ORIGENS DA FESTA DE CARNAVAL | 12 |
| 2.1 | AS BACANAIS: O CARNAVAL GREGO E ROMANO..... | 13 |
| 2.2 | O CARNAVAL NA IDADE MÉDIA | 14 |
| 2.3 | O CARNAVAL CONTEMPORÂNEO..... | 15 |
| 2.3.1 | O CARNAVAL BRASILEIRO..... | 16 |
| 2.3.2 | O CARNAVAL DE RECIFE..... | 19 |
| 3 | OLHARES SOBRE O CARNAVAL E A MERCADORIZAÇÃO DA FESTA | 21 |
| 3.1 | OLHARES SOBRE O CARNAVAL..... | 21 |
| 3.1.1 | O RISO CARNAVALESCO: BAKHTIN E O CARNAVAL COMO SUBVERSÃO | 21 |
| 3.1.2 | A CONTRIBUIÇÃO DE ROBERTO DAMATTA ACERCA DO CARNAVAL BRASILEIRO 23 | |
| 3.2 | CULTURA POPULAR E A MERCADORIZAÇÃO DA CULTURA..... | 24 |
| 3.3 | MEDIAÇÃO E DISCURSO DAS MÍDIAS | 27 |
| 4 | SLAVOJ ŽIŽEK E A CRÍTICA PSICANALÍTICA DA IDEOLOGIA..... | 32 |
| 4.1 | A BASE PSICANALÍTICA ŽIŽEKIANA..... | 33 |
| 4.1.1 | FREUD: INSTINTOS DE VIDA E DE MORTE E O MAL-ESTAR NA CIVILIZAÇÃO..... | 34 |
| 4.1.2 | LACAN: O SUJEITO E O GOZO | 38 |
| 4.2 | ŽIŽEK E O OBJETO A: O MAIS-GOZAR E O CAPITALISMO CONTEMPORÂNEO | 46 |
| 4.3 | IDEOLOGIA E IMPERATIVO DO GOZO..... | 52 |
| 4.4 | OS QUATRO DISCURSOS FUNDAMENTAIS..... | 56 |
| 4.4.1 | QUATRO DISCURSOS MAIS UM: O DISCURSO DO CAPITALISTA..... | 59 |
| 4.4.2 | O DISCURSO CONTEMPORÂNEO: DO CAPITALISTA AO ANALISTA | 61 |
| 5 | PROPOSTA DE PESQUISA | 63 |
| 5.1 | PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS | 65 |
| 5.1.1 | CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA..... | 65 |
| 5.1.2 | CONSTRUÇÃO DO CORPUS DE PESQUISA | 66 |
| 5.2 | PROCEDIMENTOS ANALÍTICOS: A ANÁLISE DE DISCURSO LACANIANA | 69 |
| 5.3 | CRITÉRIOS DE QUALIDADE DA PESQUISA | 72 |
| 6 | APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS | 74 |
| 6.1 | DISCURSO DO MESTRE..... | 80 |
| 6.1.1 | O CARNAVAL DA RUA AOS SALÕES E DE VOLTA | 82 |

| | | |
|--------|--|-----|
| 6.1.2 | A MAGNITUDE E RIVALIDADE DA FESTA..... | 85 |
| 6.1.3 | O CARNAVAL E SEU FOLIÃO | 87 |
| 6.1.4 | O TEMPO EXTRAORDINÁRIO DA FESTA | 89 |
| 6.1.5 | CARNAVAL DO PASSADO E FUTURO..... | 92 |
| 6.2 | O DISCURSO DO MESTRE AO LONGO DOS ANOS | 95 |
| 6.3 | DISCURSO DA UNIVERSIDADE..... | 98 |
| 6.3.1 | ORGANIZAÇÃO DA FESTA..... | 100 |
| 6.3.2 | PROMOÇÃO DA FESTA | 104 |
| 6.3.3 | PADRÕES SOCIAIS E JULGAMENTO..... | 106 |
| 6.3.4 | INCENTIVO À CULTURA | 108 |
| 6.3.5 | IMPORTÂNCIA ECONÔMICA DA FESTA | 110 |
| 6.4 | O DISCURSO DA UNIVERSIDADE AO LONGO DOS ANOS | 114 |
| 6.5 | DISCURSO DA HISTÉRICA..... | 117 |
| 6.5.1 | HISTERIA FOLIÃ DE EMANCIPAÇÃO | 119 |
| 6.5.2 | HISTERIA FOLIÃ DE PRESERVAÇÃO DAS TRADIÇÕES | 121 |
| 6.5.3 | HISTERIA FOLIÃ DE CRÍTICA | 123 |
| 6.5.4 | HISTERIA FOLIÃ DE EUFORIA..... | 126 |
| 6.5.5 | HISTERIA CIDADÃ | 128 |
| 6.5.6 | . HISTERIA POLÍTICA | 131 |
| 6.5.7 | HISTERIA DAS AGREMIações..... | 132 |
| 6.5.8 | HISTERIA DOS ARTISTAS | 135 |
| 6.6 | O DISCURSO DA HISTÉRICA AO LONGO DOS ANOS | 139 |
| 6.7 | DISCURSO DO ANALISTA | 142 |
| 6.7.1 | O QUE É A FESTA DE CARNAVAL..... | 143 |
| 6.8 | O DISCURSO DO ANALISTA AO LONGO DOS ANOS | 146 |
| 6.9 | DISCURSO DO CAPITALISTA..... | 148 |
| 6.9.1 | INDIVÍDUOS CAPITALISTAS..... | 149 |
| 6.9.2 | ORGANIZAÇÕES CAPITALISTAS | 152 |
| 6.10 | O DISCURSO DO CAPITALISTA AO LONGO DOS ANOS | 155 |
| 6.11 | DISCURSO DOS MERCADOS..... | 156 |
| 6.11.1 | ESPETÁCULO CARNAVALESCO | 158 |
| 6.11.2 | A VERDADEIRA FESTA..... | 162 |
| 6.11.3 | A FESTA PARA TODOS..... | 165 |

| | | |
|--------|---|-----|
| 6.11.4 | A FESTA PARA POUCOS..... | 167 |
| 6.11.5 | A ALEGRIA DA FESTA | 169 |
| 6.12 | O DISCURSO DOS MERCADOS AO LONGO DOS ANOS | 171 |
| 7 | CONSIDERAÇÕES FINAIS | 174 |
| 7.1 | A TRAJETÓRIA DO DISCURSO DO CARNAVAL DO RECIFE | 174 |
| 7.2 | DA CULTURA AO MERCADO, DA SUBVERSÃO AO IMPERATIVO DO GOZO | 177 |
| 7.3 | CONTRIBUIÇÕES, LIMITES E INDICAÇÕES DE PESQUISAS FUTURAS | 184 |
| | REFERÊNCIAS | 187 |

1 Introdução

Vivemos num mundo pós-ideológico? Esta é uma dentre as várias questões presentes na obra do filósofo esloveno Slavoj Žižek. E Žižek nos oferece uma resposta dupla e contraditória a esta pergunta: Sim. E não.

Em favor de sua posição aparentemente dúbia Žižek (1996a) argumenta que se adotarmos uma concepção “clássica” de ideologia, calcada no pensamento marxiano, podemos afirmar que sim, vivemos num mundo pós-ideológico. Segundo Karl Marx, agimos de acordo com uma falsa consciência que distorce a realidade social em que estamos inseridos, ignorando as condições efetivas que a produzem. Daí Karl Marx sentencia que apesar de não termos consciência do que fazemos, o fazemos. Na sociedade contemporânea, marcada por uma postura cínica dos indivíduos, não mais acreditamos piamente ou seguimos cegamente “verdades ideológicas”. Tais proposições de cunho ideológico são prontamente desacreditadas, ou ao menos identificadas como tal. Eis aqui a razão pela qual Žižek afirma vivermos num mundo pós-ideológico, de acordo com a concepção “clássica” de ideologia.

Contudo, Žižek (1996a; 2011a) nega o entendimento da ideologia como simples e ingênua falsa consciência do indivíduo sobre o mundo, uma vez que para o autor a ideologia, antes de ser uma ilusão sobre a realidade, é a própria fantasia que constitui esta realidade. Para Žižek a postura cínica característica de nosso tempo é apenas um alibi que nos permite lavar as mãos enquanto nos mantemos ainda mais embebidos em ideologia. Reformulando a sentença de Marx, Žižek (1996a) afirma que hoje sabemos bem o que estamos fazendo, mas não obstante, o fazemos. A ideologia não se encontra na dimensão do “saber”, na consciência dos indivíduos, mas sim no “fazer”, na estrutura inconsciente que rege nossos atos. Ela encontra-se tão profundamente enraizada em nossas ações que a despeito do quão consciente estejamos acerca do caráter ideológico de um discurso, isto não nos impede de agirmos em consonância com este discurso. Desta forma, ao nos propormos a discutir a atualidade do tema da ideologia passamos então a trilhar, no rastro de Žižek, o caminho da psicanálise, especificamente a de corrente lacaniana (ŽIŽEK, 2010).

Na perspectiva psicanalítica žižekiana a fantasia surge como a operação que articula a relação entre o sujeito e o objeto-causa do desejo, inserindo o indivíduo na

ordem simbólica, rede do significante por excelência, sua realidade. Logo, nossas fantasias não servem para fugirmos da realidade que nos assola, antes, são o que estruturam de forma minimamente coerente o nosso mundo, encobrendo a dimensão do Real insondável e insuportável. Esta fantasia, que opera inconscientemente e organiza o funcionamento libidinal do indivíduo, é a ideologia em seu máximo (ŽIŽEK, 1996a; 2010).

Žižek nos oferece uma possibilidade de conciliação entre a crítica à ideologia de origem marxiana, voltada para um nível macro de análise do social, e o olhar psicanalítico da organização libidinal dos sujeitos, voltada para um nível micro de análise. Ao desenvolver sua crítica cultural, resgatando aspectos da crítica da economia política marxiana, Žižek se debruça sobre o funcionamento dos mecanismos ideológicos/libidinais na sociedade contemporânea (ŽIŽEK, 2008a).

Tal sociedade é marcada pela primazia do gozo (ou da *jouissance*), ou nas palavras de Žižek, o imperativo do gozo. O que antes era apresentado na forma de proibições a desejos condenáveis, hoje se tornou uma pressão pela satisfação destes desejos, uma imposição do superego na forma de um dever ético (ŽIŽEK, 2010; ŽIŽEK, 2011a). Neste movimento de mudança ideológica o gozo se torna algo obrigatório, e com isso “nossa política é cada vez mais diretamente a política da *jouissance*, preocupada com formas de aliciar, ou controlar e regular, a *jouissance*” (ŽIŽEK, 2008a, p. 408).

O entendimento žižekiano da ubiquidade da ideologia do gozo enquanto constituinte de nossa própria realidade se mostra pertinente num contexto em que presenciamos o crescente processo de mercadorização da cultura (ŽIŽEK, 2011a; CANCLINI, 1983; YÚDICE, 2013), especialmente no ocidente. Cada vez mais a cultura passa a ser regida por uma lógica de mercado, encerrando em si significados específicos. As festas populares, o artesanato, a culinária e tantas outras manifestações culturais são resignificados pelo mercado e oferecidos como produtos prontos para o consumo (CANCLINI, 1983).

No que diz respeito especificamente às festas brasileiras, ainda no período colonial, em um contexto de disputas por recursos e territórios e imposição de culturas vindas de outros continentes, os espaços de festa se tornaram a forma de expressão e lugar de fuga para diferentes grupos. Os festejos populares se transformaram em mecanismo de resistência dos povos em defesa de sua cultura. Assim se deu a mistura de símbolos e rituais que originou as tradições que se mantiveram ao longo do tempo, até os dias de hoje (BRASIL, 2012).

No Brasil, uma das festas mais emblemáticas da nossa identidade cultural é o carnaval (DAMATTA, 1997), espaço onde se dá um processo de ressignificação de memórias lúdicas e artísticas do povo, envolvendo símbolos e inversões de regras, gerando um incremento no comércio de lazer e diversão (FARIAS, 2008). Ao longo dos últimos séculos o carnaval brasileiro passou por inúmeras transformações, sob a influência de forças diversas – religiosas, políticas, econômicas, sociais. As contingências históricas moldaram pouco a pouco a(s) versão(ões) brasileira(s) da celebração de Momo, num processo de constante reinvenção e renovação da festa (MUNIZ, 2006).

A festa carnavalesca, juntamente com tantos outros festejos, compõe agora um circuito de eventos-espetáculo cosmopolitas. Eventos planejados com vistas para o forte apelo mercadológico das atividades neles desenvolvidas, voltados para a prestação de serviços de diversão. Tais eventos se localizam no fluxo das redes midiáticas, nas quais símbolos são insumos e mercadorias a um só tempo, estando amalgamadas produção e expressão cultural (MARTÍN-BARBERO, 2009; FARIAS, 2008).

Estes fluxos midiáticos desempenham um papel de mediação cultural (MARTÍN-BARBERO, 2009), segundo a qual a comunicação é entendida para além de uma perspectiva meramente instrumental, emergindo como o espaço no qual a cultura é articulada na transformação de significados, criação de laços e definição de comportamentos. Podemos entender que esta mediação contribui para a constituição do cenário sociocultural no qual o evento está inserido, indo muito além do simples papel de intermediário.

Partindo da noção de mediação cultural percebemos a importância do papel desempenhado pela mídia neste processo de produção, difusão e transformação de significados. Daí o papel crucial do discurso midiático (CHARAUDEAU, 2006) em sua apropriação pelos sistemas de marketing na sociedade contemporânea. Neste espaço do discurso das mídias se fazem presentes, seja em maior ou menor medida, os diferentes agentes sociais envolvidos na lógica de mercado, sejam eles produtores, intermediários ou consumidores. A partir destas noções percebemos então um movimento de mercadorização desta festa popular, que tem como principais expoentes nacionais os estados do Rio de Janeiro, Bahia e Pernambuco.

No caso deste estudo, optamos por debruçarmo-nos especificamente sobre o carnaval de Recife, uma vez que a festa realizada na cidade se destaca como uma das referências em todo o país e tem como característica o cunho predominantemente popular de suas celebrações, marcada pela variedade de maneiras de brincar o Carnaval e pela

diversidade de atrações. Na edição de 2105 a festa atraiu centenas de milhares de turistas no último ano (GAIÃO; LEÃO, 2013; GAIÃO; LEÃO; MELLO, 2014; PREFEITURA DO RECIFE, 2015a). O festejo carnavalesco envolve diferentes agentes, cada um deles com interesses distintos, tais como os diversos representantes do Estado, as organizações empresariais, os comerciantes informais, os artistas, as agremiações carnavalescas, os foliões. Para cada um destes agentes a festa carnavalesca pode apresentar um significado distinto, sendo fonte de lucro para empresas promotoras de eventos, agências de viagens, hotéis e restaurantes; oportunidade de trabalho para artistas (inter)nacionais e locais; instrumento político para o Estado; diversão para os foliões, etc. (GAIÃO; LEÃO, 2013; GAIÃO; LEÃO; MELLO, 2014).

Neste ponto, o aporte teórico žižekiano nos permite recorrer à noção lacaniana dos quatro discursos a fim de nos aprofundarmos na análise do processo de mercadorização do carnaval. Lacan desenvolve sua teoria dos quatro discursos fundamentais para explicar as diferenças estruturais entre os diferentes discursos que permeiam o espaço social e que estabelecem o laço social, nos permitindo compreender o funcionamento destes discursos de um modo singular (FINK, 1998). Cada um dos quatro discursos (Mestre, Universidade, Histórica e Analista) diz respeito a uma configuração e distribuição específica dos termos lacanianos ($\$$, S_1 , S_2 e a) dentro de uma matriz fundamental proposta por Lacan (FINK, 1998).

Partindo da teoria žižekiana e da fórmula dos discursos fundamentais poderíamos assumir que cada um destes discursos manifesta-se por meio da ação dos diferentes agentes envolvidos com a festa de carnaval de Recife presentes no discurso da mídia, cada um a sua maneira, contribuindo assim para a consolidação da ideologia de imperativo do gozo subjacente ao processo de mercadorização da cultura popular. Neste sentido, assumindo o caráter dinâmico da relação entre os discursos fundamentais apontado por Žižek e outros autores, é válido assumir que alterações nesta dinâmica podem nos auxiliar a compreender melhor o processo de apropriação da cultura pela lógica de mercado apontada anteriormente. Assim, tendo em mente as noções de mediação cultural e do discurso das mídias, bem como a dinâmica dos discursos fundamentais, e assumindo a constituição de uma ideologia do gozo no contexto da festa de Carnaval do Recife, propomos a seguinte pergunta norteadora para este estudo: **como a cobertura jornalística do carnaval do Recife revela a operação do imperativo do gozo na mercadorização desta festa à luz dos discursos fundamentais lacanianos entre os anos de 1985 e 2015?** A escolha deste recorte temporal se deu por meio de

leituras preliminares que nos levaram a identificá-lo como um período em que a festa passou por mudanças significativas e seguidas em seu modelo de festa, o que nos sugere que este seja representativo do fenômeno a ser investigado por nós.

Entendemos que a busca por respostas a este questionamento pode oferecer contribuições de diferentes naturezas. Em primeiro lugar, a contribuição teórica proveniente da articulação entre a abordagem de Estudos Culturais das perspectivas de autores como Canclini e Yúdice e a abordagem crítica oferecida pelo aporte teórico žižekiano. Identificamos também uma possibilidade de contribuição metodológica por meio da adoção dos discursos fundamentais lacanianos como lente teórico-metodológica a ser utilizada na condução de nossa pesquisa. E finalmente, uma contribuição empírica, por meio da produção de um conhecimento que possibilite uma melhor compreensão acerca das bases fundantes do processo de apropriação do carnaval do Recife pela lógica capitalista.

A fim de darmos continuidade a esta reflexão, a seguir apresentaremos uma breve reconstituição histórica da trajetória da festa de carnaval ao longo dos séculos. Num segundo momento discutiremos as bases teóricas do pensamento žižekiano e qual sua possível contribuição para a análise da realidade da festa carnavalesca de Recife e, por fim, abordaremos os aspectos relativos aos procedimentos metodológicos de nossa pesquisa.

2 Um pouco de história: origens da festa de carnaval

O carnaval é tido por alguns como a mais antiga manifestação das festas populares, destacando-se por conservar ainda hoje práticas históricas. Contudo, a festa não é um fenômeno simples de ser analisado, devido à pluralidade de sentidos com os quais está envolvida (ARAÚJO, 2000). Não há, inclusive, um consenso em relação à própria origem do termo “carnaval”. O carnaval está estabelecido no senso comum como o período de diversão e folia que precede a quaresma. Contudo, buscando a origem etimológica da palavra “carnaval”, encontramos duas explicações possíveis. A primeira aponta o termo como uma derivação do latim *carnelevamen*, que significaria “adeus à carne”, ou ainda, noutra tradução “o prazer da carne” (ARANTES, 2013). Tal interpretação remete aos intensos excessos cometidos no período da festa, aos quais se segue o tempo de recolhimento da quaresma cristã. Noutra vertente, “carnaval” derivaria da expressão *carrus navalis*, em referência aos carros em forma de nave que seguiam pelas ruas da Roma antiga distribuindo vinho para a população durante as celebrações em honra ao deus Dionísio (SEBE, 1986; ARAÚJO, 2000; PERNY, MELLO, 2013).

Buscar as origens da festa de carnaval – uma das mais antigas da humanidade – é tomar um caminho que nos conduz por culturas diversas espalhadas pelo mundo. Egípcios, gregos, romanos e babilônicos festejaram o carnaval em períodos distintos, por meio de práticas particulares (SEBE, 1986; ARANTES, 2013). A fim de resgatar a trajetória da festa até os dias de hoje, destacaremos as mudanças sofridas por esta celebração ao longo do tempo.

Como ponto de partida de nossa caminhada, temos a festa carnavalesca associada ao culto à fertilidade da natureza como uma constante em diferentes culturas antigas. Os Egípcios desenvolveram a agricultura e celebravam o carnaval com danças, brincadeiras e festejos em homenagem à deusa Ísis, protetora da natureza (ARAÚJO, 2000; CARNEIRO, 2006). O culto à Ísis estabeleceu um modelo de culto agrário que é tido como o “carnaval originário” (ARAÚJO, 2000). A ruptura com a rotina cotidiana, a entrega aos prazeres e os exageros presentes na celebração egípcia propagaram-se por todo o Mediterrâneo,

caracterizando também outras manifestações antigas da festa, tais como o culto à deusa da fertilidade Naita, na Pérsia, e a festa da Grande Mãe, em Creta.

2.1 As bacanais: o carnaval grego e romano

Por meio do intercâmbio cultural proveniente de sua expansão territorial, os gregos parecem ter assimilado tradições egípcias que reverberaram também no antigo Império Romano. Festas sazonais, seguindo as estações do ano, realizadas em diferentes períodos do calendário faziam parte da cultura destas civilizações. Nestes eventos a música, comida, dança e liberação sexual sempre se destacavam, preservando o caráter de período de excessos, ou “tempo extraordinário” (SEBE, 1986, p. 11). Este é caracterizado como um segundo ciclo da festa carnavalesca, que se estende do século VII a.C. ao século VI d.C. Neste período de sociedades organizadas em castas bem definidas o carnaval surgia como uma válvula de escape que permitia a libertação momentânea das amarras sociais (ARAÚJO, 2000).

Enquanto Osíris e Ísis sustentam o mito egípcio do carnaval, no caso dos gregos a festa remete ao deus Dionísio (ou Baco, nome mais comum entre os romanos), representante da natureza, do vinho e da embriaguez, do sangue humano e do sêmen (ARANTES, 2013). Dionísio se posiciona como contraponto ao harmonizador deus Apolo no processo de organização do mundo. Assim, o papel de Dionísio seria o de desestabilizar o cotidiano, introduzindo a alegria e os prazeres para abalar a ordem apolínea da vida das pessoas. (SEBE, 1986; PERNY; MELLO, 2013). A figura de Dionísio representaria assim a espontaneidade da vida, que se manifesta de forma intensa na tentativa de fuga da trágica luta cotidiana dos indivíduos contra o destino (ARAÚJO, 2000).

Ainda em relação à mitologia grega, além das festas em culto a Dionísio, as saturnais e lupercais também podem ser associadas às origens da festa carnavalesca. As lupercais estariam relacionadas às celebrações ao deus grego Pã (ARANTES, 2013; PERNY, MELLO, 2013), cuja correspondência na mitologia romana seria Fauno, deus das matas. Já as saturnais estavam ligadas a celebrações romanas oferecidas ao deus Saturno, que teria ensinado os segredos da agricultura aos homens (ARANTES, 2013).

No século IV a.C. as expansões territoriais de Alexandre, o Grande, ajudaram a difundir os costumes e celebrações dionisíacas. O auge desta segunda fase das festas

carnavalescas ocorreu no século VI a.C., na Grécia, porém, devido aos excessos, no ápice da civilização grega clássica (séc. V a.C.) as bagunças dionisíacas já passavam a ser reprimidas. Com o declínio de Atenas e a ascensão do Império Romano, o culto a Dionísio penetrou a cultura romana (PERNY, MELLO; 2013). A exemplo do ocorrido na Grécia, devido às desordens e escândalos gerados pelas libertinagens das celebrações o senado romano proibiu as bacanais em 186 a.C. (ARAÚJO, 2000). Contudo, por meio das conquistas territoriais romanas os costumes foram difundidos amplamente, sendo possível identificar elementos das bacanais em outras festas, como a sacaea babilônica e o purim judaico (SEBE, 1986).

Em todas estas diferentes celebrações havia uma matriz comum, presente em cada uma delas: a celebração da fertilidade, sempre associada aos ciclos agrários. Este fator aponta o paralelo destes festejos com as manifestações egípcias, o que pode ser reforçada pelo caráter de subversão da ordem e dos costumes durante o período das festas e pela valorização dos prazeres, abundância de comida, bebida, dança e música (LIMA, 2001). De maneira geral, as origens da festa carnavalesca apontam para celebrações nas quais os excessos praticados durante o período de festa representariam o encerramento de um ciclo de ordem e harmonia. Já nas origens do carnaval percebemos a riqueza de símbolos e significados presentes na celebração, característica que se perpetuará ao longo dos séculos, nas diferentes formas de manifestação da celebração (BATISTA; ÁVILA, 2006).

2.2 O Carnaval na Idade Média

Apesar da sua evidente ligação com o cristianismo, o carnaval não foi criado pela Igreja Católica. Na verdade, o que houve foi uma incorporação das práticas ritualísticas da festa popular pelas tradições cristãs. Este terceiro ciclo da trajetória do carnaval teve seu início em 590 d.C., estendendo-se até a Renascença. Diante da dificuldade de se sobrepor a uma manifestação cultural estabelecida, o cristianismo assimilou tal manifestação promovendo uma adaptação da festa, ajustando-a ao calendário e doutrina cristãos (LIMA, 2001). No século IV foi instituída a Quaresma, intervalo de quarenta dias de preparação para a Páscoa. O carnaval passou a assumir o papel de celebração anterior ao período quaresmal, estabelecendo a dualidade entre os dias gordos (*jours gras*) do carnaval e os dias magros (*jours maigres*) da quaresma (ARAÚJO, 2000).

Contudo, especialmente durante a Idade Média, as celebrações carnavalescas foram condenadas por papas e soberanos, que as entendiam como festas pecaminosas, caminho da perdição dos homens. “Foram necessários muitos anos de transformações na estrutura da festa para que ela fosse oficialmente aceita” (SEBE, 1986, p. 24). Já nesta época a festa se mostrava violenta, com batalhas de confetes, farinha, ovos e urina – prática medieval conhecida como *buffonerie* – que se juntavam a jogos e outras disputas. Tal configuração da festa ficou conhecida como entrudo, do latim *introitu*, que significa início ou começo, neste caso, a festa que dá início ao período de quaresma. O formato da festa se tornou ainda mais popular e espalhou-se na Idade Média, durando mais de dez séculos (ARAÚJO, 2000). Nesta época eram comuns os festivais realizados em feiras, envolvendo apresentações farsescas, bobos, bufões e mágicos (SEBE, 1986). No século XV o Papa Paulo II chegou a promover grandes folguedos em Roma, mas, para além da festa popular, a Igreja também promoveu baquetes privados, considerados como as primitivas festas de carnaval realizadas em salões fechados (SEBE, 1986; LIMA, 2001).

Na Europa, durante os séculos XV e XVI, as celebrações carnavalescas espalharam-se, partindo dos centros urbanos até às áreas rurais, patrocinadas pela pequena fidalguia. Os humanistas da Renascença procuraram resgatar práticas dos antigos bacanais, incorporando-as em suas próprias manifestações, marcadas pela efervescência de expressões artísticas e culturais. O festejo assumiu um caráter identitário e étnico, sendo composto por sátiras, farsas, bailes de mascarados, procissões, caças, música e dança (LIMA, 2001). Foi neste período também que portugueses, espanhóis e franceses propagaram este modelo de celebração do carnaval para a América Latina e Caribe. As colônias adaptavam as tradições carnavalescas de acordo com as influências das diferentes culturas em cada localidade específica (LIMA, 2001).

2.3 O carnaval contemporâneo

O carnaval contemporâneo se constitui como um quarto ciclo na cronologia da festa, que começou a desenhar-se com o processo de revolução industrial e se estabeleceu após a Segunda Guerra Mundial (ARAÚJO, 2000). Já no transcorrer dos séculos XVIII e XIX, com o fortalecimento da burguesia, a estrutura da festa passou por diversas mudanças. Neste sentido,

a burguesia quis se posicionar nas tradições culturais de sua região e havia uma crescente tendência a reconstruir a História e a encontrar raízes nos costumes folclóricos do passado. Muitos temas de costume e atividades de performance relativos às tradições étnicas regionais apareceram nas celebrações do carnaval e, por volta do início do século XX, muitas pessoas assumiram isso como fazendo parte das festividades o tempo todo (LIMA, 2001, p. 41).

As diferentes variações da festa de carnaval ao redor do mundo sofreram modificações de acordo com suas particularidades locais, caracterizando-as como festejos carnavalescos por ocorrerem no período pré-quaresmal. Em comum entre as variações da festa está o senso de inversão de valores e oposição à vida cotidiana (BATISTA; ÁVILA, 2006). Destacam-se festas na Itália, Espanha, Bulgária, Alemanha, México, Bolívia, Estados Unidos, Brasil, dentre outras (LIMA, 2001). Ressaltamos, ainda, que existem outras localidades onde são realizadas festas que apresentam ligações com o carnaval, mas que ocorrem em outros períodos do ano, como as micaretas brasileiras e o carnaval realizado no bairro de Notting Hill em Londres (ARAÚJO, 2000).

Dentre as variadas festas carnavalescas ao redor do mundo, Hiram Araújo (2000) destaca o modelo da celebração no Brasil como um quarto momento na trajetória do carnaval ao longo da história desta celebração. A seguir nos debruçaremos sobre o a história do carnaval brasileiro a fim de melhor entendermos sua constituição e atual configuração.

2.3.1 O carnaval brasileiro

Ao tratarmos da história do carnaval no Brasil o primeiro ponto a ser destacado é a diversidade de influências na configuração da festa. Além do entrudo português, difundido amplamente no séc. XVII (SEBE, 1986; GERMANO, 1999; ARAÚJO, 2000; BATISTA; ÁVILA, 2006; NOGUEIRA, 2008; DELGADO, 2012; ARANTES, 2013; JAGUARIBE, 2013), a influência africana e indígena também se fez presente na constituição da festa brasileira (SEBE, 1986).

Os negros escravizados no Brasil colonial, advindos de diferentes regiões e culturas africanas, elaboraram um universo próprio como forma de resistência e sobrevivência ao regime escravocrata. Além dos batuques e danças, algumas celebrações passaram a fazer parte dos costumes dos escravos, como a festa do Rei Congo, que elegia

um Rei e Rainha (que podem ser apontados como precursores do mestre-sala e porta-bandeira das escolas de samba atuais) e o rancho, ou reisado, que encenava uma procissão à Belém a fim de visitar o menino Jesus. Os indígenas também apresentavam celebrações tradicionais, como o carum das tribos tupinambás, que marcavam momentos importantes da vida nas aldeias e envolviam o consumo de bebida, comida e dança (SEBE, 1986). Assim, o carnaval absorveu e adaptou diversas manifestações populares presentes no período colonial brasileiro. Todavia, nos parece seguro afirmar que o entrudo desempenhou o papel de prática dominante na época, em virtude da sua origem europeia, a cultura colonizadora (BATISTA; ÁVILA, 2006; NOGUEIRA, 2008). Como na Idade Média, no Brasil o entrudo consistia em uma celebração alegre, porém suja e violenta (DELGADO, 2012; ARANTES, 2013; JAGUARIBE, 2013).

Ao mesmo tempo em que abrangia toda a sociedade, o entrudo obedecia rígidas distinções de classe (JAGUARIBE, 2013; GERMANO, 1999). As brincadeiras nunca aconteciam entre os cidadãos e os escravos. Até mesmo entre os escravos havia uma hierarquia a ser respeitada. Somado ao entrudo, surgiu o desfile do Zé Pereira, com foliões (em geral, de classes inferiores) mascarados tocando tambores pelas ruas (ARANTES, 2013). A popularização do entrudo conduziu ao gradual distanciamento da elite, que passou combatê-lo mais duramente a partir do final do século XIX (GERMANO, 1999).

Fortemente influenciada pelo modelo de carnaval francês, a elite passou a promover bailes fechados, com fantasias e máscaras, numa tentativa de sofisticação da festa e distinção em relação ao povo (GERMANO, 1999; PERNY; MELLO, 2013). Este “carnaval civilizado”, com serpentinas, confetes e desfiles de carros alegóricos, marcou a separação entre os dois modelos da festa. De um lado o “Grande Carnaval” dos salões, exclusivo das elites, e do outro o “Pequeno Carnaval” das ruas, de cunho popular (SEBE, 1986; NOGUEIRA, 2008).

Na década de 1930 o carnaval começou a ganhar ares de “festa popular nacional” (GERMANO, 1999, p. 5). Com a ascensão de Getúlio Vargas ao poder, iniciou-se uma nova abordagem da cultura popular urbana. Incentivado pelo governo, o carnaval tornou-se símbolo da cultura nacional, orgulho da nação, potencial produto de exportação e fonte de ganho financeiro. Na década de 1940 os desfiles de escolas de samba se tornam uma das maiores atrações do carnaval do Rio de Janeiro. Nas décadas seguintes a ditadura militar passa a restringir a festa de rua e as escolas de samba ganham força, televisionadas

nacionalmente. Na década de 1990 o carnaval de rua ressurgiu e vem crescendo desde então (JAGUARIBE, 2013).

Hoje, a festa de carnaval está espalhada por todo o país, sendo comemorada de diferentes maneiras. As cidades do Rio de Janeiro (RJ), Salvador (BA), Recife e Olinda (PE) se destacam como os principais polos da festa no país (ARAÚJO, 2000). O carnaval do Rio de Janeiro talvez seja a festa brasileira mais conhecida mundialmente e servindo de referência para as festas ao redor do Brasil. A atração central da festa no Rio de Janeiro é o desfile das escolas de samba, televisionado para todo o país. No entanto, na última década a cidade testemunhou o renascimento de seu carnaval de rua, de caráter mais popular (LEOPOLDI, 2010; HERSCHMANN, 2013). No caso de Salvador, o carnaval é caracterizado principalmente pela presença dos trios elétricos, que percorrem ruas da cidade animando os blocos de foliões com shows de artistas baianos e nacionais. Apesar de a festa ocorrer na rua, cordões de isolamento separam os foliões que pagaram para fazer parte dos blocos daqueles que brincam a festa de forma independente, além da presença dos inúmeros camarotes (MIGUEZ, 2012).

Em Pernambuco a festa de carnaval é comemorada em diversas cidades, do interior ao litoral, cada uma delas com uma forma de brincar a festa: são blocos, troças, maracatus, caboclinhos, ursos, caiporas, bois, caretas. Os festejos se destacam nas cidades de Águas Belas, Belém de São Francisco, Catende, Goiana, Ipojuca, Itamaracá, Jaboatão dos Guararapes, Nazaré da Mata, Paudalho, Pesqueira, Petrolina, Salgueiro, Tamandaré, Timbaúba, Triunfo e Vitória de Santo Antão. Em Nazaré da Mata, por exemplo, na Zona da Mata Norte, a folia é animada pelos tradicionais maracatus rurais, com destaque para o grande encontro de nações de maracatus a cada segunda-feira de carnaval e atraindo milhares de foliões. Já em Bezerros a tradição fica por conta dos papangus, foliões mascarados e fantasiados que invadem as ruas da cidade, remetendo aos escravos que se fantasiavam para invadir as Casas Grandes e comer dos banquetes dos seus senhores. Em Águas Belas a festa é regida pelo samba de coco e as danças indígenas. Em Belém de São Francisco a tradição dos bonecos gigantes é preservada ao longo de gerações. (PE NO CARNAVAL, 2015). Em Olinda as comemorações de carnaval procuram preservar as tradições da festa. Centenas de agremiações carnavalescas, blocos, troças, maracatus e tipos populares desfilam pelas ladeiras da Cidade Alta ao som do frevo. Uma das atrações mais conhecidas é o desfile de bonecos gigantes, iniciado em 1932, com o boneco Homem da Meia-Noite (PREFEITURA DE OLINDA, 2015; LÓSSIO; PEREIRA, 2008).

2.3.2 O carnaval de Recife

No que diz respeito especificamente ao carnaval de Recife, a origem da festa remonta ao final do século XVII, quando carregadores de açúcar e outras mercadorias, em sua maioria negros (escravos ou libertos), se reuniam para celebrar a Festa de Reis. Os trabalhadores caminhavam conduzindo bandeiras e entoando cantigas em ritmo de marcha, dando origem a o que viriam a ser os Maracatus, com suas raízes africanas (SILVA et al., 2004; FUNDAJ, 2011; GAIÃO; LEÃO; MELLO, 2014). Assim como no restante do país, a festa é um mosaico folclórico, reunindo estilos diversos, que apresentam origens sociohistóricas variadas, resultando numa pluralidade de desfiles e cortejos (ARAI, 1994; LÓSSIO; PEREIRA, 2008).

Nos séculos XVIII e XIX os grupos improvisados começaram a se organizar, formando as primeiras agremiações carnavalescas, as troças e os papangus, que desfilavam nas ruas centrais de Recife. Todas estas manifestações tinham um cunho popular e eram realizadas de maneira espontânea (SILVA et al., 2004). Em meados do século XIX, surgiram os primeiros bailes de máscaras, nos casarões da nobreza da época e nos teatros, remetendo às festas europeias (SEBE, 1986). Após alguns anos os mascarados chegaram às ruas da cidade, e conquistaram a preferência do povo, em detrimento do entrudo (VIEIRA; COSTA, 2007).

Foi nesta época, também, que nasceu o frevo, estilo musical e dança característicos da região (PREFEITURA DE OLINDA, 2015). O termo “frevo” vem do verbo “ferver”, pronunciado “frever” por parte dos foliões. Oficialmente o gênero frevo surgiu em 09 de fevereiro de 1907, divulgado como parte do repertório do Clube Carnavalesco Empalhadores do Feitosa. No entanto, o termo já era utilizado desde o final do século XIX. Inúmeras variações do frevo foram criadas, tais como o frevo-de-rua, o frevo-canção e o frevo-de-bloco (SEBE, 1986; SALDANHA; CARRASCO, 2006).

Na cidade do Recife o carnaval é predominantemente gratuito e ocorre nas ruas (ARAÚJO, 2000). A partir do ano de 2001 o evento sofreu uma modificação, alterando o modelo da festa. A prefeitura lançou o Carnaval Multicultural do Recife, valorizando a diversidade cultural e adotando os conceitos de multiculturalismo e descentralização. A festa no Recife passou a envolver a instalação de “polos de animação” espalhados por toda a cidade, oferecendo uma maior diversidade de atrações (GAIÃO; LEÃO; MELLO,

2014; PREFEITURA DO RECIFE, 2015b; VIDAL, 2010). Com as mudanças de gestão, nos últimos três anos a prefeitura deixou de lado a utilização do termo “Multicultural”, contudo, o modelo da festa que foi consolidado ao longo da última década foi, em grande medida, preservado.

A festa do Carnaval de Recife realizada em 2015 ofereceu ao todo 63 polos de animação espalhados pelos bairros da cidade, disponibilizando mais duas mil apresentações culturais, dentre as quais mais de mil shows locais e nacionais. A festa recebeu um investimento de R\$ 35 milhões da Prefeitura Municipal do Recife (PREFEITURA DO RECIFE, 2015a). Segundo a prefeitura da cidade, o novo formato da festa de carnaval tem se fortalecido ano a ano, consolidando a proposta. De acordo com a Prefeitura do Recife, a premissa deste modelo da festa é o seu caráter democrático e participativo, valorizando sua vocação popular e a diversidade de ritmos presente na região (GAIÃO; LEÃO; MELLO, 2014; PREFEITURA DO RECIFE, 2015b). Em 2015, a prefeitura de Recife informou que o festejo de momo atraiu cerca de um milhão de foliões, sendo 890 mil turistas (PREFEITURA DO RECIFE, 2015a).

3 Olhares sobre o Carnaval e a Mercadorização da Festa

Neste capítulo apresentaremos as contribuições de autores chave que se debruçaram sobre o carnaval a fim de percebermos semelhanças e diferenças entre suas perspectivas acerca da festa. Em seguida, partindo da discussão acerca da mercadorização da cultura popular nos voltaremos para relação entre este processo de mercadorização e os conceito de mediação cultural e discurso das mídias.

3.1 Olhares sobre o Carnaval

Ao longo dos séculos a festa de carnaval foi abordada por diferentes, sob diferentes perspectivas. Neste capítulo procuraremos apresentar brevemente o pensamento de Mikhail Bakhtin acerca da cultura carnavalesca nos períodos da Idade Média e Renascimento e de Roberto DaMatta referente ao carnaval brasileiro. Em seguida, tentaremos iniciar a construção de um novo olhar sobre a festa de carnaval de Recife no contexto da contemporaneidade.

3.1.1 O riso carnavalesco: Bakhtin e o carnaval como subversão

Ao tratarmos do carnaval na Idade Média torna-se imprescindível a referência a Mikhail Bakhtin (LEITE, 2011). Sob o pretexto de revisitar e reabilitar a obra do escritor francês François Rabelais, Bakhtin realiza uma ampla análise sobre a cultura popular durante o medievo e a renascença. A cultura popular seria a cultura cômica, que tem expressão máxima no carnaval (SOIHET, 1998). Para Bakhtin (1987) a cultura carnavalesca era uma cultura do riso, não se restringindo apenas aos períodos pré-definidos para os festejos, mas permeando o cotidiano da vida do povo. O autor russo defende que a obra de Rabelais está impregnada pela presença do riso carnavalesco, da sátira e do grotesco, representando da melhor forma a realidade da sociedade medieval (LEITE, 2011).

O riso carnavalesco seria o alicerce da cultura popular da época e a carnavalização da vida representaria o mecanismo de oposição à cultura oficial que privilegiava o Estado e a Igreja (BAKHTIN, 1987; DELGADO, 2012). A cultura cômica popular, tendo como expoente máximo o carnaval, funcionaria como um mecanismo de resistência do povo, oferecendo a possibilidade de transgredir a estrutura rígida da cultura oficial, satirizando-a e permitindo à população viver uma espécie de mundo paralelo, livre das opressões. Assim, Bakhtin enxerga o carnaval como um “rito de inversão” que subverte as regras sociais (SCRIBNER, 1978; RISÉRIO, 1995). Tal inversão representaria uma ideia de plenitude social, na qual a igualdade entre os indivíduos superaria as hierarquias (LAMPOGLIA; MIOTELLO; ROMÃO, 2011).

A respeito da visão de Bakhtin, Rachel Soihet afirma que

dialética e sensibilidade fazem emergir um mundo de alegria, de prazer sem culpa, despido de repressão e de hierarquias e onde todos são iguais, presente no período da festa, mais precisamente na maior delas – o carnaval. O que estimula pensar-se na possibilidade de extrapolação daquele momento e de concretização no cotidiano de uma sociedade marcada pelo riso que jamais seria um instrumento da opressão (SOIHET, 1998, p.9)

O constrangimento da vida oficial, vinculada diretamente ao Estado e à Igreja, seria suspenso em favor da libertação proporcionada pelo riso subversivo presente na cultura popular (BAKHTIN, 1987). A degradação presente no realismo grotesco da cultura medieval é elemento central do riso carnavalesco (CARLSON, 1990). O carnaval seria a realização plena das qualidades humanas, livres das amarras sociais e desigualdades. A vida oficial, uma “não vida”, cederia espaço para a espontaneidade irrefreável da natureza humana (LEOPOLDI, 2010). A vida oficial é apropriada pela cultura popular, envolvida por sua espontaneidade natural e renovada. O riso carnavalesco é o mecanismo subversivo que altera a ordem, diminui a autoridade e questiona verdades (LACHMANN, 1988).

Na interpretação de Bakhtin (1987) o carnaval é a expressão máxima da possibilidade de superação das limitações sociais, o espaço supremo de revolução e subversão dos constrangimentos sofridos pelo povo. Contudo, cabe questionarmos se esta possibilidade de liberdade não seria ela mesma limitada e regulada, funcionando como

válvula de escape catártica para as pressões do controle do Estado e da Igreja sobre o povo.

3.1.2 A contribuição de Roberto DaMatta acerca do carnaval brasileiro

Voltando-nos para o contexto do festejo carnavalesco no Brasil, no transcorrer do século passado o carnaval passou a ocupar papel de destaque no mosaico da cultura brasileira (DELGADO, 2012), “apropriado no Brasil como festa nacional, em que o negro, o branco e o índio estavam presentes no mito fundador da identidade nacional brasileira” (GERMANO, 2013, p. 14). A festa carnavalesca foi alçada à posição de ritual central do povo brasileiro, valorizando a diversidade presente em nossa identidade, discurso estimulado pelo próprio governo nacional (DAMATTA, 1997).

DaMatta (1997) entende o carnaval como catarse coletiva, na qual o povo tem a oportunidade de inverter as regras e costumes da sociedade por um breve período. O carnaval permitiria a denúncia do poder dominante por meio da liberdade criativa e de expressão (JAGUARIBE, 2013). Segundo Delgado (2012, p. 9), para “DaMatta (1990), o carnaval contém uma essência igualitária, onde as relações de espontaneidade e afetividade vividas em ‘casa’ extrapolam para a ‘rua’, o espaço da rua se transforma temporariamente no espaço de casa”.

Neste ponto a análise de DaMatta se aproximaria da visão de Bakhtin acerca dos festejos carnavalescos (RISÉRIO, 1995; DELGADO, 2012) ao tratar o fenômeno como um espaço para a inversão da cultura oficial. Roberto DaMatta (1997) contrapõe o carnaval, rito caracteristicamente popular, às paradas e procissões oficiais, promovidas respectivamente pelo Estado e pela Igreja. Contudo, tal transposição, mesmo que não declarada, da análise de Bakhtin para a realidade brasileira recebeu críticas por não considerar as especificidades inerentes à realidade do carnaval tupiniquim, tão diverso e plural (RISÉRIO, 1995).

Outra questão a ser destacada é a ideia de que a liberdade e inversão de regras do carnaval permitem a superação dos constrangimentos sociais. O próprio DaMatta destaca que:

[...] o Carnaval é um momento de *communitas*, mas que serve – nas condições da organização social da sociedade brasileira, dividida em classes e segmentos – para manter a hierarquia e a posição das classes. Numa palavra, a *communitas* do Carnaval é uma função da rígida posição social dos grupos e segmentos nele implicados no mundo cotidiano. Sua universalidade e homogeneidade servem precisamente para reforçar e compensar num outro plano, o particularismo, a hierarquia e a desigualdade do mundo da vida diária brasileira (DAMATTA, 1997, p. 64-65).

Em relação a esta questão Maria Isaura Pereira de Queiroz (1992) é ainda mais contundente, negando a visão de DaMatta do carnaval como período de exceção. Para a autora, o carnaval é permeado por distinções de classe, com espaços e papéis específicos para os indivíduos. A inversão se limitaria aos sentimentos e expectativas dos foliões, nunca alcançando o nível da estrutura social (PERNY; MELLO, 2013). A festa não inverteria desigualdades, apenas demonstraria o desejo de que estas desigualdades fossem superadas (RISÉRIO, 1995).

3.2 Cultura popular e a mercadorização da cultura

Hoje, de acordo com Hiram Araújo (2000), a festa carnavalesca pode ser entendida como um reflexo das mudanças da própria sociedade, cada vez mais lúdica e fragmentada. Dionísio parece sobrepor-se a Apolo num processo de carnavalização do cotidiano. Para Araújo o carnaval se perpetua como celebração cristã, adaptação de rituais pagãos. Contudo, não podemos ignorar a mercadorização da festa. Apesar de sua dimensão popular, o carnaval tornou-se um evento midiático idealizado pelas elites urbanas, devendo “converter-se num belo espetáculo, produzido pelas camadas ricas e letradas, para ser contemplado e aplaudido por todos” (ARAÚJO, 1997, p. 204).

O carnaval deixa de ser simples manifestação cultural popular e se torna produto cultural a ser explorado economicamente dentro de um sistema de mercado capitalista. Podemos assumir que este movimento representa a “transição do carnaval enquanto expressão cultural e espaço de enfrentamentos para o carnaval-produto ou o carnaval-indústria, deslegitimando-o enquanto experiência cultural em si” (VISCARDI; SOTTANI; SILVA, 2013, p. 16). O carnaval, transformado em produto cultural, é um fenômeno ainda mais complexo do que antes, reflexo das mudanças decorrentes do estabelecimento de uma cultura de consumo (FARIAS, 2003).

O carnaval é mais uma manifestação da apropriação da cultura popular pela lógica de mercado, processo cada vez mais comum nas últimas décadas (CANCLINI, 1983). Festas populares, artesanato, culinária e tantas outras manifestações culturais são resignificadas pelo mercado e oferecidas como produtos prontos para o consumo. Trigueiro (2005) defende que

as manifestações culturais populares têm esse caráter de ambiguidade entre o mal e o bem, a vida e a morte, que transborda na nossa cotidianidade todos os limites dos exageros das emoções e desejos da aproximação da realidade com a ficção criada pela sociedade humana. São manifestações que estão associadas a essas dualidades do mundo real da vida e o mundo ficcional do imaginário simbólico, do disforme da natureza e as experiências oníricas que sempre fizeram parte das nossas histórias de encantados no mundo da infância e que chegam à vida adulta mais próximas da racionalidade. É a hibridização de tudo isso que dá a tônica à cultura popular no mundo globalizado pelos meios de comunicação e pelos novos interesses de consumo de bens culturais (TRIGUEIRO, 2005, p. 3).

Para Canclini (1983) as festas populares não devem ser enxergadas como momentos de exceção. Ao contrário, na festa encontramos uma “ocasião na qual a sociedade penetra no mais profundo de si mesma, naquilo que habitualmente lhe escapa” (CANCLINI, 1983, p. 54). A festa concede forma e ordem para a manifestação de pulsões reprimidas pelo cotidiano da vida social. Práticas sociais são estruturadas para dar vazão a esta energia. Contudo, tais práticas são continuidade da existência cotidiana e “as diferenças sociais e econômicas nela se repetem” (CANCLINI, 1983, p. 55), perpetuando contradições presentes na sociedade.

Neste processo de apropriação da cultura popular pelo capital o sentido material e o sentido cultural se afastam em favor de uma organização capitalista e uma lógica de mercado crescente. As manifestações culturais populares, se tornam mercadorias a serem desenvolvidas de acordo com os diferentes interesses econômicos, não mais simplesmente como expressão material e simbólica de uma cultura (CANCLINI, 1983).

Na contemporaneidade a cultura é tratada como uma cultura de globalização acelerada, instrumentalizada como um recurso a ser aplicado para alcançar o crescimento econômico e a melhoria sociopolítica, naquilo que pode ser denominado como “capitalismo cultural”. Tantas quantas diferentes dimensões da cultura popular forem

passíveis de serem assimiladas pela lógica de mercado “são mobilizadas como recursos para o turismo e para a promoção das indústrias que exploram o patrimônio cultural” (YÚDICE, 2013, p. 17). Somente aqueles segmentos da cultura que apresentem potencial para a geração de retorno econômico e social recebem investimentos, em detrimento de manifestações culturais menos atrativas para a lógica do capital (YÚDICE, 2013).

Assim, se estabelece uma economia política específica, uma economia cultural, mola propulsora do desenvolvimento social e do crescimento econômico, fazendo com que a cultura tenha se transformado na própria lógica do capitalismo atual. A cultura é utilizada para fins de desenvolvimento urbano, manifestações culturais locais são exploradas pelo turismo, localidades históricas tornam-se parques temáticos, propriedades intelectuais são tratadas como cultura a fim de promover o fluxo e acúmulo de capital. Diante do imbricamento da cultura e da economia, até mesmo as manifestações de resistência e tentativas de emancipação parecem ser assimiladas pelo sistema a que se opõem. Com a culturalização da economia, as inovações nos campos da tecnologia e da comunicação, juntamente com a exploração crescente e pujante do trabalho cultural e intelectual, dão origem a uma nova divisão de trabalho (YÚDICE, 2013).

Dentre tantas outras manifestações, o carnaval é transformado em mais uma mercadoria comercializada por agentes diversos, tais como o Estado, empresários, mídia, artistas, comerciantes e etc. (CARNEIRO, 2006). O interesse econômico nas festas se torna cada vez maior e a cultura popular passa a ser pensada em escala global, tendo em vista atender os interesses do mercado (TRIGUEIRO, 2005). Como consequência disto, é estabelecida uma relação de conveniência entre a globalização e a cultura, na qual processos simbólicos são propagados globalmente de maneira a propiciar o desenvolvimento econômico esperado e a adequação política de forma crescente (YÚDICE, 2013).

Desta forma, as festas populares passam a ser gradualmente transformadas em eventos-espetáculos cuidadosamente planejados, produzidos e oferecidos para consumo à população. Neste sentido, Néstor Garcia Canclini enxerga este processo como sendo a

[...] reinversão interna obrigatória do excedente econômico, catarse controlada daquilo que não pode vir à tona no trabalho que é realizado em condições de opressão mas que é também regulado na sua irrupção festiva para que não prejudique a coesão permanente: a festa não é a liberação desregrada dos instintos que tantos antropólogos e

fenomenólogos imaginaram, mas um lugar e um tempo delimitados no qual os ricos devem financiar o prazer de todos e o prazer de todos é moderado pelo “interesse social”. As paródias ao poder, o questionamento irreverente da ordem (mesmo nos carnavais) é consentido em espaços e momentos que não ameaçam o retorno posterior “normalidade”. A descontinuidade e a excepcionalidade remetem ao cotidiano, são o reverso e a compensação do que lhes falta, mas dentro das normas que estabelecem as autoridades rotineiras (CANCLINI, 1983, p. 129).

Percebemos aqui a mudança da análise em relação às festas populares entre Bakhtin e, sobretudo, Canclini. Enquanto a cultura popular na idade média era permeada pelo riso carnavalesco que subverte a cultura oficial e oferece a possibilidade de uma “outra vida” à população, a cultura popular atual é pautada pelo capital e pela lógica de mercado, moldada e limitada em suas práticas. A ideia de inversão da vida cotidiana é afastada por Canclini, uma vez que para ele, pelo contrário, os festejos populares na sociedade moderna oferecem espaço para as contradições sociais se manifestarem de maneira ainda mais marcante.

O questionamento à leitura bakhtiniana da cultura carnavalesca de até que ponto a inversão da ordem social e da cultura oficial seria efetiva e plena, ou se ela não poderia ser de alguma forma considerada limitada ou regulada se torna ainda mais pertinente frente ao olhar de Canclini sobre as festas populares. Assumindo a perspectiva de Canclini, acreditamos que as manifestações populares na contemporaneidade, ao serem assimiladas pela lógica de mercado capitalista, passam a apresentar impressas em suas práticas a adequação de modelos de organização específicos. Tal adequação evidencia a reprodução de estruturas e organizações sociais, perpetuando-as, assim como Maria Isaura Pereira de Queiroz já apontava em sua crítica à análise do carnaval brasileiro realizada por Roberto DaMatta. Alinhando-nos à perspectiva de Canclini é que daremos prosseguimento a nossa investigação acerca do carnaval do Recife e o processo de mercadorização ao qual acreditamos que a festa está sujeita.

3.3 Mediação e discurso das mídias

Neste processo de apropriação da cultura popular pela lógica capitalista de mercado, manifestado na sociedade contemporânea, podemos destacar o papel das

mediações existentes entre os agentes sociais. A respeito das festas populares, alinhado com Canclini e Yúdice, Jesús Martín-Barbero defende que

O tempo cíclico é um tempo cujo eixo está na festa. As festas com sua repetição, ou melhor, com seu retorno, balizam a temporada social nas culturas populares. Cada estação, cada ano, possui a organização de um ciclo em torno do tempo denso das festas, denso enquanto carregado pelo máximo de participação, de vida coletiva. A festa não se constitui, contudo, por oposição à cotidianidade; é, antes, aquilo que renova seu sentido, como se a cotidianidade o desgastasse e periodicamente a festa viesse recarregá-lo novamente no sentido de pertencimento à comunidade. [...] O sentido do tempo nas culturas populares será bloqueado por dispositivos convergentes: o que de-forma as festas e o que as desloca, situando na produção o novo eixo de organização da temporalidade social. A deformação opera pela transformação da festa em espetáculo: algo que já não é para ser vivido, mas visto e admirado (MARTÍN-BARBERO, 2009, p. 136-137).

Quanto a isto a contribuição de Martín-Barbero nos chama atenção. O autor propõe que o processo cultural da sociedade é estruturado pela comunicação, uma vez que, além de oferecer o acesso à informação, permite a sua apropriação (MARTÍN-BARBERO, 2009). A indústria da comunicação localiza-se, assim, como mediadora do processo de constituição sociocultural, deixando de ser entendida apenas como simples intermediária (BELISÁRIO; RAMOS, 2011).

As relações entre cultura, comunicação e política são realçadas nesta perspectiva. “A inscrição da comunicação na cultura deixou de ser mero assunto cultural, pois é tanto a economia como a políticas as que estão comprometidas com o que aí se produz” (MARTÍN-BARBERO, 2004, p. 224). Nesta discussão Martín-Barbero busca deslocar o olhar exclusivo aos meios de comunicação em direção às mediações, o entorno destes meios. Para Escosteguy e Felippi (2012, p. 9), esta mudança representou “incorporar toda uma dinâmica social, cultural, política e econômica no refletir a mídia e fazê-la com a compreensão processual, em que o simbólico e o concreto se imiscuem e interferem na produção, no gênero, no consumo e nas relações sociais”.

Por meio desta mudança de perspectiva proposta por Martín-Barbero é possível pensarmos os meios de comunicação para além do simples papel de instrumento de transmissão de informações, passando a entendê-los como mediação cultural, responsável por criar laços, pontes e interfaces (SOUZA, 2013). Este prisma de observação afasta-se

da ideia da comunicação como um produto ou um meio para enxergá-la de forma integrada ao cotidiano das pessoas (BRITTOS, 2005).

A mediação emerge, assim, como o pano de fundo sobre o qual a cultura é articulada pelas diferentes manifestações culturais (BASTOS, 2008; ARAÚJO, 2009). Dantas argumenta que

O ato de mediar significa fixar entre duas partes um ponto de referência comum, mas equidistante, que a uma e a outra faculte o estabelecimento de algum tipo de inter-relação, ou, seja, as mediações seriam estratégias de comunicação em que, ao participar, o ser humano se representa a si próprio e o seu entorno, proporcionando uma significativa produção e troca de sentidos (DANTAS, 2008, p. 4).

A partir de sua contribuição Marín-Barbero (2009) busca ampliar a discussão acerca da comunicação em sua relação com a cultura, indo além da visão funcionalista dos meios exclusivamente como ferramentas, abarcando as instituições, sujeitos e diferentes dimensões da cultura que se interligam na constituição dos meios. Nesta visão ampliada de mediação, a mídia passa a ser a principal matriz mediadora na sociedade. Esta mediação operada pela mídia envolve a transformação ininterrupta de significados de diferentes graus de importância, que transitam entre textos e representam discursos em constante mutação. Esse processo de mediação, que pode ser entendido como sendo politicamente econômico, configura-se nos sujeitos sociais e influencia na produção, distribuição, consumo e significação de bens simbólicos (BRITTOS, 2005).

A incorporação desta dimensão simbólica no entendimento do papel da mediação na sociedade permite que a ação da mídia seja percebida para além da função meramente informativa/descritiva, passando a ser percebida como um “sistema simbólico que ensina sobre valores, padrões, guias de uma dada cultura e, portanto, assumindo uma importância distinta na totalidade social” (ESCOSTEGUEY; FELIPPI, 2012, p. 10).

As mídias, enquanto agentes dessa mediação, colocam-se entre os indivíduos e a cotidianidade. Elas tornam-se o espaço de difusão e configuração dos discursos públicos, em substituição aos locais de debate existentes anteriormente. Agem como uma espécie de guia que auxilia na seleção, interpretação e organização das informações, influenciando a forma como os indivíduos entendem a realidade que os cerca (CALADO, 2005). A este respeito, seguindo a posição de Barros, podemos afirmar que

a mídia se apresenta, assim, como elemento de mediação social. Mais do que examinar suas entranhas, suas estruturas internas, Martín-Barbero nos convida a conhecer as estruturas de seu entorno. [...] O que se percebe, portanto, é que a concepção de “mediações” não se apresenta para substituir os meios. Os meios fazem parte das mediações sociais, que nos envolvem no tempo presente, na contemporaneidade. As mediações estão no tempo-espaço da contemporaneidade, estão na produção e re-conhecimento da “atualidade” (BARROS, 2009, p. 89).

Desta forma, nos parece apropriado afirmarmos que ao levarmos em consideração o conceito de mediações é crucial tomá-lo em sua articulação com o discurso midiático. Entendemos que as mídias não são responsáveis por transmitir aquilo que ocorre na realidade social, mas sim contribuem para a construção desta própria realidade. Assim, a informação passa a ser analisada como discurso que se apropria da língua. Charaudeau (2006) defende que este discurso presente na mídia se estabelece apenas na troca social com o outro. É a partir da interação com o outro que o homem é capaz de produzir o discurso, que antes de ser uma representação do mundo é uma representação de relações sociais.

É por meio destes discursos compartilhados em sociedade que os indivíduos são capazes de co-criar e participar das práticas sociais, contribuindo assim para a consolidação dos comportamentos estabelecidos. O próprio discurso das mídias, uma vez que produzido por indivíduos, também é marcado pela subjetividade e responsável pela construção de sentidos (Charaudeau, 2006). Desta forma, neste espaço do discurso das mídias se fazem presentes, em maior ou menor medida, os diferentes agentes sociais envolvidos na lógica de mercado, sejam eles produtores, intermediários ou consumidores.

Neste ponto os aspectos simbólicos presentes no processo de mediação refletem na dimensão simbólica do consumo, sendo assim considerados de grande importância para a institucionalização de práticas de consumo e de marketing dentro de um ambiente cultural e ideológico. Afastando-nos do viés puramente econômico (que por vezes pode se tornar economicista), buscamos compreender como as transformações sociais passam pela construção e compartilhamento simbólico (Venkatesh, 1999).

Partindo deste ponto, e tendo em mente o contraponto entre as perspectivas de Bakhtin e Canclini e Yúdice, e o papel da mediação cultural e do discurso das mídias, adotaremos uma postura crítica, pós-marxista para o desenvolvimento de nosso estudo.

Assim, a partir do próximo capítulo apresentaremos o pensamento do filósofo Slavoj Žižek e sua contribuição para a crítica psicanalítica da ideologia, demonstrando como este pode ser aplicado na análise da mercadorização da cultura no contexto da sociedade de consumo contemporânea.

4 Slavoj Žižek e a crítica psicanalítica da ideologia

Em sua obra o filósofo e psicanalista Slavoj Žižek analisa a cultura e política contemporâneas na busca por desenvolver uma nova possibilidade de abordagem dos estudos acerca da ideologia (MYERS, 2003; ŽIŽEK, 2008a). As principais bases da obra de Žižek são a filosofia hegeliana, a economia política marxiana e a psicanálise lacaniana. Contudo, tais bases são construídas a partir da apropriação e releitura que Žižek faz de cada um destes três autores.

No que compete à Hegel, Žižek (2008a) afirma que a dialética hegeliana é uma ferramenta para explicar a ideologia, ferramenta esta que não produz um consenso, mas sim uma contradição. A tensão dialética da contradição entre tese e antítese é a condição interna de cada identidade é onde se estabelece a verdade. Um dos nomes atribuídos por Žižek a esta contradição é o de “lacuna paralática”. “A definição de padrão de paralaxe é: o deslocamento aparente de um objeto (mudança de sua posição em relação ao fundo) causado pela mudança do ponto de observação que permite nova linha de visão” (2008a, p. 32). A paralaxe seria a tensão inerente ao próprio Um, aquilo que impede a coincidência plena do ser consigo mesmo.

A esta paralaxe Žižek também irá se referir como diferença pura, ou mais notadamente como diferença mínima. Aquela diferença que se estabelece não entre o sujeito e o seu outro, mas sim entre o sujeito e ele mesmo, uma diferença interna e irreconciliável que impede o sujeito de alcançar a sua completude. Nesta irreparável diferença mínima Žižek reconhece a maior de todas as paralaxes, a diferença ontológica. Dela provém a decorrência da diferença do antagonismo social e dos conflitos no nível político. Assim, partindo da noção de paralaxe Žižek estabelece uma aproximação entre dialética hegeliana e a psicanálise, ao afirmar que a diferença mínima é a própria expressão do Real enquanto “antagonismo puro, como diferença impossível que precede seus termos” (2008a, p. 36).

Quanto à Marx, Žižek adota a crítica marxista como motivação de seu pensamento, perspectiva que orienta sua abordagem do tema da ideologia. Por fim, Žižek recorre à Lacan enquanto meio para analisar o processo de constituição do sujeito e sua maneira de ser dentro da sociedade (MYERS, 2003).

Žižek (2014) defende que há uma relação paralítica entre o materialismo histórico e o materialismo dialético, “eles são substancialmente a mesma coisa, a mudança entre um e outro é pura mudança de ponto de vista” (ŽIŽEK, 2008a, p. 17). O materialismo histórico é particular, enquanto o materialismo dialético é universal. E esta passagem entre um ponto de vista e o outro pode ser explicada pela psicanálise. O foco da psicanálise não seria o indivíduo, como se crê, mas sim o social e como esta ordem sociosimbólica externa formada pelas práticas institucionalizadas e crenças é internalizada pelo indivíduo, inserindo-o nela. Para Žižek (2008a, p. 17) “a lacuna entre o indivíduo e a dimensão social “impessoal” tem de se reinscrever no próprio indivíduo: essa ordem “objetiva” da substância social só existe na medida em que os indivíduos a tratam como tal, relacionam-se com ela como tal”. O materialismo histórico (expresso na figura de Lukács) trata da lacuna entre pensamento e ser em termos de positividade: o pensamento como momento ativo constituinte do ser social. Já o materialismo dialético trata da negatividade desta lacuna, da passividade do pensamento. O desuso do materialismo dialético em favor do materialismo histórico seria o motivo da crise do marxismo (ŽIŽEK, 2008a).

Assim os objetivos de Žižek podem ser definidos como resgatar o materialismo dialético por meio do pensamento de Lacan e Hegel como opção ou caminho mais adequado para tratar da diferença e da contingência e contribuir para a crítica à ideologia, repensando alguns de seus conceitos clássicos por meio da psicanálise lacaniana (ŽIŽEK, 2008a). A seguir apresentaremos mais detalhadamente a base psicanalítica da teoria žižekiana, partindo da influência de Freud sobre Lacan até a apropriação žižekiana do pensamento lacaniano e como Žižek o utiliza para conceber sua crítica à ideologia contemporânea.

4.1 A base psicanalítica žižekiana

Nesta seção, focamos nossa discussão na apropriação e releitura do pensamento freudiano efetuadas por Jacques Lacan. Neste ponto, nosso maior interesse é entender

como Lacan interpretou a proposição freudiana da pulsão de morte e como, a partir desta noção, elaborou conceitos que contribuíram grandemente para a teoria psicanalítica, mais precisamente com o conceito de gozo, em suas diferentes facetas, bem como o conceito de objeto *a*. Para tanto, num primeiro momento tratamos brevemente da abordagem de Sigmund Freud acerca do conceito de prazer, passando pelos princípios do prazer e da realidade e seus desdobramentos até a concepção da noção de pulsão de morte e sua relação com o indivíduo e a sociedade.

4.1.1 Freud: instintos de vida e de morte e o mal-estar na civilização

Publicado por Freud em 1920, o ensaio “Além do Princípio do Prazer” é um marco da chamada segunda tópica freudiana do aparelho psíquico, composta pelas noções de Id, Ego e Superego, sucedendo sua primeira tópica, focada no Consciente, Pré-Consciente e Inconsciente. O ensaio é também caracterizado pela introdução da polêmica noção freudiana de pulsão de morte (FREUD, 2010a).

Freud utiliza o termo alemão *Trieb* ao referir-se aos instintos, termo que é traduzido mais correntemente como pulsão, no intuito de distinguir a noção freudiana de instinto dos instintos animais. Desta forma, Freud entende os instintos como pulsões corporais energéticas direcionadas para certos tipos de ações, que apresentam fontes biológicas e visam, em última instância, alcançar satisfação por meio de objetos, sejam eles pessoas, coisas, partes do corpo, etc. (HOMER, 2005).

Inicialmente Freud apresenta a ideia de que os processos psíquicos dos indivíduos são conduzidos e regulados pelo princípio do prazer, manifestação do Id. De acordo com este princípio, prazer e desprazer dizem respeito, respectivamente, à baixa ou alta quantidade de excitação presente no aparelho psíquico. Sempre que uma tensão desprazerosa incida sobre o indivíduo o princípio do prazer seria acionado na tentativa de diminuir esta tensão, levando a uma evitação do desprazer ou à geração do prazer. Contudo, Freud sublinha o fato de que, apesar da tendência ao prazer presente no funcionamento psíquico, a maior parte de nossos processos mentais não nos propicia prazer de forma direta. Isto ocorreria por diferentes motivos. O primeiro deles é a presença do princípio da realidade, expressão dos instintos de autoconservação do Ego. O princípio da realidade atua no sentido do adiamento e renúncia de satisfações imediatas,

aceitando até mesmo a possibilidade de desprazeres temporários, em função da obtenção final do prazer (FREUD, 2010a).

Outra fonte de experiências de desprazer é a repressão de instintos “inadequados”, que de alguma forma conseguem retornar obtendo satisfação direta ou substitutiva, gerando simultaneamente desprazer ao Ego e prazer ao Id (FREUD, 2010a). Este recalque ocorre quando o prazer proveniente da satisfação deste instinto é inferior ao desprazer gerado como consequência de sua satisfação. Uma vez que o instinto é uma força constante, ela exige um consumo de energia psíquica elevado para a realização de processos contínuos de recalque (VALAS, 2001; JORGE, 2008). Dessa forma, a concepção freudiana do princípio do prazer contraria a tradição filosófica hedonista ao assumir a possibilidade de que o homem pode buscar o desprazer como prazer (VALAS, 2001). Os demais casos de desprazer experimentados pelo indivíduo seriam fruto da percepção de instintos insatisfeitos ou da percepção de alguma circunstância externa possível (FREUD, 2010a).

Freud afirma que o bebê separa seu Ego da massa diforme de sensações que o constitui por meio da contraposição a objetos externos, sendo o primeiro deles o seio materno. Além disto, surge a tendência do Eu de eliminar ou evitar quaisquer sensações de dor ou desprazer, na tentativa de formar um Eu-de-prazer, de acordo com o princípio do prazer. Como sua capacidade de eliminar o desprazer é limitada e algumas fontes de prazer são externas, provenientes dos objetos, e outras fontes de desprazer são internas, provenientes do Ego, surge o princípio da realidade, na tentativa de contribuir para a mediação das relações do Eu com o seu exterior (FREUD, 2010b). Assim, é abordada a concepção freudiana inicial acerca da existência de dois diferentes tipos de instintos que orientam as ações humanas: os instintos de autopreservação, expressos na figura do Ego, e os instintos sexuais libidinais (aos quais Freud chamou de Eros, palavra grega para amor), ligados à figura do Id. Seguindo o princípio do prazer, o Id deseja de forma irrefreada e urgente, e, por meio do princípio da realidade, o Ego é responsável pela negociação desses desejos frente às circunstâncias contingentes da realidade (HOMER, 2005). Podemos ver como, para Freud, o princípio da realidade não é rival do princípio do prazer, mas sim sua extensão, já que almeja em última instância a busca da satisfação, apesar dos desvios que impõe. Assim, o princípio da realidade busca garantir a existência do princípio do prazer (JORGE, 2010).

Todavia, após tratar destas questões no início de seu ensaio, Freud se volta para a análise de casos particulares que o inquietam quanto ao questionamento da validade desta formulação. Ele destaca casos de veteranos de guerra que revivem momentos de sofrimento em sonhos recorrentes e o caso da análise da brincadeira de um bebê (seu neto) jogando um carretel para longe e trazendo-o de volta por meio de um barbante, reencenando a ausência e retorno de sua mãe. Tais situações apontam para uma compulsão de repetição que produz desprazer, a despeito do princípio do prazer. Ao debruçar-se sobre a relação entre os impulsos instintuais e a compulsão de repetição Freud elabora um novo entendimento da noção de instinto, enfatizando o seu caráter conservador. A partir de então Freud (2010a, p. 148-9) passa a assumir o instinto como sendo um “impulso presente em todo organismo vivo, tendente à restauração de um estado anterior, que esse ser vivo teve que abandonar por influência de perturbadoras forças externas, uma espécie de elasticidade orgânica”. Daí Freud conclui que se todo ser vivo morre, ou seja, retorna a seu estado inorgânico original, o propósito de toda vida é, em última instância, a morte. Neste ponto temos o surgimento da concepção freudiana de dois tipos de processos instintuais opostos, os instintos de vida e os instintos de morte (FREUD, 2010a).

Como destacado por Freud na última nota de rodapé de seu texto, a proposição da dualidade dos instintos de vida e de morte traz consigo o conseqüente reordenamento da relação entre os conceitos apresentados ao longo do seu ensaio (FREUD, 2010a). O primeiro dualismo pulsional de Freud, segundo o qual os instintos sexuais se opunham aos instintos de conservação do Ego, dá lugar a um segundo dualismo pulsional no qual os instintos de vida (Eros) reúnem os instintos sexuais e de conservação em oposição aos instintos de morte (Tânatos).

Dez anos depois, em 1930, esta discussão se faz presente em *O mal estar na civilização* (FREUD, 2010a): a finalidade dos indivíduos ao longo de suas vidas é alcançar a felicidade, objetivo perseguido pelo princípio do prazer. Todavia, este programa de busca é irrealizável, estando o princípio do prazer em desacordo com o mundo inteiro. “É bem menos difícil experimentar a infelicidade” (FREUD, 2010b, p. 22). Apesar de sua impossibilidade, não podemos evitar nossos esforços em busca da felicidade, seja pela sua forma positiva, de obtenção do prazer, seja pela sua forma negativa de evitação da dor. No entanto, priorizar o prazer de forma despudorada em detrimento da cautela trará como consequência o castigo do sofrimento. Resta-nos priorizar a evitação do desprazer

e da dor, o que pode ser alcançado pelo isolamento completo e afastamento dos demais indivíduos a nossa volta ou pela vida em comunidade, por meio da qual todos trabalham em prol da felicidade de todos.

Freud passa a discutir como a vida em sociedade nos oferece a possibilidade de evitarmos de forma mais eficiente o desprazer e a dor, mas em contrapartido exige o preço da repressão de alguns instintos, cuja não satisfação “não é sentida tão dolorosamente como a dos não inibidos. Em troca, há uma inegável diminuição das potencialidades de fruição” (FREUD, 2010b, p. 25). Assim, o indivíduo se mostra disposto a abrir mão de parte de sua liberdade individual em prol de uma porção de segurança que a civilização pode oferecê-lo. E aqui é retomada a questão da relação entre instintos de vida e de morte. Dentre os instintos aos quais o homem tem de renunciar ao inserir-se em uma comunidade está a sua agressividade, representante maior do instinto de morte, que surge como o mais poderoso obstáculo para a civilização (FREUD, 2010b). A vida em sociedade, então, está relacionada ao embate entre Eros e Tânatos, instinto de vida e de destruição presente em cada um e em todos os homens.

A fim de inibir a agressividade do indivíduo em sociedade a cultura atua no sentido de introjetá-la, dirigindo-a contra sua própria fonte, o Ego. Emerge então o Superego, figura de autoridade paterna de uma parte do Ego que se contrapõe ao resto como consciência, exercendo sobre o Ego a agressividade que outrora desejava aplicar sobre os outros indivíduos. O resultado desta relação entre Ego e Superego é a consciência de culpa. Logo, “a civilização controla então o perigoso prazer em agredir que tem o indivíduo, ao enfraquecê-lo, desarmá-lo e fazer com que seja vigiado por uma instância no seu interior, como por uma guarnição numa cidade conquistada” (FREUD, 2010b, p. 60). Assim, a repressão de instintos conduz à transformação de sua dimensão libidinal em sintomas e de sua dimensão agressiva em sentimento de culpa. O preço pago pelo progresso cultural da civilização é a necessária perda de felicidade proveniente do acréscimo do sentimento de culpa. (FREUD, 2010b).

Assim, de acordo com Freud, a estrutura da linguagem nos permite estabelecer os laços sociais e relações que formam nossa civilização. No entanto, a integração a uma sociedade nos impõe restrições e cerceamentos relativos às nossas pulsões sexuais e agressivas (MARCUSE, 1975). Desta forma, o preço que pagamos por sermos capazes de construir laços sociais e pela segurança de vivermos em grupo é a privação parcial de liberdades e a conseqüente sensação de mal-estar que experimentamos (TEIXEIRA;

COUTO, 2010). Ao renunciar à satisfação irrestrita e imediata de suas necessidades, o ser humano passa por um processo no qual, segundo Marcuse (1975, p. 34), “o princípio de realidade supera o princípio de prazer: o homem aprende a renunciar ao prazer momentâneo, incerto e destrutivo, substituindo-o pelo prazer adiado, restringido, mas garantido”.

4.1.2 Lacan: o sujeito e o gozo

O encontro entre Freud e Lacan nunca aconteceu pessoalmente, contudo no plano do discurso o encontro de suas ideias é determinante para o desenvolvimento e evolução do pensamento psicanalítico. Lacan sempre se intitulou um freudiano e, por julgar que os psicanalistas contemporâneos a ele haviam se afastado dos ensinamentos do pai da psicanálise, defendeu fortemente a necessidade da psicanálise realizar um retorno à Freud (JORGE; FERREIRA, 2005).

Utilizando bases da linguística saussuriana e da antropologia estrutural de Lévi-Strauss, Lacan propõe um novo olhar sobre a psicanálise ao estabelecer que o inconsciente é estruturado como linguagem (FINK, 1998; SARUP, 1993). Lacan estabelece que não há separação entre o sujeito e a sociedade. O ser humano é socializado por meio da apropriação da linguagem e é a linguagem que o constitui enquanto sujeito, não há sujeito fora da linguagem (SARUP, 1993). Nascemos num mundo de discurso e disto não podemos fugir. Na verdade, estamos inseridos na cadeia do significante, na ordem simbólica da linguagem, antes mesmo de nascermos, e continuaremos presos a ela até mesmo depois de morreremos (FRANÇOIA, 2007; FINK, 1998). Uma vez que a linguagem é limitada, faltam-nos palavras para nomear por completo o mundo que nos rodeia. A linguagem nos permite apenas aproximações daquilo que representamos. Não podemos dizer tudo e deste fato surge a falta estrutural que nos constitui e que remete ao mal-estar ao qual Freud se refere. Sendo assim, “o homem é incompleto porque fala” (TEIXEIRA; COUTO, 2010, p. 584).

Diante desta condição de ser imerso na linguagem, Lacan desenvolve três conceitos para a psicanálise, referentes às três dimensões de registro distintas que juntos compõem a tríade das ordens do funcionamento mental que dão forma à nossa realidade: o Imaginário, o Simbólico e o Real (JORGE; FERREIRA, 2005; ŽIŽEK, 2010).

O Imaginário é o processo por meio do qual o ego é concebido, como tentativa de conciliação da diferença entre si mesmo e a imagem de integridade com a qual se identifica, entre si e a imagem de si mesmo. Corresponde à especularidade das imagens sem a mediação da palavra (JORGE; FERREIRA, 2005). Lacan se refere a este nível como a primeira articulação do Eu, naquilo que ele chama de Estádio do Espelho (LACAN, 1996). Neste estágio, ainda nos primeiros meses de vida, a criança se reconhece em seu reflexo no espelho e passa a se perceber como um indivíduo (SARUP, 1993; MYERS, 2003). Nas palavras de Lacan (1996, p. 98), “basta-nos compreender o estágio do espelho *como uma identificação*, no sentido pleno que a análise dá a esse termo, ou seja, a transformação produzida no sujeito quando ele assume uma imagem”. Este processo produz um “eu ideal” (LACAN, 1996), uma imagem especular idealizada e completa de si, o que Lacan chama também de “pequeno outro” (ŽIŽEK, 2010).

A Ordem Simbólica é a realidade significada, o espaço no qual tomamos nosso lugar e onde nos deparamos com o “Grande Outro”, sujeito simbólico da alteridade (MYERS, 2003). É o espaço simbólico da estabelecido entre o inconsciente e a linguagem, do qual não há volta e que nos impõe as regras do jogo (JORGE; FERREIRA, 2005). As relações estabelecidas entre o inconsciente e a linguagem dizem respeito à dimensão do Simbólico. Recorrendo à linguística, é possível identificarmos dois níveis na Ordem Simbólica: a estrutura formal “vazia”, dimensão do significante, e os elementos que preenchem os lugares vazios, dimensão do significado (ŽIŽEK, 2008a). Na Ordem Simbólica surge o “ideal do eu”, “o ponto de minha identificação simbólica, o ponto no grande Outro a partir do qual eu observo (e julgo) a mim mesmo” (ŽIŽEK, 2010, p. 100). A Ordem Simbólica é precisamente uma ordem formal desse tipo que suplementa e/ou rompe a relação dual da realidade factual “externa” com a experiência subjetiva “interna”. A forma do pensamento anterior e externa ao pensamento é, em suma, a ordem simbólica (ŽIŽEK, 2008b).

O nosso pensamento ocorre sempre dentro da Ordem Simbólica, logo, enquanto pensarmos a linguagem é indispensável. E é neste sentido que Lacan afirma que “a letra mata”. A linguagem surge e sobrepõe-se ao que havia antes dela, ao Real (FINK, 1998). Este Real é o espaço para além da significação da Ordem Simbólica, que escapa à linguagem e, portanto, não pode ser conhecido (ŽIŽEK, 2010; MYERS, 2003). Esta é exatamente aquela dimensão que não é passível de representação por palavras e imagens (JORGE; FERREIRA, 2005). Podemos imaginar o Real como uma superfície plena, sem

falhas ou emendas, tudo que existe. A linguagem simboliza este Real, repartindo-o e classificando-o dentro de estruturas, eliminando-o. Em seu lugar surge a realidade, produto da Ordem Simbólica, do reino da linguagem. Assim, a existência de algo em uma dada realidade passa pela linguagem. Este processo de anulação ou simbolização do Real pelo Simbólico pode ser representado pelo seguinte esquema (FINK, 1998, p.45):

Simbólico

~~Real~~

Desta forma, para Fink (1998, p. 44) podemos compreender o Real simplesmente como “aquilo que ainda não foi simbolizado, resta ser simbolizado ou até resiste à simbolização”. Contudo, Žižek vai além e afirma que o Real lacaniano não se sustenta enquanto positividade, mas apenas enquanto a lacuna presente na multiplicidade de pontos de vista a seu respeito. O Real paralítico žižekiano vai além da noção padrão lacaniana de Real como uma dimensão estável, que sempre volta ao seu lugar, independentemente dos diferentes universos simbólicos possíveis. O Real paralítico é a virtualidade constituída retroativamente exatamente pela miríade de formações simbólicas, é aquilo que explica esta própria multiplicidade de realidades distintas (ŽIŽEK, 2008a).

Ao resistir ao processo de simbolização o Real irrompe o tecido da superfície estável do simbólico, esta ruptura gera um trauma que exige uma mudança na forma como interpretamos a Ordem Simbólica (ŽIŽEK, 2010; FINK, 1998). No nível do Real surge a figura do superego, caracterizada como a agência invisível que lança demandas impossíveis sobre o sujeito, que nunca possui a capacidade de satisfazê-las plenamente (ŽIŽEK, 2010).

Em sua releitura da obra freudiana, a princípio Lacan utilizou o termo gozo de maneira ordinária, a exemplo de Freud, referindo-se a um prazer ou alegria extremos. Todavia, ao longo de sua obra ele passou a tratar o termo de forma conceitual, com uma bordagem que se modificou com o tempo. Ele chamou atenção para a importância da pulsão na obra de Freud, questionando a tradução inicial do termo *Trieb* como instinto, palavra que considerou antipsicanalítica. Enquanto os instintos animais têm um caráter biológico hereditário e inalterável em uma mesma espécie animal, as pulsões apresentam

um caráter errático, numa lógica diferente da dos instintos animais (JORGE; FERREIRA, 2005; JORGE, 2008).

Lacan destacava que desde o ensaio “Além do princípio do prazer”, e posteriormente em “Mal-estar na cultura”, Freud já apontava para indícios do gozo (VALAS, 2001). Se o prazer era correspondente à diminuição da tensão de acordo com o princípio do prazer, o gozo, enquanto aumento da tensão, seria o “mais-além” do prazer ao qual Freud se refere em seu ensaio, fruto da pulsão de morte (JORGE, 2008). Assim, mesmo tratando o gozo de forma ordinária, Freud estabeleceu o seu campo ao tratar do aspecto mais-além do princípio do prazer e sua relação com a pulsão de morte (VALAS, 2001).

Voltando-nos especificamente para o início da conceituação do gozo efetuada por Lacan, é em seu Seminário VII: A ética da psicanálise (LACAN, 2008) que ele estabelece de forma mais explícita o gozo como sendo da ordem do Real (MILLER, 2012), logo do impossível e inefável.

Aqui Lacan localiza os registros do Real, Simbólico e Imaginário e a noção de gozo (VALAS, 2001). De um lado encontram-se as representações simbólicas e imaginárias do sujeito (S + I), enquanto que de outro está localizada a Coisa (*das Ding*) freudiana, a qual ele denomina de Real, e é lá que ele insere o gozo (VALAS, 2001). Lacan afirma que o gozo possui uma relação “êxtima” com o sujeito, localizado na dimensão mais íntima e ao mesmo tempo mais estranha ao sujeito, localizado fora do significante, no Real (VALAS, 2001). Assim, Lacan procura solucionar o impasse de Freud quanto à distinção das tensões internas e às causas externas de tensão: a Coisa Real encontra-se no espaço interno ao mesmo tempo em que é uma continuidade do seu espaço externo (VALAS, 2001).

É a partir da discrepância entre Real e Simbólico que pode emergir o sujeito. Caso houvesse uma correspondência perfeita e inequívoca entre Real e Simbólico não haveria espaço para a subjetividade. É no espaço desta discrepância que surgem as cadeias de significantes específicas que nos subjetivam. Assim, o sujeito é constituído, na verdade, pela negatividade, pelo vazio que representa devido a não correspondência entre Real e Simbólico (MYERS, 2003). O sujeito lacaniano se afasta do entendimento do sujeito consciente, cartesiano, uma vez que este último se encontra no nível do self, e Lacan considera não haver “self verdadeiro”, apenas uma construção mental fruto da fase do

espelho. O sujeito lacaniano é o sujeito do inconsciente, um furo na estrutura discursiva da Ordem Simbólica, um sujeito como falta-a-ser, representado como sujeito barrado “\$” (FINK, 1998).

O sujeito não existe enquanto substância, ele se constitui na relação paralática que estabelece com o Outro, numa lógica dialética de relação sujeito-objeto. O sujeito é o reflexo do objeto, é aquilo que o objeto, ou o Outro, assujeita (ŽIŽEK, 2008a; 2010). O sujeito advém da sujeição do indivíduo pela linguagem, pelo grande Outro, originando uma possibilidade de ser. O sujeito passa a ocupar um lugar determinado dentro da Ordem Simbólica, contudo, um lugar vazio. Este processo de “entrada” na linguagem é denominado por Lacan como alienação (FINK, 1998), momento em que o sujeito barrado desaparece sob um significante:

$$\frac{S_1}{\$}$$

É estabelecida, então, uma relação dual entre o gozo e o sujeito, que opõe

por um lado, o gozo que está do lado da Coisa; por outro lado, o desejo que é para o sujeito o desejo do Outro. O outro é definido como lugar do significante, onde o desejo se articula com a Lei. Essa Lei primordial da interdição do incesto é consubstancial às leis da linguagem. Mas se o desejo, submetido à Lei, pode constituir uma defesa do sujeito na sua relação com o gozo, ele está, ao mesmo tempo, no princípio de uma transgressão da Lei que abrirá ao sujeito o acesso ao gozo (VALAS, 2001, p. 29).

Assim como Fink, Žižek (2008a) afirma que a realidade da Ordem Simbólica nunca é completa, há sempre um ponto obscuro, o vazio que representa o lugar do próprio sujeito nesta realidade. Após a alienação ocorre a separação, momento em que o sujeito se volta para o Outro na esperança de descobrir o que lhe falta e em seguida busca preencher a falta do Outro com sua própria falta a ser. Então, podemos dizer que o sujeito é o desejo do Outro. A este respeito Fink (1998, p. 77) afirma que

Lacan reitera repetidas vezes que o desejo das crianças nasce completamente subordinado ao desejo da mãe: “*Le désir de l’homme, c’est le désir de l’Autre*”. Tomando o segundo *de* como genitivo subjetivo (*Écrits*, p. 312) em uma primeira instância, as traduções a seguir são possíveis: “O desejo do homem é o desejo do Outro”, “O desejo do homem é o mesmo que o desejo do Outro”, e “O homem

deseja o que o Outro deseja”, todas comunicam parte do sentido. Pois o homem não somente deseja *o que* o Outro deseja, mas deseja *da mesma forma*; em outras palavras, seu desejo é estruturado exatamente como o do Outro. O homem aprende a desejar *como um outro*, como se ele fosse alguma outra pessoa”.

Aqui, um terceiro termo é incluído neste processo, o Nome-do-pai, termo utilizado por Lacan para denominar o significante do desejo do Outro: S(A). O Nome-do-pai (S₂) é definido e retroativamente estabelece o significante primordial do desejo do Outro (S₁), permitindo o advento do sujeito não mais como mero marcador de lugar na Ordem Simbólica, mas como um sujeito desejante (\$) do desejo do Outro. Por fim, este desejo do Outro se torna o objeto causa do desejo do sujeito, denominado por Lacan como objeto *a* (FINK, 1998; ŽIŽEK, 2010).

O objeto *a* é o resto que sobra do processo de simbolização, seu resíduo. Ele oferece ao sujeito a ilusão da possibilidade de completude e totalidade, gerando o que Lacan chama de fantasia do sujeito, a relação fantasmática (\$ \diamond *a*) que se estabelece entre o sujeito e o objeto *a* (FINK, 1998). O objeto *a* é uma entidade sem substância, “que não é nada senão a inscrição do próprio objeto no campo dos objetos, sob a aparência de um borrão que só ganha forma quando parte desse campo é anamorficamente distorcida pelo desejo do sujeito” (ŽIŽEK, 2010, p. 87). Cabe aqui ressaltar a diferença entre o objeto de desejo e o objeto *a*, ou objeto causa do desejo: enquanto o primeiro é o mero objeto desejado pelo sujeito, o segundo é o traço que desperta o desejo propriamente dito no sujeito, aquilo que faz de um determinado objeto qualquer algo digno de desejo (ŽIŽEK, 2010).

O sujeito surge apenas a partir do objeto *a*, algum resto ou excesso que resiste à subjetivação. A barra sobre o ‘S’ do sujeito (\$) na teoria lacaniana remete ao fato de que não há significante que possa representar adequadamente este sujeito, apenas o objeto é capaz de preencher de forma fantasmática o vazio de subjetividade de \$ e produzir um semblante de sujeito (ŽIŽEK, 2000). Assim, o sujeito não existe enquanto substância. Uma vez que o sujeito estabelece o objeto de seu desejo através da sua relação com a ordem simbólica, o indivíduo se constitui enquanto sujeito desejante na relação que estabelece com o vazio da ordem simbólica, relação esta que é mediada pela fantasia (ŽIŽEK, 2008a).

Assumindo que a psicanálise gira em torno do desejo e do gozo, é válido ressaltarmos que Lacan se vale da filosofia hegeliana para definir o desejo como desejo de reconhecimento, para em seguida estabelecer novas definições de sujeito e desejo. O sujeito passa a ser barrado pelo significante, que o representa para outro significante, e em decorrência o desejo se define, a partir da linguagem e da Lei de interdição do incesto, como o desejo do Outro do significante, alojado na cadeia significante (VALAS, 2001). É esta Lei que, ao atuar no sentido da interdição do acesso ao gozo, faz surgir o sujeito “como uma forma de atração na direção de uma experiência originária e esmagadora e como uma forma de defesa contra essa mesma experiência de gozo [...] um prazer que é excessivo [...] e, no entanto, ao mesmo tempo, fornece uma fonte de fascinação” (FINK, 1998, p. 11).

A partir da adoção do caráter conceitual do gozo por Lacan, o prazer e o gozo passam a ser distinguidos de maneira mais clara. Ambos não compartilham um mesmo registro, sendo o prazer inclusive um obstáculo ao gozo, uma vez que este último é sempre a manifestação de um excesso em relação ao prazer (VALAS, 2001; FINK, 1998). Enquanto parte do Real, o acesso ao gozo é impossível ao sujeito, apresentando um caráter nocivo ao sujeito, ameaçando extinguí-lo. Neste ponto Valas aponta o ponto de partida para a abertura do campo do gozo por Lacan: “como o sujeito desejante pode estar à procura do gozo, enquanto este comporta, na sua obtenção, a abolição subjetiva?” (VALAS, 2001, p. 34).

Se por um lado o gozo encontra-se na dimensão da Coisa, por outro, o desejo do Outro articulado com a Lei constitui uma defesa do sujeito em sua relação com o gozo. O princípio do prazer é o freio do gozo (JORGE, 2010), uma vez que a Lei atua em consonância com o prazer interditando o gozo ao conceder a linguagem ao sujeito falante. O princípio do prazer agiria no sentido de conduzir o sujeito ao longo da cadeia significante a fim de suturar o gozo (VALAS, 2001).

Contudo, é necessário ressaltar que, no decorrer de sua obra Lacan elabora o estatuto do gozo de maneira a abordá-lo em diferentes modalidades (VALAS, 2001; MILLER, 2012). O gozo Real do corpo, discutido até aqui e caracterizado como impossível, graças à lei do prazer, é denominado como o gozo do Outro (J(A)). Lacan defende que nos tornamos sujeitos ao adentrarmos na linguagem, a dimensão do Simbólico, do Outro, e com isso sofremos uma perda de gozo pela imposição da Lei do

significante, o Nome-do-Pai (JORGE; FERREIRA, 2005; RABELAIS; VIEIRA, 2012). Neste sentido Braunstein (2007, p. 65) afirma que

A palavra é sempre palavra da Lei que proíbe o gozo. O paraíso existe a partir de duas árvores que há nele, cujos frutos não devem ser comidos. A partir de então, está fechado o caminho de volta à Coisa (eu-real), restando apenas o do desterro e da resignada habitação da linguagem.

A Lei de interdição do incesto, ligada ao estabelecimento do desejo, proíbe o acesso ao gozo e oferece o uso da palavra ao sujeito falante. Mas é apenas após a interdição da Lei que o gozo começa a existir e nos interessar, a partir do instante em que passamos a falar dele (VALAS, 2001). Nosso corpo, antes uma substância gozante plena, passa a ser um corpo mapeado por zonas erógenas específicas. Daí em diante o nosso único acesso ao gozo limitado e parcial será por meio do significante (JORGE; FERREIRA, 2005; RABELAIS; VIEIRA, 2012). E é por meio desta ação da Lei que surge o gozo fálico, resultado da cifragem do gozo pelo significante, fazendo-se presente apenas nas entrelinhas do inter-dito. No gozo fálico a ordem do significante, do simbólico, do Outro, passa a ser totalmente pensada em sua relação com o gozo, ponto este em que Jacques Lacan valoriza a repetição como sendo uma repetição de gozo (MILLER, 2012).

Este processo de cifragem pela linguagem gera ainda um resto de gozo que escapa à ação do significante e é fonte de um mais-gozar, este resto é chamado por Lacan de objeto *a* (VALAS, 2001). Jacques-Alain Miller (2012) ressalta a relação entre o gozo fálico, discursivo, e o objeto *a* do mais-gozar, encarnação da perda entrópica. Esta relação se estabelece pela defasagem existente entre o significante e a sobre que escapa a sua ação, entre a falta e seu suplemento.

E, por fim, há o gozo feminino, ou gozo da não-relação, relativo à diferença sexual entre homem e mulher. Enquanto o gozo masculino está totalmente localizado no registro da dimensão fálica, a mulher experimenta uma dualidade do gozo, que para ela é, de um lado, gozo fálico e, de outro, gozo “mais-além do falo”. Este gozo “mais-além do falo” é enigmático, por não ter sido tomado pela linguagem (VALAS, 2001).

Diante das diferentes facetas do gozo desenvolvidas ao longo da obra lacaniana, podemos perceber o quão relevante era este conceito para Lacan. Tanto que ele chegou a afirmar que gostaria que o campo do gozo fosse tratado como campo lacaniano (VALAS, 2001; JORGE; FERREIRA, 2005).

4.2 Žižek e o objeto *a*: o mais-gozar e o capitalismo contemporâneo

Por diversas vezes Žižek (1996a; 2008a) chama atenção para a relação existente entre a teoria psicanalítica freudiana e lacaniana e a teoria marxista. Žižek defende a ideia de que Marx inventou a noção de sintoma em sua crítica à ideologia ao detectar uma fissura ou desequilíbrio patológico que corresponde ao ponto de colapso de um campo ideológico. O sintoma seria uma formação cuja consistência implica certo não conhecimento do sujeito, noção amplamente utilizada pela psicanálise (ŽIŽEK, 1996a; 2008b).

Žižek (1996a; 2008b) também questiona a perspectiva histórico-evolucionista da dialética das forças produtivas (conteúdo) e das relações de produção (forma) no marxismo. De acordo com esta perspectiva ocorrem movimentos cíclicos nos quais o crescimento espontâneo das forças produtivas é estrangido pelas relações de produção defasadas, que se tornam um empecilho para o seu desenvolvimento. Assim, faz-se necessária uma revolução social para que as relações de produção se alinhem novamente às forças produtivas. Contudo, Žižek (1996a; 2008a) interpreta de outra maneira a fórmula de Marx de que “o limite do capital é o próprio capital, isto é, o modo de produção capitalista”. Assim, “é a forma da relação de produção que impulsiona o desenvolvimento das forças produtivas – isto é, de seu conteúdo” (ŽIŽEK, 1996a, 329). O fato da estrutura de relações de produção constranger o desenvolvimento das forças produtivas é a contradição interna que move o capitalismo a se reinventar constantemente por meio de crises e ressurgimentos cíclicos (ŽIŽEK, 2000).

Outra das questões ressaltadas por Žižek é o ponto em comum nas interpretações de Marx e Freud nas análises que conduziram em relação à forma-mercadoria e trabalho do sonho, respectivamente. Em ambos os casos o segredo a ser desvendado não é o conteúdo escondido pela forma (seja da mercadoria ou do sonho), mas sim o segredo por trás da forma em si, no porquê de tanto a mercadoria quanto trabalho do sonho assumirem suas respectivas formas. Ou seja, ao invés de focarmos na essência por trás da forma, devemos focar na forma propriamente dita (ŽIŽEK, 1996a; 2008a; 2008b).

Para Žižek (2008a), Marx resolve a oposição entre a economia política clássica de David Ricardo e a redução neoclássica do valor a entidade puramente relacional, sem substância, por meio de um movimento paralítico, segundo o qual o valor é gerado “fora da circulação, na produção, e na circulação” (Žižek, 2008a, p 75). A síntese entre valor de uso e valor de troca é resolvida por um “salto mortal”, ou salto de fé, que permite que a mercadoria seja vendida a fim de constitui-se efetivamente como mercadoria. Para Marx o movimento da circulação capitalista tem em sua crise inexorável o seu constituinte mais interno: o capitalismo sobrevive por meio de crédito futuro, apostando suas fichas no fato de a circulação das mercadorias será realizada. Žižek (2008a) compara este salto de fé com o que ocorre na linguagem. O significado das palavras também é algo que é definido retroativamente, “emprestado do futuro”. Ou seja, assumimos que ao dizermos algo pressupomos que todas as pessoas querem dizer a mesma coisa ao utilizarem as palavras que utilizamos.

Retornando à questão da tensão entre os processos de produção e circulação, Žižek (2008a) argumenta que o valor é criado no processo de produção, mas apenas enquanto potencialidade, uma vez que este valor só será concretizado no instante em que a mercadoria é vendida, fechando o ciclo de produção e circulação. Aí reside a mais-valia: ela “só se concretiza em princípio quando os trabalhadores em sua *totalidade* compram de volta o que produziram” (Žižek, 2008a, p 78). Desta forma, os indivíduos, enquanto trabalhadores, encontram no engajamento nas atividades de consumo o meio de expressão de sua subjetividade, quando se tornam consumidores. Assim Marx estabelece uma abordagem formal-estrutural segundo a qual há uma lacuna entre o objeto e o lugar estrutural que ocupa: “a mercadoria é dinheiro porque ocupa o lugar formal do equivalente geral de todas as mercadorias, não porque o outro, por exemplo, seja ‘naturalmente’ dinheiro” (Žižek, 2008a, p 79).

A lógica do capital passa a promover uma “eternização” da circulação dinheiro, que se torna um fim em si mesmo. O processo M-D-M (o sujeito troca mercadorias por dinheiro a fim de adquirir outras mercadorias) é invertido, transformando-se em D-M-D (o sujeito investe dinheiro na produção de mercadorias a fim de obter mais dinheiro). Esta lógica é perpetua pela fantasia inconsciente de que o propósito da circulação de capital é a satisfação das necessidades humanas, que ocorreria pelo valor de uso inerente às mercadorias adquiridas pelos indivíduos. É esta ilusão que permite ao capitalismo operar

num processo auto impelido e sem limites em busca de seu objetivo, a mais-valia (Žižek, 2008a).

Esta contradição interna é a que rege a lógica do mais-gozar na psicanálise lacaniana. O mais-gozar não é um excedente de gozo que se liga a um gozo primeiro, “normal”. Na verdade, o gozo em si só é possível na forma de excedente. Sem o mais-gozar excedente não há gozo, assim como sem a mais-valia não há produção capitalista. Em ambos os casos não há equilíbrio interno possível (ŽIŽEK, 1996a; 2000). Este mais-gozar é encarnado pelo objeto *a* sempre almejado pelo sujeito desejante a fim de preencher sua falta constitutiva (ŽIŽEK, 1996a; 2008b).

Debruçando-nos um pouco mais atentamente sobre a questão do objeto *a*, este conceito será articulado mais plenamente por Lacan apenas em seu Seminário XI: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Retornando à dimensão do Real, Lacan estabelece sua relação com o objeto *a*, bem como com a pulsão de morte (JORGE; FERREIRA, 2005; HOMER, 2005). Ele chega inclusive a afirmar que toda pulsão é pulsão de morte (LACAN, 1988), remetendo ao segundo dualismo pulsional freudiano entre Eros e Tânatos (JORGE, 2010). Em sua releitura de Freud, Lacan friza que a pulsão é da ordem do Real, uma vez que não há a possibilidade de satisfação plena da pulsão. Freud já apontava para a existência de um objeto original perdido, que era substituído pelos objetos pulsionais, de caráter variável e indiferente, o que fazia com que a satisfação alcançada pela pulsão nunca fosse de fato aquela almejada inicialmente. Isto leva Lacan a introduzir aquela que considera ser sua invenção e contribuição maior, o conceito de objeto *a*, fundamental para ele, estando presente nas três dimensões de registro lacanianas (VALAS, 2001; HOMER, 2005).

A *das Ding*, a Coisa freudiana, é a versão anterior ao objeto *a* lacaniano. O objeto perdido freudiano nunca existiu de fato, sempre foi faltoso (FINK, 1998). O objeto *a* seria a própria representação do objeto enquanto faltoso, um vazio que pode ser representado parcialmente por outro objeto. Lacan afirma que o objeto *a* funciona como a presença de uma cavidade (LACAN, 1988). Esta falta que constitui o objeto da pulsão é a mesma que constitui o núcleo do inconsciente, o que faz com que este núcleo faltoso do Real seja também o núcleo em torno do qual o inconsciente se estrutura enquanto linguagem, na ordem do Simbólico (VALAS, 2001; JORGE; FERREIRA, 2005; JORGE, 2008). Neste sentido Fink (1998, p. 120) defende que “o objeto *a* é o resto desse processo de constituição de

um objeto, os restos que escapam ao domínio da simbolização. É uma lembrança de que existe algo mais, talvez alguma coisa perdida, talvez ainda a ser encontrada”.

Jacques-Alain Miller afirma haver uma forte antítese entre o seminário VII e o seminário XI quanto ao entendimento do gozo, uma vez que neste último Lacan propõe uma aliança entre a ordem do simbólico e o gozo. Segundo Miller

Em A ética da psicanálise, temos, de maneira global, uma apresentação do gozo maciço, colocado em um lugar que, normalmente, não é alcançável e exige uma transgressão, um forçamento, o gozo é colocado num lugar abissal ao qual somente se tem acesso pela transgressão. No Seminário sobre Os quatro conceitos, temos um gozo fragmentado em objetos pequeno *a*. Ele não está situado em um abismo, mas em uma pequena cavidade. (MILLER, 2012, p. 17).

O objeto *a* pode ser assim entendido como o próprio vazio em si que precisa ser preenchido, o objeto êxtimo relacionado com a constituição do sujeito enquanto ser desejante. Ele é o objeto causa do desejo, presença espectral que dá corpo à falta que sustenta o desejo do sujeito. Por outro lado, o objeto *a* é precisamente o aquilo que oferece preenchimento fantasmático ao vazio da lacuna da subjetividade, fornecendo uma pretensa positividade (ŽIŽEK, 2000). O objeto *a* é o objeto paralático por excelência, aquele que escapa a nossa compreensão simbólica e que muda de acordo com a mudança de posição do sujeito (ŽIŽEK, 2008a).

O objeto *a* é aquilo que evoca o desejo, e o põe em movimento num processo metonímico contínuo entre os diferentes objetos (significantes) particulares. O desejo em si não tem objeto. Ele segue a lógica do movimento dialético que o conduz de um significante para o próximo significante indefinidamente. O desejo segue apenas a lógica de sua própria perpetuação, não de sua satisfação. Aqui se distingue desejo de demanda, uma vez que esta segunda diz respeito à necessidade de uma satisfação específica (FINK, 1998).

Assim, o desejo está intimamente ligado ao objeto *a*, também denominado de objeto causa do desejo. Neste sentido Fink (1998, p. 116) afirma que “o desejo não tem ‘objeto’ como tal. Ele tem uma causa, uma causa que o traz ao mundo, aquilo que Lacan denominou objeto *a*, causa do desejo”.

Neste ponto cabe reforçarmos a distinção entre desejo e pulsão. O desejo se propaga na cadeia metonímica infinita do objeto faltoso e nunca se satisfaz,

fundamentando-se na ação proibitiva da Lei. Já a pulsão não é o simples movimento circular circunscrito que produz prazer. Ao contrário, a pulsão está ligada ao fracasso em alcançar o gozo pleno do encontro com a Coisa, e na transformação deste fracasso em um gozo parcial, produzindo assim sua própria satisfação. Assim, enquanto o desejo segue a lógica metonímica dos objetos parciais, a pulsão é a própria fixação em si, que se dá em torno destes objetos. O objeto da pulsão não é algum objeto perdido (como no caso do desejo), mas sim a própria perda em si (ŽIŽEK, 2014).

Žižek (2014) defende que a meta da pulsão é alcançar o objeto de desejo. Entretanto esta meta funciona como um êngodo, já que seu verdadeiro alvo é o permanente fracasso em alcançar o objeto. É deste fracasso em alcançar o gozo pleno que a pulsão gera o mais-gozar.

E é aqui que podemos estabelecer outra relação da análise do capitalismo com a psicanálise, na passagem de desejo para pulsão. Žižek (2008a) recorre a Jacques-Alain Miller para mostrar que, enquanto o desejo está ligado à falta constitutiva referente a um vazio espacial, a pulsão circula em volta de buraco, uma ruptura radical, na ordem do ser. O capitalismo interpela os sujeitos como consumidores, regulando e definindo seus desejos e estimulando o próprio desejo de desejar, ao mesmo tempo em que oferece as mercadorias capazes de satisfazer a estes desejos. Mas indo além, num nível mais profundo e sistêmico, a pulsão se faz presente de forma inerente ao capitalismo no seu movimento de circulação infinita, na busca incessante por circulação e acumulação de capital enquanto um fim em si mesmo. Mais uma vez, a pulsão tem como meta o objeto em torno do qual ela circula, mas seu alvo é, na verdade, a manutenção do próprio movimento infundável de circulação (ŽIŽEK, 2008a). Logo, por meio da adoção do olhar da psicanálise, a primazia do caráter econômico de nossa sociedade contemporânea pode ser interpretada como algo inerente à estrutura energético-libidinal coletiva (BECKER, 2010).

Assim como Žižek, Becker (2010) também entende o capitalismo como uma economia de gozo e defende sua análise por meio de um olhar pautado na teoria psicanalítica. Para ele o sujeito é marcado por uma falta-a-ser constitutiva e é atravessado pelas coisas que constituem o mundo que o cerca. Enquanto falta-a-ser, o sujeito do inconsciente deseja sem saber ao certo o por quê, “ele padece do significante, e não de uma questão ontológica. Com certeza padece também das formas de apresentação do enigma de sua ex-sistência, construído pela lógica do significante” (BECKER, 2010, p. 78).

Neste ponto a noção de mais-gozar entra em evidência em sua relação de homologia com a noção marxista de mais-valia. Ambos são restos que escapam e não são incluídos na rede de representações simbólicas, na equivalência das trocas. O capitalismo nos introduz num ciclo de obrigação de satisfação contínua e imediata. Surgem os múltiplos fragmentos de gozo, encarnações parciais do objeto *a*, que oferecem uma promessa de um mais-gozar (BECKER, 2010).

Em consonância com Becker, Žižek (2000) destaca o link existente entre o a dinâmica capitalista da mais-valia, a dinâmica libidinal do mais-gozar encarnado no objeto *a* e o paradoxo do superego apontado por Freud. Nos três casos percebemos em ação uma lógica comum, segundo a qual “quanto mais lucro gero, mais devo buscar”, “quanto mais eu tenho o que desejo, maior o sentimento de falta”, “quanto mais submetido ao superego, mais culpado me sinto”. Esta lógica pode ser explicada por meio da análise do objeto *a* e o mais-gozar que gera.

A transição elaborada por Lacan da Coisa ao mais-gozar – do gozo pleno e inacessível, que ameaça a própria existência do sujeito, ao movimento da proliferação dispersa de uma multidão de gozos encarnados nos gadgets de consumo – permite que analisemos com mais atenção a sociedade de consumo capitalista contemporânea como uma Ordem (Simbólica) que não mais está fundamentada na proibição ao gozo, mas ao contrário, que solicita aos sujeitos a transgressão das proibições, incitando-os à busca de “gozos parciais” (Žižek, 2012). “Aí reside a economia libidinal do ‘consumo’ capitalista: na produção de objetos que não simplesmente contentam, satisfazem, uma necessidade já existente, mas que criam a necessidade que eles dizem satisfazer” (Žižek, 2012, p. 85).

Jacques-Alain Miller é preciso ao diagnosticar nossa realidade:

[...] a noção de mais-gozar tem por função estender o registro dos objetos pequeno *a* para além dos objetos que são, de algum modo, “naturais”, estendê-los a todos os objetos da indústria, da cultura, da sublimação [...] É o que Lacan chama de miúdos objetos pequeno *a*, o que pulula na sociedade para causar nosso desejo e tamponar a falta de gozo, mas apenas por um instante, pois a repetição não se detém. Tudo o que nos é permitido gozar, o é por pedacinhos. [...] Vemos nosso mundo cultural se inundar dos substitutos do gozo que são os nadicas de nada. São esses bocadinhos do gozo que conferem seu estilo próprio ao nosso modo de vida e ao nosso modo-de-gozar (MILLER, 2012, p. 36).

Este mesmo processo de acesso a gozos parciais é denominado por Žižek de “sublimação cultural”. Nele, os objetos *a* tornam-se mercadorias seguindo uma lógica de mercado. Uma pluralidade de objetos de consumo, objetos ordinários quaisquer, assume temporariamente o papel de objetos *a* parciais. Estes objetos são elevados a uma condição sublime, para depois serem desmascarados em sua ordinareidade (ŽIŽEK, 2000; 2012). Este processo, todavia, permanece ligado a uma falta fundamental, constitutiva do sujeito, servindo de motor para o consumo capitalista (ŽIŽEK, 2012). O que é interessante notarmos é que, nesta lógica da necessidade de constante substituição de bens que perpetua o sistema capitalista (ŽIŽEK, 2000), o que antes era uma transgressão idealizada e demandada de forma implícita, hoje se torna a Lei superegóica desublimada do gozo em favor dos excessos em todos os âmbitos (ŽIŽEK, 2006).

4.3 Ideologia e imperativo do gozo

Partindo dos conceitos abordados acima, Žižek trabalha a ideologia como sendo não apenas a falsa consciência ou representação ilusória da realidade. A ideologia é a própria realidade, cuja existência implica não-conhecimento da parte de seus participantes. Ideológico não é a falsa consciência do ser social, mas sim o próprio ser social enquanto suportado por esta falsa consciência (ŽIŽEK, 2008b). A ideologia não é uma ilusão para fugirmos da realidade, ela é uma fantasia que serve para nos ajudar a suportar a própria realidade: a função da ideologia é oferecer a realidade social que nos permite escapar de elementos traumáticos do Real. Para além da “falsa consciência” marxista, a ideologia surge como uma ilusão socialmente necessária, perspectiva pautada no entendimento da psicanálise acerca do fetichismo, que leva o sujeito a, enquanto consome imagens ilusórias, agir como se não soubesse o que está fazendo (ŽIŽEK, 2008b).

Na contemporaneidade já temos consciência da existência da distorção em nosso entendimento da realidade, contudo nós adotamos uma postura cínica na qual mesmo sabendo da existência da ideologia nós continuamos agindo de acordo com ela. Entretanto, acreditar, longe de ser puramente um estado mental, se materializa em nossas atividades sociais efetivas. Logo, a mistificação da ideologia não está localizada na dimensão do “saber”, mas sim na dimensão do “fazer”, no nível das nossas práticas cotidianas (ŽIŽEK, 2008b). Daí a afirmação de nos encontrarmos em uma época supostamente pós-ideológica, que se sustenta exatamente pelo fato de que a ideologia não

funciona mais numa lógica sintomal, na qual a construção ideológica seria comprometida pela irrupção de sintomas que rasgariam sua superfície simbólica, mas sim numa lógica fetichista, segundo a qual o próprio sintoma é, enquanto exceção perturbadora, incorporado e aceito como a forma de lidar com a inconsistência do edifício ideológico (ŽIŽEK, 2011a).

Este entendimento da ideologia a partir de uma concepção psicanalítica também passa pela contribuição teórica de Louis Althusser, A teoria da ideologia de Althusser é precisa em reconhecer a lacuna entre os níveis da experiência ideológica individual (o processo de interpelação) do aparato material que a sustenta (Os aparelhos ideológicos). A ideologia opera no espaço das regulações não-faladas, implícitas, com as quais o sujeito tem uma relação não-reflexiva. É o ar que nos rodeia e o qual respiramos espontaneamente em nossas interações diárias, em ações que aceitamos por julgarmos naturais (ŽIŽEK; 2014). Althusser defende que para o marxismo tradicional, materialismo significa que a ideologia é alicerçada em um processo material extra-ideológico de (re)produção social. Contudo, o que se perde de vista aqui é a existência material da ideologia em si nos Aparelhos Ideológicos de Estado (ALTHUSSER, 1996) como definidos por Althusser por meio das práticas e rituais institucionalizados (ŽIŽEK; 2014). Mas Žižek vai além da proposição althusseriana, lembrando Lacan ao indicar que há uma materialidade específica das ideias, imanente à Ordem Simbólica. Esta máquina sem significado preciso é o que Lacan chamou de Grande Outro, que opera para além de quaisquer materializações concretas em práticas ou rituais institucionalizados (ŽIŽEK; 2014).

Ainda em relação a Althusser, Žižek destaca como outra limitação de sua teoria da ideologia sua incapacidade de perceber a complexidade do processo de interpelação. Althusser não percebe que antes do reconhecimento ideológico há um breve momento de interpelação sem identificação. Logo, o indivíduo constitui-se como “sempre-já” sujeito. Há um sujeito que precede o processo de subjetivação em si, de identificação simbólica, apontados por Althusser. Não é a identificação simbólica em resposta à interpelação que constitui o sujeito. O sujeito já está lá antes de ser interpelado. Está lá enquanto sujeito da falta-a-ser. Este “sempre-já” sujeito é o sujeito barrado (\$) da teoria lacaniana, o sujeito do vazio (ŽIŽEK; 2014).

Sob a ótica de Žižek, a ideologia permeia toda a sociedade, pautando nossas concepções e nos conduzindo à reprodução e fortalecimento de conceitos já estabelecidos na realidade social em que estamos imersos. Assim, o sujeito surge como mera manifestação simbólica da ordem vigente que ele mesmo reproduz (LUSTOSA; PIRES, 2012). Neste ponto faz-se necessário ressaltar a existência do espectro da ideologia, que é a falha da ideologia em acomodar todos os aspectos do Real dentro da realidade (Ordem Simbólica), o que acaba por revelar seu caráter de construção ideológica (ŽIŽEK, 1996b).

A ideologia seria, então, o modo em que a ficção da auto identidade é construída por meio da estrutura da linguagem e, de modo mais abrangente, pela ordem simbólica – qualquer sistema de comunicação, como a linguagem, o discurso, o sistema de troca monetária. Sendo assim, a ideologia não é uma ilusão para fugirmos da realidade. Pautados pela ideologia, elaboramos as nossas fantasias como mecanismos de construção/suporte da própria realidade, o que nos permite escapar de elementos traumáticos do Real. Estas fantasias são construídas em torno do vazio da ordem simbólica, e é exatamente a partir deste vazio que estabelecemos o(s) objeto(s) do nosso desejo: é a fantasia que, de forma inconsciente, nos ensina o que e como desejar. A frustração da incapacidade de realização de nosso desejo – oriunda do fato de nosso desejo ser construído em torno do vazio, da falta estrutural da ordem simbólica – dá origem ao gozo, a pulsão que nos anima dentro da dimensão simbólica (ŽIŽEK; 1996a; 2008a; 2008b).

As ideologias dominantes da atualidade apresentam em comum a primazia pelo gozo. Surge então uma imposição do imperativo do gozo. O que antes era apresentado na forma de proibições a desejos condenáveis, hoje se tornou uma pressão pela satisfação destes desejos. Neste movimento de mudança ideológica o gozo se tornou algo obrigatório (ŽIŽEK, 2008a). Este imperativo inverte o imperativo ético kantiano “Você pode, por que deve”, transformando-o na injunção superegógica “Você deve, por que pode!”. O superego atua no sentido de pressionar o sujeito ao gozo incessante e, paradoxalmente, impossível. O sujeito é convocado a um dever, interpelado eticamente a gozar (ŽIŽEK, 2000).

E, uma vez que na sociedade contemporânea transferimos as relações entre pessoas para as relações entre coisas (mercadorias), “a cultura de consumo encontra seu perfeito complemento num superego dedicado ao gozo” (KUL-WANT; PIERO, 2012, p.

107). Nosso desejo não gira mais em torno do desejo pelo inatingível e proibido do gozo sempre ausente, mas sim se constitui em função dos objetos de desejo sempre presentes, que dão origem a um círculo vicioso de gozo insaciável e incessante (KUL-WANT; PIERO, 2012).

Nesta lógica perversa do capitalismo a mercadoria é, enquanto particularidade concreta, tida como desnecessária. São as imagens fantasmáticas que passam a ser compreendidas como fonte de desejo e valor (FONTENELLE, 2005). Uma vez que o ato de consumo destrói o objeto representante da fonte de gozo, o consumidor carece de substituí-lo. Assim, o sublime objeto de desejo, fonte de gozo, transfere-se e materializa-se em objetos particulares concretos, portadores efêmeros da função de satisfazer o consumidor (RAMOS, 2007). É a partir desta lógica de necessidade de constante substituição de bens de consumo que o sistema capitalista se perpetua num ciclo constante de obsolescência acelerada das mercadorias, que podem ser entendidos como objetos de desejo (ŽIŽEK, 2000).

Este imperativo do gozo se torna a lei (RAMOS, 2007) e conduz o indivíduo a um sentimento de infelicidade. Temos que consumir, comprar, comer, transar. Aproveitar a vida a cada instante. No entanto, não é o gozo o que alcançamos, mas uma ideia simulada de gozo (KUL-WANT; PIERO, 2012; CEDERSTRÖM; SPICER, 2015). O indivíduo, no papel de consumidor, encontra-se em meio ao dilema de, por um lado satisfazer a pulsão de gozo ditada pelo Outro (ordem simbólica coletiva) da ideologia de consumo e, por outro perceber-se insatisfeito a todo instante com as respostas que o sistema lhe oferece para atender a seus desejos (RAMOS, 2007). E esta impossibilidade de atender plenamente a este mandato superegóico do gozo gera um sentimento de culpa constante (CEDERSTRÖM; SPICER, 2015).

O método ideológico por excelência é o da naturalização e universalização de afirmações e crenças, sendo assim, a meta da crítica da ideologia deve ser a de denunciar essa falsa universalidade/naturalidade. Existem duas formas de realizar esta crítica à ideologia: a) a forma discursiva, que revela a ideologia como um conjunto de significantes dispersos totalizados em torno de pontos nodais – o que remete à Teoria do Discurso de Laclau e Mouffe (1985); b) e a outra forma, que visa a extração do núcleo do gozo, articulando a forma na qual a ideologia implica, manipula e produz um gozo pré-ideológico, estruturado na fantasia (ŽIŽEK, 1996a). É através deste segundo caminho que

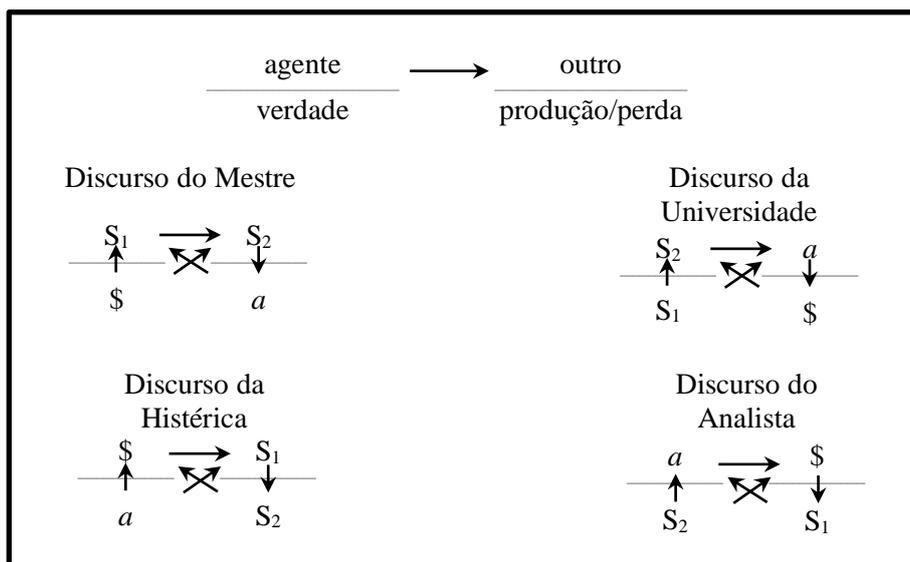
Žižek argumenta ser possível desvelar os mecanismos que atuam no nível ideológico na sociedade contemporânea. Tal abordagem da crítica da ideologia parte da premissa da psicanálise lacaniana de que toda ordem social é marcada por um excesso libidinal que impulsiona as ações dos indivíduos de forma inconsciente e inexorável: a *jouissance*, ou gozo. Žižek investiga, então, a formação das ideologias num contexto de mudanças deste excesso libidinal, bem como da economia política do capitalismo tardio (FELDNER; VIGHI, 2009). Neste sentido, recorrendo novamente ao arcabouço teórico lacaniano, a proposição acerca dos quatro discursos fundamentais se apresenta como um método para a crítica à ideologia em consonância com a articulação teórica žižekiana.

4.4 Os quatro discursos fundamentais

Partindo da constatação de Freud a respeito do mal-estar civilizatório e de sua influência em toda a psicanálise acerca do laço social, Lacan apresenta sua teoria dos quatro discursos fundamentais. Para Lacan, o laço social é entendido como discurso, fundado na relação entre os campos da linguagem e do gozo. O laço social é organizado por meio dos atos de governar, educar, ser educado e se fazer desejar, expressões dos quatro discursos fundamentais (ŽIŽEK, 1998; BUENO, 2011). Os discursos são possibilidades enunciativas de acesso ao gozo e de estabelecimento de vínculo social (BUENO, 2011; TEIXEIRA; COUTO, 2010), assumindo e seguindo a definição de significante de Lacan como aquilo que representa o sujeito para outro significante (ŽIŽEK, 1998).

A fim de desenvolver sua articulação acerca dos quatro discursos Lacan toma de empréstimo a lógica matemática e a escrita da estrutura algébrica, elaborando seus matemas. Lacan utiliza quatro letras, ou termos (S_1 , S_2 , $\$$, a) com funções lógicas específicas, e as distribui dentro de um esquema de quatro posições, ou lugares (agente, outro, produção e verdade) ligados por vetores. Cada variação de configuração da posição dos termos nos lugares remete a um dos quatro discursos fundamentais: o Discurso do Mestre, da Universidade, da Histórica e do Analista. E cada discurso pressupõe a existência e mobilização dos outros três (ŽIŽEK, 1998; BUENO, 2011; FINK, 1998; CASTRO, 2009; BRAUNSTEIN, 2010). A Figura 1 representa a distribuição dos matemas referentes aos quatro discursos fundamentais de Lacan.

FIGURA 1 – OS QUATRO DISCURSOS FUNDAMENTAIS DE LACAN



FONTE: ADAPTADO DE ROSA (2010).

O Discurso do Mestre é o discurso inicial na articulação teórica lacaniana, uma vez que “o gesto do mestre é o gesto fundacional de todo laço social” (ŽIŽEK, 2005, p. 111), remetendo à própria constituição do sujeito significante (MELLO, 2010). Neste discurso o lugar dominante do agente é preenchido pelo termo S_1 , o significante-mestre. O mestre relaciona-se com o escravo (S_2), seu outro, revelando a influência da dialética do senhor-escravo hegeliana (FINK, 1998). O Discurso do Mestre é marcado pelo caráter arbitrário do poder e da vontade cega e sem razão. É aquele em que “eu sou o que eu digo”, ou seja, aquele no qual o nível da enunciação coincide com o nível do conteúdo enunciado. O significante-mestre representa o sujeito (\$) para outro significante, ou seja, um significante sem significado estabiliza a cadeia significante, como uma âncora que busca oferecer estabilidade e referência para o restante da cadeia ordinária de significantes (S_2), o saber ou conhecimento (ŽIŽEK, 1998; FINK, 1998; SKARE, 2012). Numa possível situação de confusão e instabilidade social, na qual o poder de coesão da ideologia vem perdendo força, o Discurso do Mestre surge como aquele capaz de gerar um novo significante-mestre que servirá de ponto nodal para a construção de uma nova rede de conhecimento que organizará o espaço social, produzida pelo Discurso da Universidade (ŽIŽEK, 1998).

Este processo é sustentado pela ilusão de completude do significante mestre, que esconde a verdade de sua incompletude enquanto castrado pela linguagem (\$). Como

produto é gerada uma perda inevitável, fruto da demanda fracassada da linguagem, o resto que resiste à representação simbólica (a). O sujeito (\$) tenta assimilar este excesso (a) por meio do estabelecimento de uma relação fantasmática, que pode ser representada pelo matema lacaniano da fantasia ($\$ \langle a \rangle$) (ŽIŽEK, 1998). Assim, o Discurso do Mestre tem como base o mito de sua totalidade e univocidade, que atua na negação da sua castração simbólica gerada pela linguagem (BUENO, 2011).

No Discurso da Universidade é o saber (S_2) que assume o lugar do agente, fundamentando seu discurso na razão e racionalização, um saber neutro (ŽIŽEK, 1998; FINK, 1998). O Discurso da Universidade assume o papel do Discurso do Mestre substituindo a arbitrariedade deste último pela racionalidade do tudo-saber (ŽIŽEK, 1998; SKARE, 2012). O saber tem como seu outro o objeto a , o indivíduo a ser educado, a ser transformado em sujeito. Esta relação produz um sujeito barrado (\$) (ŽIŽEK, 1998), sintomatizado (BUENO, 2011). Mas o que o Discurso da Universidade esconde é que a verdade que o suporta é a do poder, a do significante-mestre, aquele sem significado (ŽIŽEK, 1998). Ou seja, não importa qual a argumentação a ser construída pelo Discurso da Universidade, desde que assuma o caráter de racional (FINK, 1998).

É no Discurso da Universidade que Lacan trata da relação entre poder e conhecimento de forma mais específica. Aqui a autoridade é exercida por meio do conhecimento especializado, levando a um cenário no qual o mal-estar da civilização contemporânea se deve, em parte, ao fato de que a dimensão do conhecimento cresceu de forma desproporcional em relação aos efeitos do poder (ŽIŽEK, 2011a).

Em seguida temos o Discurso da Histórica, o discurso do sujeito barrado (\$) como agente. Enquanto o Discurso da Universidade fundamenta seu saber no exemplo do significante-mestre e o racionaliza, o Discurso da Histórica realiza o movimento inverso, assumindo o (S_1) como seu outro (ŽIŽEK, 1998; FINK, 1998). Para Lacan, este seria o discurso que nos motiva a buscar saber (BUENO, 2011).

O sujeito barrado (\$) busca em seu outro (S_1) significantes que possam lhe ajudar a compreender o seu sintoma, provocado pela castração simbólica (ŽIŽEK, 1998). O sujeito questiona o outro na tentativa de produzir um saber (S_2) sobre o seu próprio desejo (a) e a falta do gozo pleno (ŽIŽEK, 1998; TEIXEIRA; COUTO, 2010), que ocupa o lugar de verdade inconsciente deste sujeito, ou seja, um saber sobre quem é ele mesmo e sobre o

que o Outro deseja e o que espera dele (ŽIŽEK, 1998). O sujeito histórico se mostra aterrorizado pela possibilidade de ser reduzido a um objeto, objeto de desejo do outro. Neste sentido, O sujeito histórico é o sujeito cuja própria existência é marcada por uma dúvida indelével que conduz ao questionamento sobre o que ele representa para o Outro, uma vez que o sujeito existe apenas enquanto resposta ao enigma do desejo do Outro. Sendo assim, o sujeito histórico é o sujeito por excelência (ŽIŽEK, 1998).

Por fim, o Discurso do Analista é aquele no qual o objeto *a* assume o lugar de agente e caracteriza-se por ser diametralmente oposto ao Discurso do Mestre (ŽIŽEK, 1998; BUENO, 2011). Enquanto condição desejante pura, o agente reduz a si mesmo ao papel do vazio capaz de interpelar seu outro, o sujeito barrado (\$), forçando-o a confrontar-se com o vazio de seu desejo, na tentativa de levá-lo a produzir um significante-mestre (S_1), o sintoma inconsciente. O significante-mestre seria o código do gozo, ao qual o sujeito seria sujeitado sem saber (ŽIŽEK, 1998; 2008a).

Este significante-mestre pode ser uma palavra ou frase que não possui relação com nenhuma outra, como um beco sem saída na linguagem que interrompe o discurso do sujeito barrado (\$). A partir do momento em que o sujeito tenta estabelecer uma relação entre este significante-mestre e um significante binário ocorre a subjetivação (FINK, 1998). No lugar de verdade que permite a operação deste discurso se encontra o suposto saber do analista, um saber (S_2) inconsciente imbricado na cadeia significativa à espera de ser subjetivado (ŽIŽEK, 1998; FINK, 1998).

Ao elaborar sua teoria dos quatro discursos fundamentais Lacan estabelece que não existe uma metalinguagem que escape aos limites de um discurso. A linguagem sempre opera dentro de um discurso específico e este processo sempre requer uma perda de gozo e o estabelecimento de uma verdade que o motivo (FINK, 1998).

4.4.1 Quatro discursos mais um: o Discurso do Capitalista

Pouco depois de apresentar sua formulação dos quatro discursos fundamentais Lacan introduziu uma perturbação em seu esquema. Ele sugeriu a existência de outro discurso, que não seria especificamente um quinto discurso, mas sim a torção do Discurso do Mestre. O mestre antigo, que promovia a formação de sujeitos regulados pela lei, foi substituído ao longo dos últimos três séculos pelo mestre moderno que incita a satisfação

direta de aspirações e demandas, a despeito da lei. Esta renovação do Discurso do Mestre dá origem ao Discurso do Capitalista, que surge da transformação, ou pequeno giro, do Discurso do Mestre a partir de seu encontro com as ciências (BRAUNSTEIN, 2010; ROSA, 2010; TEIXEIRA; COUTO, 2010; BUENO, 2011). O pequeno giro a que Lacan se refere é a inversão dos lugares dos termos S1 e \$. Além disto, percebemos a eliminação do vetor que liga a posição do agente ao outro, a inversão do vetor anteriormente ascendente que partia da verdade para o agente, que passa então a partir do agente para a verdade e, por fim, o surgimento do encontro até então impossível do sujeito e do objeto *a*, próprio da estrutura da fantasia ($\$ \langle \rangle a$) (BRAUNSTEIN, 2010; BUENO, 2011). Tais mudanças são representadas pela seguinte fórmula:



Enquanto no discurso da histórica o agente (\$) se dirige ao outro (S1), buscando a produção de um saber (S2), no discurso do capitalista o agente (\$) não se dirige a nenhum outro, lhe importa apenas que o objeto *a* seja produzido e retorne às suas mãos, independentemente de quem seja este outro, produtor anônimo a seu serviço. A razão de ser do capitalista é a extração desta mais-valia manifestada na produção do mais-de-gozar (ŽIŽEK, 2008a). Este processo de produção gera as latusas, ou servomecanismos, objetos técnicos prontos para consumo, análogos ao objeto *a*. A produção dos servomecanismos se dá não a partir da relação estabelecida entre o agente e o outro, mas pela relação entre o S1 enquanto verdade e o S2, o saber. É o saber científico, impessoal, o responsável por esta produção. O sujeito limita-se a fazer semblante de que é o mestre, não se percebendo sujeito a nada, quando na verdade sujeita-se e faz agir a ordem do mestre. Assim, o Discurso do Capitalista aproxima-se do Discurso da Universidade, tendo o saber como agente indireto, que reproduz as ordens do mestre transmitindo-as a um outro (BRAUNSTEIN, 2010). Podemos traduzir a fórmula do Discurso do Capitalista de maneira a considerar o agente como o consumidor, enquanto a verdade passa a ser o capital, que recorre à ciência para produzir as mercadorias que são oferecidas para consumo (BUENO, 2011). Tal formulação pode ser representada da seguinte maneira:



4.4.2 O Discurso Contemporâneo: do Capitalista ao Analista

Referindo-se à lógica do sistema capitalista Žižek (2008a, p. 89) afirma que

No nível imediato em que se dirige aos indivíduos, é claro que o capitalismo os interpela como consumidores, como objetos de desejo, provocando neles desejos perversos, excessivos e sempre novos (para cuja satisfação oferece produtos); além disso, é óbvio que também manipula o “desejo de desejar”, louvando o próprio desejo de desejar objetos e modos de prazer sempre novos. [...] A pulsão é inerente ao capitalismo em nível mais fundamental e *sistêmico*: é ela que impele toda a máquina capitalista, é ela a compulsão impessoal de se empenhar no movimento circular interminável de autorreprodução expandida. Entramos no modo de pulsão no momento em que a circulação de dinheiro como capital se torna “um fim em si, pois a expansão de valor só ocorre dentro desse movimento constantemente renovado. A circulação de capital, portanto, não tem limite”. (Não podemos esquecer aqui da bem conhecida distinção que faz Lacan entre o alvo e a meta da pulsão: enquanto a meta é o objeto em torno do qual a pulsão circula, seu [verdadeiro] alvo é a continuação sem fim dessa circulação como tal).

Partindo da fórmula dos quatro discursos de Lacan o discurso da Universidade e o Discurso da Histórica expressam duas consequências do declínio do discurso do Mestre pré-moderno e da ascensão do mestre moderno capitalista, revelando duas dimensões distintas desta modernidade: a administração total, com o conhecimento especializado da burocracia e a dinâmica individualista-capitalista da subjetividade capitalista histórica, que se perpetua pelo ciclo permanente de crise e revolução interna por meio da integração do excesso da mais-valia ao seu funcionamento normal (ŽIŽEK, 2008a).

Quanto à relação entre o Discurso do Capitalista e o do Analista, esta se mostra ainda mais complexa. A princípio a função do Discurso do Analista seria a de, tendo no lugar de agente o objeto a , interpelar o sujeito (\$) a partir de seu saber (S_2) que ocupa o lugar da verdade, a fim de produzir o significante-mestre que estrutura o inconsciente do sujeito (Žižek, 2008a). Contudo, é preciso destacar que a parte superior do Discurso do Analista coincide exatamente com a fórmula da perversão (a - $\$$). O perverso é aquele que ocupa a posição de objeto do desejo do outro histerizado (\$), que não sabe o que quer. O perverso sabe (S_2) sobre o desejo do outro por ele, levando-o a produzir o significante-mestre (S_1) que eleva o sujeito histórico ao papel de mestre. Este vínculo

social perverso derivado do Discurso do Analista é o que caracteriza a civilização contemporânea (ŽIŽEK, 2008a).

Braunstein (2010) também aborda esta questão, apontando que em um de seus seminários Lacan teria deixado no ar a possibilidade de aparição de um novo discurso que se somaria ao Discurso do Capitalista como fundamentais para o nosso tempo. Braunstein, assim como Žižek, reconhece este discurso como uma versão do Discurso do Analista, mas opta por chama-lo de discurso dos mercados.

Em nossa sociedade capitalista regida pela lógica do consumo, o agente do vínculo social é o objeto *a*, a encarnação do mais-gozar, o mercado enquanto impessoal ser sem rosto nem voz. Este agente passa a funcionar como injunção superegóica de gozo, interpelando o sujeito (\$) a gozar a incessantemente, pressionando-o a cumprir um mandato impossível. E quem mais seria este sujeito senão o consumidor contemporâneo, sujeito do inconsciente e do sintoma por excelência? A injunção de gozo do objeto *a* é fundamentada pelo conhecimento técnico-científico (S_2) que sustenta a sociedade pós-industrial, com vistas a produzir significantes-mestres (S_1) que permitam ao sujeito lidar com a convocação de gozo, Nomes-do-Pai efêmeros, que cumprem a função de âncora e referência (ŽIŽEK, 2008a; BRAUNSTEIN, 2010).

5 Proposta de pesquisa

Apesar da pertinente contestação do uso do termo “pós-moderno” para designar uma nova ideologia emergente, a proposição de Lyotard estabeleceu um novo significante-mestre que descrevia um momento de mudança sociohistórica. E no nível do consumo, um dos principais fatores que pode ser destacado neste momento pós-68 foi o fortalecimento do “capitalismo cultural” (ŽIŽEK, 2011a), marcado tanto pela mercadorização da cultura quanto pela culturalização da economia de mercado. A cultura é cada vez menos uma dimensão específica e isolada do mercado, mas sim seu componente central. Žižek defende que este movimento é evidente especialmente na cena artística, contudo acreditamos que esta realidade pode ser extrapolada para as demais esferas do mercado, produzindo um aparato econômico-cultural no qual este curto circuito entre cultura e mercado exige a constante necessidade de geração de produtos capazes de chocar e “revolucionar” a cada instante, para reproduzir-se (ŽIŽEK, 2000).

O consumo passa a ser orientado por três dimensões que se mostram correlatas com a tríade lacaniana do Real-Simbólico-Imaginário, na qual o último nível se sobrepõe cada vez mais sobre os outros: não mais compramos pela utilidade direta, o que Marx chamou de valor de uso (Real) ou pelo símbolo de status, como na tese do consumo conspicuo de Veblen (Simbólico), mas sim compramos pela experiência prazerosa e significativa (Imaginário) que o consumo pode nos oferecer (ŽIŽEK, 2011a). A ideia difundida na sociedade contemporânea é a de que o consumo tem como função sustentar “a qualidade da vida, seu tempo deveria ser um ‘tempo de qualidade’ – não tempo de alienação, de imitação de modelos impostos pela sociedade [...], mas tempo de realização autêntica de meu verdadeiro Eu, do jogo sensual da experiência” (ŽIŽEK, 2011a, p. 53). Entretanto não nos parece que é esta realidade a que encontramos cotidianamente.

Desta forma, cabe questionarmos como, em uma época em que se condena o consumo alienado em favor da experiência autêntica, do hedonismo e da busca da felicidade como objetivo de vida, identificamos um número crescente de disfunções de consumo (consumo compulsivo, destrutivo...) e de casos de ansiedade e depressão (ŽIŽEK, 2011a; 2011b; CEDERSTRÖM; SPICER, 2015)? Mais uma vez, a resposta aponta

para uma sociedade permissiva, organizada sob a égide do gozo numa ideologia do superego hedonista. Vemos articulados aqui os diferentes discursos fundamentais de Lacan, num cenário em que a autoridade é exercida pelo saber sem rosto de um conhecimento impessoal e inquestionável em prol de uma lógica capitalista, e em que ao sujeito histericizado é concedida a angustiante liberdade de escolha diante das infinitas opções de mercadorias, objetos *a* por excelência, materializações da promessa de completude que nos seduz e nos move em direção a um gozo sempre parcial (ŽIŽEK, 2011a). O gozo é assim alçado à posição de fator econômico central (MADRA; OZSELÇUK, 2010) na constituição de uma configuração social que pode ser denominada como uma economia do gozo (BECKER, 2010).

Neste cenário se estabelece a Lei do superego, a Lei do gozo obsceno. Antes tínhamos a Lei pública patriarcal como ideal do eu, no nível da ordem simbólica que regula e orienta o espaço social, e a Lei do superego como seu suporte obsceno que permitia a transgressão da Lei simbólica como uma forma específica de gozo, fonte última da unidade de uma comunidade. Hoje temos uma Lei pública igualitária, que ao ser transgredida dá lugar a uma Lei superegógica autoritária que não cessa em determinar nossas atitudes e demandar o gozo (ŽIŽEK, 2006). A este respeito Žižek (2006) aponta o “erro” de Bakhtin em analisar a Lei pública da cultura oficial contraposta por uma transgressão superegógica idealizada na figura da cultura carnavalesca. O que antes era uma transgressão idealizada e demandada de forma implícita hoje se torna a Lei superegógica desublimada do gozo. A transgressão da Lei hoje é a própria Lei.

Neste momento, retomando a ideia do carnaval como um produto cultural inserido num cenário de mercadorização da cultura, ou de capitalismo cultural, a festa pode ser entendida como uma encarnação possível do objeto *a* etéreo da teoria psicanalítica. O carnaval, e neste caso mais especificamente o carnaval do Recife, se apresenta de maneira mais ampla como a materialização do objeto de desejo ao converter-se em produto cultural a ser ofertado no mercado. Neste sentido, podemos vislumbrar o que parece ser a articulação dos discursos fundamentais na constituição da festa carnavalesca de Recife. Cada um dos discursos lacanianos trata a dimensão do gozo de uma maneira específica em sua própria constituição, e por meio de cada um deles nos parece possível compreender como o imperativo do gozo fundamenta uma ideologia de mercadorização no contexto do carnaval de Recife.

5.1 Procedimentos metodológicos

A seguir apresentaremos a caracterização de nossa pesquisa, discutiremos a estratégia de pesquisa escolhida por nós e os procedimentos de construção e análise do corpus de pesquisa adotados para a condução deste estudo.

5.1.1 Caracterização da pesquisa

Diante da articulação teórica exposta nas páginas anteriores e em consonância com a postura crítica por nós adotada, na busca por caminhos metodológicos que se alinhem com nosso trabalho, entendemos ser adequada a adoção de uma abordagem de pesquisa qualitativa, como forma de nos aproximarmos da compreensão da “realidade” em toda sua complexidade e múltiplas representações (LINCOLN; GUBA, 2006). Tal escolha se dá pela natureza do estudo ora proposto e as características inerentes a esta abordagem, já que não pretendemos explicar o fenômeno objeto do estudo, mas sim compreendê-lo em suas particularidades (DENZIN; LINCOLN, 2007).

Os estudos qualitativos assumem que a realidade social é um produto coletivo da atribuição de significados, de caráter processual e reflexivo, cujas circunstâncias “objetivas” tornam-se relevantes por meio de significados subjetivos (FLICK; KARDORFF; STEINKE, 2004). Em virtude disto, o pesquisador pode conduzir sua pesquisa por meio de métodos diversos de coleta de dados, apreendendo a realidade estudada (FLICK, 2009; CRESWELL, 2010). Valendo-se da reflexão contínua e de uma visão ampla dos fatos investigados o pesquisador interpreta e confere significados aos fenômenos objeto de estudo, na busca por revelar como verdades são estabelecidas e instrumentalizadas dentro de um dado espaço sócio histórico (CRESWELL, 2010; BAUER; GASKELL; ALLUM, 2002; DENZIN; LINCOLN, 2007; PAIVA JR; LEÃO; MELLO, 2011). A pesquisa qualitativa se caracteriza ainda, pela flexibilidade e capacidade de adaptação (GODOI et al., 2006).

Em nossa investigação, optamos pela pesquisa documental como procedimento a ser utilizado na construção de nosso *corpus* de pesquisa. Este tipo de pesquisa é caracterizado por estudos que têm documentos como seu material primordial, submetendo-os a um processo de organização, análise e interpretação de acordo com o propósito delimitado para a pesquisa (PIMENTEL, 2001). Tais documentos devem apresentar informações pertinentes sobre o fenômeno estudado (MOGALAKWE, 2006).

As fontes documentais podem ser entendidas como artefatos produzidos por indivíduos ou grupos de indivíduos no curso de suas práticas diárias, com um propósito e fundamentado por determinados pressupostos. Os documentos não são produzidos com vistas a serem pesquisados, mas sim como produtos espontâneos capazes de nos dizer algo acerca da realidade social em questão. Cabe ao pesquisador estar ciente da origem, propósito e audiência inicial de cada documento analisado (MOGALAKWE, 2006).

Mogalakwe (2006) aponta alguns princípios gerais a serem levados em consideração na condução de uma pesquisa documental. O primeiro princípio é o de autenticidade, que se refere à origem da evidência e se ela é genuína. Em seguida temos o princípio da credibilidade, segundo o qual a evidência deve estar livre de erro e distorção em relação ao grupo das demais evidências do qual faz parte. O princípio da representatividade diz respeito ao fato do documento consultado ser representativo do grupo de documentos ao qual pertence. E por fim, o princípio do significado, relativo ao nível de clareza e compreensibilidade do documento.

Uma vez que nossa pesquisa abrange um recorte temporal específico, podemos ainda considerar este estudo como sendo de caráter longitudinal. Flick (2009), afirma que a pesquisa qualitativa de caráter longitudinal pode ser caracterizada pela observação de um fenômeno duas ou mais vezes ao longo de um intervalo de tempo, ou de um acontecimento ou processo passado, a fim de identificar possíveis mudanças relativas a este fenômeno.

A seguir trataremos dos procedimentos adotados para a realização da pesquisa empírica referente ao desenvolvimento deste estudo. Em primeiro lugar abordaremos a técnica e critérios definidos para a construção do *corpus* de pesquisa, bem como a apresentação e caracterização do levantamento preliminar deste *corpus* realizado previamente. Em seguida serão discutidos os procedimentos analíticos utilizados e os critérios de qualidade da pesquisa qualitativa que nortearão este trabalho.

5.1.2 Construção do corpus de pesquisa

A palavra *corpus* vem do latim e tem como significado “corpo”. Sendo assim, nas pesquisas qualitativas em ciências sociais a noção de *corpus* diz respeito a uma coleção finita de materiais específicos selecionados de maneira inevitavelmente arbitrária pelo

pesquisador/analista a fim de desenvolver seu estudo. Esta arbitrariedade deve ser entendida menos como uma questão de conveniência do pesquisador e mais como um princípio inevitável. Contudo, não se deve ignorar a necessidade de os materiais selecionados apresentarem certa homogeneidade. Materiais de características distintas devem ser separados em diferentes *corpus*, formando assim uma *corpora*, ou seja, um conjunto de *corpus* (BAUER; AARTS, 2002).

No caso específico deste estudo, nossa análise cobriu os anos de 1985, 1995, 2005 e 2015. Decidimos pela análise de um ano em cada década, estabelecendo um padrão de intervalo de 10 anos e partindo retroativamente do contexto atual da festa, em 2015, até o ano de 1985, a fim de viabilizarmos a pesquisa de maneira a abranger um intervalo maior de tempo, cobrindo três décadas. O ano de 2015 diz respeito ao período em que ocorreu a mudança da gestão municipal da cidade do Recife, o que acarretou em alterações na organização do evento e seu realinhamento de acordo com o planejamento da gestão vigente. Foi, inclusive, neste período que a festa de carnaval deixou de adotar o termo “Multicultural”. Este modelo de carnaval “Multicultural” é representado em nosso *corpus* pelo ano de 2005, período em que a proposta de multiculturalidade já estava consolidada após quatro anos de sua implantação. Em seguida temos o ano de 1995, como um momento da festa em que a presença dos trios elétricos na festa era marcante, e 1985, ano em que a sociedade passava por mudanças políticas e o carnaval do Recife presenciava a crescimento do bloco do Galo da Madrugada, criado em 1978. A definição do intervalo de três décadas na construção de nosso *corpus* de pesquisa segue um critério teórico, uma vez que Néstor Braunstein (2010) identifica o Discurso dos Mestres como um discurso da contemporaneidade, com seu surgimento tendo seu antecipado por Lacan na década de 1970, quando da identificação do Discurso do Capitalista. Assim, optamos por estabelecer o intervalo de abrangência de três décadas para nossa pesquisa por entendermos para que a década de 1980 é o período aproximado do surgimento do Discurso dos Mercados, e a escolha do ano de 1985 se deu a fim de mantermos o padrão de intervalo de 10 anos entre cada um dos anos de nossa análise.

A pesquisa documental por nós desenvolvida teve como foco as edições diárias dos jornais Diário de Pernambuco e Jornal do Comércio das cinco semanas imediatamente anteriores ao fim de semana de carnaval (no qual ocorrem as prévias carnavalescas), as edições dos dias da festa e as edições das duas semanas imediatamente posteriores ao evento (quando são divulgadas as repercussões da festa). A definição deste

intervalo de sete semanas foi estabelecida com base na realização de uma pesquisa preliminar que nos permitiu identificar qual o período em que as notícias referentes ao carnaval são veiculadas nestes veículos de forma mais contundente. A escolha por realizarmos a pesquisa documental junto a jornais impressos se deu pelo fato de estas mídias oferecerem homogeneidade de dados entre os anos contemplados em nossa pesquisa, permitindo acesso a dados de mesma natureza referentes tanto ao carnaval de 1985 quanto ao de 2015, por exemplo. O critério utilizado na escolha dos dois jornais impressos específicos em questão se deu por estes serem os dois veículos de maior prestígio no estado de Pernambuco, sendo o Diário de Pernambuco o jornal impresso mais antigo da América Latina ainda em circulação e o Jornal do Comércio o jornal impresso de maior circulação média (ANJ, 2015).

Após a definição dos anos contemplados em nossa pesquisa, o levantamento documental culminou com um *corpus* de pesquisa composto por 810 arquivos. O Quadro 1 apresenta a distribuição dos arquivos selecionados em cada um dos quatro anos analisados.

| | 1985 | 1995 | 2005 | 2015 | TOTAL |
|-----------------------------|-------------|-------------|-------------|-------------|--------------|
| Diário de Pernambuco | 126 | 116 | 117 | 89 | 448 |
| Jornal do Comércio | 73 | 126 | 114 | 49 | 362 |
| TOTAL GERAL | | | | | 810 |

QUADRO 1 – LEVANTAMENTO PRELIMINAR DO *CORPUS* DE PESQUISA

FONTE: ELABORADO PELOS AUTORES

Vale ressaltar que consideramos como matérias os textos jornalísticos em geral, apresentando maior extensão e profundidade e por vezes envolvendo a posição e fala de diferentes agentes. Desta forma, desconsideramos colunas de opinião, por julgarmos que estes textos representam opiniões individuais muito específicas, e notas jornalísticas, por apresentarem textos muito curtos o que muitas vezes inviabiliza uma análise mais completa e aprofundada.

Como critério de seleção dos trechos identificados definimos que todos eles devem tratar do carnaval de Recife em alguma medida, independentemente do(s) agente(s) envolvido(s). Definimos também que os trechos selecionados não podem ser caracterizados como anúncios ou matérias pagas, uma vez que estas representariam uma intencionalidade diferente dos demais textos. Por fim, descartamos os textos de chamadas

de matérias encontrados nas capas dos jornais ou dos cadernos internos aos jornais por julgarmos que tais textos estariam em duplicidade com a própria matéria a que fazem referência.

5.2 Procedimentos Analíticos: a Análise de Discurso Lacaniana

Tendo em vista o aporte teórico žižekiano adotado na realização desta pesquisa e a pergunta norteadora apresentada anteriormente, definimos como procedimento de análise de nosso *corpus* de pesquisa a Análise de Discurso Lacaniana, por entendermos que esta está alinhada epistemológica e metodologicamente com nossa pesquisa e oferece as condições necessárias para condução de nossa investigação. A seguir discutiremos brevemente as bases desta abordagem e detalharemos como pretendemos aplicá-la em nossa análise.

A Análise de Discurso Lacaniana, denominação mais ampla para o conjunto de possibilidades de aplicação da teoria psicanalítica lacaniana em pesquisa social ou psicossocial, surge alinhada ao questionamento da concepção de um sujeito integral e completo (PAVÓN-CUÉLLAR; PARKER, 2014). Esta abordagem tem como uma de suas fontes os estudos desenvolvidos sob influência de perspectivas feministas, marxistas e pós-estruturalistas (PARKER; PAVÓN-CUÉLLAR, 2014). A psicanálise oferece, a partir de um rico vocabulário, a possibilidade analítica de uma maior ênfase na dimensão afetiva do discurso e da intersubjetividade (YOUNG, 2014).

Neste ponto, julgamos relevante destacarmos o caráter contingencial da psicanálise, de significantes flutuantes. Esta característica aproxima o estruturalismo da psicanálise lacaniana, fundado na linguística estrutural, da perspectiva pós-estruturalista. Contudo, faz-se necessário ressaltar que, enquanto o pós-estruturalismo foucaultiano e deleuziano, por exemplo, sugere a existência de múltiplas estruturas, discursos heterogêneos e relações de poder, todos imanentes à dimensão do social, o estruturalismo lacaniano enfatiza uma estrutura incompleta, precária e instável, mas uma estrutura, pautada nos ancoramentos possíveis dos significantes que estabilizem os deslizamentos dos fluxos das cadeias significantes (Lima, 2006; Souza; Souza; Silva, 2013).

Ao apresentar as bases da Análise de Discurso Lacaniana (que doravante trataremos como ADL) enquanto método analítico de pesquisa social, Ian Parker (2014) aponta sete elementos centrais para a condução de uma ADL, que podem ser encarados como princípios norteadores da prática da ADL. O Quadro 2 sintetiza estes elementos.

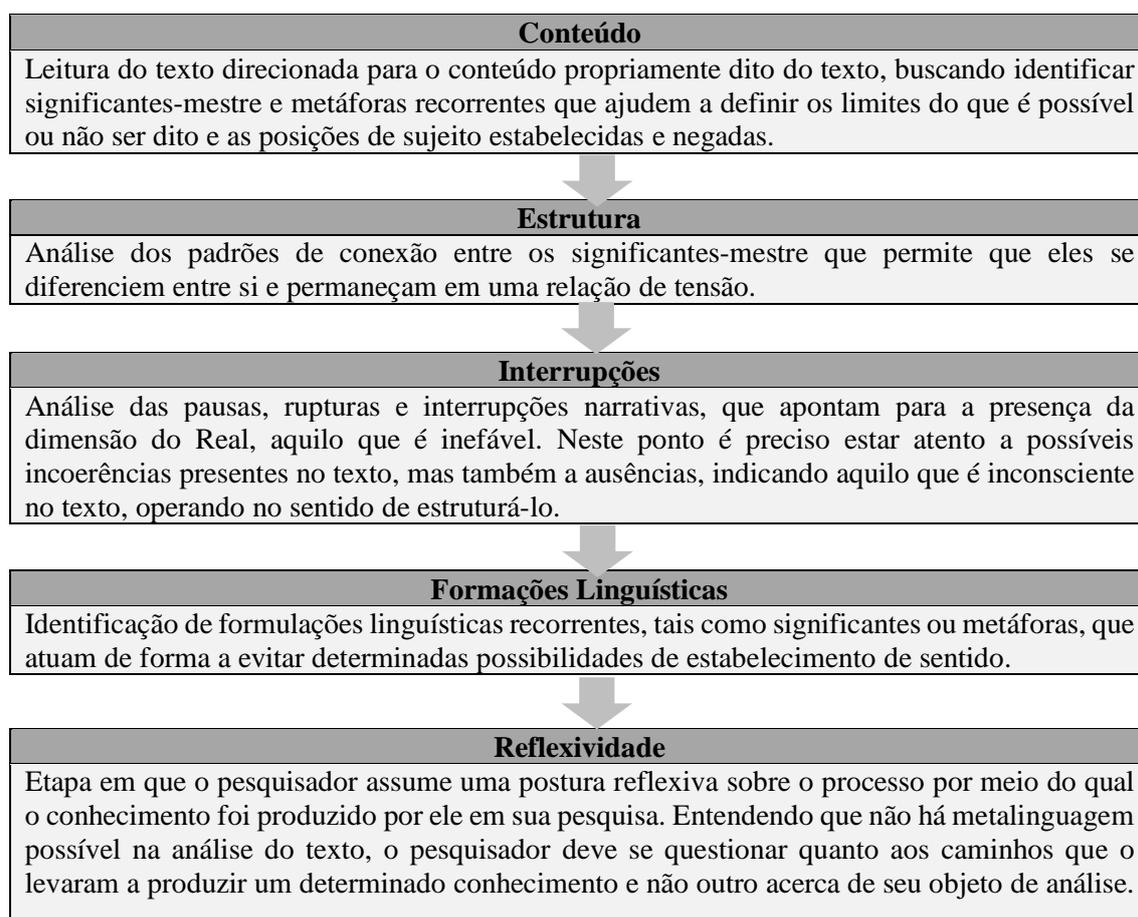
| Princípios da Análise de Discurso Lacaniana | Descrição |
|---|--|
| Qualidades formais do texto | Sob a influência da linguística estrutural, a ADL tem como preocupação central debruçar-se por sobre a organização dos significantes em um texto, com atenção para sua estrutura formal, tratando a língua como um sistema de diferenças sem termos positivos. O objeto seria menos a identificação de termos ou frases que sintetizem o texto e mais a busca por significantes vazios aos quais os sujeitos (\$) estão assujeitados em suas falas. |
| Âncoras de representação | Os <i>points de capiton</i> lacanianos, pontos fixos em volta dos quais o texto circula, por meio de padrões. O que se busca aqui são significantes ou substitutos metafóricos recorrentes no texto, significantes-mestre (S1) que operam em posições dominantes no texto, fazendo com que os demais significantes (S2) sejam significados apenas em relação a ele, muitas vezes operando numa lógica retroativa de significação. |
| Agência e Determinação | Destaca a ênfase criativa concedida ao aspecto da significação. Neste ponto o inconsciente estruturado como linguagem é crucial. E ao analisar um texto este inconsciente pode ser percebido nas lacunas do texto, naquilo que não foi dito para que outra coisa pudesse ser dita. O inconsciente na ADL funciona como as ausências no texto. Aqui o conceito de objeto <i>a</i> surge também como uma propriedade do discurso, o ponto gravitacional inefável, ao mesmo tempo ausente do texto, mas capaz de ordená-lo, oferecendo-nos a possibilidade de traçarmos padrões segundo os quais o sujeito do discurso circula em volta desta ausência. |
| Papel do conhecimento | Ao falarmos com outros sujeitos particulares a dimensão Simbólica do sistema da linguagem opera sobre nós na figura do grande Outro. Isto apresenta consequências sobre o conhecimento que o sujeito assume para si e para o Outro. Na ADL partimos deste princípio para buscar no texto pontos em que o conhecimento é presumido, indicando, por exemplo, relações de poder e autoridade. Isto remete aos próprios discursos fundamentais lacanianos e em como se baseiam na relação estabelecida entre o sujeito e o Outro. |
| Posições na linguagem | A atividade discursiva define as posições dos sujeitos em relação uns aos outros dentro da cadeia significante. Este ponto remete à afirmação lacaniana de que não há metalinguagem possível. Na análise de um texto isto está presente no fato de que toda enunciação é dirigida a uma audiência, com num apelo por reconhecimento, assim podemos buscar no texto trechos em que a fala busca uma resposta e em que esta resposta surge revelando-se presente na própria mensagem original. |
| Impasses de perspectiva | Pontos no texto em que o Real irromperia como pontos de ruptura. Traumas no texto que são encobertos rapidamente. Pontos que indicam algo que indizível. Isto seria o mais próximo que poderíamos chegaríamos do Real. Neste sentido, as próprias discordâncias acerca de determinado ponto de vista podem ser entendidas como consequências destes impasses. |
| Interpretação de material textual | A análise lacaniana surge como uma forma de interpretação que busca revelar os significados submersos sob os significantes. O analista deve trabalhar dentro do domínio do texto, buscando expandir o texto, explorando-o e desordenando-o na tentativa de tornar seu funcionamento mais claro. Nesta busca, assim como no Discurso do Analista, o conhecimento do analista fundamenta a leitura dos textos na tentativa de fazer emergir significantes-mestre como produto desta leitura. |

QUADRO 2 – OS SETE PRINCÍPIOS DA ANÁLISE DE DISCURSO LACANIANA
 FONTE: Adaptado de Parker (2014).

Aqui cabe distinguirmos o sujeito da enunciação enquanto sujeito real e o sujeito do enunciado enquanto sujeito simbólico. O primeiro é o indivíduo de carne e osso, enquanto que o sujeito simbólico nada mais é do que um significante. Na perspectiva lacaniana, o sujeito real emerge do ato de enunciação, ele passa a existir por meio deste ato. Neste caso, o que é dito depende do que o sujeito pode, deve ou quer dizer em uma dada circunstância. O significante dito pode ser aplicado a qualquer sujeito, mas o dizer em si não será o mesmo. Por meio da fala a estrutura social significante cria o sujeito, particularizando a estrutura neste ato. O que se busca é a análise da cadeia significante do discurso e da sujeição do indivíduo à estrutura (PAVÓN-CUÉLLAR, 2014).

Alinhado a estes princípios estabelecidos por Parker, Young (2014) indica procedimentos a serem executados na condução da ADL. Estes procedimentos funcionariam como camadas concêntricas abordando os seguintes pontos: **conteúdo, estrutura, interrupções, formulações linguísticas e reflexividade**. A Figura 2 apresenta estes cinco procedimentos.

FIGURA 2 – PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DE DISCURSO LACANIANA



FONTE: Adaptado de Young (2014).

Seguindo Pavón-Cuéllar (2014), ressaltamos ainda os limites aos quais a ADL se restringe. Este limite é o do texto em si e do discurso analisado. É preciso ter em mente que o discurso sobre o qual nos debruçamos no texto não “pertence” aos sujeitos, ele é na verdade o discurso do Outro, apenas expresso pelos sujeitos. É neste Outro (a estrutura significante da linguagem, ou o sistema simbólico da cultura) que o discurso se encontra. E por meio da Análise de Discurso Lacaniana podemos penetrar nesta dimensão simbólica que fundamenta, organiza, unifica e rompe aquilo que chamamos sociedade (Pavón-Cuéllar, 2014).

5.3 Critérios de Qualidade da Pesquisa

Uma vez que esta pesquisa se caracteriza como estudo qualitativo, é pertinente apresentarmos os critérios por meio dos quais este tipo de trabalho busca garantir rigor científico e qualidade ao conhecimento que produz (PAIVA JR; LEÃO; MELLO, 2011).

Em primeiro lugar, o próprio processo de construção do *corpus* de pesquisa é um critério a ser considerado ao avaliar a qualidade de uma pesquisa, tendo em vista que o *corpus* tem função equivalente à amostra representativa e ao tamanho da amostra. Apesar desta equivalência, o objetivo da construção do *corpus* na pesquisa qualitativa é menos a amplitude e quantidade de dados e mais a maximização da variedade de representações desconhecidas (BAUER, AARTS, 2002; CRESWELL, 2010; PAIVA JR; LEÃO; MELLO, 2011). Nossa pesquisa atende a este critério ao se propor a construir um *corpus* coeso, formado por dados homogêneos entre si.

Outro critério apontado por Paiva Jr., Leão e Mello (2011) é o de descrição rica e detalhada. A clareza com que o pesquisador demonstra como foram conduzidos o processo de construção do *corpus*, documentação e análise permite que os leitores compreendam da melhor maneira possível as escolhas feitas durante a condução da pesquisa e viabiliza a outros pesquisadores reconstituírem tais procedimentos em diferentes situações. Além disto, devemos nos preocupar em descrever de forma detalhada o contexto em que a pesquisa se desenrolou. Neste sentido, pretendemos apresentar nossos resultados por meio de uma descrição rica e detalhada dos textos abordados em nossa análise, tratando do contexto em que foram produzidos e publicados.

Um terceiro critério de qualidade diz respeito à reflexividade do pesquisador, que ocorre tanto antes como depois do acontecimento, dando origem a um processo de transformação na forma como o pesquisador entende o fenômeno estudado, uma vez que ele mesmo vai se uma pessoa diferente gradativamente. O processo de pesquisa, a partir do pesquisador, passa constantemente por um processo de reflexão e reestruturação de acordo com o desenvolvimento do trabalho, contribuindo para a melhoria dos resultados obtidos e para a diminuição dos vieses interpretativos (PAIVA JR et al., 2011).

Por fim, temos como critério final de qualidade a triangulação, que objetiva minimizar as insistências e contradições de uma pesquisa por meio da convergência. No caso particular desta pesquisa, adotaremos o critério específico de triangulação por meio de múltiplos pesquisadores. Este tipo de triangulação se refere à participação de mais de um pesquisador na condução de diferentes fases da pesquisa (PAIVA JR; LEÃO; MELLO, 2011). No que compete a este trabalho, seguiremos a sugestão de Creswell (2010), que aponta a possibilidade da presença de uma pessoa que possa acompanhar o processo de análise e interpretação do *corpus*, naquilo que poderíamos chamar de validação de análise.

6 Apresentação dos Resultados

Ao longo deste capítulo abordaremos cada um dos seis discursos discutidos na fundamentação teórica de nossa pesquisa, apresentando como se comportaram ao longo dos anos de nossa análise. Contudo, antes disto, julgamos pertinente apresentarmos um exemplo ilustrativo de como conduzimos o procedimento analítico de cada um dos textos que integraram nosso *corpus* de pesquisa, detalhando como foi aplicada a Análise de Discurso Lacaniana, de acordo com os princípios e procedimentos expostos no capítulo anterior.

A Figura 3 é referente à matéria intitulada “O Carnaval já está nas ruas”, publicada pelo Jornal do Comércio em 12 de fevereiro de 2015.

FIGURA 3 – EXEMPLO DE ANÁLISE: O CARNAVAL JÁ ESTÁ NAS RUAS



FONTE: 1995-JC_FEV_009

Em seguida, na Figura 4, apresentamos esta mesma matéria com marcações decorrentes do procedimento analítico a fim de facilitar o entendimento do detalhamento do processo de análise e a identificação de cada um dos trechos aos quais iremos nos referir.

FIGURA 4 – EXEMPLO DE ANÁLISE COM MARCAÇÕES: O CARNAVAL JÁ ESTÁ NAS RUAS



FONTE: 1995-JC_FEV_009

A análise da Figura 3 se inicia, numa primeira etapa, com a leitura do conteúdo do texto e busca por significantes-mestre ou metáforas que o organizam. Neste ponto podemos identificar como significantes-mestre (S_1) os termos “Carnaval” (vermelho escuro), “Tradição” (azul escuro) e “Magnitude” (verde escuro), explícitos no texto. O termo “Carnaval” é o mais presente em toda a matéria, trabalhando como centro gravitacional da organização de grande parte do texto. Já “Tradição” e “Magnitude” surgem em uma relação direta com “carnaval”, assumindo a centralidade de cadeias significantes específicas dentro da matéria, com um alcance mais limitado. Nos três casos os significantes em questão funcionam como noções centrais que desempenham o papel de agentes de articulações discursivas, dentro da lógica lacaniana dos discursos fundamentais. Para além dos significantes-mestre apontados, percebemos também três metáforas que tratam dos diferentes ritmos dividindo espaço (amarelo), da grande intensidade da folia (roxo) e dos adereços como preparação para a festa (cinza). Estas três metáforas atuam, assim como os significantes-mestre citados acima, como agentes na articulação discursiva de parte do texto da matéria.

Assim, num segundo momento da análise passamos a nos debruçar sobre a estrutura do texto para identificar as conexões que cada um destes elementos estabelece, formando diferentes blocos dentro do texto. Cada um destes elementos atua na organização de partes específicas da matéria. O termo “Carnaval” articula três cadeias significantes (S_2) distintas, a primeira delas já no título da matéria (marrom) estabelece a presença do carnaval nas ruas do Recife, a segunda relativa às características e práticas presentes na festa (vermelho claro), e a terceira referente à capacidade da festa de atrair e agradar diferentes perfis de foliões. Por sua vez o significante “Tradição” é a referência para a cadeia significante das agremiações que podem ser vinculadas a esta noção e consideradas tradicionais. “Magnitude” mantém relação com a cadeia significante (S_2) que trata da dimensão da festa (verde claro). As metáforas referentes aos diferentes ritmos da festa (amarelo), à intensidade da festa (roxo) e ao uso de adereços como preparação para a festa (cinza), por sua vez, enquanto metáforas e não significantes únicos, têm uma cadeia significante interna a si mesmas. A primeira metáfora (amarelo) apresenta uma cadeia que se forma na descrição dos diferentes ritmos presentes na festa. A segunda metáfora (roxo) se estabelece com base na cadeia da intensidade da festa. E por fim, a terceira metáfora (cinza) estabelece uma cadeia na qual se descreve alguns dos adereços necessários para a brincar a festa.

Neste ponto, numa terceira etapa de análise, nos voltamos para as interrupções presentes no texto, que podem indicar elementos abaixo da superfície do textual aparente. Por meio destas interrupções torna-se possível apontar lacunas no texto onde aquilo que, por pertencer ao nível do Real, não pode ser significado se faz presente. As marcações em preto demonstram estas interrupções. A primeira das interrupções, ainda no título do texto, suspende a cadeia significante sem que seja explicitada em que ruas o carnaval está presente, sugerindo assim uma onipresença. A segunda interrupção deixa em aberto a expressão “É carnaval”, neste momento o texto muda de rumo sem que seja oferecida a definição do que é o carnaval, demonstrando o caráter de significante-mestre da palavra. Mais adiante, ao estabelecer que o carnaval é onde “tudo é permitido” há uma nova interrupção na cadeia significante, que cessa antes de apontar a que corresponde o “tudo” que é permitido. Assim como no caso da interrupção que vem depois do trecho “tem espaço para todo mundo”, que acaba por deixar indefinido quem são as pessoas incluídas na expressão “todo mundo”, conferido a ela uma maior abrangência via indefinição.

A terceira marcação em preto acontece logo após o texto apresentar a cadeia que define que “aqui acontece a maior festa do mundo”. Esta interrupção faz com que não seja apresentado o porquê da festa que acontece “aqui” ser considerada a “maior festa do mundo”. Algumas linhas adiante esta cadeia é retomada e ampliada com a apresentação de números relacionados com o carnaval, que contará com “773 agremiações oficiais, além de mais de 300 blocos e troças não oficiais que arrastam centenas de pessoas”. Uma nova interrupção ocorre e o texto muda de direção, passando a abordar a intensidade da folia de maneira breve, sendo imediatamente seguida de mais uma interrupção, sem que o texto se aprofunde na discussão desta folia e do que a compõe. Retornando no texto à quarta marcação preto, temos uma nova interrupção após a metáfora acerca da presença de diferentes ritmos dividindo o espaço da festa. A metáfora é abandonada logo após ser apresentada, nomeando ritmos presentes na festa, e o texto segue noutra direção, construindo outra cadeia significativa.

Em seguida temos uma nova interrupção depois do trecho em azul, referente à cadeia significativa das agremiações que possuem um caráter tradicional. Esta lacuna no texto nega a explicação do porquê as agremiações em questão podem ser consideradas tradicionais, deixando esta questão em aberto e continuando o texto a partir de outra articulação discursiva. Já no final da matéria, mais duas interrupções se fazem notar. A primeira delas vem depois do trecho em cinza, referente à metáfora da brincadeira por meio dos adereços, não especificando em que consiste a brincadeira de carnaval. A última interrupção, assim como na outra passagem em roxo, diz respeito à indefinição da folia e do que a caracteriza. Por meio desta etapa de identificação das interrupções é possível percebermos o que não é expresso no texto, o que pode nos auxiliar a compreender a lógica por trás de cada uma das articulações das cadeias significantes ao longo do texto.

A partir de então, tendo em mente os elementos centrais do texto identificados na primeira camada de análise, das relações estabelecidas com o restante do texto e das interrupções apontadas é possível estabelecer formações linguísticas que se estabelecem como fruto da relação entre estas camadas de análise. Em primeiro lugar temos o “Carnaval” como significante-mestre de uma cadeia (S_2) que define uma ligação entre o carnaval e “as ruas”, esta articulação entre S_1 e S_2 tem como fruto a manifestação da festa de rua como algo concreto, mas que não é caracterizada ou explicada, sendo assim associada com o matema do objeto a . Desta forma, se estabelece uma primeira formação linguística, **Carnaval é a festa de rua** (marrom). Em seguida temos o “carnaval” como

um espaço onde tudo é permitido. Esta articulação é sustentada pela posição discursiva do folião (\$) e dá origem a uma face específica da festa como objeto *a* personificado pelos excessos indefinidos em sua potencialidade que são sugeridos. A partir desta relação identificamos a formação linguística **Carnaval é a festa dos excessos** (vermelho). Neste ponto é preciso acrescentar que a marcação em vermelho no trecho “a irreverência de A Porta e do Bloco Gay” também pertence a esta formação, já que em nossa análise o comportamento irreverente foi identificado como faceta dos excessos do carnaval.

Ainda relativa ao significante-mestre “Carnaval”, há a articulação deste com a cadeia significante que estabelece a presença dos diferentes foliões na festa, dando origem a uma figura genérica do folião, sem contornos claros e que permite abarcar os mais diversos perfis de indivíduos. Assim surge a formação linguística **Carnaval é feito pelos foliões** (rosa). Estas três formações se mostram relativas ao Discurso do Mestre, sendo regidas pelo S₁ “Carnaval” e produzindo os objetos *a* festa de rua, excessos possíveis na festa e o perfil genérico do folião, todos produtos que existem apesar de sua imprecisão.

Em seguida temos, ainda relacionado ao Discurso do Mestre, as formações **Magnitude da festa carnavalesca** (verde) e **Tradição faz parte da festa de carnaval** (azul). A primeira é organizada retroativamente por meio da inserção do S₁ “Magnitude” ao final do texto, ordenando a cadeia (S₂) que dimensiona a festa em uma relação que produz o objeto *a* da própria festa em si em suas diversas possibilidades como uma manifestação grandiosa, mas difícil de ser definida. Já o S₁ “Tradição” ordena a cadeia das agremiações que são consideradas tradicionais (S₂) e produz como objeto *a* uma faceta da festa que ressalta esta dimensão tradicional.

É possível identificar ainda três formações relativas ao Discurso dos Mercados, em que é o objeto *a* sempre ausente que rege a articulação discursiva. Primeiro temos a metáfora da coexistência dos diversos ritmos presentes na festa como uma cadeia (S₂) que dá suporte ao objeto *a* ausente materializado pela expressão de diferentes ritmos que juntos fazem parte e são a festa. Este objeto *a* interpela um sujeito pressuposto e neste processo produz um S₁ implícito no texto que definimos como “Ecletismo”. Assim temos a formação linguística **Festa de carnaval é eclética** (amarelo).

A formação **Festa oferece animação** (roxo), também é estruturada de acordo com o Discurso dos Mercados. Aqui a curta cadeia significante (S₂) que aponta a grande

intensidade da festa sustenta uma concepção da festa em si, que apesar de ausente de forma explícita no texto atua de forma sutil de demandar do sujeito-folião (\$) que este desfrute e participe desta animação. Para tanto, esta demanda produz um S_1 que permita ao folião lidar com esta demanda, neste caso o significante “Alegria”, implícito no texto.

Por fim, a cadeia significante dos adereços necessários para brincar a festa fundamente e alude a encarnação do objeto *a* pelas fantasias e purpurinas, que interpelam um suposto folião (\$) a entenderem estes mesmos adereços como requisitos necessários para que tenham acesso ao que de fato é o “Carnaval”, que surge aqui como um significante-mestre (S_1) implícito. Logo, tem-se origem a formação linguística **Fantasia carnavalesca é parte do carnaval**.

Após a identificação das formações linguísticas presentes no trecho em questão uma etapa final se faz necessária, na qual buscamos adotar uma postura reflexiva em relação ao processo de produção deste conhecimento. Neste caso, percebemos que optamos por considerar o “Carnaval” como ideia abstrata como significante-mestre, enquanto as manifestações concretas da festa em si como objeto *a* e que a percepção e identificação dos significantes-mestre implícitos, fruto da ação das metáforas e do objeto *a* são definidos levando em consideração a própria experiência e contato prévio com a festa, bem como a inserção e vivência dentro do contexto do carnaval do Recife.

Ressaltamos ainda que, assim como na Figura 4, as demais figuras apresentadas ao longo deste capítulo correspondem a edições das matérias originais realizadas a fim de viabilizar sua apresentação e leitura devido às limitações de espaço. Além disto, as figuras serão identificadas da mesma maneira da Figura 4 (1995-JC_FEV_007), informando, respectivamente, o ano da matéria, o jornal (JC, Jornal do Comércio, DP, Diário de Pernambuco) em que foi publicada, o mês e o número da matéria em nosso *corpus*.

Ao término do processo de análise do *corpus* de pesquisa, seguindo as etapas de análise apresentadas anteriormente, foram identificadas 65 formações linguísticas ao todo. Cada uma das formações foi nomeada tendo como referência a lógica de articulação dos matemas do discurso fundamental a que pertence. Assim, por exemplo, formações pertencentes ao Discurso do Mestre forma nomeadas preservando o termo que desempenha o papel de S_1 no início de seu nome e o objeto *a* da referida formação em seu final. Tal lógica foi utilizada na criação do nome de cada uma das 67 formações.

Uma vez que estas formações apresentavam aproximações entre si, buscamos agrupá-las de acordo com estas proximidades. Para tanto, utilizamos como critério geral de agrupamento o pertencimento das formações a um mesmo discurso fundamental e as semelhanças entre as manifestações dos matemas de cada formação. Assim sendo, formações pertencentes ao Discurso do Mestre que apresentam um mesmo S_1 ou a , foram agrupadas, na maioria das vezes. Contudo, nos casos em que as manifestações dos matemas não eram semelhantes, mas apresentavam proximidade conceitual também optamos por criar agrupamentos. Antecipamos que, ao representarmos os matemas de cada formação, optamos por utilizar um esquema de cores a fim de identificar as relações entre matemas de formações de um mesmo grupo. Os matemas referentes a uma mesma formação apresentarão cores idênticas, e quando um mesmo matema se fizer presente em duas ou mais formações optamos por representa-lo na cor preta. Desta maneira, a fim de melhor organizar as formações eliciadas, as reunimos em 26 grupos de formações. O Quadro 3 apresenta a distribuição dos grupos e formações linguísticas em cada discurso.

| DISCURSOS LACANIANOS | GRUPOS DE FORMAÇÕES | FORMAÇÕES LINGUÍSTICAS |
|-----------------------------|----------------------------|-------------------------------|
| Discurso do Mestre | 5 | 12 |
| Discurso da Universidade | 5 | 10 |
| Discurso da Histórica | 8 | 18 |
| Discurso do Analista | 1 | 4 |
| Discurso do Capitalista | 2 | 7 |
| Discurso dos Mercados | 5 | 14 |

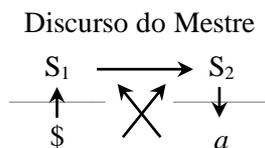
QUADRO 3 – DISTRIBUIÇÃO DE GRUPOS E FORMAÇÕES LINGUÍSTICAS
 FONTE: ELABORADO PELOS AUTORES

A seguir trataremos de cada um destes discursos, apresentando os grupos que os compõem e as diferentes formações linguísticas que estão associadas a cada discurso.

6.1 Discurso do Mestre

Fundamento do próprio laço social, o Discurso do Mestre é caracterizado pela dominância do significante-mestre (S_1), enquanto agente do discurso, sobre a cadeia significante (S_2), que assume o papel do outro deste agente. O significante-mestre ordena e estabiliza arbitrariamente o restante da cadeia significante, sob o pretexto ilusório de sua capacidade de conceder significado ao todo social, encobrendo a verdade de sua incompletude inevitável devido à castração da linguagem ($\$$). Esta busca do significante-mestre, sustentado pela verdade do sujeito barrado, em conceder significado ao restante

da cadeia significativa dá origem a um resto que não se enquadra na representação simbólica da linguagem, o objeto (*a*). Aplicando os matemas lacanianos o Discurso do Mestre pode assim ser representado:



A partir deste entendimento do funcionamento do Discurso do Mestre, a análise do *corpus* de pesquisa referente ao carnaval da cidade do Recife permitiu a identificação de doze formações linguísticas, divididas em cinco grupos distintos, com base nas aproximações na configuração de seus matemas. O Quadro 4 apresenta a distribuição das formações nos quatro anos analisados, bem como suas definições.

| FORMAÇÕES LINGÜÍSTICAS | DEFINIÇÕES | 1985 | 1995 | 2005 | 2015 |
|---|---|------|------|------|------|
| GRUPO: O CARNAVAL DA RUA AOS SALÕES E DE VOLTA | | | | | |
| Carnaval é a festa de rua | Carnaval é entendido como a folia brincada na rua. | X | X | X | X |
| Carnaval é a festa dos salões | Carnaval é entendido como a folia brincada nos salões fechados. | X | X | X | X |
| GRUPO: A MAGNITUDE E RIVALIDADE DA FESTA | | | | | |
| Magnitude da festa carnavalesca | Caráter grandioso da do Carnaval. | X | X | X | X |
| Rivalidade entre diferentes festas de carnaval | Existência de disputa entre o carnaval de diferentes cidades e eventos que promovem a folia. | X | X | X | X |
| GRUPO: O CARNAVAL E SEU FOLIÃO | | | | | |
| Carnaval é feito pelos foliões | Importância do folião para a carnaval e a capacidade do carnaval em atrair e agradar diferentes perfis de foliões | X | X | X | X |
| GRUPO: O TEMPO EXTRAORDINÁRIO DA FESTA | | | | | |
| Carnaval é a festa dos excessos | Caráter extraordinário do carnaval, que permite a quebra de limites de práticas do cotidiano dos indivíduos. | X | X | X | X |
| Carnaval traz desordem | Caráter extraordinário do carnaval, segundo o qual limites de convivência e bem-estar social são ultrapassados. | X | X | X | X |
| Carnaval oferece espaço para a crítica social | Carnaval como espaço propício para a manifestação de críticas sociais e protestos. | X | X | X | X |
| Ilusão na festa de carnaval | Caráter escapista do carnaval, por meio do qual foliões fogem da realidade nos dias do evento. | X | X | X | X |
| GRUPO: O CARNAVAL DO PASSADO E FUTURO | | | | | |
| Tradição faz parte da festa carnavalesca | Práticas tradicionais perpetuadas na forma de brincar o carnaval no decorrer dos anos. | X | X | X | X |
| Nostalgia das festas do passado | Nostalgia sentida ou manifestada por foliões ao lembrarem o carnaval do passado. | X | X | X | |
| Modernização da festa de carnaval | Mudanças ocorridas na maneira de organizar e brincar o carnaval ao longo dos anos. | X | X | X | |

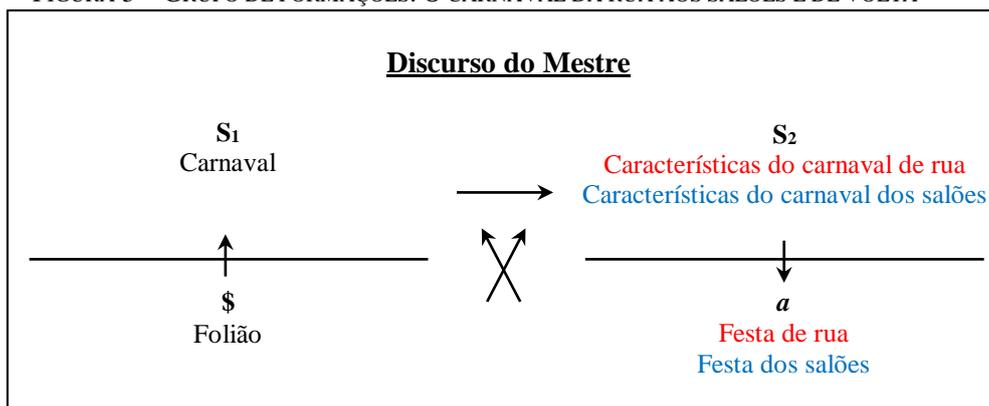
QUADRO 4 – FORMAÇÕES LINGÜÍSTICAS DO DISCURSO DO MESTRE
 FONTE: ELABORADO PELOS AUTORES

Este discurso, de maneira geral, funciona com base na tentativa de conceder significado a significantes-mestre por meio da cadeia significante. Como resultado, aquilo que escapa deste processo surge como manifestação do Real. Em nossa pesquisa, significantes como “Magnitude”, “Tradição”, “Nostalgia” e, principalmente, “Carnaval” estruturam parte do discurso do carnaval do Recife segundo a lógica do Mestre e dão origem a manifestações diversas de partes do Real da festa em si, como fenômeno social que escapa à significação plena. Como podemos perceber no quadro acima, a maior parte das formações linguísticas se fez presente em todos os anos de nossa análise. Contudo, é necessário ressaltar que as formas como estas formações se manifestaram sofreram variações neste intervalo de tempo. A seguir abordaremos cada uma destas formações linguísticas mais detalhadamente, apresentando-as dentro de seus respectivos grupos de formações.

6.1.1 O carnaval da rua aos salões e de volta

O primeiro grupo de formações linguísticas do Discurso do Mestre envolve as formações **Carnaval é a festa de rua** e **Carnaval é a festa dos salões**. Como critério de composição deste grupo temos o fato de ambas as formações, em um discurso suportado pelo sujeito barrado “Folião” (\$), o significante-mestre “Carnaval” (S_1) atua sobre as cadeias significantes (S_2) relativas à descrição das características do carnaval de rua e dos salões dando origem respectivamente às próprias festas de rua e de salão (a) como definições únicas e diretas do carnaval. Assim, ambas as formações buscam conceder significado à noção central do carnaval em si por meio de uma única maneira de brincar a festa dentre várias. A expressão destas formações por meio da configuração dos matemas lacanianos é apresentada pela Figura 5.

FIGURA 5 – GRUPO DE FORMAÇÕES: O CARNAVAL DA RUA AOS SALÕES E DE VOLTA



FONTE: ELABORADO PELOS AUTORES

Estas duas formações estão presentes em todos os anos da nossa análise, representando dimensões distintas do carnaval. Tal diferença existente entre a maneira como as duas dimensões da festa de carnaval pode ser percebida na Figura 6, com marcações em vermelho para os aspectos da festa de rua e em azul para os aspectos das festas dos salões.

FIGURA 6 – EXEMPLOS DO GRUPO DE FORMAÇÕES: O CARNAVAL DA RUA AOS SALÕES E DE VOLTA

FIGURA 6A

São José mantém a fama

São José manteve a tradição do mais carnavalesco dos bairros, graças ao apoio da Fundação de Cultura da Cidade do Recife, permitindo aos moradores do local reviverem com brilhantismo, muita alegria e descontracção os grandes carnavales da cidade e dando fama mundial ao nosso tríduo mo-

FIGURA 6B

Um festival de atrações no Baile Municipal de sábado

- Todas as atenções nesta semana estão voltadas para o XXI Baile Municipal, que acontece na noite do próximo sábado, no Clube Português. Trata-se de uma promoção filantrópica da Legião Assistencial do Recife e que está entre as mais importantes prévias do carnaval brasileiro. Desde o mês de outubro que a comissão, comandada por Silvio Cavalcanti e Arthur Valente, vem se reunindo permanentemente, para tratar de todos os detalhes da festa.
- Como sempre, vai acontecer em traje rigor ou fantasia. Todos os camarotes já estão reservados e as mesas restantes podem ser encontradas na Secretaria do Português e na sede da LAR. Os ingressos individuais (Cr\$ 20 mil) serão vendidos a partir de sexta-feira, no Português e no Shopping Center.
- Em termos de atrações, o Municipal-85 é um verdadeiro festival. Para começar, a presença da mais famosa cantora brasileira da atualidade, Beth Carvalho, que vai cantar para o público dançar. Como convidados especiais, Roberto D'Ávila, Celso Freitas, Luiza Bru-

FONTE: ADAPTADO DE 1985-DP_FEV_108

FIGURA 6C

Municipal 95

Na verdade tivemos duas festas distintas no mesmo Clube Português. Uma popular, no terreço, onde predominou a juventude (cerca de 80%) na maioria fantasiados ou com arremedo de fantasias: uma camisa bem colorida e um colar havaiano que estava sendo vendido na porta do clube, três por um Real. Mas de qualquer modo deu colorido à coreografia do frevo.

A outra festa ficou nos camarotes, onde fantasia era proibida. Exceção para o Rei e a Rainha do Carnaval, que circularam, e também para um grupo de melindrosas. Olhando do terreço para os camarotes o visual era mais para o escuro, porque além dos

smokings, incontáveis figuras femininas foram de preto. Não tivemos o atropelo, dos anos anteriores, mas o rigor da vigilância foi realmente redobrado. Não sei se é politicamente correto elitizar uma parte e popularizar outra. Na sua maioria as pessoas que estavam nos camarotes, claro, aprovaram a idéia.

O baile em si teve um público menor do que nos anos anteriores. Além disso notamos a ausência de muitos colunáveis, frequentadores habituais do Municipal. A Orquestra Super Oara, sempre elogiada nesta coluna, não estava nos seus melhores momentos e baixou a animação. O Maracatu devia ter iniciado a festa e tocado apenas meia-hora. O Maracatu, não sabemos porque, diminuiu a euforia. Embora não tenha atingido o pique do ano passado foi uma festa excelente.

FONTE: ADAPTADO DE 1985-DP_FEV_009

FONTE: ADAPTADO DE 1995-JC_FEV_041

FONTE: ELABORADO PELOS AUTORES

No que diz respeito à formação linguística **Carnaval é a festa de rua**, podemos notar que em 1985 a festa de rua era chamada à época de “carnaval-participação”, caracterizado como a festa popular marcada pela participação efusiva dos foliões e pelas diferentes manifestações carnavalescas, “com ruas sempre cheias de foliões que não se

cansavam de cantar, pular e improvisar blocos”. Como podemos ver, a formação parte do significante-mestre “Carnaval” e estabelecendo o que compõe a festa carnavalesca de rua. Assim, a partir desta articulação surge o objeto *a* da festa de rua em si, como manifestação do Real que escapa a esta relação entre S_1 e S_2 .

Por outro lado, a formação **Carnaval é a festa dos salões**, seguindo a mesma lógica discursiva, busca caracterizar o carnaval ocorrido em bailes fechados nas diversas casas de shows e clubes do Recife. O carnaval dos salões, frequentado por nomes conhecidos da sociedade, como os “convidados especiais, Roberto D’ávila, Celso Freitas, Luiza Brunet”, é definido como o espaço do prestígio e elegância, com convidados portando trajes a rigor, shows de artistas e orquestras famosas e a realização de concursos de fantasias. É curioso percebermos como, diferente da matéria da Figura 6A, na Figura 6B em nenhum momento os frequentadores dos bailes são referidos como “foliões”, mas sim como “público” ou “convidados”. Em outras matérias relativas a esta formação, neste e nos demais anos analisados, o termo folião também é utilizado. Contudo, é interessante percebermos como este caso particular serve para ilustrar a diferença estabelecida entre as duas dimensões da festa. É válido ressaltar ainda que a lógica subjacente à separação entre a rua e o salão também se faz presente dentro dos próprios bailes fechados, onde, via de regra, existem dois espaços distintos, o dos salões em si e o dos camarotes, ainda mais exclusivos.

Tal lógica de separação se perpetuou ao longo do tempo, com a manutenção das festas de salão e rua até os dias de hoje. Contudo, mudanças ocorreram. Gradualmente a festa de rua passou a ganhar mais atenção, com maiores investimentos e atrações de maior porte, o que também significou a absorção da lógica dos camarotes, que se tornaram cada vez mais presentes nos espaços da festa de rua. Em paralelo os bailes fechados já não alcançavam sempre o mesmo sucesso de antes, recebendo algumas críticas referentes às atrações, trajes dos convidados, decoração e qualidade das fantasias, por exemplo. Na Figura 6C é possível percebermos em verde alguns destes fatores manifestando-se, como quando se especifica que “na verdade tivemos duas festas distintas no mesmo Clube Português. Uma popular, no térreo [...] A outra festa ficou nos camarotes”.

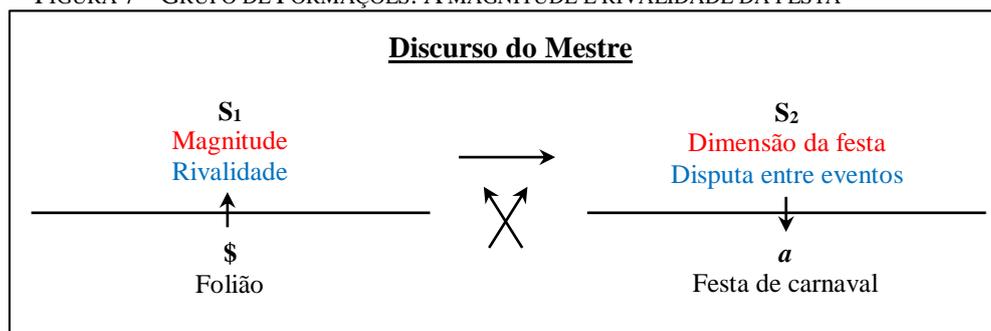
Da mesma forma que a festa de rua absorveu a característica da presença dos camarotes da festa dos salões, com o passar dos anos os bailes fechados também buscaram absorver características da festa de rua, com uma maior diversificação das atrações

oferecidas ao público, a partir do ano de 1995, intensificada nos anos de 2005 e 2015. A oscilação do sucesso das festas de salão manteve-se nos anos seguintes, assim como o crescimento da valorização da festa de rua e sua “camarotização”. Desta forma, apesar de passarem por mudanças, as duas formações linguísticas se mantiveram presentes ao longo do tempo, representando duas formas de entendimento do que seria o carnaval, cada uma com suas características.

6.1.2 A magnitude e rivalidade da festa

As formações linguísticas **Magnitude da festa carnavalesca** e **Rivalidade entre diferentes festas de carnaval** formam este grupo que é caracterizado pela articulação discursiva que trata o carnaval como um evento monumental, de proporções grandiosas e de enorme destaque. Neste caso, a noção de “Magnitude” (S_1) da festa atua como centro gravitacional em torno da qual informações acerca da dimensão e impacto do carnaval (S_2) circulam, definindo o que é a festa carnavalesca (a). A articulação em torno da grandiosidade do evento carnavalesco permite que a festa de Recife se consolide discursivamente como uma festa de destaque e que, conseqüentemente passa a rivalizar com outras festas de carnaval. O conceito de “Rivalidade” (S_1), então, estabelece parâmetros de disputa entre diferentes eventos (S_2), tais como o número de foliões, a qualidade das atrações e o impacto financeiro da festa carnavalesca (a). No caso deste grupo, para além da diferença de S_1 entre as formações, há uma convergência na produção da festa como objeto a , bem como a aproximação entre a ação dos S_1 “Magnitude” e “Rivalidade” no sentido de produzir um entendimento do carnaval como um evento grandioso, o que envolve implicitamente a comparação com e a superação de outros eventos carnavalescos. As formações linguísticas são representadas na figura 7.

FIGURA 7 – GRUPO DE FORMAÇÕES: A MAGNITUDE E RIVALIDADE DA FESTA



FONTE: ELABORADO PELOS AUTORES

Ambas as formações se mantêm constantes nos quatro anos de nossa análise, com variações relativas apenas aos aspectos mais valorizados em cada época quanto à magnitude da festa e os principais rivais com os quais o carnaval de Recife estabeleceu disputas ao longo dos anos. A Figura 8 apresenta matérias referentes aos anos de 1985 e 1995, respectivamente, exemplificando como estas duas formações linguísticas manifestaram-se em nosso *corpus* de pesquisa.

FIGURA 8 – EXEMPLO DO GRUPO DE FORMAÇÕES: A MAGNITUDE E RIVALIDADE DA FESTA

| | |
|--|--|
| <p>FIGURA 8A</p> <h2>Estado tem maior Carnaval do país</h2> <p>Não é a toa que o maior Carnaval do mundo acontece aqui, nas terras do Leão do Norte. São nada menos que 773 agremiações oficiais carnavalescas desfilando pelas ruas. O comando da folia é por conta da "Santíssima Trindade" (centro do Recife, Olinda e Boa Viagem), e só não brinca quem não quer. Mesmo se você gosta de frevo e detesta música batiana, ou prefere samba ao maracatu, não importa. A ordem é juntar todos os ritmos possíveis e imagináveis e aderir à folia geral. Cata na farra... é Carnaval.</p> <p>E nenhum lugar tem mais experiência em conquistar foliões do que a "Santíssima Trindade". A folia já começou há quase um mês e o número de blocos e troças nas ruas aumentou em relação ao ano passado. Isso significa só uma coisa: mais gente pulando e mais alegria no ar.</p> <p>So no Recife, este ano, vão desfilor oficialmente 271 agremiações, entre blocos, troças e escolas de samba. Em relação ao Carnaval passado, surgiram 18 novas agremiações na cidade. O Carnaval no centro está crescendo cada dia mais graças à organização e infra-estrutura que atraem novos foliões que antes não passavam pela Estação da Folia, montada na Avenida Dantas Barreto.</p> <p>FONTE: ADAPTADO DE 1995-</p> | <p>FIGURA 8B</p> <h2>Boa Viagem rivaliza com Olinda</h2> <p>O carnaval de Boa Viagem - já contando com inúmeros blocos organizados e verdadeira enxurrada de trios elétricos - põe em evidência a rivalidade existente entre o carnaval do Recife e o de Olinda. Para o relações-públicas do "Bloco Birinaite Classe A", Elias Siqueira, no entanto, "não há rivalidade, mas, sim, o desejo de cada comunidade tornar o seu carnaval cada vez mais animado e com melhores atrativos, buscando a participação de todos".</p> <p>FONTE: ADAPTADO DE 1985-</p> |
|--|--|

FONTE: ELABORADO PELOS AUTORES

Os destaques em vermelho da Figura 8A auxiliam a percebermos como a dimensão do carnaval de Recife é evidenciada, ajudando a fortalecer o argumento de qualidade superior da festa, que em 1985 contou com "nada menos que 773 agremiações oficiais". É estabelecido que "a maior festa de carnaval do mundo acontece aqui, nas terras do Leão do Norte". Chama atenção ainda o fato de a "Santíssima Trindade" do carnaval pernambucano ser formada na verdade pelas festas de Olinda, Recife (principalmente a área central da cidade) e Boa Viagem, também em Recife, remetendo à época em que a orla da Zona Sul da cidade era um dos focos da folia. A grandiosidade dos bailes carnavalescos era um dos elementos mais relevantes no ano de 1985, passando

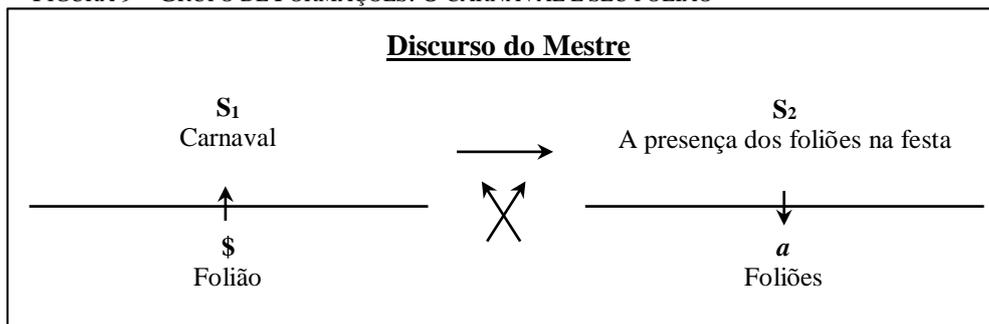
a dividir sua relevância com o grande público das festas de rua nas décadas seguintes, com destaque para a atenção crescente concedida ao Galo da Madrugada à medida que o bloco cresceu em proporções e passou a ser reconhecido como o maior bloco carnavalesco de rua do mundo. Em todo caso, se faz presente o esforço em ressaltar o sucesso e êxito da festa do Recife a cada ano.

No que diz respeito à questão da rivalidade entre festas, o carnaval de Recife sempre manteve parâmetros e referências de comparação e disputa com as festas realizadas na cidade vizinha de Olinda e nas cidades de Salvador e Rio de Janeiro. Na última década, no entanto a rivalidade especificamente com Olinda arrefeceu um pouco, uma vez que as duas cidades pareceram articular-se num trabalho de valorização conjunta de suas festas. Mesmo quando esta rivalidade não é direcionada explicitamente a outra festa, o carnaval de Recife surge sempre como um dos melhores/maiores do país. Na Figura 8b, com destaques em azul podemos perceber como a festa de Momo em Recife, no caso em questão, especialmente a de Boa Viagem, passa a rivalizar com a festa realizada em Olinda, uma de suas “adversárias” tradicionais.

6.1.3 O carnaval e seu folião

Este grupo é integrado unicamente pela formação linguística **Carnaval é feito pelos foliões**, girando em torno da relação do folião com o carnaval do Recife. A formação está fundamentada na relação do significante-mestre “Carnaval” (S_1) com a cadeia significativa formada (S_2) pela descrição da presença dos foliões na festa carnavalesca. O produto desta relação é o próprio folião, objetificado e estereotipado (a). Desta forma, esta formação, que tem como verdade oculta o folião enquanto sujeito barrado ($\$$), produz discursivamente um perfil esperado dos foliões do carnaval do Recife. Tal articulação dos matemas lacanianos pode ser verificada na Figura 9.

FIGURA 9 – GRUPO DE FORMAÇÕES: O CARNAVAL E SEU FOLIÃO



FONTE: ELABORADO PELOS AUTORES

A construção da importância do folião já se faz presente no ano de 1985, mantendo-se nos demais anos analisados. Na Figura 10 temos a apresentação de diferentes perfis de foliões que brincam a festa de carnaval do Recife.

FIGURA 10 – EXEMPLO DO GRUPO DE FORMAÇÕES: O CARNAVAL E SEU FOLIÃO

sotaque
Felicidade com toque francês
 Carolina Raverat é francesa e nunca tinha vindo ao Recife. **Aproveitou o carnaval para conhecer a cidade. Fez amizade com pessoas hospedadas no mesmo albergue em que está e calu na festa no primeiro dia de carnaval. A foliã de 33 anos** estava encantada com o Bairro do Recife. Ela contou o que mais a conquistou na festa: "a cultura, a gente e a comida". A junção desses três elementos garantiu, segundo ela, a vontade de voltar. "Ano que vem pretendo vir novamente."

todas as idades
Uma jovem foliã aos 70 anos
 Neuza Gomes tem 70 anos. Adora o carnaval. Mas só passou a brincar após os 50 anos de idade. "Quando eu era jovem nunca consegui, porque minha família não deixava", contou. Este é mais um ano que dona Neuza pretende recuperar o tempo perdido. Disse que vai todos os dias para o Bairro do Recife, local que escolheu para começar os festejos de Momo. "O que eu mais gosto são os blocos antigos, que tocam as belas músicas antigas", ressaltou.

desbravando o Recife Antigo
Uma vez viking, sempre viking
 No meio da Rua do Bom Jesus havia um viking, uma espécie de guerreiro nórdico. Era João Maurício Genn, 51 anos, servidor público federal. Ele diz que aproveitá pouco o carnaval. Mas quando decide ir para a folia, não abre mão da fantasia, usada repetidamente. "Uma vez viking, sempre viking", brincou. Para ele, o melhor da festa é a espontaneidade do carnaval de Pernambuco. "Carnaval de rua tem que ter gente, espero que chegue mais", comentou.

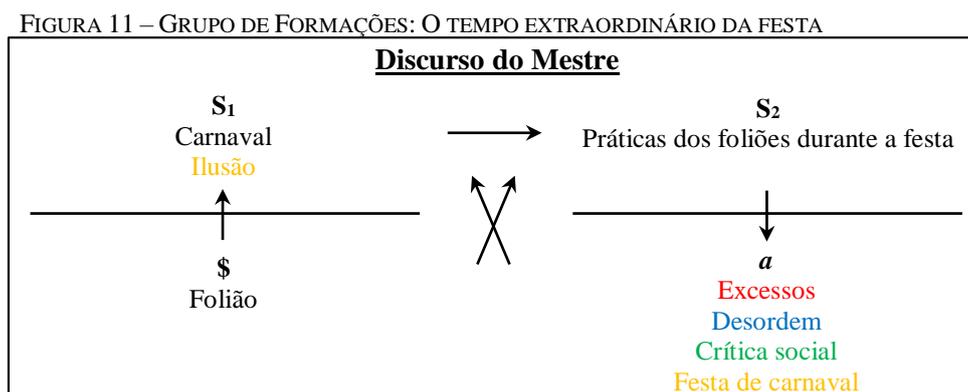
FONTE: ADAPTADO DE 2015-DP_FEV_051

A capacidade da festa em atrair e agradar diferentes perfis de foliões (mulheres, homens, turistas, foliões locais, pessoas de todas as idades, etc.) e a diversidade das características de cada um deles é ressaltada e valorizada implicitamente. Ao mesmo tempo, similaridades são estabelecidas num processo de construção do estereótipo do folião médio. Percebemos, em destaques vermelhos, como a formação valoriza como características centrais a alegria e satisfação de todos os foliões em estarem fazendo parte da festa, assim como a disposição de cada um deles em fazer parte e contribuir para a alegria da festa. Tais elementos presentes neste trecho de matéria se reproduzem em outros momentos ao longo dos quatro anos de nossa análise, sempre funcionando no sentido de construção da figura de um folião médio, a servir de referência para os demais.

6.1.4 O tempo extraordinário da festa

As formações **Carnaval é a festa dos excessos**, **Carnaval traz desordem**, **Carnaval oferece espaço para a crítica social** e **Ilusão da festa de carnaval** compõem juntas este grupo relativo ao caráter marcante do carnaval como um período extraordinário ou excepcional, capaz de permitir, durante um período limitado e específico de alguns dias, a transgressão de limites sociais consolidados no cotidiano das sociedades, a manifestação de críticas sociais de diferentes formas e a fuga da realidade cotidiana.

Desta maneira, nas duas primeiras formações o “Carnaval” (S_1) atua como uma âncora significativa que sustenta uma cadeia de práticas dos foliões durante o período festivo (S_2), todas elas de caráter transgressivo. Estas práticas transgressivas existentes em torno do carnaval podem dar origem a dois produtos próximos, porém distintos. Tais transgressões podem assumir o caráter de excessos que ultrapassam os limites das práticas cotidianas socialmente aceitas em geral, ou o caráter de desordem de práticas que cruzam os limites da legalidade definidos dentro da sociedade. Já nas duas formações seguintes temos uma contradição do Discurso do Mestre no carnaval do Recife. Ao mesmo tempo em que o significante-mestre “Carnaval” (S_1) estabelece, por meio da cadeia significativa das práticas dos foliões durante a festa (S_2), que a festa é o espaço para a manifestação de crítica social (a) realizada pelo folião, o significante-mestre “Ilusão” (S_1), atuando sobre a mesma cadeia significativa (S_2), define discursivamente a festa de carnaval (a) como a festa da ilusão. Assim, a festa de carnaval surge como palco para a expressão de críticas sociais ao mesmo tempo em que é tratada como uma festa de ilusões, afastada da vida real cotidiana. Na Figura 11 vemos a configuração dos matemas lacanianos referentes a estas formações linguísticas.



FONTE: ELABORADO PELOS AUTORES

Estando presente em todos os anos de nossa análise, todas estas formações linguísticas se mantiveram constantes ao longo do período analisado. A Figura 12 apresenta exemplos de matérias jornalísticas em que cada uma destas quatro formações linguísticas se manifestou, identificados em nossa análise.

FIGURA 12 – EXEMPLO DO GRUPO DE FORMAÇÕES: O TEMPO EXTRAORDINÁRIO DA FESTA

FIGURA 12A

E lá se foi mais um Carnaval. Fantasias espalhadas pelo chão, um copo de cerveja tomado sem parar, o mascarado enchendo de magia os lugares por onde estiveram os bonecos gigantes perdendo-se no meio da multidão. Lá se foi um amor que durou apenas quatro dias, uma alegria extravasada em todos os limites, um prazer que foi ao êxtase

FONTE: ADAPTADO DE 1995-DP_MAR_009

bom humor

Propino Bra\$ satiriza corrupção

"Queremos que a corrupção acabe. Temos orgulho da Petrobras". Este foi o tema da fantasia de um grupo que desfila desde 1984 no Galo da Madrugada fazendo críticas à política nacional. Com bom humor, o grupo liderado pelo professor Luiz Fernando Miranda, 56, puzava o coro com palavras de ordem satirizando o propinoduto. "Todos os anos estamos aqui prestigiando o Galo. Este ano queremos salvar a maior empresa brasileira assaltada pela corrupção", diz Miranda.

indulto

Lava-Jato em conexão com a folia

Dois envolvidos na operação Lava-Jato, presos em Curitiba, conseguiram um indulto da Justiça para brincar no Galo neste sábado de Zé Pereira. Mesmo acorrentados, a funcionária pública Christiane Basto, 49, e o advogado

saúde

Mosquito da dengue ataca foliões

O mosquito da dengue driblou a Vigilância Sanitária e aterrisou na concentração para picar os foliões. Há 37 anos desfilando no Galo, o dentista aposentado Luiz Lapenda, 74, e a esposa Zélia Lapenda, 65, fantasiados de mosquito,

FIGURA 12B

A culpa nem sempre é dos outros

Depredações de ônibus durante carnaval levantam debate sobre educação e responsabilidades

Para falar de absurdos, é preciso usar a régua certa e distribuir responsabilidades. O carnaval acabou, o calendário funcional parece que começou a valer depois da quarta-feira de cinzas e o trabalhador do Recife que utiliza do transporte coletivo acordou com a notícia informando que 612 ônibus foram depredados em quatro dias de festa. Janelas, vidros de portas, alçapões de teto, parabrisas quebrados... Pouco importa se

FONTE: ADAPTADO DE 2015-DP_FEV_072

FIGURA 12D

Vida real: e agora, folião?

Acabada a folia, cenário de muita incerteza volta a preocupar o país, que continua em busca de luz no fim do túnel

Carnaval e tempo de entregar a borracha para que as ilusões apaguem qualquer vestígio de realidade e, talvez por isso, a volta ao nada colorido mundo dos compromissos e contas a pagar seja tão pouco acolhedora. Neste ano o retorno parece mais indigesto - pelos tons de incerteza no cenário econômico -, sugerindo moderação em tudo: gastos, investimentos, aventuras financeiras, enfim. Isso em um ano

FONTE: ADAPTADO DE 2015-DP_FEV_068

FIGURA 12C

FONTE: ADAPTADO DE 2015-DP_FEV_059

FONTE: ELABORADO PELOS AUTORES

De acordo com a formação **Carnaval é a festa dos excessos**, a festa é o momento em que os foliões se permitem e toleram certos exageros em relação à suas práticas cotidianas, tais como o maior consumo de bebidas alcoólicas, o uso de fantasias irreverentes, a aceitação de que a festa é um espaço para a paquera indiscriminada e o próprio prolongamento da festa carnavalesca mesmo após o término dos dias oficiais de folia. Na Figura 12A a marcação em vermelho demonstra como a alteração nos padrões de comportamento não é apenas aceita, mas até esperada no período de carnaval, uma vez que está é a época em que “vale tudo”, como se afirma em algumas outras matérias.

A Figura 12B apresenta, nos trechos em azul podemos perceber como este período extraordinário do carnaval significa a possibilidade de manifestações violentas, como as “depredações de ônibus durante o carnaval”, ou ainda as agressões e entre foliões. Este trecho diz respeito à formação **Carnaval traz desordem**, que remete a ações que ultrapassam limites cotidianos, muitas vezes ultrapassando a lei, e impactando no próprio bem-estar social durante os dias de festa, como os transtornos causados pela interdição de indiscriminada de ruas, o uso de som em alto volume e principalmente a ocorrência de casos de violência e depredação de bens ocorridos nos dias de carnaval.

Quanto à formação **Carnaval oferece espaço para a crítica social**, nos quatro anos analisados o carnaval se apresentou como um espaço no qual os foliões encontravam a possibilidade de expressarem seus anseios políticos e críticas à acontecimentos do cenário socioeconômico. Normalmente estas críticas são feitas por meio de paródias musicais, sátiras e fantasias. Em 1985, destacou-se a manifestação de foliões pelo término do regime militar que governava o país. Já nos demais anos foi comum identificar sátiras direcionadas a políticos e escândalos de corrupção. Destacados em verde, na Figura 12C, podemos perceber trechos em que o carnaval é utilizado como o momento propício para a articulação de críticas sociais, como no caso do “grupo que desfila desde 1984 no Galo da Madrugada fazendo críticas à política nacional”.

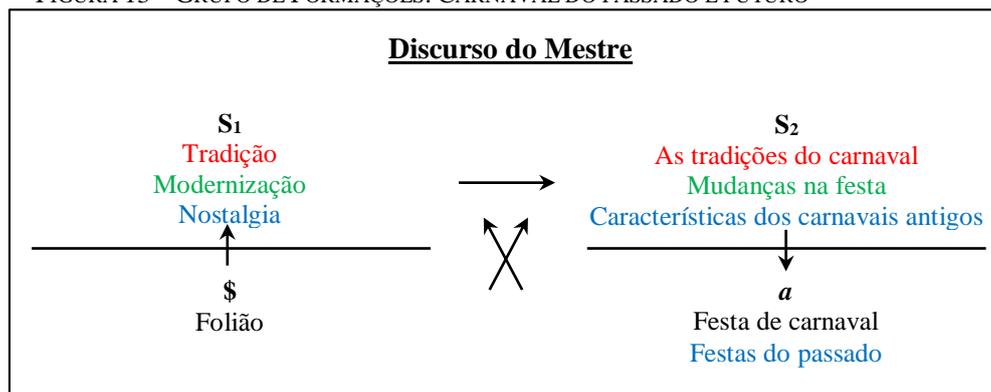
No que diz respeito a formação linguística **Ilusão da festa de carnaval**, em todos os anos de nossa análise a festa carnavalesca é tratada em determinados momentos como um momento no qual o folião pode escapar da realidade cotidiana, afastar-se dos problemas enfrentados em sua vida e refugiar-se durante alguns dias no mundo de sonhos do carnaval. As marcações em amarelo na Figura 12D nos permite perceber o carnaval sendo tratado como um intervalo na vida cotidiana e potenciais problemas dos foliões,

problemas que dão lugar às ilusões do carnaval “para que apaguem qualquer vestígio da realidade” no período da folia passageira.

6.1.5 Carnaval do passado e futuro

O último grupo pertencente ao Discurso do Mestre abarca três formações linguísticas interligadas. São elas **Tradição** **faz parte da festa de carnaval**, **Nostalgia das festas do passado** e **Modernização da festa de carnaval**, todas sustentadas pelo sujeito barrado (\$) folião. A primeira é configurada pela ação do significante-mestre “Tradição” (S_1) que organiza a cadeia significante (S_2) das tradições do carnaval, dando origem a uma dimensão da festa de carnaval (a) como festa de tradições. A segunda formação parte do significante-mestre “Nostalgia” (S_1), articulando características dos carnavais antigos (S_2) e produzindo um entendimento específico sobre as festas carnavalescas do passado (a). Por fim, a noção de “Modernização” (S_1) do carnaval pauta as mudanças ocorridas (S_2) ao longo dos anos que configuraram o formato da festa de carnaval (a). Estas três configurações dos matemas que compõem as três formações linguísticas são representadas na Figura 13.

FIGURA 13 – GRUPO DE FORMAÇÕES: CARNAVAL DO PASSADO E FUTURO



FONTE: ELABORADO PELOS AUTORES

É importante destacar que, apesar de apresentarem manifestações distintas dos matemas lacanianos, estas formações foram reunidas num único grupo por estarem relacionadas, cada uma a sua maneira, com a questão das mudanças no carnaval com o passar do tempo. Enquanto a formação referente às tradições carnavalescas está presente em todos os quatro anos analisados em nossa pesquisa, as formações relativas à nostalgia e modernização não se fizeram presentes no ano de 2015. A Figura 14 apresenta como as formações se manifestaram nos anos de 1985 e 1995.

FIGURA 14 – EXEMPLO DO GRUPO DE FORMAÇÕES: CARNAVAL DO PASSADO E FUTURO



FONTE: ELABORADO PELOS AUTORES

No que diz respeito à formação **Tradição** faz parte da festa de carnaval, as tradições carnavalescas englobam práticas tradicionais dos foliões, como o uso de

fantasias e práticas religiosas atreladas à festa, bem como a atuação de agremiações, blocos e bailes e a importância de ritmo do frevo para o carnaval, ao qual se juntou o maracatu, principalmente a partir do ano de 1995, com o surgimento e crescimento do movimento manguebeat. Na Figura 14A, de 1995, os trechos em vermelho apontam a perpetuação da tradição das agremiações no carnaval do Recife e evidenciam uma articulação discursiva que estabelece que “o carnaval pernambucano é pura tradição”, tradição que nunca é plenamente definida, mantendo sua capacidade de mudar e abarcar práticas distintas.

Já **Modernização da festa de carnaval** está presente, em matéria de 1985, nos destaques em verde da Figura 14C. Nesta passagem é apresentado como a implantação de novas tecnologias prometem a modernização e maior eficiência do processo de avaliação no concurso de fantasias do Baile Municipal. A dimensão da modernização da festa de carnaval aponta para a necessidade de a festa adequar-se a novos padrões da sociedade e novas demandas dos foliões, como a busca pelo fim das brincadeiras de melamele em 1985, a incorporação de tecnologias e a melhor organização do evento carnavalesco. Apesar das variações quanto às mudanças específicas em cada ano, a lógica subjacente a esta formação se mantém inalterada, pautada na constante preocupação de que o carnaval absorva e expresse as mudanças ocorridas na própria sociedade.

A nostalgia pelas festas de carnaval do passado, por sua vez, remete ao saudosismo por práticas antigas que foram abandonadas com o passar do tempo, como os desfiles de corsos, a idealização de um carnaval mais puro e ingênuo que ocorria no passado e o lamento pelas mudanças ocorridas na festa, bem como a recordação de práticas comuns em versões anteriores da festa. **Nostalgia das festas do passado** surgiu com mais intensidade no ano de 1985, talvez por este ter sido um período de grandes mudanças sociais e da própria festa, mas também foram identificados nos anos de 1995 e 2005. Os trechos em azul, na Figura 14B, destacam passagens de uma matéria de 1985 em que uma foliã ilustre “relembra um pouco o passado” e com nostalgia fala das práticas rotineiras das festas carnavalescas do passado, falando de como já em 1985 ela considerava que já havia “poucas famílias morando por lá [Bairro do São José]. No Pátio do Terço não tem oito residências, é tudo comércio”. A foliã expressa certo lamento pelas mudanças ocorridas na festa, especialmente num dos bairros mais tradicionais na realização dos festejos de rua.

6.2 O Discurso do Mestre ao longo dos anos

Ao finalizarmos a apresentação de todas as formações relativas ao Discurso do Mestre eliciadas por nossa análise, é possível tentarmos elaborar um panorama da trajetória deste discurso no decorrer do intervalo de trinta anos contemplados pelo *corpus* de pesquisa. Em primeiro lugar, é necessário estarmos atentos à lógica subjacente ao Discurso do Mestre, que busca em última instância a construção de articulações discursivas supostamente estáveis, erguidas em volta de significantes-mestre (S_1) que oferecem uma falsa solidez, ou completude, quando na verdade estão eles também sujeitos à castração simbólica da linguagem.

Assim, em nossa pesquisa o Discurso do Mestre aponta majoritariamente para a articulação discursiva em torno do significante-mestre (S_1) “Carnaval”, centro gravitacional maior, em torno do qual as cadeias significantes (S_2) são organizadas. Até mesmo as formações linguísticas que não possuem como significante-mestre a noção de “Carnaval” apresentam significantes-mestre que podem ser diretamente associados a esta noção central. Os significantes “Magnitude”, “Rivalidade”, “Ilusão”, “Tradição”, “Nostalgia” e “Modernização” atuam no sentido de estabelecer formações linguísticas particulares, porém, voltadas todas em alguma medida para a noção de “Carnaval”.

Tendo em mente a lógica apresentada por Žižek segundo a qual o Discurso do Mestre é aquele em que “eu sou o que eu digo” (ŽIŽEK, 1998), ou seja, aquele no qual o nível da enunciação coincide com o nível do conteúdo enunciado, podemos perceber que o Discurso do Mestre se estabelece em nossa pesquisa como o Discurso do Mestre “Carnaval”. Neste discurso o “Mestre Carnaval” centraliza as formações linguísticas e as utiliza para definir-se. O “Carnaval” enquanto noção abstrata (ou, como diriam Laclau e Mouffe, um significante vazio), age no sentido de construir sua própria face. Esta face, naturalmente, nunca se consolida de forma definitiva, mas sim transforma-se ao longo do tempo, à medida que cadeias significantes se organizam de novas maneiras em referência a ela.

Na condução deste processo discursivo o significante-mestre é sempre sustentada pelo sujeito barrado (\$). Ou seja, a própria noção de “Carnaval” é suportada pelo folião no papel de \$, assim como no caso das demais noções deste discurso, tais como “Tradição”, “Nostalgia” ou “Magnitude”, todas remetendo à ideia do carnaval. Por fim,

uma vez que a articulação discursiva em torno do significante-mestre nunca alcança a completude, é produzida uma sobra do Real resistente à significação, o objeto *a*. Neste caso, o objeto *a* que emerge do esforço empreendido pelo significante-mestre “Carnaval” é a própria festa carnavalesca em si, a manifestação da folia, expressão do Real, que ocorre a cada ano independente de como é significada.

Desta maneira, seguindo esta lógica, as formações linguísticas do Discurso do Mestre surgiram, desapareceram e se modificaram dentro do intervalo de tempo estabelecido em nossa pesquisa. A começar pela relação de mútua influência estabelecida entre a festa de rua e a festa dos salões. Ambas apresentavam em 1985 uma separação clara e bem definida entre elas. A festa de rua era demarcada pela presença das diferentes agremiações e pelo caráter popular e a festa dos salões era caracterizada pelos shows de atrações artísticas e a presença de personalidades do meio artístico e da alta sociedade, em geral brincando a festa em camarotes e espaços exclusivos. Gradativamente este cenário mudou, culminando no carnaval de 2015, no qual esta separação, apesar de ainda presente, perdeu força e se tornou menos evidente. As festas dos salões ainda têm sua importância, mas dividem o destaque com a festa de rua, que passou a contar com shows de artistas diversos e absorveu a lógica dos camarotes.

Se a relação entre a festa de rua e as festas dos salões modificou-se muito, a dimensão relativa à magnitude e à rivalidade do carnaval de Recife com outros carnavais mudou menos com o tempo. De maneira geral o carnaval sempre foi visto como um acontecimento grandioso, seja pela grande lotação e luxo dos bailes fechados na década de 80, seja pela presença de milhares de pessoas em blocos ou shows ou pelo grande número de polos de festa descentralizados nos anos 2000. Assim como a grandiosidade da festa, o estabelecimento de rivais sempre foi uma constante no carnaval do Recife, indo desde o confronto com a vizinha Olinda até as cidades de Salvador e Rio de Janeiro, sempre transparecendo a busca por definir o carnaval da cidade como um dos melhores/maiores do país, ou quiçá “o” maior e melhor.

A centralidade do folião na definição do carnaval também sofreu pouca variação. Esta formação linguística sempre estabeleceu a importância do folião, independentemente de seu perfil, para a realização do carnaval. Ano a ano é reforçada a ideia de que o carnaval existe graças ao e para os foliões, reforçando o caráter popular da festa, até mesmo, e contraditoriamente, quando a separação dos espaços exclusivos se faz presente.

Ressaltamos, contudo, que esta, ao produzir a imagem do folião como algo central para o carnaval, inevitavelmente objetifica este folião, já que esta imagem não passa de ser exatamente isto, uma imagem simplificada e estereotipada do folião que faz do carnaval o carnaval.

O grupo de formações referentes ao tempo extraordinário do carnaval traz consigo um carnaval de excessos e desordem. Aqui o carnaval é o momento excepcional no qual é possível transgredir os limites cotidianos da sociedade, mesmo que estas transgressões atinjam o nível de perturbação do bem-estar social. Estes excessos e transgressões evoluíram com o tempo, passando do consumo excessivo de bebidas alcóolicas e da transformação de vias públicas em mictórios ao aumento do consumo de drogas ilícitas e à depredação de veículos de transporte público. Assim como o carnaval é tempo de excessos e desordem, ele é também espaço para críticas sociais das mais diversas, que variam de acordo com o cenário sociopolítico-econômico, e, paradoxalmente, um mundo ilusório no qual os foliões mergulham para desligar-se da realidade.

Por fim, no último grupo de formações os significantes “Tradição”, “Nostalgia” e “Modernização” definem dimensões do carnaval. O primeiro estabelece o papel das práticas tradicionais que se mantêm presentes na constituição do carnaval, o que envolve o enfraquecimento (brincadeiras de mela-mela), a renovação (frevo) e o surgimento de tradições (maracatu/manguebeat) com o passar do tempo. Por sua vez, o significantemestre “Nostalgia” é responsável por produzir uma idealização da festa de carnaval do passado, valorizada, apesar da indefinição de suas características em determinados momentos. Contudo, esta valorização perde força nos anos mais recentes de nossa análise, à medida que o carnaval renova sua face por meio de mudanças, até que esta nostalgia não se faz presente no Discurso do Mestre no ano de 2015, sendo absorvida e transformada pelo Discurso dos Mercados, como veremos mais adiante. Por fim, a noção de “Modernização” aponta as mudanças ocorridas e aquelas que precisam ocorrer para que a festa se renove. Uma vez que esta noção se mostra abstrata e fluída, as próprias mudanças apontadas também não são completamente claras e precisas. E, assim como no caso da “Nostalgia”, a “Modernização” também não surge no ano de 2015.

Em cada uma destas formações é possível percebermos ainda a operação da fantasia no Discurso do Mestre. É na relação impossível entre o \$ \langle \rangle a\$ que a fantasia se estabelece, oferecendo uma relação fantasmática que preencha e substitua esta

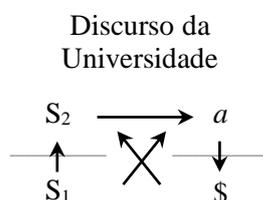
impossibilidade. Enquanto o S_1 “Carnaval” e seus demais correlatos organizam e significam a realidade por meio de cadeias significantes (S_2), os objetos a restos deste processo são gerados e se oferecem como alvos utópicos para as fantasias dos foliões. Seja a festa de carnaval ou as festas do passado, os excessos ou a desordem em potencial contidos na folia, ou a possibilidade de manifestação e crítica, todos estes objetos a produzidos pelo Discurso do Mestre se tornam a matéria-prima da fantasia do folião acerca do carnaval.

Assim, o “Carnaval” e os demais significantes-mestre do Discurso do Mestre propiciam as relações fantasmáticas do folião com os diferentes objetos a , relações estas que sustentam o próprio Discurso do Mestre. Nestas relações fantasmáticas a folia carnavalesca surge como a idealização de uma celebração plena sempre desejada pelo folião, porém sempre inalcançável nesta plenitude, tal qual as festas do passado, tão idealizadas quanto irreproduzíveis em sua idealização. Já as formações referentes ao tempo extraordinário do carnaval produzem consigo fantasias ligadas à dimensão catártica da festa. Os excessos e transgressões desordeiras, a crítica social e o mundo paralelo da festa de carnaval são alvos de fantasias dos foliões de catarse.

Assim, por meio dos diferentes grupos identificados é possível perceber como cada uma das formações linguísticas eliciadas giram em torno do significante-mestre maior “Carnaval” no sentido de defini-lo em diferentes dimensões, mas sem nunca o esgotar por completo.

6.3 Discurso da Universidade

O Discurso da Universidade, como abordado previamente, é caracterizado pela presença do saber (S_2) como agente da racionalidade do todo-saber que, sustentando pelo poder do significante-mestre (S_1), atua sobre o objeto a , seu outro, subjetivando-o e produzindo o $\$$. Neste discurso se estabelece, então, a manifestação da relação entre conhecimento e poder num processo de sujeição e subjetivação do outro sob os mandos do conhecimento racional. Tal processo é sintetizado por meio da seguinte representação:



Ao debruçarmo-nos especificamente sobre nosso *corpus* de pesquisa, este discurso surgiu ao longo dos anos no carnaval do Recife por meio de formações linguísticas relativas a ações alicerçadas por uma argumentação racional que se propõem a produzir ou regular subjetividades. O quadro 5 apresenta as dez formações linguísticas resultantes de nossa análise e sua distribuição ao longo dos quatro anos analisados.

| FORMAÇÕES LINGUÍSTICAS | DEFINIÇÕES | 1985 | 1995 | 2005 | 2015 |
|---|--|------|------|------|------|
| GRUPO: ORGANIZAÇÃO DA FESTA | | | | | |
| Ações de regulação buscam proteger os trabalhadores da festa de carnaval | Regulação e fiscalização do Estado para garantir proteção legal aos trabalhadores que exercem algum tipo de atividade na festa de carnaval. | X | | | |
| Ações de organização buscam garantir maior infraestrutura para o cidadão | Ações do Estado ou de promotores de eventos objetivando oferecer a infraestrutura mínima necessária aos cidadãos para a realização dos festejos de carnaval na cidade do Recife. | X | X | X | X |
| Ações de segurança e saúde buscam garantir bem-estar do cidadão | Ações promovidas pelo Estado ou por promotores de eventos para atender as necessidades de segurança e saúde dos cidadãos. | X | X | X | X |
| GRUPO: PROMOÇÃO DA FESTA | | | | | |
| Ações de gestão buscam atrair/agradar o folião | Ações de gestão da festa de carnaval com o intuito de definir uma proposta de festa que atraia os foliões. | X | X | X | X |
| GRUPO: PADRÕES SOCIAIS E JULGAMENTO | | | | | |
| Indicações de moda garantem o folião bem vestido | Definição de parâmetros de moda que indiquem como o folião deve se vestir durante os dias de festa para se manter bem vestido. | X | X | X | X |
| CrITÉRIOS de julgamento definem agremiações campeãs em concursos carnavalescos | Definição de critérios que orientem o julgamento das agremiações que desfilam no carnaval do Recife, auxiliando na escolha das agremiações campeãs do carnaval. | X | X | X | X |
| GRUPO: INCENTIVO À CULTURA | | | | | |
| Ações de incentivo cultural buscam garantir sobrevivência das agremiações | Ações do Estado para subsidiar as atividades das agremiações durante o período carnavalesco. | X | X | X | X |
| Ações de incentivo cultural buscam garantir folião com acesso à cultura local | Investimentos do Estado para incentivar a produção e acesso dos foliões à cultura local pernambucana. | | | X | X |
| GRUPO: IMPORTÂNCIA ECONÔMICA DA FESTA | | | | | |
| Potencial econômico da festa favorece ofertantes de produtos e serviços | Impacto da festa de carnaval favorece o desempenho de diversos ofertantes de produtos e serviços durante os dias de festa. | X | X | X | X |
| Ações de regulação buscam limitar ações publicitárias de agremiações patrocinadas | Regulação do Estado sobre as atividades publicitárias realizadas por agremiações patrocinadas por empresas. | | | X | |

QUADRO 5 – FORMAÇÕES LINGUÍSTICAS DO DISCURSO DA UNIVERSIDADE

FONTE: ELABORADO PELOS AUTORES

Independentemente das variações entre as formações linguísticas no Discurso da Universidade, todas elas apresentam em comum a prevalência do saber racional, de naturezas distintas, porém sempre carregando consigo racionalidades específicas. É este saber presente na cadeia significativa (S_2) que comanda o Discurso da Universidade no esforço de enquadramento do Real (a) das manifestações presentes na festa de carnaval e ao redor dela, gerando subjetividades referentes aos foliões, cidadãos, trabalhadores, agremiações e empresas.

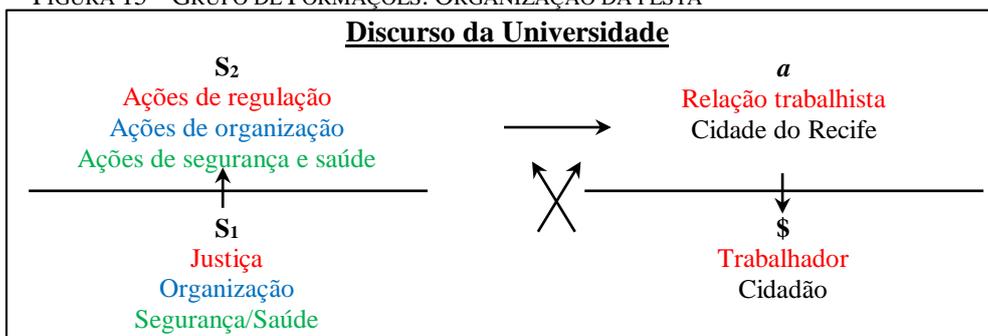
As mudanças ocorridas ao longo do tempo no carnaval do Recife são refletidas na distribuição das formações nos anos analisados, bem como na variação interna da forma como estas se manifestaram no decorrer do intervalo de três décadas contemplado. Ao analisarmos as dez formações identificadas pudemos perceber proximidades entre elas que nos levaram a agrupá-las em cinco grupos de formações linguísticas. A seguir abordaremos cada uma das formações, organizadas em cinco grupos de acordo com o agrupamento proposto, discutindo-as mais detidamente.

6.3.1 Organização da festa

Este grupo diz respeito ao conjunto de ações realizadas com o intuito de viabilizar a realização do Carnaval na cidade do Recife. De maneira geral, estas formações linguísticas têm origem em ações do Estado, uma vez que é ele o principal agente organizador da festa. Compõem este grupo as formações **Ações do Estado buscam garantir maior infraestrutura para o cidadão**, **Ações do Estado buscam garantir o bem-estar do cidadão** e **Ações do Estado buscam proteger os trabalhadores da festa de carnaval**. A primeira delas se fez presente apenas em 1985 e as duas últimas formações mantiveram regularidade, estando presentes nos quatro anos analisados.

Apesar das mudanças na festa carnavalesca no intervalo 30 anos analisado, a lógica discursiva por trás destas formações linguísticas foi preservada. Esta configuração dos matemas do Discurso da Universidade, com suas variações de significantes-mestre (S_1), representa as diferentes maneiras por meio das quais este discurso se faz presente na articulação da cadeia significativa (S_2) a fim de sustentar uma argumentação de que as ações do Estado objetivam atuar sobre a cidade do Recife e as relações trabalhistas (a) para promover a festa de carnaval preservando direitos dos cidadãos e trabalhadores ($\$$). A Figura 15 traz a configuração dos matemas de cada uma das três formações linguísticas.

FIGURA 15 – GRUPO DE FORMAÇÕES: ORGANIZAÇÃO DA FESTA



FONTE: ELABORADO PELOS AUTORES

A criação deste grupo se deve à proximidade das três formações linguísticas em questão, que apesar de não apresentarem em grande medida a convergência de matemas, representam as diferentes ações do Estado no sentido de oferecer uma organização que permita a realização do Carnaval. A Figura 16 oferece exemplos destas formações retirados de nosso *corpus* de pesquisa.

FIGURA 16 – EXEMPLO DO GRUPO DE FORMAÇÕES: ORGANIZAÇÃO DA FESTA

FIGURA 16A

Recife, sexta-feira, 15 de fevereiro de 1985

DRT vai fiscalizar os clubes

A Delegacia do Trabalho começa hoje, através de 50 inspetores e com a cobertura da Polícia Federal, a fiscalizar os clubes sociais e casas de diversões que promoverão bailes ou festas carnavalescas, exigindo o registro do contrato das orquestras e o pagamento das diárias dos garçons, serventes, lavadores de copos e encarregados de bares.

A fiscalização, segundo o delegado do Trabalho, recebeu instruções para agir com rigor e assim evitar a repetição de irregularidades, ocorridas em anos anteriores. O clube ou casa de diversão que não tiver registrado o contrato de orquestra ou conjunto musical terá o baile suspenso e ainda será multado em valores que variam de 10 a 100 salários mínimos.

FONTE: ADAPTADO DE 1985-DP_FEV_073

FIGURA 16B

Segurança garante população

A Secretaria da Segurança Pública estará a partir de hoje, início da semana pré-carnavalesca, executando o seu plano de policiamento para o Carnaval 85, trabalho elaborado pelos diretores Pedro Alves Neto, Marcos Gomes de Matos e Carlos Afonso Ferreira, supervisionado pelo chefe de gabinete Alexandre Menezes, e que consta dos diversos esquemas a serem empregados em todo o Estado, num total de 138 páginas.

Detran vai interditar várias ruas para que o povo possa brincar

A fim de permitir a realização do carnaval de rua do Recife, o Detran vai interditar diversas ruas, avenidas e praças do centro da cidade, a partir das 6 horas da manhã do próximo sábado, (quando sairá o Clube de Máscaras "Galo da madrugada") até as primeiras horas da manhã de quarta-feira de cinzas.

Explica o engenheiro Jorge Hecksher, do Setor de Projetos Provisórios do Detran, que a Praça Maciel Pinheiro, parte da Rua do Hospício, Praça Joaquim Nabuco, Rua do Sol (entre a Ponte Duarte Coelho e a Casa da Cultura), Rua da Concordia, Rua de São João, Rua Vidal de Negreiros, Pátio do Terço, Avenidas Dantas Barreto, Guararapes e Nossa Senhora do Carmo, Rua 1º de Março e Praça da Independência são as artérias de maior fluxo de veículos que sofrerão interdição por ocasião do carnaval.

FONTE: ADAPTADO DE 1985-DP_FEV_038

FONTE: ELABORADO PELOS AUTORES

A formação linguística **Ações do Estado buscam proteger os trabalhadores da festa de carnaval**, diz respeito às ações de regulação do Estado junto aos clubes e estabelecimentos comerciais a fim de fiscalizar determinadas relações trabalhistas estabelecidas durante o período carnavalesco e garantir o cumprimento da lei. Tal formação linguística surgiu em nossa análise apenas no ano de 1985, a partir da existência de casos em que clubes carnavalescos não firmavam contratos de trabalho com músicos, garçons, auxiliares de cozinha, dentre outros profissionais durante o período carnavalesco. Diante de tal situação a Prefeitura do Recife passou a realizar fiscalizações a fim de inibir tal prática. Na Figura 16A percebemos em vermelho como a exigência de contratos de trabalho, definição de pagamentos definição de valores salariais e ações de fiscalização (S_2) está pautada na noção de “Justiça” (S_1) e proteção legal do trabalhador. Desta forma, o Estado age sobre as relações (a) entre os empregadores, os clubes que realizarão eventos durante o carnaval, e os empregados, sejam eles músicos, garçons, ou lavadores de prato. Esta interferência do Estado tem como propósito a garantia de cidadãos com direitos trabalhistas garantidos (\$). Contudo, vale ressaltar que, ao mesmo tempo em que define ações com o intuito de proteger os trabalhadores, o Estado também cria parâmetros sobre quais trabalhadores devem ser protegidos, definindo o que é necessário para que o indivíduo seja considerado como pertencente a esta categoria de trabalhadores. É preciso ressaltar ainda o fato desta formação linguística ter surgido apenas no ano de 1985, o que talvez possa ser explicado pela maior incidência de informalidade nas relações trabalhistas neste ano do que nos anos seguintes de nossa análise.

Na Figura 16B temos a formação **Ações do Estado buscam garantir o bem-estar do cidadão** no trecho destacado em azul, referente às ações do Estado para a promoção de saúde e segurança para os cidadãos durante o período de carnaval. A matéria nos auxilia a perceber como a gestão pública busca tomar medidas para incrementar o policiamento e garantir a segurança da população durante os dias de folia, bem como permite constatar que tais ações são pautadas em um “plano de policiamento” que apresenta “diversos esquemas a serem empregados” (S_2). Neste ponto notamos a presença de uma racionalidade que sustenta este discurso, alicerçada pelo significante-mestre “Segurança” (S_1), subjacente à camada superficial do discurso. Tal cadeia significante objetiva agir sobre a realidade da cidade do Recife (a) no carnaval a fim de, em última instância, garantir a existência de uma população segura (\$).

Contudo, a preocupação com a segurança não é a única dimensão desta formação linguística. Ela também envolve uma faceta referente à preocupação com a garantia de serviços de saúde para a população, como podemos notar no seguinte trecho de uma matéria publicada no ano de 1995: “A secretaria de Saúde do Estado está com um esquema de atuação armado em duas áreas e pronto para ser empregado, a partir de amanhã. O plano reúne plantões nos hospitais de emergência do Grande Recife e o plantão da Vigilância Sanitária da Fusam” (1995-DP_Fev_074). Seguindo a mesma lógica de operação da faceta regida pela ideia de “Segurança”, neste caso as ações da gestão pública são orientadas pelo significante-mestre “Saúde” (S_1), buscando produzir cidadãos com acesso à saúde nos dias de carnaval (§). Surgem ainda como parte desta formação linguística indicações de cuidados com corpo a serem seguidas pelos foliões a fim de se manterem saudáveis.

No que concerne à formação **Ações do Estado buscam garantir maior infraestrutura para o cidadão**, esta está relacionada com ações voltadas para a organização da festa carnavalesca como um todo ou de eventos específicos relacionados com a festa a fim de oferecer maior infraestrutura para cidadãos em geral. Os trechos em verde na Figura 16B demonstram uma faceta desta formação relativa à articulação discursiva da gestão pública no sentido de promover mudanças no trânsito da cidade para viabilizar a festa carnavalesca. Em nome de uma noção de “Organização” (S_1) do evento são analisadas as diferentes vias públicas da cidade e definido um plano de alterações (S_2). Tais mudanças modificam a rotina da cidade (*a*) justificando-se pela tentativa de minimizar o impacto da festa e oferecer opções de deslocamento urbano para todos os cidadãos, foliões ou não (§).

Esta mesma formação linguística ainda apresenta outras facetas, ligadas a matérias que destacam a preocupação com as ações de limpeza da cidade durante e após o evento, a fiscalização e interdição de casas de shows e camarotes que não cumpriram exigências de infraestrutura, tais como extintores de incêndio, sinalização de saída de emergência e antiderrapantes nas escadas, e ainda uma faceta voltada para os cuidados do Estado para o fornecimento de infraestrutura básica, como a alteração no regime de fornecimento de água no dia do Galo da Madrugada no ano de 2005. Em todas estas facetas podemos notar a tentativa de adequar a cidade às demandas da organização da festa, bem como o esforço para minimizar o impacto gerado pela realização da festa carnavalesca na rotina dos cidadãos em geral.

6.3.2 Promoção da festa

O grupo “Promoção da festa” é formado por uma única formação linguística. A formação **Ações de gestão buscam atrair/agradar o folião** é referente ao processo daquilo que poderíamos chamar de enquadramento da festa de carnaval. A cadeia significante (S_2) composta pelas ações de gestão do Estado na promoção da festa, regida pelo significante-mestre “Gestão” (S_1), atua de maneira a oferecer um carnaval planejado e em certa medida gerido para o folião (a) de maneira que subjacente a esta proposta de carnaval está um entendimento específico de folião, o que acaba por transformá-lo também naquilo que chamamos de folião regulado ($\$$). Tal articulação da formação linguística é representada na Figura 17.

FIGURA 17 – GRUPO DE FORMAÇÕES: PROMOÇÃO DA FESTA



FONTE: ELABORADO PELOS AUTORES

Esta formação linguística pode ser percebida na Figura 18, na qual podemos identificar como a proposta de diferentes tipos de carnaval em Recife (S_2), bem como do próprio estado de Pernambuco, passa por uma classificação dos tipos de festa (a) oferecidos, conseqüentemente implicando em tipos específicos de foliões ($\$$) que devem identificar-se com esta proposta.

FIGURA 18 – EXEMPLO DO GRUPO DE FORMAÇÕES: PROMOÇÃO DA FESTA



FONTE: ADAPTADO DE 1995-JC_FEV_001

No trecho da matéria destacado em azul na Figura 18 podemos identificar como a proposta de diferentes tipos de carnaval em Recife (S_2), bem como no próprio estado de Pernambuco, passa por uma classificação dos tipos de festa (a) oferecidos, consequentemente implicando em tipos específicos de foliões (\$) que devem identificar-se com esta proposta. Isto fica evidente quando o secretário da Indústria, Comércio e Turismo enumera os diferentes carnavais existentes no estado de Pernambuco, sendo dois deles localizados na cidade do Recife, “o Carnaval curtição, que é o de Boa Viagem [...], o Carnaval sensação, do Galo da Madrugada [...]”. Mais uma vez, esta definição de diferentes dimensões da festa a receberem investimento traz implicitamente a suposição de perfis de foliões relativos a cada concepção específica de Carnaval.

Outra faceta manifestada por esta formação remete aos investimentos do Estado (S_2) para promover maior alegria ao folião (\$), seja por meio da decoração da cidade, que sempre recebe atenção a cada ano, da criação de atrações para o folião, tais como a Frevioca (ônibus adaptado para desempenhar a função de uma espécie de carro de som) em 1985, ou ainda através do apoio oferecido para a realização de festejos nos bairros da cidade numa época em que a festa se concentrava mais no centro da cidade. Esta ideia de difusão da festa, presente de forma embrionária em 1985, seria ampliada e fortalecida ao longo dos anos seguintes, com destaque para os chamados polos descentralizados do carnaval de 2005, que se mantiveram ainda em 2015.

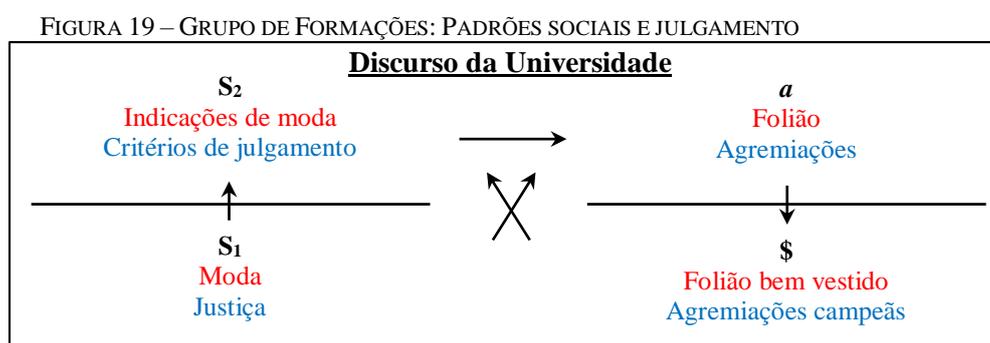
Algumas matérias abordam também a mudança do perfil do folião turista devido a alterações do cenário econômico, gerando aumento ou diminuição da proporção entre turistas brasileiros e estrangeiros, ou ações de proteção ao consumidor em bares e restaurantes durante a folia, em reação a preços abusivos praticados por restaurantes e comerciantes informais, denotando o enquadramento do folião acima de tudo como um consumidor da festa. Outro aspecto presente em todos os anos de nossa análise foram as discussões acerca da moralização da festa. Matérias discutiam a utilização de trajés mínimos por foliões, apontando, em 85, que tal prática poderia ser entendida como atentado ao pudor e questionando, em 2005, se a erotização da festa já não estaria ultrapassando limites em direção à pornografia. Já em 2015, uma matéria adverte os foliões que costumam manter relações sexuais em locais públicos.

Por fim, temos ainda um caso em particular no ano de 2015, no qual promotores de festas utilizam a caracterização de um perfil específico de indivíduos (S_2) denominados

como *cafusus* para promover uma prévia carnavalesca que na qual foliões se vestem como de acordo com as características de um *cafusu* (\$). Aqui o significante-mestre “Regulação” atua no sentido de classificar e enquadrar um perfil de indivíduos dentro de um estereótipo específico, o de *cafusu*.

6.3.3 Padrões sociais e julgamento

Este grupo é composto pelas formações linguísticas **Indicações de moda garantem folião bem vestido** e **Critérios de julgamento definem agremiações campeãs em concursos carnavalescos**. Mais uma vez este agrupamento seguiu o critério de aproximação conceitual entre as formações, já que as duas funcionam por meio da definição explícita de padrões e critérios de julgamento direcionados a sujeitos específicos, sejam foliões ou agremiações. Nestas formações os significantes-mestre “Moda” e “Justiça” (S_1) organizam as cadeias significantes (S_2) dos parâmetros por meio dos quais serão definidos que peças de vestuário são as mais adequadas e que características das agremiações devem ser avaliadas em seus desfiles. Estes conhecimentos estabelecidos pela cadeia significativa atuam respectivamente sobre o folião e as agremiações em geral (a), produzindo as definições do que é um folião bem vestido em cada época e de quais as agremiações campeãs do carnaval a cada ano (\$). Estas formações estão expressas na configuração dos matemas da Figura 19.



FONTE: ELABORADO PELOS AUTORES

Ambas as formações foram identificadas nos quatro anos de nossa análise, por tratarem de questões que são comuns ao evento carnavalesco em todos os anos da festa. Contudo, percebemos que a ênfase dada às indicações de moda possuía um caráter mais incisivo no ano de 1985, apontando a possibilidade de uma maior influência desta formação sobre os foliões. A Figura 20 traz manifestações destas articulações discursivas.

FIGURA 20 – EXEMPLO DO GRUPO DE FORMAÇÕES: PADRÕES SOCIAIS E JULGAMENTO

ESCOLHA SUA FANTASIA

CARNIVAL 2005

No Carnaval pernambucano, fantasia é item indispensável. Nas ladeiras de Olinda, nas ruas do Recife Antigo ou ainda nos focos de animação do interior, o importante é entrar na brincadeira e soltar a imaginação. Se você acha que o reinado de Momo está muito próximo para montar uma produção original, saiba que ainda há tempo para embarcar nessa festa e criar um personagem. Para facilitar seu trabalho, selecionamos quatro idéias sugeridas por cinco estilistas pernambucanos. O veterano Ricardo de Castro homenageou o Recife com uma frevista espacial cheia de fitas coloridas. Já Joana Gatis explorou a feminilidade e a graciosidade da pernambucana com uma versão de princesa. As ousadas Cyntya Verçosa e Diana Cantídio apostaram em uma mulher-gato estilizada, original e sexy. E a revelação Melk Z-Da embarcou na cultura popular ao idealizar uma boneca fashion, cheia de atitude e ingenuidade. Confira os modelitos, escolha o seu e caia na folia.

FIGURA 20A
FONTE: ADAPTADO DE 2005-JC_JAN_033

Gigante é campeã, mas Galeria merecia uma melhor colocação

Valdi Coutinho

Gigante do Samba, como já era esperado por todos, é a grande campeã das escolas de samba de primeira categoria, no Carnaval do Recife 85. Ela entrou e saiu da passarela de forma imbatível, e o resultado não deixa margem nenhuma para dúvidas ou contestações, demonstrando o acerto da comissão julgadora, neste ano formada por competentes conhecedores do assunto.

Na voz do povão, também Gigante do Samba era a campeã do Carnaval do Recife, pois a sua apresentação foi uma verdadeira apoteose. Com mais de 3 mil componentes, bateria de primeira, samba quente na voz e no pé, lindas fantasias, tema corretíssimo, afinação e harmonia, proporcionou um espetáculo indescritível. Foi a última a desfilar e chegou como o próprio sol, para brilhar.

FIGURA 20B
FONTE: ADAPTADO DE 1985-DP_FEV_122

FONTE: ELABORADO PELOS AUTORES

Na Figura 20A, o trecho destacado em vermelho demonstra a formação **Indicações de moda garantem folião bem vestido** em ação. Nela vemos como o conhecimento de especialistas oferece referências para que os foliões possam montar suas fantasias para os dias de festa. Fantasias que “homenageiem o Recife”, “explorem a feminilidade e graciosidade da pernambucana” e que valorizem “a cultura popular” são apresentadas na matéria como opções de destaque para os foliões. Fica implícito o

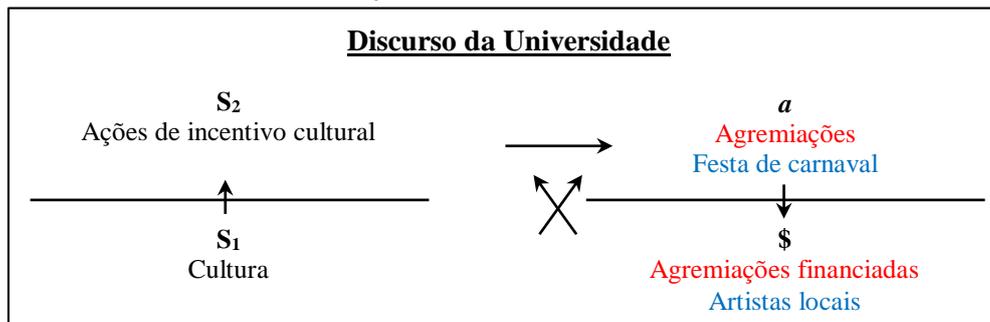
entendimento de que se espera do folião que ele invista em suas fantasias e busque alcançar bons níveis em relação à moda, e por conta disto as indicações dos especialistas em moda tornam-se a ainda mais relevantes. Independentemente do ano de nossa análise esta formação sempre seguiu esta lógica, variando apenas na especificidade das indicações tidas como mais adequadas em cada época de acordo com os padrões de moda do momento.

Quanto à Figura 20B, a marcação em azul permite que identifiquemos como critérios específicos auxiliam na avaliação do desempenho das agremiações que competem no carnaval. No ano de 1985 a campeã do desfile de escolas de samba foi a Gigantes do Samba, que apresentou “mais de 3 mil componentes, bateria de primeira, samba quente na voz e no pé, lindas fantasias, tema corretíssimo, afinação e harmonia”. Além disto, é preciso ressaltar que estes critérios e a forma como são avaliados estão longe de serem absolutos e uma unanimidade. Em todos os anos de nossa análise matérias apresentavam casos de agremiações que questionavam as decisões dos jurados e o resultado das competições, apontando principalmente que as avaliações e premiações não foram adequadas.

6.3.4 Incentivo à cultura

O quarto grupo do Discurso da Universidade inclui as formações linguísticas **Ações de incentivo cultural buscam garantir sobrevivência das agremiações** e **Ações de incentivo cultural buscam garantir artistas que representam a cultura local**. Estas formações foram agrupadas tendo como base o fato de apresentarem em comum a atuação do conhecimento da cadeia significativa (S_2) das ações de incentivo cultural como agente de articulações discursivas, bem como a sustentação desta cadeia pelo significante-mestre (S_1) “Cultura”, presente em ambas formações. Esta cadeia significativa atua respectivamente sobre as agremiações carnavalescas e a festa de carnaval como um todo (a). Tais ações de incentivo cultural acabam por dar origem a agremiações financiadas e artistas locais (\$). A representação destas formações linguísticas por meio dos matemas lacanianos é apresentada na Figura 22.

FIGURA 21 – GRUPO DE FORMAÇÕES: INCENTIVO À CULTURA



FONTE: ELABORADO PELOS AUTORES

Enquanto o auxílio financeiro do Estado às agremiações foi notado em todos os anos de nossa análise, com valores maiores ou menores, o investimento explícito e direcionado para estimular músicos locais se tornou evidente apenas nos anos de 2005 e 2015. Foi neste período que a política da Prefeitura do Recife adotou um projeto que se propunha a valorizar a cultura pernambucana no carnaval, demonstrando inclusive uma maior preocupação com a valorização dos ritmos do frevo e posteriormente do maracatu. A Figura 22 ilustra estas duas formações.

FIGURA 22 – EXEMPLO DO GRUPO DE FORMAÇÕES: INCENTIVO À CULTURA



FONTE: ADAPTADO DE 2005-DP_JAN_027

A Figura 22 apresenta um trecho de matéria do ano de 2005 em que é descrito o investimento da Prefeitura Municipal do Recife para a realização do carnaval daquele ano. Nas marcações em vermelho podemos verificar a manifestação da formação linguística **Ações de incentivo cultural buscam garantir sobrevivência das agremiações**. Ao enfatizar que “[..] chegaram à Prefeitura cerca de 700 solicitações de apoio de blocos e troças, e dessas 530 foram beneficiadas [...]”, o secretário de Cultura da cidade do Recife demonstra o direcionamento de ações da gestão pública no sentido de possibilitar a participação das agremiações no carnaval. Em nossa análise identificamos que este tipo de ação se repetiu em todos os anos contemplados pelo *corpus* de pesquisa, sempre sendo atribuído a ela um caráter de estímulo e preservação da cultura local pernambucana, representada e encarnada pelas diferentes agremiações carnavalescas.

Na mesma matéria a formação linguística **Ações de incentivo cultural buscam garantir artistas que representam a cultura local** se faz presente no trecho marcado em azul. É dado destaque ao fato de que “apenas três artistas de fora vão participar este ano da folia: Elba Ramalho, Beth Carvalho e Dona Ivone Lara. O investimento maior é em artistas da terra como Alceu Valença, Silvério, Antônio Nóbrega [...]”. Esta articulação discursiva denota o esforço da gestão pública no sentido da valorização da cultura local. Este movimento identificado neste exemplo de 2005 se fez notar também em 2015.

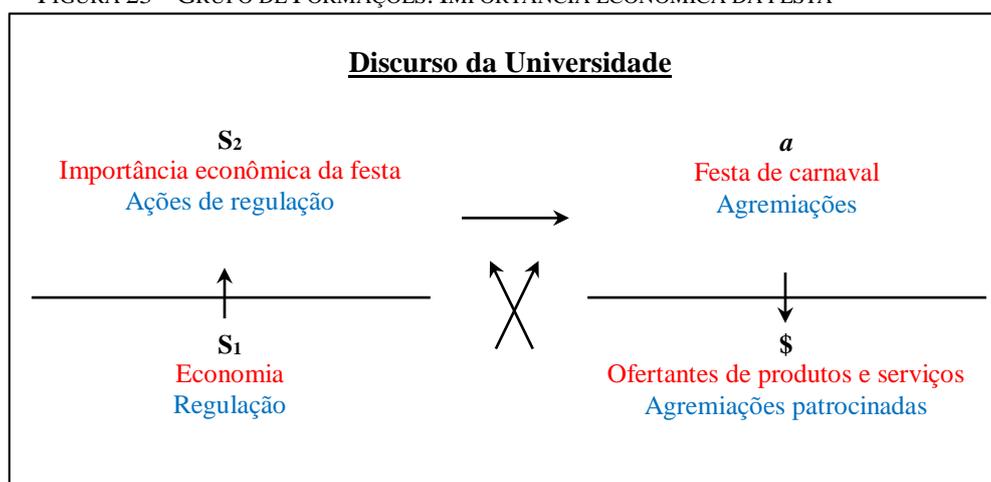
Em ambas as formações deste grupo pudemos inferir que estas ações de incentivo cultural da gestão pública acabam por subjetivar agremiações e artistas locais. Por meio destas ações de incentivo à cultura é estabelecida a definição do que se entende por cultura local e quais são os grupos carnavalescos e artistas que se enquadram neste perfil, sendo considerados para o recebimento de incentivo financeiro e propostas de contrato para shows.

6.3.5 Importância econômica da festa

O último grupo relativo ao Discurso da Universidade é constituído pelas formações **Potencial econômico da festa favorece ofertantes de produtos e serviços e Agremiações buscam limitar ações publicitárias de agremiações**. Apesar das formações não apresentarem temas em comum, elas foram agrupadas pelo fato de

ambas serem marcadas pela presença da dimensão econômica em suas articulações discursivas. Na primeira formação temos o significante-mestre “Economia” (S_1) fundamentando a cadeia significante da importância econômica da festa (S_2). Este conhecimento age sobre o real da festa de carnaval (a) gerando a subjetividade dos ofertantes de produtos e serviços (\$) que são beneficiados pelo evento. Já a segunda formação envolve o significante-mestre “Regulação” (S_1), na atuação da cadeia significante das ações de regulação (S_2) sobre agremiações do carnaval do Recife (a) ao identificar e classificar aquelas agremiações patrocinadas (\$) a fim de exercer seu poder de regulação. Temos na Figura 23 a representação gráfica da configuração dos matemas lacanianos de cada uma das formações deste grupo, seguindo a lógica discursiva da Universidade.

FIGURA 23 – GRUPO DE FORMAÇÕES: IMPORTÂNCIA ECONÔMICA DA FESTA



FONTE: ELABORADO PELOS AUTORES

Enquanto a formação linguística **Potencial econômico da festa reflete no desempenho de ofertantes de produtos** esteve presente em todos os anos contemplados por nossa análise, a formação **Agremiações buscam limitar ações publicitárias de agremiações**, um desdobramento da primeira, foi por nós identificada apenas no ano de 2005 em relação a um contexto específico do carnaval. A Figura 24 traz matérias referentes aos anos de 1995 e 2005, ilustrativas da manifestação das formações linguísticas em questão.

FIGURA 24 – EXEMPLO DO GRUPO DE FORMAÇÕES: IMPORTÂNCIA ECONÔMICA DA FESTA

Folia deixou lucro de R\$ 25 mi

Rede hoteleira foi quem ganhou mais no Carnaval

Num rápido balanço dos resultados financeiros deixados pelo Carnaval deste ano, o presidente da Empetur, Samuel Oliveira, disse ter circulado, em Pernambuco, aproximadamente 25 milhões de reais, nesses dias de folia. Desse total apenas 25% ficaram nos hotéis. A outra parte alimentou a economia informal, restaurantes, lojas de souvenir etc.

No mesmo período, aproximadamente 75 mil turistas, predominantemente brasileiros, estiveram

De acordo com Carlos Eduardo Pereira somente em Boa Viagem, autorizadas pela Prefeitura da Cidade do Recife, funcionaram 108 barracas, mas havia um número bem mais expressivo de pessoas vendendo bebidas, comidas, e artigos carnavalescos, o que torna impossível quantificar os empregos temporários. Como empregos temporários são considerados aqueles que as pessoas trabalham para os blocos, como as costureiras, seguranças, cordão de isolamento e outras atividades. Tem o pessoal que trabalha na ornamentação das ruas, armação de palanques, colocação de arquibancadas etc.

FIGURA 24A
FONTE: ADAPTADO DE 1995-DP_MAR_013

Desfile vai manter percurso

Depois de 15 dias de polémica em relação ao percurso do desfile do Galo da Madrugada, a Prefeitura do Recife e a diretoria do Galo chegaram a um acordo, ontem, e confirmaram que o bloco vai continuar passando pela rua da Concórdia, no bairro de São José. A manutenção do roteiro tradicional do Galo estava ameaçada desde o último dia 12, quando o presidente da agremiação, Êneas Freire, anunciou que o bloco poderia não passar pela Concórdia, por causa de uma disputa entre a Prefeitura e a

diretoria do Galo pela colocação de material publicitário na via.

O acordo foi firmado no início da manhã, durante uma reunião entre Êneas, o prefeito do Recife, João Paulo e o secretário municipal de Cultura, João Roberto Peixe. No encontro, Êneas resolveu manter o roteiro original, mesmo sem ter sua principal reivindicação atendida – receber autorização para colocar 72 banners na rua da Concórdia, estampando peças publicitárias do seu principal patrocinador, uma marca de cerveja diferente da patro-

cinadora oficial do Carnaval do Recife. Após a reunião, a PCR confirmou a liberação de R\$ 150 mil para ajudar o desfile do bloco e da praça Sérgio Loreto para a colocação do material publicitário dos patrocinadores da agremiação.

Êneas Freire afirmou que a proximidade da data do desfile inviabilizou qualquer mudança no percurso. "Vamos respeitar os foliões que esperam o bloco na Concórdia. O nosso Galo é de briga, mas fumei o cachimbo da paz com João Paulo e está tudo resolvido". Além

da praça Sérgio Loreto, Êneas anunciou que colocará os banners de patrocínio em uma parte dos três carros alegóricos e 30 trios elétricos.

Na próxima quinta-feira, uma prévia do desfile, arrastará foliões a partir das 19h da praça da Independência até a Sérgio Loreto. Apesar do acordo, a polémica sobre a colocação de peças publicitárias na Concórdia pretende render por outros carnavais, já que Êneas afirmou que, no próximo ano, voltará a pedir espaço na via para propaganda.

FIGURA 24B
FONTE: ADAPTADO DE 2005-DP_JAN_027

FONTE: ELABORADO PELOS AUTORES

No que diz respeito à formação **Potencial econômico da festa reflete no desempenho de ofertantes de produtos**, temos o reconhecimento da importância econômica da festa de carnaval e como ela tem impacto em atividades comerciais diversas. Os trechos destacados em vermelho na Figura 24A sintetizam a maneira como esta formação se manifestou ao longo da nossa análise, demonstrando como informações acerca da circulação de dinheiro durante o carnaval (S_2), fundamentadas em uma análise de viés Econômico (S_1 “Economia”), atuam no sentido de enfatizar a relevância da festa de carnaval (a) para estimular a economia e influenciar o desempenho econômico de determinados setores da economia ofertantes de produtos ou serviços, neste caso o setor hoteleiro, “comerciantes informais, restaurantes, lojas de souvenirs e etc.” (\$). É preciso

ressaltar a regularidade desta formação em todos os anos analisados em nossa pesquisa, sempre se mantendo ligada ao reflexo do evento carnavalesco sobre as atividades de comerciantes formais e informais, bares, restaurantes e hotéis. A cada ano, ao término do período momesco, são veiculadas informações acerca da movimentação financeira gerada pela festa e os benefícios econômicos gerados para a cidade do Recife.

No ano de 1985 uma das passagens desta formação ressalta que alguns dias antes do início do carnaval o movimento em bares e restaurantes ainda era considerado pequeno para o período, mas que “o consumo diário de cerveja nos bares do centro da cidade é em média vinte grades por dia, devendo duplicar ou até mesmo triplicar durante dias de carnaval. As refeições comerciais saem em média por dia quinze a trinta pratos, podendo também aumentar” (1985-JC_Fev_75). Nos anos de 2005 e 2015 também foram identificadas passagens relativas a esta formação linguística, destacando, por exemplo, a ampliação dos lucros de supermercados e shoppings no período de carnaval, ou ainda o crescimento das vendas do setor de atacado.

Já a formação **Ações de regulação buscam limitar ações publicitárias de agremiações patrocinadas** remete a um caso mais específico, ocorrido no ano de 2005. O crescimento da relevância econômica da festa propiciou o patrocínio de empresas a grandes agremiações como formas de ação publicitária. Contudo, esta situação gerou conflito entre a gestão municipal, que fechara contratos de patrocínio específicos com determinadas empresas para a festa carnavalesca, e a agremiação do Galo da madrugada, que estava sendo patrocinada por outra empresa. Diante deste impasse entre a agremiação e a gestão pública “a manutenção do roteiro tradicional do Galo estava ameaçada desde o último dia 12, quando o presidente da agremiação, Enéas Freire, anunciou que o bloco poderia não passar pela Concórdia, por causa de uma disputa entre a Prefeitura e a diretoria do Galo”.

A regulação (S_2) exercida sobre a agremiação do Galo da Madrugada (a) se dá a partir do entendimento de que esta se trata de uma agremiação patrocinada ($\$$), cujas ações publicitárias entram em conflito com o planejamento da prefeitura para a realização da festa de carnaval. Mais uma vez, este foi um caso particular, ocorrido em 2005, mas que reflete a importância econômica da festa e os embates causados por esta dimensão dentro da festa carnavalesca do Recife.

6.4 O Discurso da Universidade ao longo dos anos

Diante destes cinco grupos de formações linguísticas e da maneira como elas se comportaram com o passar dos anos podemos traçar uma perspectiva mais geral acerca do Discurso da Universidade em relação ao carnaval do Recife. Se no Discurso do Mestre é o significante-mestre (S_1) o responsável pela articulação discursiva, no Discurso da Universidade é a cadeia significante (S_2) que assume a posição de agente do discurso. A voz da razão e do conhecimento dito objetivo é o centro deste discurso, atuando sobre o Real (a) dos fenômenos sociais e produzindo subjetividades ($\$$). O poder arbitrário do mestre dá lugar ao poder aparentemente imparcial e lógico do conhecimento. Neste sentido, o Discurso da Universidade no carnaval do Recife se apresentou por meio da aplicação da racionalidade para analisar e enquadrar o fenômeno social espontâneo e indefinido da festa de carnaval (a) e os aspectos que o cercam, tais como a cidade do Recife enquanto espaço social e os próprios foliões e agremiações carnavalescas.

Uma vez que o carnaval do Recife é um evento cuja organização está em grande medida sob a responsabilidade do Estado, a maior parte das formações linguísticas referentes ao Discurso da Universidade diz respeito a políticas ou ações de gestão do Estado para realização da festa, determinando a destinação de investimentos, a regulação de atividades, as diretrizes de organização da festa e a própria avaliação do evento quanto ao seu impacto econômico. Contudo, notamos ainda que algumas das formações não estão atreladas diretamente à gestão/organização da festa, mas também cumprem a função de estabelecer limites, padrões e critérios no intuito de compreender, explicar ou até mesmo modificar a realidade e assim produzir subjetividades dentro deste determinado contexto social.

De maneira geral, todos os grupos de formações pertencentes ao Discurso da Universidade apresentaram poucas variações ao longo dos anos. No primeiro grupo, que remete aos esforços do poder público para a organização do espaço social necessária para a realização da festa carnavalesca e produz uma subjetividade cidadã, a preocupação com saúde, segurança e infraestrutura pouco sofreu alterações nos quatro anos de análise. Estas dimensões foram sempre evidenciadas e abordadas pelo Estado. A existência de uma maior fiscalização acerca da formalização das relações trabalhistas estabelecidas para o evento de carnaval no ano de 1985 aponta, em última instância, também para a proteção

de um direito do cidadão, mesmo que seja mais especificamente no papel de trabalhador. Como dito anteriormente, o fato da formação não ter se repetido nos anos subsequentes aponta para um movimento mais amplo de formalização das relações trabalhistas para além do carnaval em si. Já a formação pertencente ao segundo grupo, relativa às ações de promoção da festa, produziu sempre a subjetividade do folião médio, para o qual a festa era pensada e do qual esperava-se um padrão de comportamento e de preferências específicas a cada ano, de acordo com as mudanças sociais. A partir desta formação podemos perceber o movimento da festa de carnaval em direção às ruas e à crescente descentralização dos festejos.

Afastando-se das ações do poder público, o terceiro grupo de formações demonstra como regras, critérios e são definidos por especialistas em determinadas áreas sem apresentar uma origem completamente clara, mas com um grande poder de orientar as práticas coletivas. Tanto o estabelecimento dos padrões de moda adequados para cada ano de carnaval como o processo de classificação e premiação das melhores agremiações nas competições carnavalescas produzem subjetividades específicas e bem definidas: o que é um folião bem vestido e o que uma agremiação vencedora. E assim, foliões e agremiações se pautam nestas indicações e critérios compartilhando destas subjetividades.

Retornando ao âmbito das ações do Estado em relação ao carnaval, temos o quarto grupo de formações, que gira em torno da preocupação com a preservação e valorização da cultura local pernambucana. Gradativamente, no decorrer do intervalo de três décadas analisado, este discurso em prol da cultura local ganhou maior pujança, justificando ações do Estado. E junto com as formações linguísticas deste grupo veio a produção de subjetividades específicas, com o delineamento de quais são os representantes dessa cultura carnavalesca local. Nos anos de 1985 e 1995 as agremiações carnavalescas foram alçadas à posição de destaque neste contexto, uma vez que, neste período, artistas de outras regiões tinham grande espaço na festa. As agremiações tornavam-se um dos principais representantes da cultura carnavalesca pernambucana. Contudo, a partir de 2005 foi possível notar que as agremiações continuaram a ser subsidiadas, mesmo que de forma limitada, e além disto buscou-se estimular e garantir a presença em número cada vez maior de artistas diversos vinculados de alguma maneira com a cultura do estado de Pernambuco.

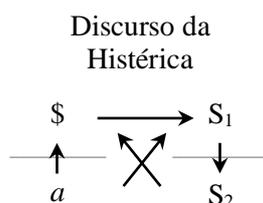
Por fim, temos o grupo de formações relativas à dimensão econômica da festa de carnaval. Neste ponto a relação do carnaval do Recife com o olhar de Yúdice e Canclini se faz notar de forma mais evidente. A formação linguística que aborda o potencial econômico da festa pode ser entendida como o alicerce central que fundamenta em alguma medida todas as ações do Estado em prol da realização da folia de Momo ano após ano. Em todos os anos de nossa análise as informações sobre a movimentação financeira e o impacto no desempenho de determinados setores da economia provenientes do carnaval sempre receberam destaque. Esta dimensão fica ainda mais nítida no caso da regulação das ações publicitárias das agremiações no ano de 2005. Agremiações tidas como representantes da cultura carnavalesca local, como o Galo da Madrugada, buscam capitalizar a festa de carnaval e neste processo são enquadradas nos arranjos econômicos estabelecidos. A cultura aparece engajada e subsumida pela economia neste episódio.

Este conjunto de grupos e formações compõem o Discurso da Universidade do carnaval do Recife nos anos de 1985, 1995, 2005 e 2015, que se mantem majoritariamente constante em sua trajetória na aplicação da racionalidade sobre o fenômeno da festa de carnaval. O Discurso da Universidade, indicado por Lacan como expressivo desde da segunda metade do século passado, se caracteriza assim como sendo propagado na forma de um saber sobre o evento e seus diferentes significados, incorporando o conhecimento especializado e a burocracia relativos à festa. Partindo de uma fundamentação em argumentos racionais, este discurso justificaria a configuração da festa tal qual ela se apresenta.

As subjetividades (\$) produzidas pelo Discurso da Universidade surgem sempre se adequando à cadeia significante (S_2) que as originou. As concepções de folião, cidadão ou agremiações geradas por este discurso são assim pautadas pelas racionalidades específicas que permeiam a festa. E em grande medida percebemos que estas racionalidades estão fundamentadas fortemente na concepção do carnaval como um evento festivo a ser viabilizado e organizado e não unicamente como uma manifestação da cultura popular. Obviamente é preciso ter em mente que a predominância do caráter de evento do carnaval não significa o completo desaparecimento do seu caráter de festejo expressão da cultura popular. Contudo, este aspecto nos permite identificar no Discurso da Universidade um movimento em direção à apropriação da cultura popular pela lógica organizativa racional, característica da sociedade contemporânea e carregada pelo viés econômico.

6.5 Discurso da Histérica

O Discurso da Histérica é o discurso que tem como agente o sujeito barrado (\$), movido pelo motor do seu desejo (*a*). É na tentativa de encontrar um saber (S_2) sobre seu desejo que o sujeito questiona o significante-mestre (S_1) enquanto seu outro. Assim, o Discurso da Histérica é caracterizado pela postura questionadora do sujeito barrado (\$) na tentativa de descobrir o que ele representa para o Outro. A configuração dos matemas deste discurso pode ser assim representada:



Em nossa pesquisa o Discurso da Histérica manifestou-se como por meio de diversas posições discursivas diferentes, dando origem a dezoito formações linguísticas organizadas em oito grupos distintos. Cada uma destas formações, suas respectivas definições e a distribuição de frequência de cada uma delas nos quatro anos analisados são apresentadas no Quadro 6.

| FORMAÇÕES LINGÜÍSTICAS | DEFINIÇÕES | 1985 | 1995 | 2005 | 2015 |
|---|--|------|------|------|------|
| GRUPO: HISTERIA FOLIÃ DE EMANCIPAÇÃO | | | | | |
| Folião marginalizado demarca seu espaço no carnaval | Folião marginalizado luta contra preconceitos para conquistar seu espaço no carnaval do Recife. | X | X | | |
| Folião busca promover um carnaval independente | Folião da periferia busca se mobilizar para promover festa de carnaval em seu bairro. | X | | | |
| GRUPO: HISTERIA FOLIÃ DE PRESERVAÇÃO DAS TRADIÇÕES | | | | | |
| Folião preserva tradições do carnaval | Folião valoriza e perpetua tradições do carnaval. | X | X | X | X |
| GRUPO: HISTERIA FOLIÃ DE CRÍTICA | | | | | |
| Folião se manifesta por meio do carnaval | Folião utiliza o espaço concedido pela festa carnavalesca para manifestar opiniões diversas. | X | X | X | X |
| Folião critica a festa de carnaval | Folião apresenta queixas em relação à festa carnavalesca. | X | X | X | X |
| GRUPO: HISTERIA FOLIÃ DE EUFORIA | | | | | |
| Folião aproveita a festa ao máximo | Folião busca aproveitar o máximo possível da folia carnavalesca durante os dias de festa. | X | X | X | X |
| Folião busca segurança ao brincar o carnaval | Folião preocupa-se com questões de segurança e busca prevenir-se ao brincar a festa de carnaval. | | | X | X |

| GRUPO: HISTERIA CIDADÃ | | | | | |
|---|--|---|---|---|---|
| Cidadão que não gosta do carnaval busca opções para fugir da festa | Cidadão busca de atividades alternativas para escapar da folia carnavalesca. | X | X | X | X |
| Cidadão opina sobre a festa de carnaval estendida | Cidadão avalia e opina a respeito do prolongamento dos festejos carnavalescos após o fim do período oficial da festa. | | X | | |
| Trabalhador usa o carnaval em busca de melhores condições de trabalho | Trabalhador utiliza o período carnavalesco a seu favor para exigir melhores condições de trabalho em seu ramo de atividades. | X | X | X | X |
| GRUPO: HISTERIA POLÍTICA | | | | | |
| Político aproveita o carnaval para fazer política | Político utiliza o evento de carnaval para realizar articulações políticas e fortalecer sua própria imagem. | X | X | X | X |
| GRUPO: HISTERIA DAS AGREMIações | | | | | |
| Agremiação se esforça para brincar o carnaval | Agremiação enfrentar desafios e faz sacrifícios para participar da festa carnavalesca. | X | X | X | X |
| Agremiação preserva tradições do carnaval | Agremiação valoriza e perpetua tradições do carnaval. | X | X | X | X |
| Agremiação critica o carnaval | Agremiação apresenta queixas diversas em relação à festa de carnaval. | X | X | X | X |
| GRUPO: HISTERIA DOS ARTISTAS | | | | | |
| Artista anima a festa de carnaval | Artista encarrega-se de animar os foliões durante apresentações na festa de carnaval. | X | X | X | X |
| Artista preserva tradições do carnaval | Artista valoriza e perpetua tradições do carnaval. | X | X | X | X |
| Artista critica o carnaval | Artista apresenta queixas diversas em relação à festa de carnaval. | X | X | X | X |
| Artista de fora valoriza a cultura local | Artista de fora de Pernambuco presente na festa de carnaval demonstra interesse e pela cultura local. | | | X | |

QUADRO 6 – FORMAÇÕES LINGUÍSTICAS DO DISCURSO DA HISTÉRICA

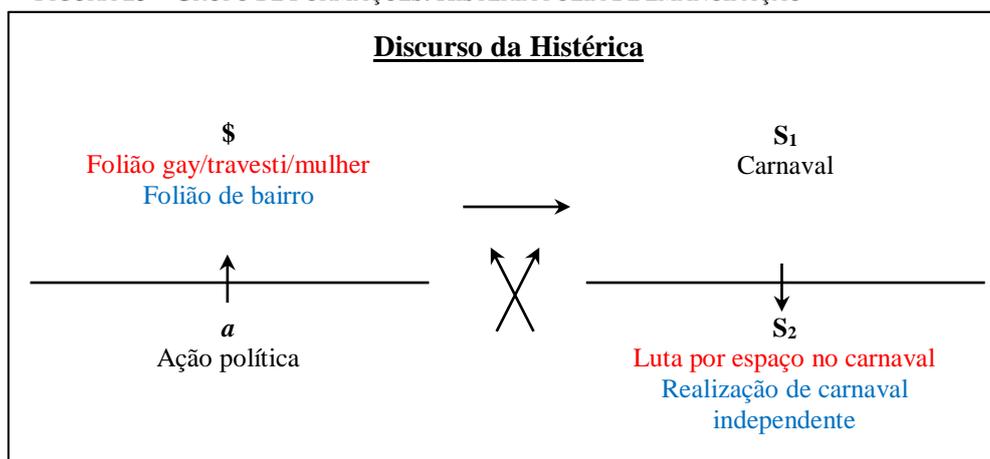
FONTE: ELABORADO PELOS AUTORES

Como é possível notar no quadro 6, em nossa análise o Discurso da Histórica foi composto por formações discursivas oriundas de sujeitos bem diversos, mas sempre girando, de maneira geral, em torno da valorização, crítica e apropriação do carnaval por parte destes sujeitos. Este processo sempre ocorre a partir da lógica segundo a qual os sujeitos (\$) questionam um significante-mestre, neste caso sempre o “Carnaval”. Como resposta a este questionamento acerca do que é o carnaval para cada um dos diferentes sujeitos é produzido um conhecimento (S₂) específico sobre a relação destes sujeitos com o carnaval. A seguir apresentaremos cada um dos oito grupos que integraram o Discurso da Histórica em nossa análise, detalhando as respectivas formações linguísticas que os compõem.

6.5.1 Histeria foliã de emancipação

Este grupo é composto pelas formações linguísticas **Folião marginalizado demarca seu espaço no carnaval** e **Comunidade promove um carnaval independente**. Neste grupo o sujeito barrado folião (\$), movido pelo impulso da ação política (*a*), enxerga no significante-mestre “Carnaval” (S_1) a possibilidade de alcançar a organização de uma cadeia significativa de ações (S_2) que ofereçam a ele algum tipo de emancipação diante da situação em que ele se encontra. A Figura 25 retrata os matemas lacanianos configurados de modo a articular discursivamente estas formações linguísticas do Discurso da Histérica.

FIGURA 25 – GRUPO DE FORMAÇÕES: HISTERIA FOLIÃ DE EMANCIPAÇÃO



FONTE: ELABORADO PELOS AUTORES

Apesar de se tratarem de sujeitos distintos em cada uma das duas formações, elas foram agrupadas devido ao fato de que em ambos os casos temos posições de foliões que encaram no carnaval uma chance de confrontação do espaço social. Enquanto a formação linguística **Folião marginalizado demarca seu espaço no carnaval** surgiu em nossa análise nos anos de 1985 e 1995, a formação **Comunidade promove um carnaval independente** se fez presente apenas no ano de 1985. Acreditamos que a ausência destas formações nos anos de 2005 e 2015 pode ser explicada em parte pelos avanços sociais que refletem também no carnaval e em parte pelo processo de crescente descentralização da festa ao longo dos anos. A Figura 26 traz trechos ilustrativos das formações em questão.

FIGURA 26 – EXEMPLOS DO GRUPO DE FORMAÇÕES: HISTERIA FOLIÃO DE EMANCIPAÇÃO



FONTE: ELABORADO PELOS AUTORES

Na Figura 26A a matéria apresenta destaques em vermelho que ilustram a formação **Folião marginalizado demarca seu espaço no carnaval**, representando o esforço de foliões gays e travestis (\$) em participar da festa de carnaval. Em 1985 foliões travestis e foliãs mulheres organizaram blocos carnavalescos voltados para seus grupos específicos na busca por mais espaço no carnaval. Mas é em 1995, período em que o combate à Aids recebia grande atenção, que a matéria retratada na Figura 26A ressalta o preconceito enfrentado por foliões gays durante o carnaval e o seu esforço para participar da festa, mesmo que de maneira limitada. Podemos notar em vermelho como o preconceito contra os foliões homossexuais cerceia seu direito de brincar a festa de carnaval, impossibilitando as atividades do bloco carnavalesco. Contudo, a despeito destas dificuldades os foliões (\$) ainda se mostram engajados com as ações de

conscientização e prevenção (S_2) e planejadas para serem realizadas no carnaval (S_1), e apesar do preconceito enfrentado os foliões demonstram estarem dispostos a brincarem o carnaval mesmo que sem o bloco idealizado por eles.

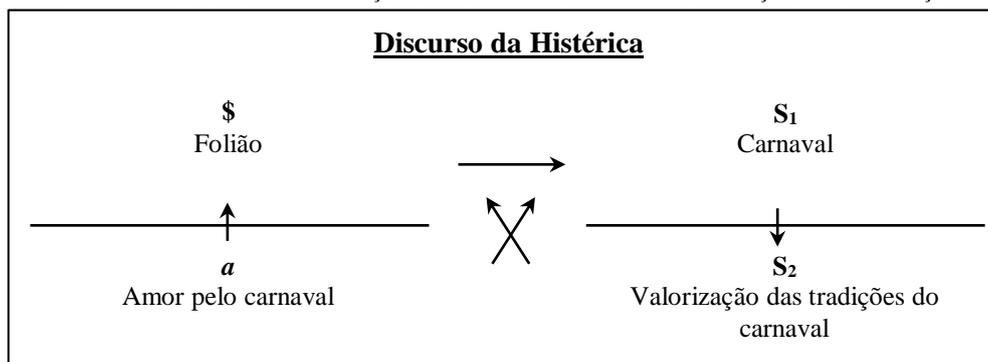
Já a formação **Comunidade promove um carnaval independente** está presente e se faz perceber nas marcações em azul na Figura 26B. Nesta passagem percebemos a ação política de mobilização (a) da população dos bairros da Zona Norte do Recife (\$) para a realização de uma festa de carnaval na região (S_2), independente dos festejos principais organizados no centro e na orla da cidade. A passagem da matéria que frisa que a realização da festa na Zona Norte tornará “desnecessário o deslocamento para o centro da cidade, Boa Viagem ou Olinda” mostra como esta ação dos foliões representa uma espécie de emancipação dentro do espaço urbano da cidade do Recife e da sua lógica de organização do Carnaval.

É interessante ressaltar que em outras matérias é relatada a demora no cumprimento do compromisso assumido pela secretaria municipal de coordenação em apoiar a festa na Zona Norte, e, contudo, os moradores do bairro ainda se mostram esperançosos de que a festa venha a acontecer na região. Chamamos a atenção ainda para a relação existente entre esta formação linguística e a formação **Ações de gestão buscam atrair/agradar o folião**, referente ao Discurso da Universidade e discutida anteriormente, cuja uma das facetas é a proposta de estímulo à folia realizada nos bairros, que ganhou força posteriormente a 1985.

6.5.2 Histeria foliã de preservação das tradições

Este grupo é composto por uma única formação linguística, a formação **Folião preserva tradições do carnaval**. Esta formação foi identificada nos quatro anos de nossa análise, sendo uma das formações com presença mais marcante no Discurso da Histórica. Aqui o amor pelo carnaval (a) é aquilo que move o folião (\$) a enxergar o significante-mestre “Carnaval” (S_1) como o ponto de organização da cadeia significativa de valorização das tradições (S_2). Esta lógica discursiva está expressa por meio dos matemas na Figura 27.

FIGURA 27 – GRUPO DE FORMAÇÕES: HISTERIA FOLIÃ DE PRESERVAÇÃO DAS TRADIÇÕES



Estando presente em todos os anos contemplados pela pesquisa, a formação apresentou diferentes facetas. O orgulho das tradições e o empenho em transmiti-las às gerações de foliões mais jovens, a valorização do ritmo do frevo como representativo das tradições carnavalescas e a preservação do costume de participar da folia momesca trajando fantasias foram as facetas com maior destaque e constância ao longo dos anos analisados.

Nos anos de 1985 e 1995 notamos a articulação discursiva de valorização da tradição da festa de rua, o que se justifica por este ter sido o período de nossa análise em que a separação entre a festa de rua e a festa dos salões era mais evidente, privilegiando em geral os bailes fechados. Além disto, apesar do interesse de alguns foliões em participarem de concursos de fantasias ter sido identificado em todos os anos, em 1985 esta dimensão se mostrou mais intensa, com uma valorização maior destas competições em bailes fechados.

Vale ressaltar ainda o crescente reconhecimento e valorização da importância do Galo da Madrugada e do ritmo do maracatu para o carnaval do Recife. O Galo da Madrugada já era reconhecido como um bloco consolidado em 1985, mas foi a partir do ano de 1995 que ele passou a ser percebido como uma tradição carnavalesca em nossa análise, ganhando cada vez mais relevância na fala dos foliões. No caso do maracatu esta valorização foi identificada inicialmente de forma mais tímida no ano de 1995, mas a partir de 2005 o ritmo passou a enaltecido de maneira mais enfática como uma tradição carnavalesca ao lado do frevo. A Figura 28 apresenta um exemplo de como a formação linguística em questão se manifestou no ano de 2005.

FIGURA 28 – EXEMPLO DO GRUPO DE FORMAÇÕES: HISTERIA FOLIÃ DE PRESERVAÇÃO DAS TRADIÇÕES



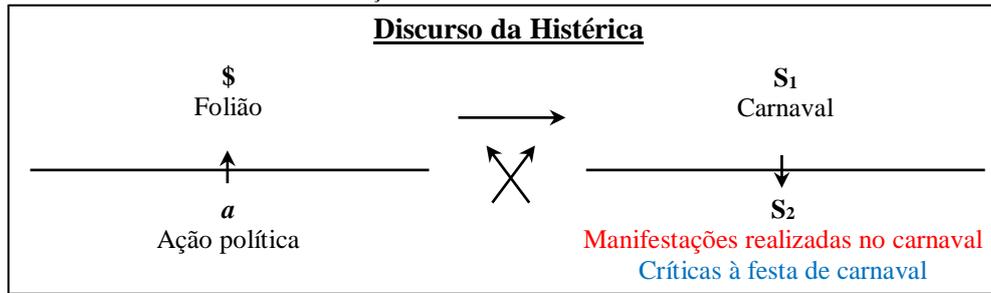
FONTE: ADAPTADO DE 2005-DP_FEV_036

Como podemos perceber no trecho destacado em vermelho, a foliã (\$) demonstra grande carinho (*a*) pelo carnaval (S_1) e faz questão de ressaltar o quão importante é para ela transmitir esta paixão pelo carnaval para o restante de sua família, neste caso os seus netos. O cuidado em fantasiar as crianças e o ato de fazer questão de leva-los todos os anos para a brincar a festa apontam para a manifestação da formação aqui abordada. Assim como este caso, também foi possível identificar este tipo de situação nos demais anos analisados.

6.5.3 Histeria foliã de crítica

As formações **Folião se manifesta por meio do carnaval** e **Folião critica a festa de carnaval** estão reunidas neste grupo, tendo como característica comum a lógica discursiva segundo a qual o “Carnaval” (S_1) é entendido pelo folião (\$) como um espaço propício para a expressão de suas ideias (S_2). Neste caso, a verdade por trás da ação do folião na festa de carnaval é a da ação política (*a*), assim como no grupo relativo à busca dos foliões por emancipação. Este grupo de formações está expresso por meio dos matemas lacanianos na Figura 29:

FIGURA 29 – GRUPO DE FORMAÇÕES: HISTERIA FOLIÁ DE CRÍTICA



Ambas as formações estiveram presentes em cada um dos quatro anos que compôs o *corpus* de pesquisa, com variações relativas à maneira como elas se manifestaram ao longo do tempo. A Figura 30 apresenta matérias que exemplificam estas formações.

FIGURA 30 – GRUPO DE FORMAÇÕES: HISTERIA FOLIÁ DE CRÍTICA

FIGURA 30A
FONTE: ADAPTADO DE
2005-DP_FEV_059

SÁTIRA POLÍTICA *Principal personagem da campanha eleitoral de 2004, a ex-moradora de palafitas de Brasília Teimosa vira mote para diversos foliões*

Além do caso de "Dona Socorro", outros episódios envolvendo sátiras políticas já renderam fantasias e brincadeiras para o Carnaval 2005. A empresária Fernanda Alcântara vai desfilá-las uma criação produzida pelo amigo Maurício Santara. A fantasia intitulada "O misterioso cheque multicultural para Sandy e Júnior" faz uma crítica bem humorada sobre a contratação dos irmãos Sandy e Júnior pela Prefeitura do Recife para a realização de um show no último mês de dezembro. O assunto rendeu muitas críticas à gestão municipal.

"Os produtores culturais de Recife sabem como é difícil conseguir qualquer tipo de incentivo municipal. A contratação de artistas do circuito nacional como Sandy e Júnior por R\$ 480 mil é um desrespeito contra quem luta pela cultura local. Por isso, decidi criar o Cheque Multicultural", afirmou Santara. A fantasia foi um dos destaques do Baile dos Artistas, realizado na última sexta-feira, e ganhará as ruas durante o Carnaval.

Já o administrador de empresas Odívio Silvestre optou por satirizar a crise enfrentada pelo ministro da Saúde, Humberto Costa (PT), envolvendo denúncias sobre desvio de recursos destinados à compra de hemoderivados. A chamada "Operação Vampiro", realizada pela Polícia Federal para prender os envolvidos no esquema, será relembrada pelo administrador, que está programando brincar os quatro dias de Carnaval no Bairro do Recife.

"Há pessoas na minha família que precisam de alguns hemoderivados

Operação Vampiro, no Ministério da Saúde, também é tema para foliões

na reação do público quando tocou dois cocos. Cantando junto com a Escola Galeria do Ritmo, Elza abriu com o samba *Sabe e Modade* e emendou com *Opinião*, de Zé Nêti, quando as valas começaram a se manifestar. Guerreira, ela não perdeu o rebolado e tentou conquistar o público de todo o jeito. Parece dessa suposta elite de público já chegou ao baile com posição tomada de falta de educação, de intolerância e preconceito.

A artista perguntou ao público se ele queria maracatu e entoadou duas músicas de Chico Science. Parece que a plateia não estava querendo negociar. Elza ainda cantou *Besame e Volta por Cima*. Mas o momento mais emocionante foi quando interpretou *Carne* ("A carne mais barata do mercado é a carne negra, só um cego não vê..."), batendo no próprio corpo. Encerrou seu show, de cerca de 35 minutos, com uma adaptação de *Rio Gosto de Você* para Pernambuco *Gosto de Você*. Esbanjou elegância.

O mesmo não se pode dizer do público. A reação desta plateia específica provoca algumas reflexões. A primeira delas é a quem realmente interessava: constrianger a atração principal do baile da segunda gestão multicultural?, aos empresários de alguns artistas? O tratamento dos foliões do baile realmente seria diferente se as atrações fosse *Lia de Itamaracá* ou *Dona Selma do Coco*?

Elza Soares é hostilizada no Chevollet Hall

Ivana Moura
DA EQUIPE DO DIÁRIO

A cantora Elza Soares já amargou maus bocados em sua vida. Deu todas as voltas por cima. Atualmente passa por um ótimo momento artístico. Uma das atrações do Baile Municipal do Recife, realizado no último sábado, no Chevollet Hall, a artista foi vaiada. Alguém bem mal educado jogou uma galinha de plástico no palco e água no rosto dela. Um episódio lamentável, que parece orquestrado, já que algumas pessoas levaram faixas com dizeres do tipo "Pernambuco é terra do frevo e do maracatu", ou perguntavam pela ausência dos pernambucanos Antônio Nóbrega e Alceu Valença.

Ela subiu ao palco pouco depois de 2h10 de ontem, depois da orquestra do Spok e intérprete Silvério Pessoa - que também sofreu uma peque-

FIGURA 30B
FONTE: ADAPTADO DE
2005-DP_JAN_041

FONTE: ELABORADO PELOS AUTORES

No que diz respeito à formação **Folião se manifesta por meio do carnaval**, em todos os anos as sátiras políticas e as críticas à episódios da vida política do país foram notadas. Em 1985 estas críticas estavam em grande medida direcionadas ao regime militar, que se aproximava do seu fim. Em 1995, além das críticas políticas, alguns foliões evangélicos aproveitaram o carnaval para realizar ações de evangelização, enquanto outros engrossavam as campanhas contra a Aids. Nos anos de 2005 e 2015, além da dimensão da sátira política, foliões expressam apoio ao combate à dengue. Na Figura 30A os trechos destacados em vermelhos nos ajudam a identificar passagens em que os foliões (\$) deixam transparecer suas intenções de se manifestarem (S_2) por meio do carnaval (S_1). As sátiras políticas ganham grande notoriedade, abordando os mais variados temas em evidência no momento, mas também são percebidas manifestações de cunho mais social que político, como foliões que buscam apoiar o combate ao mosquito da dengue, por exemplo.

No caso da formação **Folião critica a festa de carnaval**, em 1985 identificamos críticas ao descaso da prefeitura do Recife com parte da festa de carnaval, em especial a falta de melhor apoio às festas de bairro. Em 1995 e 2015 foliões criticavam os transtornos causados pela mudança do trânsito na orla de Boa Viagem. Já em 2005 um caso particular nos chamou a atenção. Foi neste período que ocorreu um redirecionamento da festa para a valorização da cultura pernambucana na festa de carnaval. Neste processo de mudança parte dos foliões apresentaram uma rejeição a artistas de fora do estado, que não apresentavam ligação com a cultura local. Em especial, destacou-se o episódio em que a cantora Elza Soares, nacionalmente conhecida e principal atração do Baile Municipal, foi vaiada e hostilizada durante sua apresentação na festa. Na reportagem ilustrada na Figura 30B as marcações em azul apontam passagens em que o folião (\$) articula uma posição discursiva de maneira a questionar (*a*) aspectos da festa de carnaval (S_2). Neste caso específico, as críticas são direcionadas àquilo que foi entendido por parte dos foliões como uma desvalorização da cultura local, representada pela presença de uma artista de outro estado como atração principal de umas das prévias mais importantes da festa carnavalesca do Recife. Durante a prévia “algumas pessoas levaram faixas com dizeres do tipo ‘Pernambuco é terra do frevo e maracatu’, ou perguntavam pela ausência dos pernambucanos Antônio Nóbrega e Alceu Valença”. Para além da pertinência ou não da crítica, é possível percebermos como o folião se percebe no direito e com liberdade para manifestar suas críticas no espaço da festa de carnaval.

6.5.4 Histeria foliã de euforia

Este grupo, composto de duas formações linguísticas, abrange a articulação discursiva segundo a qual, motivado pela folia carnavalesca (*a*), os foliões (\$) enxergam no carnaval (S_1) um período em que existe a necessidade de fruição da festa ao máximo (S_2), em tudo que ela tem a oferecer. Ao mesmo tempo, em contrapartida, como um desdobramento desta busca por extrair o máximo da festa o medo (*a*) da violência também se faz presente, levando o folião (\$) a procurar meios de brincar a festa de carnaval em segurança (S_2). Estas duas articulações são representadas na Figura 31.



FONTE: ELABORADO PELOS AUTORES

A formação **Folião aproveita a festa ao máximo** foi identificada em todos os anos de nossa análise, enquanto a formação **Folião busca segurança ao brincar o carnaval** surgiu apenas nos anos de 2005 e 2015. A Figura 32 ilustra estas formações.

FIGURA 32 – EXEMPLOS DO GRUPO DE FORMAÇÕES: HISTERIA FOLIÃ DE EUFORIA

Bloco prolonga a folia na "Quarta-feira Ingrata"

Ontem, a tarde, o centro da cidade foi novamente tomado por foliões que não aceitavam a chegada da "Quarta-Feira Ingrata" e insistiam em continuar a folia. Eram os integrantes do Bloco "Atrasados do Katebota", do bairro de São José, acompanhados por uma bateria e o sambista Robinho, que puxava inusitado samba.

Cerca de 200 pessoas acompanhavam o grupo sambando, mostrando que o carnaval de 85, realmente, deixou muitas saudades, por sua alegria e descontração. O "Atrasados" saiu da Praça do Pirulito, passou pelo Pátio do Terço, onde também homenageou Badia, Rua da Concor dia e Pracinha do DIARIO e voltou a São José.

FIGURA 32A

FONTE: ADAPTADO DE 1985-DP_FEV_124

Bacalhaus esticam animação

BOA VISTA
No Centro do Recife, o Mercado da Boa Vista, no bairro de mesmo nome, foi o local escolhido por muitos carnavalescos para se despedirem de Momo.

"É uma grande confraternização, em um ambiente tranquilo. Sempre termino a festa no Bacalhau do Mercado da Boa Vista", contou o professor alagoano José Carlos Silva, 60. "A comida é boa e barata, o clima é familiar, tem espaço para todos", enfatizou a nutricionista Teresa Mitchell, 38.

Maestro Forró e a Orquestra Hemitéricos da Bomba fizeram um arrastão dentro do mercado, garantindo a farrá até o final da tarde da quarta-feira que, naquela hora, estava mais próxima de ser realmente ingrata porque marcava o (tão adiado) fim da folia.

FIGURA 32B

FONTE: ADAPTADO DE 2015-JC_FEV_036

FONTE: ELABORADO PELOS AUTORES

A primeira das formações deste grupo é associada ao entendimento do carnaval como um período extraordinário, no qual os foliões têm direito a cometer excessos e devem buscar aproveitar tudo que o período dos festejos carnavalescos tem a oferecer. Dentre as facetas manifestadas nesta formação temos os excessos cometidos pelo folião com relação ao consumo de bebidas alcoólicas e entorpecentes (a partir do ano de 1995), a disposição de alguns foliões a estenderem a festa carnavalesca após a quarta-feira de cinzas a cada ano, o esforço para brincar a festa de acordo com as tradições carnavalescas, o que inclui o uso de fantasias (que também foi notado da parte de foliões turistas nos anos de 2005 e 2015), a iniciativa de foliões em criarem seus próprios blocos a cada ano, a vontade dos foliões de brincar a festa de carnaval independente da sua idade, e, por fim, a tendência recente notada no ano de 2015 de brincar a festa de carnaval registrando cada momento por meio de fotos. Na Figura 32A vemos os trechos em vermelho da matéria de 1985 retratando como “Foliões que não aceitavam a chegada da ‘Quarta-Feira Ingrata’ e insistiam em continuar a folia”, estendendo o festejo carnavalesco a fim de aproveitá-lo ao máximo.

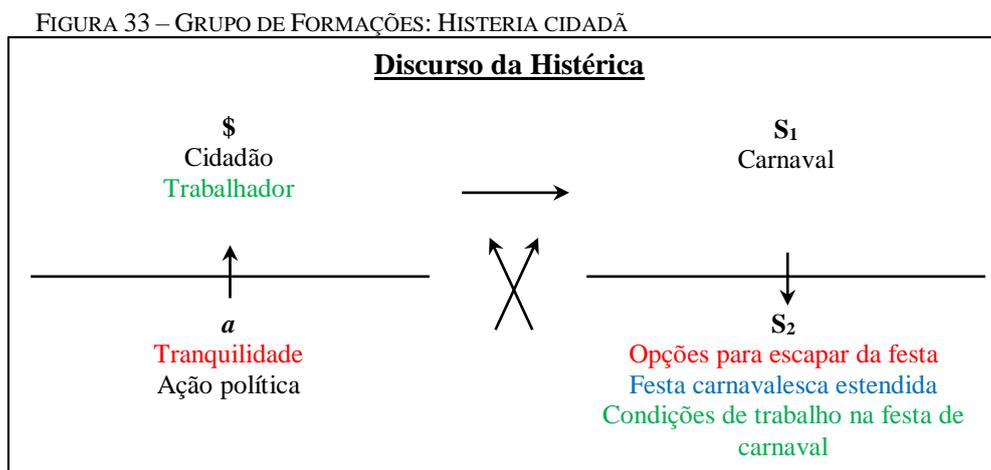
Assim como na matéria acima, em todos os demais anos os foliões (\$) demonstraram interesse em brincar o carnaval (S_1) até os últimos instantes da festa (S_2), chegando inclusive a estender estes últimos instantes para além da quarta-feira de cinzas, como é o caso dos blocos que passaram a desfilar no fim de semana posterior ao término do carnaval, voltados principalmente para as pessoas que trabalharam durante o carnaval, mas que atraía também centenas de foliões que buscavam aproveitar o máximo possível a folia carnavalesca.

Já a formação **Folião busca segurança ao brincar o carnaval**, contraponto à formação anterior, parece estar relacionada com o aumento da percepção de violência na festa de carnaval nos anos de 2005 e 2015. Nesta formação os foliões demonstram preocupação e cuidado em escolher locais mais tranquilos e seguros para brincarem a festa, especialmente quando estão acompanhados por crianças ou idosos. As passagens em azul na Figura 32B demonstram a manifestação desta formação. Por diversas vezes ao longo de nossa análise notamos a presença da expressão “ambiente familiar” nos anos de 2005 e 2015, remetendo ao fato dos foliões valorizarem espaços em que se sentem seguros e à vontade para levarem suas famílias para festejar o carnaval. Na passagem acima, como podemos ver nos destaques em azul, ao mesmo tempo em que os foliões (\$) procuram opções de festas estendidas nos últimos dias de carnaval, eles também deixam

evidente que se preocupam com a questão da segurança, uma vez que preferem, no caso acima, o Bacalhau do Mercado da Boa Vista, dentre outras opções, por este espaço oferecer “um ambiente tranquilo”, em locais em que podem encontrar um “clima familiar, com espaço para todos”.

6.5.5 Histeria cidadã

As formações **Cidadão que não gosta do carnaval busca opções para fugir da festa**, **Cidadão opina sobre a festa de carnaval estendida** e **Trabalhador usa o carnaval em busca de melhores condições de trabalho** compõem o quinto grupo de formações do Discurso da Histórica. Em todas estas formações notamos presente o caráter da dimensão da cidadania, critério utilizado para este agrupamento. Neste conjunto de formações o sujeito barrado surge não mais como o folião, mas sim o cidadão (\$), que busca sentido no carnaval (S_1) para além da dimensão festiva da festa, tentando dar sentido para o evento por meio da produção de uma cadeia significativa (S_2) referente ao assunto. Além temos o sujeito-trabalhador, que neste caso surge como uma faceta que se desdobra do sujeito-cidadão, uma vez que entendemos a luta por melhores condições de trabalho uma dimensão da cidadania. Na Figura 33 podemos identificar as variações dos matemas que configuram as três formações linguísticas deste grupo.



FONTE: ELABORADO PELOS AUTORES

Esta dimensão da cidadania esteve presente no Discurso da Histórica em todos os anos que compuseram nosso *corpus* por meio da busca dos sujeitos por opções de atividade que se afastassem do festejo carnavalesco e da mobilização dos trabalhadores por conquistas trabalhistas. Em 1995 tivemos ainda a formação referente à manifestação

dos cidadãos a respeito do carnaval estendido para além dos dias de folia oficiais. Matérias que exemplificam estas formações são apresentadas na Figura 34.

FIGURA 34 – EXEMPLOS DO GRUPO DE FORMAÇÕES: HISTERIA CIDADÃ

FIGURA 34A

Seminário e colônias abrigam pessoas que não gostam da folia

As pessoas que não querem, não podem, ou não gostam de brincar carnaval, e preferem o recolhimento para meditações e preces, têm, no mínimo, três alternativas em termos de retiros: no Seminário Cristo Rei, em Camarajibe; na Vila Medalha Milagrosa, em Jaboatão; e na Colônia Salesiana, também naquele município.

De acordo com o Boletim Arquidiocesano – órgão oficial da Arquidiocese de Olinda e Recife – para o retiro espiritual promovido pelo Movimento de Renovação Carismática de Olinda e Recife, só restam 30 vagas, oferecidas a homens e mulheres. No Seminário Cristo Rei, o Cônego Valdenito de Oliveira fará as pregações: inscrições e informações, na Rua Floriano Peixoto, 81, centro, aptº 612, fone: 224-2957, terça e quinta-feira, das 14 às 18 horas. (SO-VESP, edifício Vieira da Cunha).

RECOLHIMENTO

Já para o retiro promovido pelas Filhas de Maria, apenas para senhoras e moças, na Vila Medalha Milagrosa em Jaboatão, pregado pelo cônego Arnaldo Moreira, as informações e inscrições são dadas no Educandário São Vicente, rua Dom Bosco, 908, Boa Vista, com Alzira Nunes, fone 222.4924.

Finalmente, o Centro de Cooperadores Salesianos do Colégio Sagrado Coração do Recife fará o recolhimento espiritual, de 16 a 20 de fevereiro – em Jaboatão-Colônia. Informações na rua Dom Bosco, 551, Boa Vista, junto a Livraria Salesiana, de 8 às 11 horas. Fone: 222.4924.

FONTE: ADAPTADO DE 1985-DP_FEV_051

FIGURA 34B

Você é contra ou a favor do prolongamento do Carnaval?

| | | |
|--|--|--|
| Jaciara Santana, 20, estudante: a favor, porque é uma festa bonita e alegre. Sabendo brincar, não há porque se determinar o tempo. | Fátima Cristina, 17, estudante: contra, porque o País já está muito pobre para tantos dias de Carnaval. Há muito desemprego e o aumento dos dias de Carnaval só contribui para isso. | Selma Barbosa, 25, estudante de Direito: contra porque atrapalha a vida pessoal e o crescimento das pessoas, seus afazeres, enfim, o dia-a-dia de cada um. |
|--|--|--|

FONTE: ADAPTADO DE 1995-DP_MAR_019

FIGURA 34C

Garis ameaçam fazer greve

O Recife terá o Carnaval mais sujo dos últimos anos, porque os 1.700 garis da Enterpa entram em greve, a partir de zero hora de quinta-feira, por tempo indeterminado. Eles haviam decidido cruzar os braços ontem, mas atenderam ao pedido da delegada-substituta do Trabalho, Maria Imaculada, e adiaram a paralisação.

O movimento é para exigir reajuste salarial de 20%, aumento nos valores do vale-refeição e do ticket restaurante, pagamento dos dias parados na paralisação de advertência feita no início do mês e benefícios sociais. A direção da Enterpa alega não ter condições para atender às reivindicações dos garis, porque não pode repassar os custos à Prefeitura do Recife.

O presidente do Sindicato dos Empregados em Asseio e Conservação em Pernambuco, Rinaldo Lima, confirmou que a paralisação é inevitável, mas a delegada-substituta do Trabalho está empenhada na conciliação. O impasse começou porque a Prefeitura do Recife deu aumento de 20% aos seus garis e não aceitou repassar o mesmo percentual para o pessoal da Enterpa.

Os 1.700 garis da Enterpa são responsáveis por 70% da coleta do lixo do Recife (1.200 toneladas/dia) e já decidiram a estratégia da paralisação: dia 16, suspender a coleta do lixo de Boa Viagem e do Centro, os principais redutos da folia.

FONTE: ADAPTADO DE 1995-DP_FEV_024

FONTE: ELABORADO PELOS AUTORES

A formação relacionada com os cidadãos (\$) que buscam outras opções longe da folia carnavalesca para passar os dias de carnaval (S_2) fica evidente nas marcações em vermelho na Figura 34A. Aqui vemos que no ano de 1985 “as pessoas que não querem, não podem ou não gostam de brincar o carnaval, e preferem o recolhimento para meditações e preces, têm, no mínimo, três alternativas”. Assim como neste ano, em anos seguintes retiros, destinos turísticos e opções de leitura são apresentados em matérias diversas como possibilidades de atividades para os cidadãos que não desejam brincar o carnaval. Neste caso a busca por tranquilidade foi identificada como o objeto *a* que impulsiona a articulação discursiva dos sujeitos nesta formação.

Já a formação **Cidadão opina sobre a festa de carnaval estendida**, registrada em 1995, trata de uma matéria na qual jovens cidadãos analisam e opinam a respeito do prolongamento da festa carnavalesca após o término dos dias oficiais de folia. É possível perceber no destaque em azul na Figura 34B que as opiniões se dividem em favor e contra o prolongamento da festa de carnaval. Os argumentos são variados, e vão desde a consideração favorável de que o Carnaval “é uma festa bonita e alegre” à posição contrária ao alongamento da festa com base na situação econômica e social do país, com cidadãos identificando que “há muito desemprego e o aumento dos dias de Carnaval só contribui para isso” e que a festa de carnaval “atrapalha a vida pessoal [...] o dia-a-dia de cada um”.

Por fim, a formação linguística **Trabalhador usa o carnaval em busca de melhores condições de trabalho** refere-se as ações de trabalhadores cujas atividades estão diretamente ligadas a algum aspecto da realização da carnavalesca na tentativa de conquistar melhores condições de trabalho e remuneração por meio de protestos e ameaças de paralisação nos dias anteriores à folia oficial. Músicos, garis, policiais e metroviários foram os grupos de trabalhadores que se manifestaram ao longo dos anos de análise. A matéria reproduzida na Figura 32C traz um exemplo do ano de 1995, referente a esta formação. As marcações em verde evidenciam como o Carnaval (S_1) é encarado por trabalhadores da festa (\$), no caso específico os garis, como uma oportunidade para assumir posição favorável para a exigência de melhorias diversas nas condições de trabalho em geral em seus empregos (S_2), nesta situação “o movimento é para exigir reajuste salarial de 20%, aumento nos valores do vale-refeição e do tíquete restaurante [...] e benefícios sociais”.

6.5.6 . Histeria política

A única formação linguística que consta neste grupo é **Político aproveita o carnaval para fazer política**, identificada em cada um dos quatro anos de nossa análise. Esta formação trata dos esforços dos políticos (\$) em utilizar o carnaval (S₁) como um elemento de articulação política (S₂) no cenário político local, tanto em nível municipal quanto estadual. Esta formação e seus respectivos elementos são retratados na Figura 35.



Ao longo dos anos de nossa análise prefeitos, vereadores e governadores prestigiaram bailes carnavalescos tradicionais, desfiles de blocos e camarotes de shows durante a festa carnavalesca naquilo que entendemos como a busca pela construção de capital político. Em alguns casos ainda, como em 1995, a formação se manifestou na disputa pela distribuição e investimento de verbas para o financiamento da festa de carnaval, como explicitado na Figura 36.

FIGURA 36 – EXEMPLO DO GRUPO DE FORMAÇÕES: HISTERIA POLÍTICA



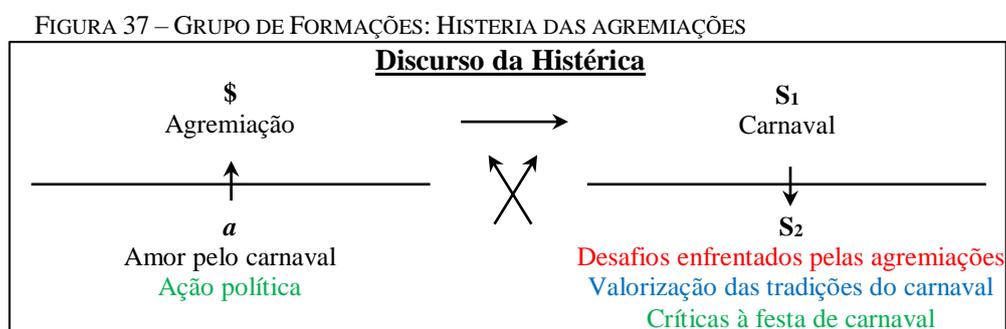
FONTE: ADAPTADO DE 1995-DP_FEV_047

A matéria retratada na Figura 36 ilustra bem como o carnaval (S₁) é entendido pelos políticos (\$) como uma oportunidade para conquistarem maior capital político (S₂).

Enquanto este exemplo é mais explícito, em outras situações a atuação política dentro da festa é mais sutil, como as conversas entre aliados políticos em camarotes ou a presença de rivais políticos em duas festas distintas. Quanto a isto, é interessante também destacar a mudança ocorrida ao longo dos anos na forma como os políticos se fizeram presente na festa de carnaval. No ano de 1985 os políticos frequentavam majoritariamente os bailes e camarotes das festas, mas gradativamente os políticos passaram a estar mais presentes na festa de rua, seguindo o movimento de maior valorização da festa de rua.

6.5.7 Histeria das agremiações

O penúltimo grupo de formações linguísticas do Discurso da Histérica apresenta as formações **Agremiação se esforça para brincar o carnaval**, **Agremiação preserva tradições do carnaval** e **Agremiação critica o carnaval**, reunidas por girarem sempre em torno da posição de sujeito das agremiações ($\$$). Este sujeito barrado ($\$$) é movido pelo amor dos seus membros pelo festejo de Momo ou pela ação política (a), significando o carnaval (S_1) por meio das cadeias significantes (S_2) relativas aos desafios enfrentados pelas agremiações para participarem dos festejos, à valorização das tradições de carnaval por meio das práticas das agremiações, ou às críticas realizadas pelas agremiações em relação à organização da festa carnavalesca. Vale ressaltar que neste grupo consideramos que as falas de membros das agremiações representam a posição discursiva das próprias agremiações, uma vez que nestes casos os sujeitos não falam como simples foliões. A Figura 37 apresenta a distribuição dos matemas na configuração destas formações.



FONTE: ELABORADO PELOS AUTORES

Estas formações linguísticas foram identificadas nos quatro anos que compuseram nosso *corpus*, com pequenas variações relativas sempre aos contextos específicos de cada ano, mas preservando a lógica de funcionamento das formações. A Figura 38 traz casos em que foi possível perceber estas articulações discursivas operando.

FIGURA 38 – EXEMPLOS DO GRUPO DE FORMAÇÕES: HISTERIA DAS AGREMIÇÕES

FIGURA 38A

Sócios da superação

O amor e a dedicação - acima da falta de dinheiro, tempo e atenção do poder público - movem os dirigentes dos clubes de carnaval do estado

As rugas não estão somente nos rostos. As paredes das sedes de clubes carnavalescos do Recife também refletem o efeito do tempo. O desgaste mora em toda parte, a despeito da exuberância desfilada durante a folia de Momo. No corredor da Avenida Dantas Barreto, no Centro do Recife, paetês e lantejoulas dominam a Terça-feira Gorda. Durante o restante do ano, a luta é selvagem para que os clubes sobrevivam até o carnaval seguinte. Dificuldades financeiras são o principal desafio. Nas trincheiras da tradição, figuras experientes admitem: preferem cair nas mãos de agiotas, fora do mercado legítimo de crédito, a não ver o clube desfilando.

Agremiações tradicionais como os clubes carnavalescos mistos dos Lenhadores, Bola de Ouro, Banhistas do Pina, Elefante de Olinda, Amantes das Flores e Clube das Pás alegam que os incentivos públicos não dão conta das despesas. Recebem anualmente ajuda de custo com valor entre R\$ 3.450 (Grupo de Acesso) e R\$ 16 mil (Especial), depositada pela Prefeitura do Recife em duas prestações. Os gastos operacionais para os desfiles, porém, são estimados pelas diretorias em R\$ 20 mil.

A manutenção das sedes - para as que as têm - requer ainda munição financeira durante todo o ano. "Para sobreviver, organizamos rifas, bingos e bailes na sede, além de alugar o espaço para eventos e recolher doações entre os sócios", diz Genival Dantas, 74, presidente dos Lenhadores.

FONTE: ADAPTADO DE 2015-DP_FEV_002

FIGURA 38B

TRADIÇÃO

Aurora dos carnavais reúne 29 blocos

O entardecer na Rua da Aurora, bairro de Santo Amaro, ficou mais colorido e lírico, ontem. A via abrigou a 16ª edição do Movimento Cultural Aurora dos Carnavais. O encontro reuniu 29 blocos, entre adultos e infantis. Na rua, crianças de todas as idades, idosos, casais e diversas gerações em família deram as boas-vindas à vertente mais tradicional do Carnaval pernambucano. O evento reuniu cerca de 15 mil pessoas, foi das 16h até às 21h30.

Este ano, a Aurora dos Carnavais teve duas novidades. A primeira foi o lançamento de duas músicas inéditas tocadas na abertura da festa: "Viva o Aurora dos Carnavais" e "Aurora dos Carnavais", de Humberto Vieira e Ely Madureira. O lançamento das duas faixas fez parte das homenagens que o movimento fez ao frevo e aos compositores, já falecidos, Alcides Vespasiano e Aldemar Paiva. "O frevo é um patrimônio nosso, então nada mais justo do que incorporar isso", afirmou uma das coordenadoras do evento Wena Lúcia de Souza. O encontro de Blocos Líricos de Pau e Corda teve início às 16h e se estendeu até as 21h30.

Dos 29 blocos participantes, dois eram infantis. Outros dois estrearam na festa: Damas e Valetes, de Olinda, e Folguedos, de Surubim, no Agreste de Pernambuco. O cortejo com os fabelos e as belas fantasias coloridas começaram o desfile saindo em frente ao Movimento Tortura Nunca Mais e seguiram até um palco montado na Rua da Aurora, onde esperava uma das atrações mais aguardadas: o Coral Edgar Moraes. Os cortejos foram acompanhados por duas Orquestras de Pau e Corda. Além dessas atrações, ainda animaram a festa a Orquestra de Frevo Raízes de Pernambuco e os cantores Claudionor Germano e Netinho Ventura. "O primeiro aurora teve três blocos e agora a gente está com 29. É uma festa muito bonita, com muito brilho e gente de todas as idades", acrescentou Wena.

FONTE: ADAPTADO DE 2015-DP_FEV_006

FIGURA 38C

FONTE: ADAPTADO DE 1985-JC_FEV_048

Diretores queixam-se das verbas

Os diretores das agremiações carnavalescas do Recife não ficaram satisfeitos com a verba que foi liberada pela Fundação de Cultura do Recife para o Carnaval deste ano.

Segundo elas, o dinheiro que foi dividido em duas parcelas não deu nem para a roupa dos músicos. São os dirigentes que promoveram algumas atividades sociais durante o ano para que o clube participe do desfile carnavalesco.

Para José Aluísio Vieira Covalenti, diretor do Clube Misto Bola de Ouro, a verba recebida pelos clubes não foi suficiente mas as demais condições oferecidas pela Fundação de Cultura do Recife foram muito boas, principalmente as passagens, pois deixam os clubes em condições de mostrar todo seu brilhantismo. Ainda sobre a verba, o diretor do Bloco Carnavalesco Diversional da Torre, Arnaldo Alípio, que recebeu Cr\$ 1 milhão da Fundação, diz que a verba deste ano foi uma injustiça e acrescentou: "O dinheiro não dá nem para comprar um guaraná".

Para os dirigentes dos Urso, a situação ainda é pior, afirma a diretora do Urso Branco do Jordão, Djenira Tertuliano da Silva, que estará nas ruas do Recife hoje e amanhã e recebeu apenas Cr\$ 300 mil, segundo ela, só na orquestra foram gastos Cr\$ 600 mil.

A primeira das formações é referente aos desafios enfrentados pelos membros das agremiações a cada ano, incluindo as dificuldades financeiras, falta de infraestrutura própria para a organização dos desfiles, sacrifícios realizados para a participação em concursos de agremiações e busca por meios de modernizar as agremiações frente às mudanças ocorridas ao longo do tempo nas festas. Estes aspectos podem ser identificados na passagem em vermelho na Figura 38A, referente ao ano de 2015. A matéria ilustra as dificuldades enfrentadas pelas agremiações e todo o esforço de seus membros para garantir a sua sobrevivência, como fica claro logo no início da matéria, que afirma que “o amor e a dedicação – acima da falta de dinheiro, tempo e atenção do poder público – movem os dirigentes dos clubes de carnaval do estado”. Aqui, é o amor pelo carnaval (*a*) que move as agremiações e seus membros (\$) na superação destas adversidades (*S*₂). Esta configuração se mostrou presente em cada um dos anos, evidenciando especialmente as dificuldades financeiras e de infraestrutura das agremiações.

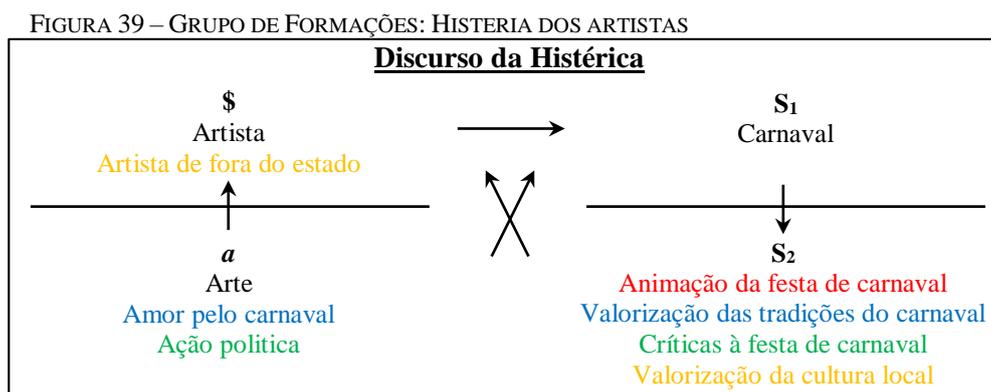
A formação linguística **Agremiação preserva tradições do carnaval** remete ao esforço dos membros de agremiações em perpetuar práticas consideradas tradicionais em relação ao carnaval. Neste sentido, a manutenção da importância frevo e a procura por transmitir as tradições para as gerações mais jovens foram dimensões constantes desta formação em todos os anos de análise. Os anos de 1985 e 1995 apresentaram ainda a preocupação das agremiações em prestar homenagens aos seus membros ilustres e em preservar rivalidades com outras agremiações. Enquanto este primeiro elemento foi enfraquecido nos anos de 2005 e 2015 devido ao aumento da proporção e abrangência das homenagens prestadas pela organização oficial da festa de carnaval, o segundo fator parece ter perdido força nas últimas décadas devido ao movimento de aproximação das agremiações entre si no intuito de fortalecer em negociações com o poder público. Finalmente, nas marcações em azul da Figura 38B podemos ver uma última faceta notada em 2005 e 2015. Temos o fortalecimento dos blocos líricos a partir da premissa de que eles são os representantes da “vertente mais tradicional do Carnaval pernambucano [...] com os flabelos e as belas fantasias coloridas”, marcados pelo lirismo e romantismo.

Por fim, **Agremiação critica o carnaval** é a formação relacionada às queixas apresentadas pelos membros das agremiações acerca da festa carnavalesca. Em todos os anos as agremiações criticaram o poder público pelo apoio financeiro concedido para a realização dos desfiles, sempre considerado insuficiente. Da mesma maneira, os resultados dos concursos de agremiações foram questionados a cada ano, pondo em

questão os critérios utilizados na avaliação dos desfiles. Figura 38C ilustra como esta formação se apresentou em nossa análise. Nela podemos perceber como as passagens ressaltadas em verde explicitam queixas à organização da festa carnavalesca (S_2) vindas de representantes das agremiações (\$) devido ao apoio financeiro considerado insuficiente para custear os gastos das agremiações para a participação no carnaval (S_1). Aqui vemos que “os diretores das agremiações carnavalescas do Recife não ficaram satisfeitos com a verba que foi liberada pela Fundação de Cultura do Recife [...]. Segundo eles o dinheiro que foi dividido em duas parcelas não deu nem para a roupa dos músicos”. Esta foi a faceta mais comum desta formação, repetindo-se ao longo dos quatro anos submetidos a nossa análise. A única faceta desta formação a se destacar em apenas um ano surgiu em 2005, quando, devido à conflitos entre os patrocinadores de algumas agremiações e aqueles que financiavam o evento carnavalesco como um todo, agremiações criticaram a postura da prefeitura municipal em relação à situação e ameaçou o não cumprimento do trajeto definido para o desfile do bloco. Esta faceta relaciona-se com a formação **Ações de regulação buscam limitar ações publicitárias de agremiações patrocinadas**, discutida anteriormente no Discurso da Universidade.

6.5.8 Histeria dos artistas

Finalizando o Discurso da Histórica temos o grupo de formações que apresentam o artista como sujeito barrado (\$). Nestas formações a arte, o amor pelo carnaval ou a ação política (a) atuam como objeto a subjacente às ações do sujeito. Diferentes cadeias significantes (S_2) são articuladas em torno do significante-mestre “Carnaval” (S_1), orientando suas práticas no período de festa. As formações **Artista anima a festa de carnaval**, **Artista preserva tradições do carnaval**, **Artista critica o carnaval** e **Artista de fora valoriza a cultura local** são representadas por seus matemas na Figura 39.



FONTE: ELABORADO PELOS AUTORES

Destacamos que as formações estiveram presentes em todos os anos de nossa análise, com exceção da formação **Artista de fora valoriza a cultura local**, expressa apenas no ano de 2005. Na Figura 40 temos matérias que ilustram a maneira como as formações linguísticas pertencentes a este grupo se manifestaram em nossa análise.

FIGURA 40 – GRUPO DE FORMAÇÕES: HISTERIA DOS ARTISTAS

FIGURA 40A

Bailes antecipam o frevo

Elba Ramalho anima duas das principais prévias do fim de semana, Siri na Lata e Baile Municipal

A uma semana do carnaval, a folia toma conta, hoje, do 39º Siri na Lata, no Clube Português, e amanhã, do 51º Baile Municipal do Recife, no Chevrolet Hall. Em ambos, o tom é dado pelos frevos entoados por Elba Ramalho. A partir das 23h de hoje, a paraibana de coração pernambucano interpreta clássicos ao lado de Almir Rouché. Em seguida, Ausa da América, Maestro Forró e Orquestra Popular da Bomba do Hemetério continuam a festa. O tema é o escândalo da Petrobras. Ingressos: R\$ 120 e R\$ 60 (meia). Informações: 3427-1351.

Após recuperar o fôlego, Elba e Almir repetem a dose amanhã, no Municipal, que terá sete horas seguidas de frevo, com Alceu Valença, An-

FONTE: ADAPTADO DE 2015-DP_FEV_017

FIGURA 40B

Declaração de amor ao frevo

Tatiana Meira
DA EQUIPE DO DIÁRIO

O maior pernambucano dos ritmos ganha uma homenagem em compasso eletrizante na última noite do Carnaval. Na virada da próxima sexta para a quarta-feira de Cinzas, no palco do Marco Zero, Antônio Carlos Nobrega recebe agradações carnavalescas para comemorar o Dia do Frevo, celebrado no dia 9 de fevereiro. Será uma participação diferente do artista em relação à festa nos últimos três anos, quando ele desempenhou, a convite da Secretaria de Cultura Municipal, o papel de mestre de cerimônias, liderando um cortejo com grupos emblemáticos da cultura local, num trajeto da Torre Malakoff ao Pátio de São Pedro.

O encontro no encerramento do Carnaval 2005, com um show no abastecedor do Dia do Frevo, antecipa parte do repertório que está sendo pesquisado por Antônio Nobrega para o projeto de seu próximo disco, intitulado *9 de Fevereiro*. Acompanhado de uma banda com vinte músicos, entre pernambucanos e convidados paulistas, o CD deve ser lançado pelo selo do artista, com distribuição pela gravadora Trama. E a temporada com espetáculos no Recife acontecerá em setembro. No ano seguinte, o projeto se desdobra num DVD. Para esta viagem por ve-

ntes do frevo criadas nos últimos 100 anos – a palavra frevo foi impressa pela primeira vez, oficialmente, em 1907, embora já existisse na “boca do povo” bem antes desta data – o artista experimenta pela primeira vez o formato de um álbum duplo: um instrumental, com frevos-de-rua, e outro cantado, reunindo os frevos-cantação e de bloco.

“Fazer este projeto é uma maneira de homenageá-los e dar minha contribuição pessoal à forma do frevo. Naturalmente, esta é a moeda principal do disco, por minha paixão e querença por esta forma musical, que caminha em conjunto com uma dança tão ricamente codificada”, argumenta Antônio Nóbrega.

FONTE: ADAPTADO DE 2005-DP_FEV_004

Maestros reclamam a falta de convites

O som do frevo rasgado, que será ouvido por milhares de foliões neste Carnaval, provocará um efeito diferente num seleto grupo de pessoas que têm suas vidas confundidas com a própria festa. Este ano, os principais mestres de orquestras de frevo de Recife não participam, como combustível necessário para a alegria da multidão, por falta de convites para tocar na Cidade. As batutas ritmadas de mestres como Ademar Araújo, Guedes Peixoto, José Menezes, Clóvis Pereira, Mário Mateus e Mário Gris foram temporariamente deixadas de lado ou cedidas para a animação do Carnaval de outras cidades.

Depois de 46 anos animando Carnavais, o maestro Mário Mateus tem programação pouco amadora para este período de festa. “Vou ficar em casa chorando”, disse. Profissional desde os dez anos de idade, Mário Mateus chegou a apresentar, no ano passado, um projeto à Prefeitura de Recife onde as orquestras de frevo teriam participação efetiva e a custo zero para os cofres municipais. “Sequer tive a resposta até hoje a essa nossa proposta. Enquanto isso, o trio elétrico mais barato, que está tocando no Recife, está cobrando R\$ 10 mil”, avaliou.

Outro nome de peso, o maestro Ademar Araújo, também passará momentos delicados nos próximos dias. “Vou acompanhar o Carnaval nas ruas, mas com um peso no coração”, disse. Fundador da Previoca, e atual dirigente da Orquestra Popular de Frevo, Ademar Araújo foi nome certo por 30 anos da folia do Recife. É bastante crítico quanto à posição tomada pela PCR. “É uma inflação de trios elétricos. Todos os recursos da Prefeitura foram liberados para Boa Viagem e Centro que não possuem uma orquestra na animação. O Governo tem o controle do Carnaval, fica falando da festa baiana, mas os governantes de lá estão certos porque valorizam os seus artistas. A Prefeitura do Recife retirou das ruas as orquestras de frevo”, lamenta. Reconhecido até na Europa, Ademar Araújo e sua orquestra só se apresentam no Carnaval de Goiânia.

FIGURA 40C
FONTE: ADAPTADO DE 1995-DP_FEV_088

Batuque de bamba no Recife

FIGURA 40D
FONTE: ADAPTADO DE 2005-DP_FEV_020

A melodia do nome da cantora e compositora Ivone Lara produz música. E alinha a um bom batuque, já vendeu alguns sambas. Essa intimidade começou há 70 anos, quando ela tinha 12 e compôs seu primeiro estrilho de purrudoalto. Seu amor à Ilustração Serrano motivou a construção do seu primeiro samba-entredo - Os Bailes da Corte ou Os cinco bailes tradicionais da História do Rio (junto com Silas de Oliveira e Bacalhau), em 1965, o que permitiu que ela entrasse para a história como a primeira mulher a compor um samba-entredo. Este ano, a carioca de quase 83 anos vai torcer por sua escola de longe. Pela primeira vez ela deixa o Rio nos dias de folia e vem esbanjar sua sabedoria no Carnaval recifense, onde fará três shows: domingo em Santo Amaro, segunda, no Marco Zero e terça em Casa Amarela.

Sua expectativa para a tão bem falada hospitalidade recifense é a melhor possível. “Vou ficar bem satisfeita, porque sei que Pernambuco também é bem festeiro e bem carnavalesco. Tenho no conjunto uns músicos que são nordestinos e gostam de frevo e eles estão radiantes. Eu também estou radiante porque vamos ter oportunidade de tocar uma coisa diferente também”.

FONTE: ELABORADO PELOS AUTORES

A primeira das quatro formações linguísticas referentes a posição discursiva do artista enquanto sujeito barrado é **Artista anima a festa de carnaval**. Ela trata da participação de diferentes artistas (\$), sejam cantores, instrumentistas, atores, na festa de carnaval. Em cada um dos anos de nossa análise os artistas surgem como aqueles que, movidos pela arte (*a*), são responsáveis por conduzir a festa e animar os foliões (S_2) durante seus shows, utilizando de irreverência e alegria na tentativa de contagiar aqueles presentes na festa. Na Figura 40A a formação linguística em questão surge nos trechos destacados em vermelho. Apesar de a matéria ter como foco central os bailes das prévias carnavalescas, podemos notar em segundo plano a articulação discursiva na qual se estabelece a relação dos Artistas (\$) com o carnaval (S_1). Os artistas são os responsáveis por garantir a animação da festa (S_2), o que fica evidente principalmente na passagem em que é apresentada a programação da cantora Elba Ramalho, que “anima duas das principais prévias do fim de semana”, e “após recuperar o fôlego [...] repetem a dose amanhã”.

A formação **Artista preserva tradições do carnaval** remete ao posicionamento dos artistas (\$) em favor das práticas tradicionais do carnaval (S_2), em especial o ritmo musical do frevo, seguido pelo maracatu. Assim, os artistas se mostram orgulhosos por considerarem que contribuem para a perpetuação de tradições ao apresentarem canções de frevo e defenderem a cultura carnavalesca pernambucana. Este último fator surgiu notadamente nos anos de 2005 e 2015, coincidindo com o período em que a proposta da gestão pública para o evento passou a estimular ainda mais a produção artística local de maneira geral. Esta formação linguística pode ser ilustrada por sua manifestação na Figura 40B, na qual as marcações em azul mostram como o artista (\$) busca desenvolver atividades artísticas relacionadas ao frevo a serem realizadas durante o carnaval (S_1) e como ele expressa seu amor ao ritmo musical (*a*) de forma enfática, ressaltando a importância do frevo e a necessidade de preservação e valorização desta forma de expressão artística tão característica da região (S_2). Para além do frevo especificamente, em outras matérias artistas se manifestaram em favor da preservação e valorização de outros aspectos tradicionais da festa, tais como o maracatu e o próprio uso de fantasias pelos foliões.

Assim como no caso dos foliões e das agremiações, os artistas também apresentaram críticas ao carnaval, dando origem à formação linguística **Artista crítica o carnaval**, presente em todos os anos contemplados pelo *corpus* de pesquisa. A faceta

mais frequente identificada foi a crítica pelo pouco espaço concedido ao frevo nas rádios e nos eventos de carnaval e o descaso do poder público ao não estimular a preservação deste ritmo musical. Além disto, no ano de 1995 foram marcantes as críticas àquilo que foi denominado como processo de baianização da festa, referindo-se à valorização e priorização de atrações e ritmos vindos do estado da Bahia durante os festejos carnavalescos na cidade do Recife. Tal crítica indicava que também que os artistas baianos acabavam por tomar o lugar dos artistas pernambucanos, levando a falta de oportunidades de trabalho nos dias de festa e a desvalorização e enfraquecimento da cultura pernambucana. Esta faceta da formação em questão pode ser verificada no trecho de matéria apresentado na Figura 40C, que deixa evidente a formação em questão. Nela diferentes maestros (\$) apresentam queixas (S₂) relacionadas ao que consideram como descaso da prefeitura municipal do Recife com os artistas locais, especialmente aqueles ligados ao ritmo do frevo. A gestão pública, maior responsável pela organização da festa carnavalesca é criticada por não conceder maior espaço ao frevo durante a folia momesca. O ano de 1995 pode ser considerado o período em que esta crítica ao descaso com o frevo e a cultura local atingiu seu ponto mais alto dentre os quatro anos de nossa análise, contudo é preciso ter em mente que em todos os demais anos ela também esteve presente na fala dos artistas.

Por fim, a última formação linguística do Discurso da Histórica é concernente aos artistas de fora do estado de Pernambuco ou de fora do país. Identificada unicamente no ano de 2005, a formação **Artista de fora valoriza a cultura local** trata da postura dos artistas convidados a participarem do carnaval em Recife em demonstrar respeito e até mesmo admiração pela cultura carnavalesca pernambucana. Tal formação parece estar ligada à proposta que se estabeleceu nesta década de a festa valorizar as raízes pernambucanas, provavelmente em resposta às críticas recebidas pelo chamado processo de baianização do carnaval ocorrido na década anterior. Os trechos em amarelo evidenciados na matéria da Figura 40D mostram uma artista de renome do Rio de Janeiro (\$) demonstrando interesse pela cultura local e ressaltando que em suas apresentações durante o carnaval ela e sua banda pretendem tocar ritmos locais (S₂). Esta postura pode ser entendida como um uma preocupação dos artistas de fora de Pernambuco em atenderem as expectativas do público de que as características particulares da festa pernambucana sejam valorizadas e preservadas.

6.6 O Discurso da Histérica ao longo dos anos

Após passarmos pelos oito grupos de formações linguísticas que compõem o Discurso da Histérica presente no carnaval do Recife nos anos pesquisados, é possível esboçarmos um entendimento mais amplo deste discurso no contexto estudado. Partindo da estrutura dos quatro discursos fundamentais lacanianos, o Discurso da Histérica é marcado pela postura questionadora do sujeito barrado (\$) no papel de agente discursivo. Este sujeito interroga o significante-mestre (S_1) como seu outro, no intuito de produzir um saber (S_2) sobre seu próprio sintoma e o desejo (a) que o motiva, oriundo da castração simbólica.

Logo, no caso particular do carnaval do Recife, as formações linguísticas identificadas remetem à diferentes subjetividades (\$) e ao conhecimento produzido por elas ao confrontarem-se com o significante mestre “Carnaval”. Ou seja, as formações expressam o que o “Carnaval” representa para cada um destes sujeitos barrados, de acordo com seus diferentes desejos, que atuam no sentido de orientação e motivação das articulações discursivas destes sujeitos. Assim, foliões, cidadãos, políticos, agremiações e artistas emergem como os sujeitos deste discurso, cada um, a sua maneira, produzindo conhecimento sobre o carnaval do Recife.

No primeiro grupo o carnaval (S_1) surge para o folião (\$) como uma possibilidade de emancipação, seja pela luta de demarcação de espaço por parte de foliões marginalizados, ou pela promoção de festejos independentes dos grandes focos da festa, privilegiando comunidades periféricas. Os avanços sociais nas lutas por igualdade e visibilidade de minorias (mulheres, gays, travestis) no século XXI e a proposta de valorização e descentralização da festa de rua, inicialmente de forma mais branda e depois com maior pujança, parecem ter contribuído para o não surgimento destas formações em 2005 e 2015, e, no caso da promoção de carnavais nos bairros, também não surgida em 1995.

Os grupos referentes à preservação das tradições carnavalescas e ao entendimento do carnaval como espaço de expressão e crítica estiveram presentes nos quatro anos submetidos a nossa análise. Aqui, o carnaval (S_1) foi encarado pelo folião (\$) como uma manifestação cultural a ser preservada por meio da manutenção de suas práticas tradicionais (S_2), apresentando algumas variações ao longo dos anos, bem como um

espaço no qual o folião poderia manifestar-se a respeito dos mais diversos assuntos, em geral por meio da irreverência e da sátira, inclusive criticando aspectos da própria festa de carnaval.

Outra dimensão comum aos quatro anos por nós analisados foi a posição do folião (\$) segundo a qual o carnaval (S_1) é uma festa que deve ser aproveitada da melhor maneira possível (S_2), da qual o folião deve usufruir ao máximo. Atrelada a esta articulação discursiva, os anos de 2005 e 2015 apresentaram a formação concernente com a preocupação do folião com questões de segurança ao brincar a festa. Isto pode ser associado ao aumento da percepção de violência social como um todo nas últimas décadas. Estas formações, apesar de próximas, demonstram uma contradição, já que podemos entender que a postura de aproveitar a festa ao máximo envolve uma negação da preocupação com questões de segurança, que comumente inclui a indisposição de foliões a frequentarem determinados espaços da festa.

No que diz respeito ao cidadão enquanto sujeito barrado (\$), duas formações caracterizam o significante-mestre “Carnaval” (S_1) como uma festa que não agrada a todos, uma vez que pudemos identificar cidadãos que preferem buscar outras opções de atividades durante o período de festa, bem como cidadãos que são contra o prolongamento da festa de carnaval para além dos dias oficiais de folia. Além disto, assim como no Discurso da Universidade, o cidadão enquanto trabalhador (\$) também se faz presente no Discurso da Histórica, relacionando-se com o carnaval como uma oportunidade para pleitear melhorias em suas condições de trabalho (S_2).

Já para a posição discursiva dos políticos (\$), o carnaval (S_1) é tido como um evento a ser utilizado para promoção e articulação política (S_2), algo comum a cada ano. Este talvez seja um dos casos mais claros no Discurso da Histórica em que o carnaval é encarado como um recurso a ser explorado, neste caso em especial como um recurso de capital político. Prefeitos, governadores, ministros, vereadores, deputados. Para todos eles o carnaval é caracterizado como um evento público ao qual comparecem não apenas como simples foliões, mas sim como figuras públicas, dividindo espaço nos camarotes dos bailes em salões fechados e da festa de rua com artistas e outras personalidades ilustres.

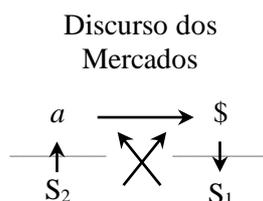
Por sua vez, agremiações e artistas (\$) apresentam semelhanças entre si na forma como enxergam o significante-mestre “Carnaval” (S₁). A cada ano de nossa análise ambas posições discursivas relacionam o carnaval com a perpetuação de tradições (S₂) e apresentam críticas à festa (S₂), especialmente por aquilo que julgam como descaso e desvalorização de aspectos da festa. Para as agremiações o carnaval representa também a superação dos diversos desafios ano após ano na luta para garantir o desfile das agremiações (S₂), desde a falta de verba até a falta de infraestrutura física. E quanto aos artistas, “Carnaval” (S₁) significa sempre a responsabilidade de provocar e conduzir a animação dos foliões (S₂), aspecto ao qual, para os artistas de fora de Pernambuco, se soma em 2005 a preocupação com a adequação e valorização da cultura pernambucana em suas apresentações. Este último aspecto estando diretamente ligado ao processo de valorização crescente das manifestações artísticas representativas da cultura pernambucana no carnaval do Recife.

Tendo em vista os oito grupos de formações linguísticas, é possível percebermos como o carnaval (S₁) historiciza as diferentes posições de sujeito inseridas em seu contexto. O carnaval surge como um enigma a ser desvendado por cada um destes sujeitos (\$), tendo como resposta as cadeias significantes (S₂) que organizam discursivamente as ações de cada um destes sujeitos. Uma vez que não há resposta correta e absoluta para este enigma, estas cadeias significantes são (re)construídas e negociadas coletivamente a cada momento. Esta construção do saber sobre o carnaval é realizada pelos sujeitos sempre a partir da postura que Žižek (2008b) define por meio da pergunta “Che vuoi?”. Para Žižek esta pergunta é a síntese máxima do sujeito histórico, e pode ser traduzida como “o que você quer de mim?”. Ou seja, o sujeito histórico está constantemente questionando o Outro Simbólico, a fim de descobrir o que este espera que dele. Assim, pautando-nos por esta perspectiva, encaramos o Discurso da Histórica no carnaval do Recife como sendo caracterizado pela constante pergunta “Che vuoi?”, feita pelos diversos e distintos sujeitos barrados ao Outro que é encarnado, neste caso, pelo significante-mestre “Carnaval”.

Concluindo-se a apresentação do Discurso da Histórica e das suas respectivas formações linguísticas eliciadas por nossa análise, partimos agora para a seção seguinte referente à apresentação do Discurso do Analista.

6.7 Discurso do Analista

O Discurso do Analista é caracterizado pela presença do objeto a na posição de agente do discurso. Com base no saber (S_2) acerca do outro, o objeto a interpela o sujeito barrado (\$) a fim de fazê-lo encarar o seu desejo. Este processo tem como produto o significante-mestre (S_1), no papel de chave para o desejo do outro, significante ao qual o sujeito se submete. A representação gráfica deste discurso é caracterizada pela seguinte configuração dos matemas lacanianos:



Em nossa análise o Discurso do Analista surgiu em formações linguísticas caracterizadas pela centralidade do objeto a enquanto condutor de um processo sintético de geração de significantes relativos ao carnaval do Recife. Assim, por meio de nossa análise do *corpus* foram identificadas quatro formações linguísticas, que foram agrupadas em um único grupo. O Quadro 7 apresenta cada uma das formações linguísticas referentes a este discurso, bem como suas definições e a presença de cada uma delas ao longo dos anos sobre os quais nos debruçamos.

| FORMAÇÕES LINGUÍSTICAS | DEFINIÇÕES | 1985 | 1995 | 2005 | 2015 |
|--|--|------|------|------|------|
| GRUPO: O QUE É A FESTA DE CARNAVAL | | | | | |
| Festa de carnaval é feita de tradições | A festa de carnaval existe apenas graças às tradições carnavalescas. | X | X | X | X |
| Festa de carnaval exige renovação | Festa de carnaval demanda um movimento de renovação da parte das agremiações/músicos. | | | X | X |
| Festa de carnaval é o momento da liberdade | Festa de carnaval é a possibilidade de manifestar-se de forma livre e espontânea, afastando-se de normas e costumes sociais. | X | X | X | X |
| Festa de carnaval é expressão da cultura | Festa de carnaval é uma forma de manifestação cultural por excelência. | | X | X | X |

QUADRO 7 – FORMAÇÕES LINGUÍSTICAS DO DISCURSO DO ANALISTA

FONTE: ELABORADO PELOS AUTORES

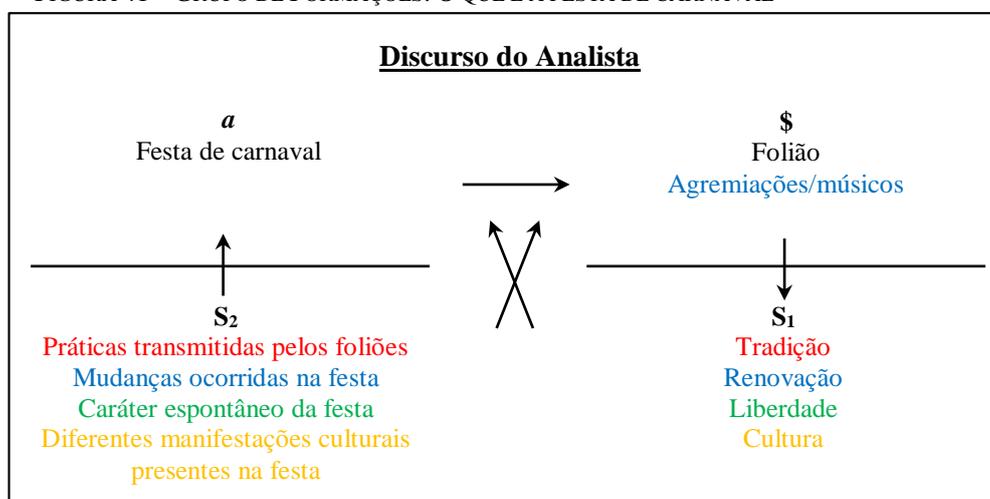
Em sua prevalência do objeto a , o Discurso do Analista atua no sentido de alcançar o reconhecimento do sintoma pelo sujeito barrado, confrontando-o com seu sintoma e promovendo sua representação por meio da produção do significante-mestre (S_1). Em

nossa pesquisa as formações linguísticas pertencentes ao Discurso do Analista apresentam particularidades entre si, mas possuem em comum a presença da festa carnavalesca como objeto *a* e a preservação desta lógica discursiva. Neste sentido, estas formações linguísticas passaram a compor o grupo denominado “O que é a festa de carnaval”, a ser abordado a seguir.

6.7.1 O que é a festa de carnaval

Partindo da encarnação da festa de carnaval em si como o objeto *a* no papel de agente do Discurso do Analista, buscamos representar as diferentes configurações das quatro formações linguísticas pertencentes a este discurso por meio da articulação dos matemas lacanianos na Figura 41.

FIGURA 41 – GRUPO DE FORMAÇÕES: O QUE É A FESTA DE CARNAVAL



FONTE: ELABORADO PELOS AUTORES

As formações linguísticas **Festa de carnaval é feita de tradições**, **Festa de carnaval exige renovação**, **Festa de carnaval é o momento da liberdade** e **Festa de carnaval é expressão da cultura** estiveram fortemente ligadas a situações em que os indivíduos procuraram produzir uma interpretação acerca do que a festa carnavalesca em si representava para eles. A fim de exemplificar como cada uma destas formações se manifestou em nosso *corpus* de pesquisa a Figura 42 apresenta matérias que expressam estas articulações discursivas.

FIGURA 42 – EXEMPLO DO GRUPO DE FORMAÇÕES: O QUE É A FESTA DE CARNAVAL

FIGURA 42A

NOVAS GERAÇÕES ESCREVEM O FUTURO DA FOLIA

CULTURA PRESERVADA Novos falões vão se formando a cada ano. Filhos e netos substituem os pais no comando das agremiações

O professor é o mestre Washington, também chamado Trique-Triquet, que foi formado por Miro do Samba, um dos mestres de bateria de Galeria do Ritmo e com longo currículo. Miro, aos 49 anos, 30 de samba, coleciona homenagens de vários blocos e escolas, mas gosta mesmo é de fazer herdeiros, como o mestre Trique-Triquet e a meninada da filha de Juaneiro, de Campo Grande. "O samba tem que ter futuro". Os garotos que aprendem a tocar e compor samba nas Arrochadas têm que estar matriculados na escola.

O Eu Acho é Pouco, que arrasta há 27 anos maldões pelas ladeiras de Olinda, também está fazendo seu futuro. Marcelo Calheiros, 29 anos, seus irmãos e amigos agora comandam a festa, no lugar do pai, Ivadevan e de outros maduros foliões. A ascensão dos mais novos começou há quatro anos e algumas renovações foram incorporadas. "Além de vender camisetas, criamos um calendário de festas durante o ano", conta Marcelo. A criatividade da turma jovem dá ao grupo mais autonomia financeira, já que, no Eu Acho é Pouco, a filosofia é não depender de ajuda de prefeitura. Fora essa e outras novidades, a essência é mantida, com a orquestra do maestro Nerinho, a batucada de um velho grupo de irmãos do Guadalupe, e as saídas diárias, do Sítio de Zé Pereira à terça-feira de Carnaval.

Herdeiros são formados em casa e nas comunidades

O Carnaval das próximas décadas está garantido. A previsão tem 100% de chance de se tornar realidade se depender apenas das novas gerações de foliões que vão se formando a cada ano, no Recife e em Olinda, redutos da festa mais popular do Brasil. Um exemplo disso é que de um Carnaval para o outro passamos, de mansinho, a falar não só em maestro Duda, mas também no jovem Spok. Nas agremiações, filhos e netos substituem os pais no comando. Aqui e acolá também chega uma figura nova, que se encanta de última hora com os pulmões, a música e as artes plásticas da manifestação cultural.

FONTE: ADAPTADO DE 1995-DP_FEV_024

FIGURA 42B

Carnaval lírico acabou, diz Valente

Liberdade para o povo poder brincar à vontade é a receita de Mário Souto Maior para que as pessoas participem mais do Carnaval. Contrário à ideia de um "frevódromo" no Recife - "seria uma passarela oficializada com portaria, comissão julgadora, regulamento, e o Carnaval deve ser algo popular" - ele acredita que das pessoas na festa. Para o pesquisador da Fundaj, o principal do Carnaval é a brincadeira e não uma comissão que, sentada em cadeiras e apetrechada de lápis e papel na mão, irá indicar a fantasia mais bonita, quem desfilou melhor: "Isso é ao gosto de cada um, e quase nunca é a expressão da verdade", salienta. Ele critica o fato de estarem fazendo do Carnaval "uma coisa conduzida, imposta, organizada demais, quando o carnaval é uma coisa de muita liberdade".

FONTE: ADAPTADO DE 1995-DP_FEV_024

FIGURA 42C

Simbologia do Carnaval em xeque

que o chá das cinco inglês, o frevo pernambucano e o fado português têm em comum? Aparentemente nada. Mas, na verdade, todos eles, apesar das diferenças geográficas e culturais, são símbolos. Simbolos civis, de identidade e reconhecimento social. Representam, respectivamente, a "inglêsidade", a pernambucanidade e o lberismo, poderes simbólicos que orientam as nações em torno de um mito, expressão ou narrativa popular. Representações que existem, logicamente, em todas as sociedades, mas que, nos últimos anos, porém, vêm chamando a atenção de acadêmicos, cientistas sociais e artistas por apresentar uma das maiores ambigüidades do contemporâneo.

Essa contradição pode ser sentida no último Baile Municipal da cidade, realizado no sábado, 29, no Chevrolet Hall. O carnaval, mostrou, mais uma vez, uma outra faceta de toda essa carga simbólica. A carioca Elza Soares foi vaiada em plena apresentação. Motivo: a cantora veio ao show com repertório baseado no samba e uma parte do público exigia o frevo. Os manifestantes vieram munidos com faixas, o que infere a possibilidade da oposição ao espetáculo ter sido combinada por razões ideológicas: grupos ou produtores culturais insatisfeitos com a falta de destaque ao ritmo pernambucano numa festa tão "tradicional".

FONTE: ADAPTADO DE 1995-DP_FEV_024

FONTE: ELABORADO PELOS AUTORES

A primeira das formações linguísticas deste discurso é **Festa de carnaval é feita de tradições**, caracterizada pela tradução da festa de carnaval (*a*) por meio do significante-mestre “Tradição” (S_1) pelo folião. Desta forma, segundo esta articulação discursiva, o festejo é sustentado pela preservação e perpetuação das tradições, algo valorizado pelos foliões ao longo de todos os anos de nossa análise, sempre exercendo certa atração sobre eles. A marcação na Figura 42A em vermelho aponta para a transmissão das práticas tradicionais (S_2) pelos foliões ($\$$), garantindo a perpetuação da festa de carnaval (*a*). Músicos tradicionais (“de um carnaval para o outro passamos, de mansinho, a falar não só de Maestro Duda, mas também no jovem Spok”), agremiações tradicionais (, música e artes plásticas características da folia de Momo fizeram e fazem parte da festa, garantindo sua existência.

Estreitamente relacionada com a formação anterior temos a formação **Festa de carnaval exige renovação**, identificada apenas nos últimos dois anos analisados. Aqui a festa de carnaval (*a*) é tratada como um fenômeno em mudança constante, o que demanda capacidade de adaptar-se e promover renovação (S_1). Esta dimensão da festa interpela as agremiações e músicos como sujeito barrado ($\$$) que precisa compreender o que significa esta necessidade de renovação para manter-se inserido na festa, a fim de lhes permitir efetuar tais mudanças. Podemos perceber a formação exemplificada na Figura 42C, de 2005. Aqui, em complementação ao próprio processo de transmissão de tradições há uma dimensão que envolve a renovação (S_1) de gerações de foliões, membros de agremiações e músicos ($\$$), promovendo com isto algumas mudanças em práticas que se adaptam à nova realidade da festa de carnaval (*a*).

A formação linguística **Festa de carnaval é o momento de liberdade** diz respeito ao reconhecimento da festa carnavalesca (*a*) como o evento no qual o folião ($\$$) tem a possibilidade desligar-se das cobranças da realidade cotidiana e ir além das práticas socialmente aceitas. A festa de carnaval aqui significa “Liberdade” (S_1), num paralelo com o Discurso do Mestre em sua formação **Carnaval é a festa dos excessos**. A Figura 42B exemplifica como esta formação linguística foi identificada no *corpus* de pesquisa. Subjacente à crítica na fala presente na matéria está o reconhecimento da festa de carnaval (*a*) como um momento espontâneo de liberdade (S_1). A festa surge assim como uma manifestação que deve afastar-se da formalidade, das normas sociais e do controle, um espaço no qual o folião ($\$$) busca a possibilidade de expressar-se livremente e de maneira descompromissada.

Por fim, tendo sido identificada em todos os anos de nossa análise, exceto 1985, temos a formação linguística **Festa de carnaval é expressão da cultura**. Nesta formação a festa (*a*) é significada como uma festa representativa da cultura (S_1) da região, manifestando diferentes facetas desta cultura. A festa de carnaval abarca não apenas as manifestações oficiais, mas acima de tudo a diversidade de identidades culturais e influências presentes no evento, refletindo e traduzindo a cultura pernambucana. O trecho em amarelo na Figura 42D tratam do episódio em que a cantora Elza Soares foi vaiada durante o Baile Municipal de 2005, já discutido anteriormente. Contudo, esta matéria deixa transparecer uma outra dimensão deste episódio que não diz respeito ao Discurso da Histórica. De acordo com a articulação discursiva aqui presente, o frevo, um dos elementos centrais da festa de carnaval do Recife, é representativo da própria cultura pernambucana. É possível perceber assim a relação estabelecida pelo folião (\$) da festa carnavalesca (*a*) como manifestação da cultura local (S_1). A partir disto torna-se claro o motivo das vaias para Elza Soares. A presença da cantora, identificada como representante do samba, em um dos bailes tradicionais da festa de carnaval do Recife foi interpretada por parte do público como uma desvalorização do frevo e, conseqüentemente, da cultura pernambucana.

6.8 O Discurso do Analista ao longo dos anos

O Discurso do Analista, no qual a interpelação do objeto *a* ao sujeito barrado (\$) é responsável pela produção do significante-mestre (S_1) que traduz o sintoma inconsciente deste sujeito barrado, está presente no carnaval do Recife nas articulações discursivas que partem sempre da indefinição da festa carnavalesca enquanto fenômeno fluído e inconstante, na tentativa de produzir significantes que traduzam este fenômeno e o que ele representa para os foliões.

O grupo único do Discurso do Analista reuniu formações linguísticas próximas, cada uma delas conduzindo a um significante-mestre específico. As duas primeiras formações apontaram para uma relação entre elas. A primeira, estabeleceu ano a ano o significante-mestre “Tradição” (S_1) como ponto nodal organizador do desejo do folião (\$). A festa (*a*) é caracterizada como expressão de tradições que sobrevivem a cada geração. A segunda formação, surgida apenas nos anos de 2005 e 2015, aponta para a festa como um fenômeno mutante, apesar de suas tradições perpetuadas, e que demanda

dos envolvidos com a festa (agremiações e músicos) “Renovação” (S_1), que é definido como significante que orienta as ações destes sujeitos na sua constante busca por adequação à festa. Adequação esta necessária devido às mudanças mais drásticas estabelecidas nas décadas anteriores (1985 e 1995).

A terceira formação trata da dimensão de liberdade da festa carnavalesca. A festa (a) representa para o folião (\$) um desejo que pode ser sintetizado por meio do significante-mestre “Liberdade” (S_1). A folia de Momo encarna assim o desejo pela espontaneidade e acima de tudo a liberdade da realidade cotidiana. Este parece ser um anseio significativo dos foliões, uma vez que a formação este presente em cada um dos anos analisados.

Por fim, a formação linguística **Festa de carnaval é expressão da cultura** expressa a articulação discursiva segundo a qual a festa carnavalesca da cidade do Recife (a) incorpora o desejo do folião (\$) pelo contato direto com a Cultura (S_1) e suas diferentes manifestações representativas de uma determinada região ou localidade, neste caso Pernambuco. A ausência desta formação em 1985 pode indicar o fato de que nesta época esta busca pelo contato com a cultura não era uma preocupação do folião. Esta formação emerge a partir de 1995 provavelmente junto ao movimento de busca da valorização da cultura local, já discutido anteriormente.

O movimento do Discurso do Analista na busca pelo reconhecimento do sintoma do sujeito barrado (\$) e produção de significantes (S_1) que o representem tem, em última instância, o propósito de fornecer a chave ou código do gozo dos sujeitos. No caso do discurso do carnaval do Recife este código do gozo traduz a relação entre os sujeitos e a festa carnavalesca. Desta forma, a relevância da tradição, da renovação, da liberdade e da cultura emergem como sínteses possíveis da festa enquanto manifestação difusa e inapreensível. Neste aspecto é possível percebermos a aproximação destes significantes entre si e inclusive com o aspecto de tempo extraordinário da festa presente no Discurso do Mestre.

Encerrando a apresentação dos quatro discursos fundamentais propostos inicialmente por Lacan abordaremos os dois discursos que surgem como seus desdobramentos. A seguir o Discurso do Capitalista dentro do contexto do carnaval do Recife, apresentando as formações linguísticas identificadas em no decorrer de nossa análise, bem como os agrupamos gerados entre estas formações.

6.9 Discurso do Capitalista

Resgatando a construção teórica do Discurso do Capitalista, esta variante do Discurso do Mestre surge do giro proposto por Lacan ao inverter o sentido do movimento entre S_1 e $\$$ e a eliminação do vetor de ligação entre a posição do agente e do outro, neste caso o matema S_2 . Desta forma, Lacan procurou retratar o encontro do Discurso do Mestre, pautado na Lei, dando lugar a um discurso que se pauta no conhecimento anônimo para a produção de objetos a . Assim sendo, o Discurso do Capitalista tem como agente o sujeito barrado ($\$$) que, valendo-se da capacidade organizativa do significante-mestre (S_1), utiliza o conhecimento impessoal do todo-saber da cadeia significante (S_2) para a produção de objetos (a). Tal lógica pode ser expressa por meio da seguinte configuração dos matemas lacanianos:



Por meio da condução de nossa análise pudemos eliciar sete formações linguísticas distintas associadas ao Discurso do Capitalista, distribuídas em dois grupos de formações. Cada um dos grupos diz respeito a um tipo específico de capitalista, os quais serão tratados logo mais adiante. As formações são apresentadas, juntamente com respectivas definições no Quadro 8.

| FORMAÇÕES LINGUÍSTICAS | DEFINIÇÕES | 1985 | 1995 | 2005 | 2015 |
|--|---|------|------|------|------|
| GRUPO: INDIVÍDUOS CAPITALISTAS | | | | | |
| Cidadãos aproveitam o carnaval para fabricar e vender fantasias | Cidadãos aproveitam a festa de carnaval para complementarem a renda familiar e financiar os gastos com a folia por meio da fabricação e venda de fantasias carnavalescas. | X | X | | |
| Artesãos aproveitam o carnaval para oferecer produtos artesanais | Artesãos aproveitam o carnaval como uma oportunidade para aumentarem suas vendas. | X | X | | |
| Contraventores aproveitam o carnaval para oferecer produtos ilegais | Contraventores aproveitam o carnaval como uma oportunidade para realizarem suas atividades ilícitas. | X | | | X |
| Comerciantes informais aproveitam o carnaval para oferecer produtos e serviços | Comerciantes informais aproveitam o carnaval como oportunidade para aumentarem suas vendas. | X | X | X | X |

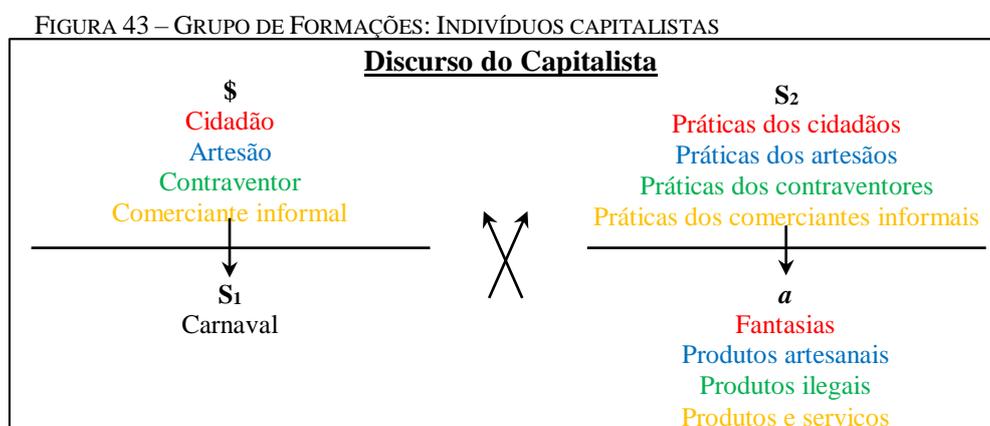
| GRUPO: ORGANIZAÇÕES CAPITALISTAS | | | | | |
|---|--|---|---|---|---|
| Agremiações aproveitam o carnaval para angariar fundos por meio de patrocínio | Agremiações aproveitam o carnaval como oportunidade para aumentarem a arrecadação de recursos financeiros por meio de patrocínios de empresas. | | | X | X |
| Empresas patrocinam o carnaval para promover-se | Empresas utilizam o carnaval para realizar ações de patrocínio a fim de promover-se. | X | X | X | X |
| Empresas aproveitam o carnaval para oferecer produtos e serviços | Empresas aproveitam o carnaval como oportunidade para aumentarem suas vendas. | X | X | X | X |

QUADRO 8 – FORMAÇÕES LINGÜÍSTICAS DO DISCURSO DO CAPITALISTA
 FONTE: ELABORADO PELOS AUTORES

No Discurso do Capitalista em nossa pesquisa é comum a todas as formações linguísticas a utilização do carnaval como um evento propício para alavancar as atividades comerciais de todos estes diferentes agentes capitalistas. O significante-mestre (S₁) “Carnaval” surge, então, como referência para a articulação discursiva que sustenta estas práticas comerciais. Estas formações serão discutidas com mais detalhamento a seguir.

6.9.1 Indivíduos capitalistas

As formações linguísticas que compõem este grupo dizem respeito às articulações discursivas pautadas nas ações de indivíduos relativas ao Discurso do Capitalista. Neste grupo todas as formações são determinadas a partir da ação de um sujeito barrado (\$) que se vale do significante-mestre “Carnaval” (S₁) para articular a cadeia significante de suas práticas comerciais (S₂) no intuito de gerar produtos específicos (*a*) a serem comercializados no período carnavalesco. Esta articulação é representada na Figura 43.



FONTE: ELABORADO PELOS AUTORES

Percebemos uma distribuição irregular das formações linguísticas deste grupo ao longo dos anos analisados. Isto se deve, possivelmente, ao processo gradual e contínuo

de mudança da festa em termos comerciais ao longo dos anos. A Figura 44 oferece exemplos de manifestações destas formações para que possamos discuti-las mais detidamente.

FIGURA 44 – EXEMPLOS DO GRUPO DE FORMAÇÕES: INDIVÍDUOS CAPITALISTAS

FIGURA 44A

Família junta o útil ao agradável

As vésperas do carnaval, muito mais gente do que se pensa anda às voltas com os últimos retoques das milhares de fantasias que serão exibidas tanto nos mais luxuosos clubes carnavalescos como nas mais humildes agremiações. Um exemplo dos mais genuínos, em pleno bairro de São José, é dado pela família de dona Sevi Caminha que costura para diversos blocos e com o lucro põe na avenida o "Pierrot de São José" há seis anos consecutivos.

Este ano estamos planejando 200 pessoas no Pierrot. Acontece que tem tanta gente pobre que além das fantasias ainda providenciamos até as passagens de ônibus. Mesmo assim vale porque o bloco está crescendo e ficando cada vez mais bonito com suas colombinas, pierrots, palhaços, cantando acompanhados pela orquestra de cordas, o nosso hino. Nossa família, com a ajuda de mais 15 costureiras, vive três meses no ano em função do carnaval (e o resto do tempo de uma firma especializada na confecção de adereços), diz Gorete Caminha.

FONTE: ADAPTADO DE 1995-DP_FEV_024

FIGURA 44B

TURISTAS SÃO ATRAÍDOS PELO ARTESANATO

Está havendo um razoável fluxo de turistas na casa de artesanato do centro de Recife como o Mercado São José e Casa da Cultura. Segundo os proprietários de celas na Casa da Cultura e departamentos do Mercado São José os turistas estrangeiros e brasileiros em sua maioria apenas olham as mercadorias permitam e pouco compram mas não compram. O proprietário da cela 112 da Casa da Cultura acha que o movimento está um pouco fraco porém pode melhorar dentro do Carnaval na quarta-feira de Cinzas quando os turistas estão voltando para seus lares ou até mesmo países e querem levar alguma lembrança para casa.

Os artigos mais procurados pelos turistas em tecidos são as roupas em renda renasceça as camisetas com o nome do Recife e Olinda em couro são as sandálias trançadas bolsas e sapatos. Os turistas mais jovens segundo constatou a proprietária da cela 104 preferem as roupas em tecido amassado (artesanato) e os mais velhos não fazem roupas em algodão. Esta comerciante disse também que o movimento do ano passado foi melhor que o deste ano e que este fato se deve a crise econômica que todos estão vivendo. O preço destes artigos variam muito por exemplo as blusas em renasceça variam de Cr\$ 120 mil a Cr\$ 130 mil os vestidos artesanais estão custando Cr\$ 60 mil as blusas artesanais Cr\$ 15 mil os artigos em couro, va-

FONTE: ADAPTADO DE 1995-DP_FEV_024

Carnaval vai; tragédias ficam

Loló trocou de nome e agora é chamado de "sucesso" nas ruas de Olinda e do Recife Antigo, mas riscos são os mesmos

Inventaram um novo nome para o loló, como diz João do Morro naquela música lançada há uns anos e que ainda faz ôba ôba nas festas. O loló, inalante e versão contemporânea do lança-perfume de antigamente, passou a ser chamado com redução de letras (LO) ou pelo condutivo codinome de "sucesso". Nas ruas de Olinda, contam os mais entrosados com o fluxo de Olinda e Recife Antigo, o "sucesso" é oferecido ao pé do ouvido no vucovuco, entre a subida e descida de um bloco. Se o sujeito quiser, é só sacar o dinheiro e o negócio está feito. Depois, é só cheirar, cheirar e cheirar...

FIGURA 44C
FONTE: ADAPTADO DE 1995-DP_FEV_088

FIGURA 44D

Camelôs vendem caro a cerveja

Max houve quem lutasse para derrubar a concorrência, praticando preços menores. Foi o que fez Marcos Antônio Rozendo, com uma barraca na calçada na Avenida Guararapes. Ele estava vendendo refrigerante e água mineral por R\$ 0,70, cerveja em garrafa por R\$ 1,50, caldinho com cans por R\$ 0,50 e a dose de conhaque por R\$ 1,00. "Vendo pelo mesmo preço que cobro na praia o ano inteiro para conseguir vender mais", explicou.

A luta para vencer os concorrentes também foi travada por Alexandre Simões, que circulava ontem pelo desfile do Galo da Madrugada com um cartaz anunciando latas de cerveja e água mineral por R\$ 0,90. "Estou vendendo bem. Dá para ter lucro com este preço", afirmou. Quem insistia nos preços mais altos garantia, porém, que a qualquer momento poderia reduzi-los. "Se os outros baixarem, eu faço o mesmo", disse o comerciante Eduardo Laurentino.

FONTE: ELABORADO PELOS AUTORES

A formação **Cidadãos aproveitam o carnaval para fabricar e vender fantasias** e **Artesãos aproveitam o carnaval para oferecer produtos artesanais** estão presentes apenas nos anos de 1985 e 1995 em nossa análise. Tal fato pode ser explicado pelo maior nível de informalidade das trocas comerciais e menor grau de profissionalização e investimento presente nestes anos em relação a 2005 e 2015. A primeira remete aos esforços de cidadãos (\$) comuns que enxergavam no carnaval e no aumento da demanda por fantasias a possibilidade de produzirem (S_2) roupas e adereços a serem vendidos aos foliões a fim de incrementar a renda familiar e financiar a própria folia. A Figura 44A traz uma matéria na qual podemos perceber como uma dada família enxerga o carnaval (S_1) como uma oportunidade para conseguir aumentar a renda por meio da fabricação de fantasias (a). Neste ponto chama atenção o fato de que parte deste incremento na renda tem como destino os gastos com o carnaval em si também.

A segunda formação, **Artesãos aproveitam o carnaval para oferecer produtos artesanais**, trata dos casos em que artesãos (\$) se beneficiavam do carnaval (S_1) para alcançarem maiores vendas (S_2) de seus produtos artesanais (a), especialmente para foliões turistas que visitavam a cidade de Recife no período momesco. A matéria retratada na Figura 44B apresenta uma passagem em que esta formação se fez evidente. Como podemos ver, a matéria demonstra como o carnaval também beneficia as atividades de artesãos (\$) com o aumento da visitação de turistas a centros de artesanato e o incremento nas vendas de produtos artesanais (a) que ocorre especialmente durante o período de término do carnaval, “quando os turistas estão voltando para seus Estados ou até mesmo países e querem levar alguma lembrança para casa”.

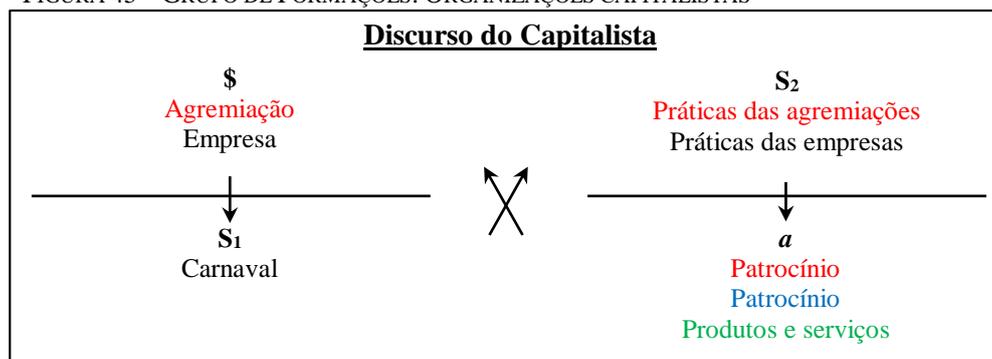
No que diz respeito à ação de contraventores no carnaval do Recife, a formação linguística relativa a eles se fez presente nos anos de 1985 e 2015. Enquanto no primeiro ano de nossa análise tal formação dirigiu-se as práticas de vigaristas que aplicavam golpes e vendiam ingressos falsificados para bailes de carnaval, no último ano tal formação abrangeu as práticas de traficantes de drogas que buscam vender entorpecentes para foliões durante o período do festejo carnavalesco. Esta última dimensão pode ser evidenciada por meio da Figura 44C, referente a uma matéria publicada no ano de 2015. A passagem mostra como a comercialização de entorpecentes (a) é uma prática presente no carnaval. Nesta e em outras matérias fica claro como o a articulação discursiva segundo a qual o carnaval é um momento de excessos propicia o consumo deste tipo de produtos e, conseqüentemente, favorece os traficantes (\$) com o aumento da demanda.

Por fim, este grupo de formações inclui ainda a formação linguística **Comerciantes informais aproveitam o carnaval para oferecer produtos e serviços**, presente em todos os anos de nossa análise e ligada às atividades comerciais de barraqueiros, vendedores ambulantes, catadores de lixo, condutores de transportes clandestinos, dentre outros. Em cada um dos anos de nosso *corpus* de pesquisa foi possível identificar o incremento das atividades destes sujeitos durante o carnaval, como fica demonstrado na Figura 44D. Os trechos destacados em amarelo evidenciam como os comerciantes informais (\$) aproveitam o carnaval (S_1) para conseguir um melhor desempenho na venda de bebidas (a). Este tipo de situação se repete em todos os anos de nossa análise, com poucas variações, como o aumento ou diminuição de exigência de padronização e fiscalização do Estado sobre as atividades dos ambulantes e barraqueiros, o que remete ao Discurso da Universidade, tratado anteriormente.

6.9.2 Organizações capitalistas

Seguindo a mesma lógica de funcionamento do grupo anterior, as formações linguísticas que compõem este grupo representam manifestações do Discurso do Capitalista, diferenciando-se por expressarem atividades comerciais de organizações, e não de indivíduos isolados. Estas formações são **Agremiações aproveitam o carnaval para angariar fundos por meio de patrocínio**, **Empresas patrocinam o carnaval para promover-se** e **Empresas aproveitam o carnaval para oferecer produtos e serviços**. Nelas organizações (\$) articulam suas práticas comerciais em cadeias significantes (S_2) organizadas em torno do significante-mestre “Carnaval” (S_1) visando a geração de produtos e/ou serviços específicos (a). Tal lógica discursiva é representada na Figura 45.

FIGURA 45 – GRUPO DE FORMAÇÕES: ORGANIZAÇÕES CAPITALISTAS



FONTE: ELABORADO PELOS AUTORES

Diferentemente do grupo anterior, este apresenta uma maior constância em relação à presença das formações linguísticas no decorrer dos nossos anos de análise. A Figura 46 apresenta matérias que ilustram cada uma destas formações.

FIGURA 46 – EXEMPLOS DO GRUPO DE FORMAÇÕES: ORGANIZAÇÕES CAPITALISTAS

Galinha fica fora da água

Depois de 10 anos de fundação, o bloco aquático *Galinha d'Água* não participará do desfile do Galo. O barco que puxa animação no rio Capibaribe, do cantor e compositor Bubuska Valença, estará de luto. As tarjas pretas serão em protesto pela proibição da Prefeitura de que se exiba publicidade diferente do patrocinador oficial do Carnaval nos focos de folia. "Infortunadamente nossa festa ficou inviabilizada. Foi um presente lamentável", criticou Valença, que já planeja participar nos desfiles do Galo da Madrugada dos próximos anos. A estimativa do compositor é de que, neste sábado, mais de 150 embarcações ocupem as águas do Capibaribe. Os banners publicitários do barco do cantor, ancorado próximo à rua do Sol, foram retirados ontem por fiscais da Dircon.

FIGURA 46A
 FONTE: ADAPTADO DE 1995-DP_FEV_088

Cervejarias disputam folião pernambucano

se Carnaval 35% a mais que no ano passado. "Queremos ampliar nossa atuação no mercado", acrescenta. A Brahma, por sua vez, ainda não fechou a programação, mas o gerente comercial da cervejaria no Estado, Nelson Herel, garante que a empresa está gastando 15% a mais que o aplicado ano passado. "Vamos estar presente em todo litoral", diz. A empresa mandou confeccionar cerca de 5 mil camisas.

A guerra das duas cervejarias para conquistar o folião pernambucano pode ser medida pela semelhança das promoções. Ambas oferecem uma dobradinha regada a chopp a seus convidados vip's: a Antártica, no Cabanga, e a Brahma, no Português, na sexta-feira, compraram camarotes em Boa Viagem, carimbaram suas marcas nos bonecos de Olinda e vão levar alegria do litoral Norte ao Litoral Sul. A Antártica, da semana pré até a quarta-feira de cinzas, faz festa em Itamaracá, na Praça do Pilar, com a Banda do Pinguim. A Brahma invadiu a Ilha mais cedo: ontem, organizou a prévia marítima na Coroa do Avião, com várias embarcações ao mar, embaladas pelo ritmo frenético da banda baiana Crocodilo.

O patrocínio exclusivo de blocos também é um motivo a mais para acirrar a disputa do consumidor pelas cervejarias. A Antártica se orgulha de patrocinar blocos como o Galo da Madrugada, as Virgens de Olinda e o Bacalhau do Bataia. E a Brahma o Clube do Limão, o Bloco do Bafo e a Mulher do Dia.

FIGURA 46B
 FONTE: ADAPTADO DE 2005-DP_FEV_020

FOLIA QUE RENDE BONS NEGÓCIOS

ESTA indústria de bebidas, empresas de serviços, comércio formal e informal faturam no Carnaval. Vendidos em supermercados crescem em vários setores

... de fazer a festa dos bolões, o Carnaval é época de comemoração para muitas empresas que aumentam as vendas por causa da folia. A lucratividade se eleva no setor das indústrias de bebidas, comércio formal e informal e pelo setor de serviços. A fabricante de bebidas afirma que o Carnaval traz um crescimento de 30% na comparação com os meses do ano. "Em relação ao ano passado, o aumento deve ser de 30%", explicou o presidente da Freso, Sydney...

... aumento de 15% nas vendas com o período carnavalesco. Isso significa 120 mil garrafas descartáveis de água mineral a mais do que nos outros períodos do ano. "É a melhor época para se vender bebidas. Além do calor do verão, ainda tem a festa pedinteira", diz o gerente da Crystal, Alexandre Grippi.

O aumento na venda de bebidas também é sentido nos supermercados. No Carrefour da Torre, as vendas sobem 25%. "Vendemos quase todos os tipos de bebidas refrigerante, água mineral, cerveja, energético e mais. A procura é grande", garante o diretor da loja, José Edson Ramos. Além de bebidas, o período favorece as vendas de refrigeradores, câmeras fotográficas, brinquedos, ventiladores, entre outros bens.

Nos lojas do shopping, a venda de sorvetes cresce 40% com o Carnaval. "A procura está mais forte do que no ano passado e as previsões climáticas indicam temperaturas altas, o que nos dá uma vantagem", afirma o diretor comercial da rede, Antonio Figueira.

No centro do Recife, as opiniões sobre os lucros se dividem. Alguns afirmam que a proximidade da folia com o Natal impulsiona as vendas, porque o consumidor ainda está na dúvida. "Ainda tem o fato de janeiro ser um mês de gastos com material escolar e IPTU", lamenta o presidente-executivo do Comércio dos Deixados Lojistas (CDL), Silvio Vaccarone.

Mesmo assim, alguns lojistas afirmam que as vendas estão boas. "A procura está grande. Estamos vendendo 20% a mais do que no ano passado. Temos feitos muitos infantes que vão de R\$ 900 a R\$ 4200", comemora Ana Regina Aguiar, gerente da loja de brinquedos da Rua das Calçadas Malhada. A ambulante Geise Jerônimo, que trabalha na rua, avalia seu mês de vendas. "Investi R\$ 200 para fazer música e dançantes. Como a venda está ótima, acho que vou conseguir ganhar uns R\$ 500", contabiliza.

No estande de fantasias e adereços confeccionados pelas artistas Teresa Iria, Rosa da Fonte e Natasa Pacheco, no Paço Aldeidade, a procura tem sido grande. "Temos pedidos para todos os bolões. Os diademas vão de R\$ 10 a R\$ 35", diz a vendedora Alexandra Iria. A artesã Nancy Ferreira conta que, mesmo com as despesas de material escolar, vai separar dinheiro para brincar com os três filhos. "Vou gastar uns R\$ 200 com as fantasias das crianças".

FONTE: ADAPTADO DE 1995-DP_FEV_024

FONTE: ELABORADO PELOS AUTORES

A formação relativa às ações de agremiações para arrecadação de recursos por meio de patrocínio surgiu apenas nos anos de 2005 e 2015. Isto se deveu, provavelmente, ao crescimento da relevância econômica do carnaval a partir da maior cobertura midiática do evento. Grandes agremiações passaram a atrair o interesse de empresas que buscavam promover suas marcas durante ao carnaval, graças ao grande apelo destas agremiações junto ao público e a mídia. Assim, neste período, camarotes patrocinados e anúncios publicitários presentes nas apresentações das agremiações se tornaram comuns, como podemos verificar na Figura 46A, de 2005. Além do caso do patrocínio ao Galo da Madrugada, já abordado anteriormente, a figura acima apresenta outra situação em que agremiações (\$) tradicionais buscam aumentar a arrecadação de recursos financeiros durante o carnaval (S_1) por meio de patrocínios (a) de outras empresas que não aquelas patrocinadoras oficiais. Assim como no caso do Galo da Madrugada, tais práticas publicitárias foram reguladas e proibidas em 2005 pelo Discurso da Universidade, apesar das diversas críticas dos membros das agremiações.

Além das ações de agremiações, destacam-se ainda mais as ações comerciais das mais diversas empresas no período carnavalesco. Ao longo dos anos foram identificadas situações em que empresas patrocinaram a festa carnavalesca em nível municipal ou eventos e agremiações específicos, remetendo à formação linguística **Empresas patrocinam o carnaval para promover-se**. Uma destas situações está expressa na Figura 46B. Nesta matéria de 1995 encontramos as ações de duas cervejarias (\$) disputando espaço no carnaval (S_1) por meio de ações de patrocínio (a) no intuito de promoverem suas marcas junto ao consumidor. Esta formação surge em complementariedade à formação anterior. Se por um lado empresas estão dispostas a investir em patrocínios, por outro as agremiações se aproveitam desta oportunidade.

De forma ainda mais marcante se fizeram presente em nossa análise situações nas quais bares, restaurantes, lojas de fantasias, empresas do ramo turístico (agências de viagens, hotéis), fornecedoras de equipamentos para realização de festas, produtores artísticos e gravadoras capitalizam em cima do evento momesco. Tais casos são associados à formação **Empresas aproveitam o carnaval para oferecer produtos e serviços**. A Figura 46C ilustra manifestações desta formação no ano de 2005. A matéria traz o registro de como diversas empresas (\$), sejam de menor ou maior porte, utilizam o carnaval (S_1) para impulsionar suas práticas comerciais (S_2) a fim de ampliar seu desempenho na oferta de seus produtos ou serviços (a). Tal situação se mantém constante

nos quatro anos submetidos à análise, com esta formação linguística sempre se destacando dentre as dimensões do Discurso do Capitalista no carnaval do Recife.

6.10 O Discurso do Capitalista ao longo dos anos

Tomando como base a estrutura do Discurso do Mestre alterada pelo giro dos matemas $\$$ e S_1 , o Discurso do Capitalista é marcado pelo sujeito barrado ($\$$) como agente de um discurso que visa unicamente a produção de objetos a , por meio do saber da cadeia significante (S_2) organizada em torno de um significante-mestre (S_1). No que concerne a nossa pesquisa, o significante-mestre presente em todas as formações linguísticas foi o “Carnaval”. Mais uma vez este significante atua como alicerce fundante de formações diversas, agora por meio de uma lógica segundo a qual a noção de “carnaval” permite aos diferentes sujeitos capitalistas organizarem as cadeias significantes referentes ao conhecimento necessário para produzir os objetos a , ou latusas.

Nossa análise gerou dois grandes grupos de formações, os de capitalistas individuais e organizacionais. O primeiro grupo envolve cidadãos comuns, artesãos, contraventores e comerciantes informais como sujeitos barrados ($\$$) de suas respectivas formações. No intervalo de nossa análise pudemos perceber que as formações referentes aos cidadãos e aos artesãos não foram identificadas nos anos de 2005 e 2015. Apesar de acreditarmos que tais sujeitos ainda podem estar presentes na festa carnavalesca contemporânea, suas articulações discursivas não se demonstraram relevantes a ponto de se fazerem notar, o que pode ter acontecido pela maior tendência de profissionalização e especialização das relações comerciais na festa nos últimos anos. A formação relativa às atividades dos contraventores por sua vez surgiu no primeiro e último ano de análise, passando pela mudança dos pequenos golpes para o tráfico e venda de drogas ilícitas. Tal mudança acompanha o reconhecimento do aumento da violência na festa carnavalesca abordado nos discursos anteriores. Por outro, a formação ligada aos comerciantes informais se manteve presente e constante ao longo de nossa análise. A venda de adereços, bebidas e alimentos e a coleta de materiais recicláveis foram as principais variantes desta formação de destaque do Discurso do Capitalista no carnaval do Recife.

Já o grupo de organizações capitalistas envolve, em primeiro lugar, as ações das agremiações carnavalescas ($\$$) em sua tentativa de levantar recursos financeiros por meio de patrocínios (a). Esta atividade se tornou comum 2005 e 2015, provavelmente pelo

aumento dos custos necessários para financiar a participação das agremiações e pela insuficiência do auxílio financeiro da gestão pública, sempre considerado limitado. Contudo, acreditamos que estas ações de patrocínio só se tornaram possíveis graças ao crescimento constante da abrangência e importância econômica da festa, bem como da maior cobertura da mídia concedida ao evento. Acreditamos que tais fatores também influenciaram a formação referente às ações das empresas (\$) patrocinadoras para promover-se por meio do “carnaval” (S_1). Nos anos de 1985 e 1995 estas ações estavam ligadas quase que exclusivamente ao patrocínio dos bailes carnavalescos e de premiações de concursos, além do apoio à gestão pública. Contudo, a já citada evolução da dimensão econômica e midiática da festa, que significou principalmente a uma maior atenção para a festa de rua, levou ao interesse de grandes empresas em patrocinarem também agremiações de renome, como o Galo da Madrugada, em 2005 e 2015.

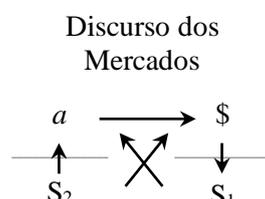
Finalmente, ainda no grupo pertencente ao grupo de organizações capitalistas, temos a formação linguística que expressa a articulação discursiva das empresas (\$) dos mais diversos setores que conseguem valer-se da noção de “carnaval” (S_1) para criar oportunidades de negócios, viabilizando a oferta de diferentes produtos e serviços (a). Esta formação sofreu apenas pequenas variações quanto à natureza dos produtos oferecidos pelas empresas, mantendo sua lógica discursiva em toda nossa análise.

Assim, o Discurso do Capitalista no contexto do carnaval do Recife é marcado pela apropriação do significante “Carnaval” como alicerce maior de uma lógica de transformação da folia carnavalesca em oportunidade de negócios e fonte de lucro. Este entendimento aponta para uma aproximação com os olhares de Yúdice e Canclini acerca da cultura popular na contemporaneidade.

6.11 Discurso dos Mercados

O último discurso a ser abordado em nossa apresentação dos resultados é o Discurso dos Mercados. Como tratado nos capítulos anteriores, este discurso funciona com base na torção da função do objeto a enquanto agente do discurso, naquilo que a princípio representaria o Discurso do Analista. Enquanto no Discurso do Analista o objeto a busca interpelar o sujeito a fim de produzir o significante-mestre que estrutura seu inconsciente a partir do reconhecimento do seu sintoma, no Discurso dos Mercados o objeto a atua de forma perversa, utilizando o seu conhecimento (S_2) acerca do desejo do

outro para interpelar o sujeito barrado (\$) na busca por produzir o significante-mestre (S_1) que permite ao sujeito lidar com a injunção superegóica do gozo. Aqui o objeto a torna-se um objeto demandante, inquisidor, numa lógica discursiva propícia para a lógica de mercado da sociedade contemporânea. Esta articulação discursiva segue a mesma organização dos matemas lacanianos presentes no Discurso do Analista:



Com base neste entendimento do Discurso dos Mercados foi possível identificarmos quatorze formações linguísticas presentes nos quatro anos abarcados pelo *corpus* de nossa pesquisa. Estas formações foram organizadas em cinco grupos distintos. As formações linguísticas, suas definições e sua frequência ao longo dos quatro anos analisados são apresentadas no Quadro 9.

| FORMAÇÕES LINGUÍSTICAS | DEFINIÇÕES | 1985 | 1995 | 2005 | 2015 |
|---|---|------|------|------|------|
| GRUPO: ESPETÁCULO CARNAVALESCO | | | | | |
| Bailes carnavalescos são um espetáculo | Bailes carnavalescos são resignificados e oferecidos como uma festa espetacular. | X | X | | |
| Festa de carnaval é a festa do espetáculo | Festa de carnaval é convertida em um grande espetáculo a ser usufruído pelo folião. | | X | X | X |
| Atrações artísticas garantem entretenimento | Atrações artísticas são responsáveis por entreter os foliões ao longo da festa. | X | X | X | X |
| Festa de carnaval é aguardada com ansiedade | Festa carnavalesca gera expectativa dos foliões pela sua chegada | | X | X | X |
| GRUPO: A VERDADEIRA FESTA | | | | | |
| Festa de carnaval de rua é o carnaval genuíno | Festa carnavalesca de rua é considerada a verdadeira festa carnavalesca. | | | X | X |
| Festa de carnaval valoriza a cultura pernambucana | Festa de carnaval dissemina e perpetua a cultura pernambucana. | | | X | X |
| Festa de carnaval gera saudosismo | Festa de carnaval oferece saudosismo aos foliões. | | | X | X |
| Fantasia carnavalesca é parte do carnaval | Fantasia carnavalesca emerge como parte essencial do carnaval | | X | X | X |
| GRUPO: A FESTA PARA TODOS | | | | | |
| Festa de carnaval é um espaço democrático | Festa de carnaval permite a todos os foliões diferentes o acesso à folia. | | | X | X |
| Festa de carnaval é eclética | Festa de carnaval oferece atrações para todos os gostos, agradando a todos os foliões. | | | X | X |
| GRUPO: A FESTA PARA POCOS | | | | | |
| Espaços exclusivos conferem prestígio à festa | Espaços exclusivos oferecem acesso a luxo e prestígio aos foliões da festa de carnaval. | X | X | X | X |
| Personalidades conferem prestígio à festa | Presença de personalidades oferece acesso ao prestígio da festa de carnaval. | X | X | X | X |

| GRUPO: A ALEGRIA DA FESTA | | | | | |
|---|--|---|---|---|---|
| Festa de rua oferece animação | Festa carnavalesca de rua é garantia de animação para os foliões. | X | X | X | X |
| Imagens compartilham momentos do carnaval | Imagens registram e permitem o compartilhamento de experiências no carnaval. | | | | X |

QUADRO 9 – FORMAÇÕES LINGÜÍSTICAS DO DISCURSO DOS MERCADOS

FONTE: ELABORADO PELOS AUTORES

De maneira geral, vemos nas formações linguísticas a festa de carnaval surgindo como objeto *a* central deste discurso, dando origem ainda a outros objetos *a* “derivados” dela. Tanto a festa em si quanto os alguns dos elementos que a compõem passam a cumprir o papel de objeto de desejo demandante de gozo. A seguir abordaremos cada uma destas formações de forma mais específica, apresentando-as por mio dos agrupamentos que que definimos para este discurso.

6.11.1 Espetáculo carnavalesco

Este grupo diz respeito ao processo discursivo que apresenta os bailes carnavalescos, a festa de carnaval como um todo e as atrações artísticas (*a*) como algo a ser apreciado e usufruído pelos foliões (\$), naquilo que pode ser entendido como um espetáculo (S_1), caracterizado pela dimensão destes eventos e relevância das atrações (S_2). Vale ressaltar que aqui empregamos o termo espetáculo de maneira ordinária, sem pretensão de aplicação do termo como um conceito teórico. O grupo é composto pelas formações linguísticas **Bailes carnavalescos são um espetáculo, Festa de carnaval é a festa do espetáculo e Atrações artísticas garantem entretenimento**. A representação gráfica destas formações é sintetizada na Figura 47.



FONTE: ELABORADO PELOS AUTORES

Este grupo apresentou uma distribuição um pouco irregular das formações linguísticas ao longo dos anos de análise, com maior presença sobretudo nos anos de 2005 e 2015. A Figura 48 apresenta matérias ilustrativas da manifestação destas formações.

FIGURA 48 – EXEMPLOS DO GRUPO DE FORMAÇÕES: ESPETÁCULO CARNAVALESCO

FIGURA 48A

Sucesso total no Bal Masqué de 85

O Internacional viu uma noite de raro esplendor com a realização do Bal Masqué do Centenário. A mais tradicional festa do calendário social carioca ganhou, na sua 85ª edição, roupagem nova e acabou se constituindo num notável sucesso sob todos os aspectos. A começar da presença de uma verdadeira multidão que superlotou o salão principal do clube do Benfica até as cinco da manhã, num clima de alegria absoluta. Nas mesas e camarotes, os nomes de maior projeção na nossa sociedade, numa demonstração da força dessa prévia carnavalesca criada por Julieta Pereira Borges e Altamiro Cunha. Cheio de inovações, o Bal Masqué-85 acabou tendo alguns momentos da maior emoção, como a cena fantástica de Capiba andando pelo imenso palco armado no dancing, acenando para multidão de baixo de uma chuva de confetes e a orquestra executando seus maiores sucessos.

A ideia da encenação da história do clube, intercalada com o concurso de fantasias, não poderia ter sido mais feliz e provocou elogios gerais dos que foram até o Benfica. A emocionante homenagem de Gigantes do Samba, pela primeira vez presente à alinhada festa, o julgamento utilizando painéis luminosos, o destaque à marcante figura de Múcio Catão e a inesperada e justíssima homenagem a Clea Krause são alguns dos inúmeros destaques de uma festa que vai, com certeza, para lugar do maior destaque na história do mais antigo clube social do Brasil.

FONTE: ADAPTADO DE 1995-DP_FEV_024

Batuqueiros abrem folia no Recife

Espectáculo comandado pelo percussionista Naná Vasconcelos começa às 18h, no Marco Zero

Os tambores de 400 batuqueiros de 11 nações de maracatu vão anunciar hoje a abertura oficial do Carnaval do Recife. O espetáculo sob o comando do percussionista Naná Vasconcelos será a partir das 18h no Marco Zero e vai ser acompanhado de um coral de 120 vozes de crianças das comunidades de Brasília Teimosa, Pina e Coque. O show de abertura vai ter ainda a *Clarinda* com o toque de 10 clarins e a Orquestra Manguefônica, uma das novidades este ano com a apresentação conjunta das bandas Nação Zumbi e Mundo Livre S/A, em homenagem a Chico Science.

A concentração dos batuqueiros tem início às 17h na rua da Moeda, onde eles vão começar a esquentar os tambores. Às 18h30, os batuqueiros saem em cortejo para o palco do Marco zero, acompanhados do Rei e da Rainha do Carnaval e 11 salvorixais do Recife. Na chegada ao Marco Zero haverá uma homenagem a Dona Santa, que será representada por Dona Clemilda, rainha do Maracatu Elefante, e ao Mestre Sebastião, que vai estar representado por dois caboclos de lança, filhos do mestre.

Após as homenagens, o prefeito João Paulo entrega as chaves da cidade ao Rei Momo Rildo Plínio e Orquestra - Depois da apresentação dos batuqueiros, tem início o show inédito das duas maiores expressões do mangue-beat, as bandas Nação Zumbi e Mundo Livre S/A, formando a Orquestra Manguefônica, que recria na íntegra o álbum *Da Luna ao Coos*, de Chico Science e Nação Zumbi. O álbum reúne rock, maracatu e samba, aliando cavaquinho, guitarras, baterias e muita percussão. O encontro era um desejo antigo do músico, morto em acidente em 1997, aos 31 anos. O guitarrista Lúcio Mala, da Nação Zumbi, disse que a reavistagem do álbum feita pela Manguefônica tem surpresas e pouco se parece com o original, que ao seu ver hoje era corajoso na época.

Amanhã, a principal atração no Marco Zero é o pernambucano Silvério Pessoa e seus convidados e a paraibana Elba Ramalho. Os shows começam a partir das 23h30.

FIGURA 48B

FONTE: ADAPTADO DE 1995-DP_FEV_088

Noite de rock e sons do Pará

A Orquestra Popular do Recife, sob a batuta do maestro Ademir Araújo, o Formiga, abre a programação de hoje no palco do Marco Zero, às 20h40. Em seguida, às 22h, é a vez do cantor Marrom Brasileiro, em performance que contará com as participações de Liv Moraes, Nádia Maia e Almir Rouche. Dos ritmos regionais pernambucanos o som muda para os acordes dançantes do reggae, com os brasilienses Naturuts, a partir das 23h20. O show será o mesmo do DVD e CD *#nofilter*, registro ao vivo da turnê acústica, com a qual a banda vem se apresentando desde o começo do ano passado.

Os próximos a subir ao palco são os cinquentões dos Titrãs, à 0h50. Devem recordar os principais sucessos, a exemplo das músicas *Sonhe-se ilha*, *Flores*, *Domingo*, *Marvin*, *Pra dizer adeus*, *Nichos escrotos* e *Epitáfio*. A banda de São Paulo está na ativa há 32 anos.

Para fechar a noite no Marco Zero, a partir das 2h20, a paraense Gaby Amarantos e sua banda mostram sua mistura de axé, funk, forró, sertanejo e arrocha. Entre as músicas que devem constar no repertório, *Som de preto*, *Porque homem não chora* e *Gordinho gostoso*. Já os sucessos de Gaby que não devem faltar são *Ex-mal love*, *Shirley*, *Ela tá bebendo* e *Brasil ostentação*. Na segunda-feira ela canta no Polo do Cordeiro, encerrando a noite.

Na Praça do Arsenal, a folia começa cedo, com o Maracatu Mirim Cambinda Estrela do Amanhã, seguido da Tribo de Caboclinhos Canindé. Orquestra de Frevo Nova Primavera (itinerante) e Cia Brasil por Dança. Às 19h, tem *Boi de Mainha* e Orquestra do Maestro Nunes. Depois, tem *O Samba de Coco das Irmãs Lopes*, *Alôxé Okum Panilá*, *Tony Veras*, *Carlinhos Monte Verde* e *Maria da Paz*, que termina a programação à 1h.

FIGURA 48C

FONTE: ADAPTADO DE 2005-DP_FEV_020

FIGURA 48D

FONTE: ADAPTADO DE 2005-DP_FEV_020



FONTE: ELABORADO PELOS AUTORES

A formação **Bailes carnavalescos são um espetáculo** remete a articulações discursivas nas quais as festas dos salões, enquanto objeto *a*, surgem como eventos grandiosos e glamorosos, repletos de atrações, tais como concursos de fantasias, homenagens prestadas a figuras ilustres, e shows (S₂). Neste caso os bailes interpelam o folião (\$) a usufruir da festa como um produto com características específicas e que se propõe como espetáculo (S₁) a ser consumido. Esta formação esteve presente nos anos de 1985 e 1995, quando os bailes demonstravam possuir maior apelo junto aos foliões em relação à festa de rua. Como vemos nas marcações em vermelho na Figura 48A, o baile surge aqui como um evento repleto de nuances e acontecimentos interessantes, encarnando um papel de objeto de desejo (*a*) dos foliões. Todas as características atrativas do baile são sintetizadas pela noção de “espetáculo” (S₁). Nos anos de 1985 e 1995 os bailes apresentavam-se como o espaço da festa que trazia consigo a oferta de espetáculo, numa aproximação com o Discurso do Mestre relativo às festas de salão e à magnitude destes eventos. Os bailes eram estabelecidos como os eventos grandiosos (S₂) e encerravam em si uma promessa de noites espetaculares, memoráveis, a serem fruídas pelos foliões.

A formação **Festa de carnaval é a festa do espetáculo** é análoga à anterior, contudo foi identificada em nossa análise nos anos de 2005 e 2015. Neste caso, a maior valorização da festa carnavalesca de rua (*a*) acarretou na absorção e reprodução da lógica de espetáculo, o que incluiu um discurso com ênfase no caráter grandioso da festa, na decoração que toma conta da cidade, na presença de foliões fantasiados que contribuem para a composição do ambiente carnavalesco e nas atrações presentes nos dias de festa (S₂). Assim como no caso dos bailes nas décadas anteriores, a festa de rua passou a ser compreendida como um produto a ser consumido, um espetáculo (S₁) a ser apreciado e aproveitado pelos foliões (\$). Esta formação é ilustrada por meio dos trechos destacados em azul na Figura 48B. O movimento de valorização da festa de rua identificado já em 1995 se consolidou em 2005, acarretando a transferência do caráter espetacular dos bailes nos salões fechados para os festejos realizados nos espaços públicos. A festa de rua (*a*) tornou-se o grande espaço da celebração carnavalesca, oferecendo diferentes atrações, de ritmos e origens culturais variadas e contando com a presença de personalidades ilustres. O “espetáculo” (S₁) agora não se restringia mais somente aos salões, mas sim passou a acontecer ao ar livre, ganhando as ruas e estando disponível ao acesso de todos os foliões (\$).

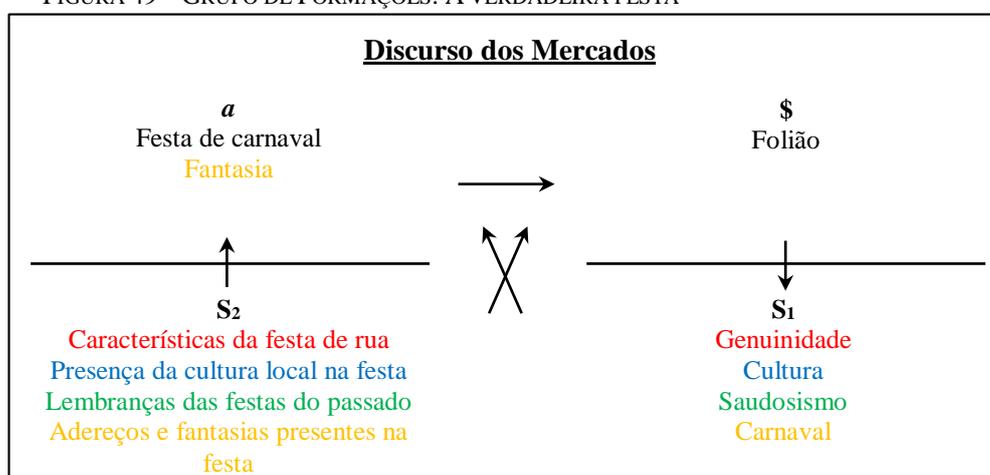
A terceira formação linguística pertencente a este grupo é **Atrações artísticas garantem entretenimento**, identificada em todos os anos de nossa análise. Como citado nas duas formações anteriores, a presença das atrações artísticas (*a*) sempre foi um dos fatores relevantes para a compreensão do evento carnavalesco como um espetáculo, garantindo o entretenimento (S_1) ao folião (\$) que comparecia à festa, seja nos bailes em salões fechados nos anos de 1985 e 1995 ou nos polos de animação espalhados pela cidade nos anos de 2005 e 2015. Neste caso diferentes fatores contribuíam para a relevância das atrações e sua capacidade de atrair e entreter o folião, tais como seu nível de destaque no cenário nacional, no caso de cantores e bandas, ou seu caráter tradicional, no caso de agremiações. A Figura 48C nos permite verificar a presença desta formação linguística especificamente em matéria publicada no ano de 2015. Inicialmente presente de forma predominante nas festas dos salões, as atrações artísticas desempenharam papel central na transferência do caráter espetacular para a festa de rua, a partir do momento em que os shows tomaram as praças públicas. Se em 1985 as grandes orquestras e cantores de renome estavam associados aos bailes tradicionais da cidade, a partir de 1995 eles gradualmente passaram a ocupar os palcos em Boa Viagem, no centro do Recife e posteriormente outros bairros da cidade. Independente da mudança de ambiente, o que não mudou foi o papel destas atrações artísticas (*a*) de oferecer entretenimento (S_1) aos foliões (\$).

Por fim, temos a formação **Festa de carnaval é aguardada com ansiedade**, que remete a uma das características mais marcantes da relação estabelecida entre o carnaval e o folião. A festa carnavalesca (*a*), tendo sido transformada no espetáculo carnavalesco, passa a provocar a expectativa dos foliões (\$) que são interpelados a apresentar (S_1) pela chegada do evento. Surgida a partir de 1995, esta formação está presente na Figura 48D. A figura, apesar de apresentar apenas um título de matéria, sintetiza a formação linguística em questão. A expressão “contagem regressiva para o frevo”, acompanhada da ilustração de um folião dançando/brincando alegremente demonstra como esta formação atua no sentido de produzir ou incitar uma expectativa nos foliões, que, de acordo com a matéria, aguardam ansiosos o início dos festejos de carnaval a cada ano. Mais uma vez, vale ressaltar que esta formação se fez presente apenas a partir do ano de 1995, indicando o surgimento de uma articulação discursiva específica, que exprimia uma antecipação do evento.

6.11.2 A verdadeira festa

O segundo grupo pertencente ao Discurso dos Mercados é composto pelas formações linguísticas **Festa de carnaval de rua é o carnaval genuíno**, **Festa de carnaval valoriza a cultura pernambucana**, **Festa de carnaval gera saudosismo** e **Fantasia carnavalesca é parte do carnaval**. Estas formações têm em comum a ênfase na autenticidade da festa de carnaval do Recife e em como esta autenticidade é pautada em referências do passado, ou em práticas tradicionais, tais como o uso de fantasias. Nas quatro formações a festa de carnaval ou as fantasias (*a*) levam o folião (\$) a compreender o evento como expressão autêntica da cultura carnavalesca local, que remete às festas de tempos passados e a características específicas da festa que garantem esta autenticidade. Esta lógica pode ser expressa de acordo com a seguinte configuração dos matemas lacanianos:

FIGURA 49 – GRUPO DE FORMAÇÕES: A VERDADEIRA FESTA



FONTE: ELABORADO PELOS AUTORES

As quatro formações foram identificadas por nossa análise nos anos de 2005 e 2015, e a formação **Fantasia carnavalesca é parte do carnaval** ainda surgiu também no ano de 1995. Desta forma, identificamos neste grupo o surgimento de mudanças ocorridas no discurso do Carnaval do Recife por volta da virada do século, na medida em que estas formações se concentraram, em sua maioria nos dois últimos anos submetidos a nossa análise. A Figura 50 oferece trechos de matérias que ilustram cada uma destas formações linguísticas.

FIGURA 50 – EXEMPLOS DO GRUPO DE FORMAÇÕES: A VERDADEIRA FESTA

FIGURA 50A

O sábado é de Zé Pereira, mas o dono dela atende por outro nome: Galo da Madrugada, que outra vez vai reinar por pelo menos dez horas

Lá vem o rei de “esporasafiadas”

Sexta-feira, 13. Mas o rei (Momo) deu férias a lobisomens, lobos e outras assombrações: vai entregar as chaves do Recife a um “bicho” abusado, que cisca, impaciente, em São José, como noivo que “não vê a hora”. O Galo não cabe em si de vontade de voltar a ser a melhor notícia do dia de Zé Pereira, para não dizer a única. Não se fala noutra coisa. Não se quer outra coisa, desde que “o sol clareia a cidade com seus raios de cristal”, arrastando

E foi. Até o Guinness Book escutou, lá na Inglaterra: interessou-se em saber quantas pessoas seguiam aquele rei por um dia, no desfile de 1995, e descobriu que na Terra não havia outro com maior cartaz. Nem mais vaidoso, claro. Na véspera, já sai todo faceiro para um passeio noturno, quando então começa a matar a saudade das ruas estreitas de São José – acha que um ano longe delas é uma

eternidade. A depender unicamente do seu desejo, reinaria sem descanso o ano inteiro, para manter bem viva, em cada esquina, a chama do carnaval genuíno (brincado no asfalto, livre), que até janeiro de 1978 mostrava-se esmorecida, junto com a alegria de São José. E como poderiam se sentir pessoas que ali se viram devolvidas aos braços do frevo? Cativas, sem dívida.

FONTE: ADAPTADO DE 1995-DP_FEV_024

FIGURA 50B

Municipal exalta a cultura

Uma das prévias mais tradicionais da capital, que acontece no Chevrolet Hall, terá shows ininterruptos de artistas locais

Uma das mais importantes e tradicionais prévias carnavalescas da cidade, o Baile Municipal do Recife chega à sua 51ª edição sendo fiel às raízes e aos ritmos pernambucanos. Com uma programação em que o frevo é o protagonista da festa, shows ininterruptos de artistas locais prometem esquentar o clima e não deixar ninguém parado. O baile será realizado no dia 7 de fevereiro, no Chevrolet Hall, a partir das 19h30.

Este ano, o maestro Spok – um dos homenageados do carnaval 2015 – e os cantores Almir Rouche, André Rio e Nena Queiroga serão os anfitriões da festa, se revezando no palco ao lado da Orquestra Popular do Recife, sob a batuta do maestro Ademir Araújo; da SpokFrevo Orquestra; e da Orquestra Popular da Bomba do Hemetério, comandada pelo maestro Forró Alceu Valença, Elba Ramalho, Gustavo Travassos, Nonô

e Claudionor Germano, Marrom Brasileiro e Ed Carlos também estão entre os artistas convidados para abrilhantar a folia. Os intervalos dos shows serão animados pela batucada da banda Patusco.

Os foliões que prestigiarem a festa serão recepcionados, logo na entrada do Chevrolet Hall, pelo Clube Carnavalesco Misto Bola de Ouro, outro homenageado do carnaval do Recife deste ano. Antes dos shows, o público poderá conferir o desfile dos seis melhores trajes escolhidos no tradicional Concurso de Fantasia da Cidade do Recife, que será realizado no dia 4 de fevereiro.

Os ingressos para o Baile Municipal do Recife estão sendo vendidos na bilheteria do Chevrolet Hall e nas lojas Renner, ao preço de R\$ 50 o bilhete individual e R\$ 600 a mesa para quatro pessoas. Uma novidade este ano é a venda de camarotes para o público, cujos preços variam de acordo com o piso escolhido. Toda a renda da festa será revertida para entidades carentes do Recife. A previsão é de que sejam arrecadados cerca R\$ 630 mil este ano.

FONTE: ADAPTADO DE 1995-DP_FEV_024

FIGURA 50C

FONTE: ADAPTADO DE 2005-DP_FEV_020

Lirismo dos carnavais antigos brilha na noite do Bairro do Recife

O Carnaval de todos os ritmos do Recife, que abre espaço para inovações locais, reteve-se mais uma vez, segunda-feira, ao romantismo do passado. Na noite de poucas estrelas no céu, brilharam as pastorinhas e orquestras dos blocos líricos. Tanto na rampa do Marco Zero, onde se deu mais um Encontro de Blocos de Pau e Corda, quanto nas ruas, onde essas agremiações se encontraram espontaneamente.

A malícia do Marco Zero, formatada sobretudo por unqueritões e foliões mais maduros, reviveu antigos carnavais por mais de três horas. A apresentação das agremiações começou por volta das 18h30 e se estendeu até as 21h. Um Bloco em Poesia, Flor do Eucalipto, Bloco da Saudade, O Bonde, Pierrô de São José, Flor da Lira de Olinda, Eu Quero Mais, integrantes da programação, e o Bloco das Ilusões, que não estava previsto, ocuparam a rampa do palco, arrancando aplausos, acenos, vozes e passos da plateia. Foi difícil ficar imune a marchas que falam de amor, saudade e folia.

FIGURA 50D

FONTE: ADAPTADO DE 2005-JC_JAN_032

Vista-se de folia

Lanteroulas, rendas, puerês, lamê e fias. Todos os anos, a história se repete. Basta se aproximar do reinado de Momo para começar a correria em busca da fantasia mais original. O resultado são ruas abarrotadas, preços inflacionados, pessoas apressadas e confusão generalizada. Para ajudar você a se livrar desse transtorno, o *Jornal do Commercio* convidou a leitora Priscilla Leite para passar um dia à procura da sua fantasia de Carnaval no Centro do Recife e, assim, descobrir dicas que possam lhe ajudar nos preparativos da folia. Confira os melhores momentos dessa peregrinação.

A primeira das quatro formações que integram este grupo é articulada por meio da valorização das características da festa de rua (S_2) como confirmação do fato de que a festa de carnaval do Recife (a) é uma manifestação carnavalesca genuína (S_1). É com base nesta lógica discursiva que a festa de carnaval, cumprindo a função de objeto a , interpela o folião (\$) na tentativa de despertar seu interesse. É interessante notar que esta formação surgiu apenas a partir do ano de 2005. Antes disto, em 1985 a festa, especialmente a festa de rua, não necessitava provar-se genuína, ele apenas existia. Em 1995 o argumento da genuinidade ainda não era preponderante, uma vez que a festa estava organizada em torno de mudanças e incorporações de características do carnaval da Bahia. A partir de 2005, com a consolidação da valorização da festa de rua, o caráter genuíno da passou a servir centro gravitacional em torno do qual o argumento discursivo de valorização da folia era construído. Um exemplo desta formação discursiva é apresentado na Figura 50A. Na matéria em questão o Galo da Madrugada surge como objeto a representante do verdadeiro carnaval, expressão genuína (S_1) da folia de Momo. Aqui é interessante a relação que esta noção de genuinidade estabelece com as tradições do carnaval. Em geral são as práticas e agremiações tradicionais que conferem o caráter genuíno da festa de carnaval, como no caso do Galo da Madrugada. Neste sentido, as próprias fantasias carnavalescas surgem como uma faceta desta formação. O uso de fantasias (a) para brincar a festa parece conferir uma noção de maior autenticidade (S_1) à fruição do folião (\$). Cabe ao folião (\$) aproveitar ao máximo esta que é a festa carnavalesca verdadeira, remetendo ao Discurso da Histórica. Esta valorização do “genuíno” parece ter surgido como uma reação ao período de baianização da festa em 1995, tornando-se em de 2005.

De maneira semelhante à formação acima, a formação linguística **Festa de carnaval valoriza a cultura pernambucana** funciona por meio da vinculação da festa de carnaval (a) com o significante-mestre “Cultura” (S_1). Estando presente apenas nos anos de 2005 e 2015, esta formação também evidencia a guinada na festa carnavalesca do Recife, que passou a ser enaltecida por ser uma expressão da cultura local, em contrapartida ao processo de baianização da festa, tão criticado na década anterior. Neste sentido é chama atenção como o movimento manguebeat, citado de maneira discreta em matérias do ano de 1995 passa a ser valorizado como uma espécie de nova tradição da cultura pernambucana, com destaque nas festas carnavalescas de 2005 e 2015. A Figura 50B nos oferece um exemplo de como esta formação se manifestou em nosso *corpus* de pesquisa. Assim como no caso da genuinidade, a exaltação da cultura (S_1) surge como

outra face da festa surgida em 2005, buscando atrair o folião (\$) por meio do apelo da valorização da cultura local, remetendo mais uma vez às práticas tradicionais da festa. Esta articulação discursiva tornou-se comum e cada vez mais relevante na proposta de festa estabelecida nas últimas décadas.

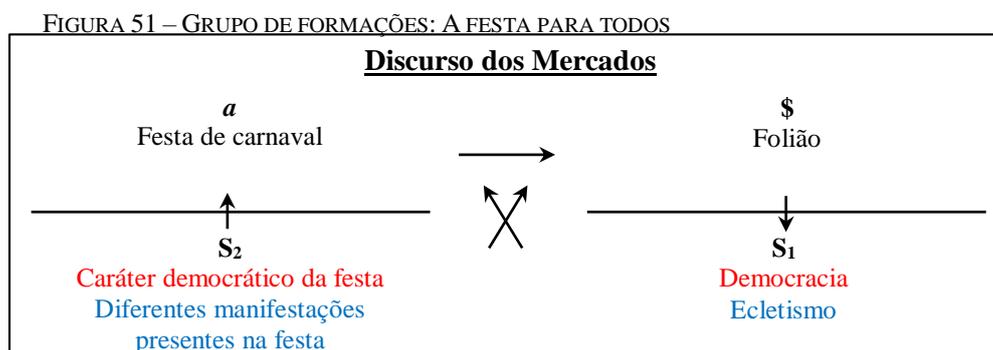
A formação **Festa de carnaval gera saudosismo** surge, então, entrelaçada com às duas anteriores ao demonstrar como a festa de carnaval (*a*) atua no sentido de despertar o sentimento de saudosismo (S_1) nos foliões (\$). Este saudosismo, em geral é estimulado a partir da referência a práticas tradicionais marcantes nos carnavais do passado, como a lembrança de músicas carnavalescas antigas. Contudo, o exemplo que talvez seja mais significativo desta formação é o dos blocos líricos, que ganharam força nos anos de 2005 e 2015, como podemos ver no trecho de matéria destacado na Figura 50C. Aqui os blocos líricos (*a*) são uma das mais representativas incorporações do saudosismo (S_1) como uma das características da festa. Os foliões (\$) que comparecem aos encontros destes blocos enxergam nestes eventos uma oportunidade de acesso a seu desejo (*a*) por meio da festa carnavalesca, o que ganhou força em maior no ano de 2015.

Por fim, a formação linguística **Fantasia carnavalesca é parte do carnaval** funciona por meio de uma lógica discursiva que tem as fantasias e adereços da festa de carnaval como objetos *a*, estabelecendo-os como objetos característicos da festa e necessários para que o folião (\$) possa brincar o Carnaval (S_1) de maneira plena. As fantasias são assumidas assim como objeto de desejo necessários para caracterizar um “carnaval verdadeiro”. Na Figura 50D, temos nos trechos em amarelo a manifestação desta formação. A matéria de 2005 destaca que todos os anos o carnaval envolve a procura por fantasias, e implicitamente estabelece que se espera que estas fantasias sejam originais. A própria expressão “Vista-se de folia”, título da matéria, sintetiza a formação ao estabelecer uma relação direta entre a folia carnavalesca e as fantasias. Esta lógica se repetiu também nos anos de 1995 e 2015, com as fantasias sendo um dos pré-requisitos para um Carnaval completo.

6.11.3 A festa para todos

As formações linguísticas **Festa de carnaval é um espaço democrático** e **Festa de carnaval é eclética** compõem juntas o terceiro grupo do Discurso dos Mercados, relacionado ao estabelecimento de uma festa de carnaval (*a*) que, a partir dos

significantes-mestre “Democracia” e “Ecletismo”, se propõe acessível e interessante (S₂) para todos os foliões (\$), independente de perfis e preferências. Ambas as formações são representadas na Figura 51.



FONTE: ELABORADO PELOS AUTORES

Presentes desde o ano de 1995, estas formações linguísticas, que apresentaram uma constância ao longo dos anos, são exemplificadas por meio da Figura 52.

FIGURA 52 – EXEMPLOS DO GRUPO DE FORMAÇÕES: A FESTA PARA TODOS

MISCELÂNEA *Foliões de todos os tipos caíram no frevo comandado pelo maestro Spock*

Em que outro lugar do mundo conviviam pacificamente canibais, gárguis, drag queens, índios, piratas e fantasmas? Num dos desfiles mais tranquilos dos últimos anos (o bloco levou menos de duas horas para chegar da concentração à apoteose), a democracia imperou no Galo da Madrugada. A animação no principal pólo do trajeto, o de Todos os Frevos, localizado na Avenida Guararapes, ficou por conta da orquestra do maestro Spock, que subiu ao palco por volta das 9h30. Entre os sucessos cantados pelos milhares de foliões, *Oh, Bela! Volte, Recife e o Hino do Elefante*.

FIGURA 52A

FONTE: ADAPTADO DE 1995-DP_FEV_088

Diversidade de ritmos e fantasias em oito pólos

FIGURA 52B

FONTE: ADAPTADO DE 2005-DP_FEV_020

A palavra de ordem para o folião recifense é encontro. Nos pólos de folia distribuídos pela cidade, não é preciso fazer esforço. Do carnavalesco que prefere voltar no tempo e brincar os carnavais passados ao que gosta de se disfarçar atrás de cobras e dragões, os quatro cantos do Recife transbordam opções. Blocos e troças, formados até mesmo de última hora, se reunirão nos próximos dias em combates, parcerias e nas tão esperadas apoteoses. No Centro do Recife, a folia está dividida em oito pólos caracterizados para agradar diferentes gostos. Neste domingo, a diversidade cultural dá o seu sinal com o espetáculo erudito e popular de Antônio Madureira. A apresentação completa com Orquestra Perre Bumba e o Balé Popular terá início, às 22h, no Marco Zero, praça que assume o Pólo Multicultural. O multiartista que apresentou as brincadeiras com animais ao folião, em 1996, levará para o palco a Cobra, a Ema e todos os ritmos populares como maracatu e frevo. Sempre inovando, Madureira ensinará ao folião novidade como o frevo salão, que se dança a dois, e uma letra para o conhecido frevo do Maestro Nunes, *Frevo Gabelo de Fogo*.

FONTE: ELABORADO PELOS AUTORES

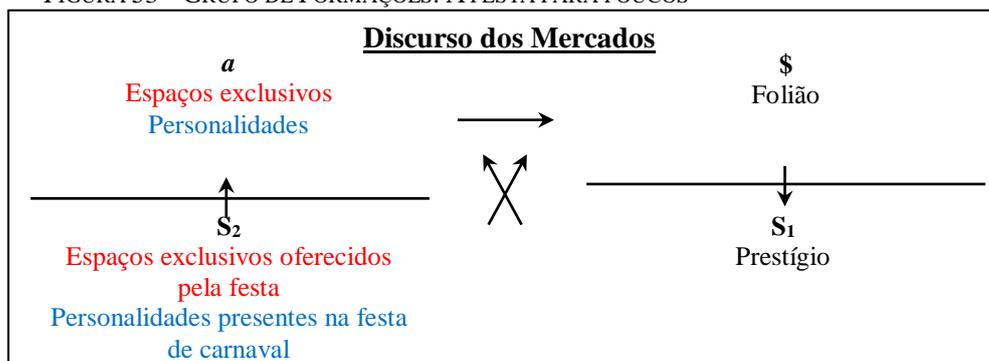
A formação **Festa de carnaval é um espaço democrático** estrutura-se com base na cadeia significativa do caráter democrático da festa (S_2), permitindo que a festa carnavalesca do Recife se proponha como um evento democrático (S_1) e receptivo aos mais diferentes tipos de foliões ($\$$). Complementarmente, a formação linguística **Festa de carnaval é eclética** se vale da cadeia significativa das diferentes manifestações presentes na festa (S_2) para estabelecer a festa de carnaval como evento que potencialmente agrada e atrai foliões com gostos variados, uma vez que apresenta atrações de diferentes ritmos e perfis. É exatamente em 2005 que estas formações ganham força, com a vigência da proposta de um carnaval “multicultural” estabelecida pelo poder público, que visa exatamente alcançar o maior número de foliões, sejam turistas ou locais. Ambas as formações podem ser identificadas nas figuras 52A e 52B, respectivamente. O destaque em vermelho da Figura 52A estabelece que a “democracia imperou no Galo da Madrugada”, com diferentes foliões, fantasiados das mais diferentes personagens. Aqui o Galo da Madrugada representa a festa como um todo, valorizada por sua capacidade de reunir foliões diversos. Já na Figura 52B, a existência de diversos polos de animação espalhados pela cidade, cada um com diferentes atrações, é enfatizada como característica marcante da festa de carnaval do Recife, capaz de oferecer atrações as mais variadas.

Com as mudanças no formato da festa de carnaval do Recife (*a*) o evento passou a apresentar como um de seus grandes atrativos a capacidade de garantir um espaço democrático (S_1) aos mais diferentes foliões ($\$$) e o ecletismo (S_1) de atrações que agradem a todos os gostos. Tanto o ecletismo quanto o caráter democrático no carnaval do Recife passaram a ganhar grande relevância especialmente nos anos de 2005 e 2015, quando a festa de rua passou a ser ainda mais valorizada e o modelo de organização da festa enfatizou estes aspectos, oferecendo maior número de atrações cada vez mais variadas e disseminando com ênfase ainda maior o caráter igualitário do carnaval.

6.11.4 A festa para poucos

Tendo como componentes as formações linguísticas **Espaços exclusivos conferem prestígio à festa** e **Personalidades conferem prestígio à festa**, este grupo é caracterizado pelo caráter de distinção encarnado pelo objeto *a*, critério conceitual que define a composição deste grupo. Em ambas as formações o objeto de desejo que atrai o folião ($\$$) produz a noção de exclusividade e prestígio (S_1). As formações são representadas por meio dos matemas lacanianos na Figura 53.

FIGURA 53 – GRUPO DE FORMAÇÕES: A FESTA PARA POUCOS



FONTE: ELABORADO PELOS AUTORES

Tendo estado presentes em todos os anos de nossa análise, as formações linguísticas que compõem este grupo remetem ao Discurso do Mestre em sua faceta de camarotização da festa, identificada também nos quatro anos de nosso *corpus* de pesquisa. A Figura 54 apresenta um trecho de uma matéria do ano de 1995 que ilustra estas formações.

FIGURA 54 – EXEMPLO DO GRUPO DE FORMAÇÕES: A FESTA PARA POUCOS



FONTE: ADAPTADO DE 1995-JC_FEV_078

Na formação **Espaços exclusivos conferem prestígio à festa** os bailes fechados e principalmente os camarotes destes mesmos bailes e da festa de rua surgem como o objeto *a*, representando para o folião (\$) espaços sinônimos de “Prestígio” (S_1). De acordo com esta formação, é nestes espaços exclusivos que a festa alcança todo seu potencial e oferece o máximo de glamour e luxo. Os poucos foliões que têm acesso a tais espaços associam-no a uma espécie de prestígio. Os destaques em vermelho no trecho da matéria demonstram como os espaços exclusivos de festas fechadas (*a*) são a encarnação do

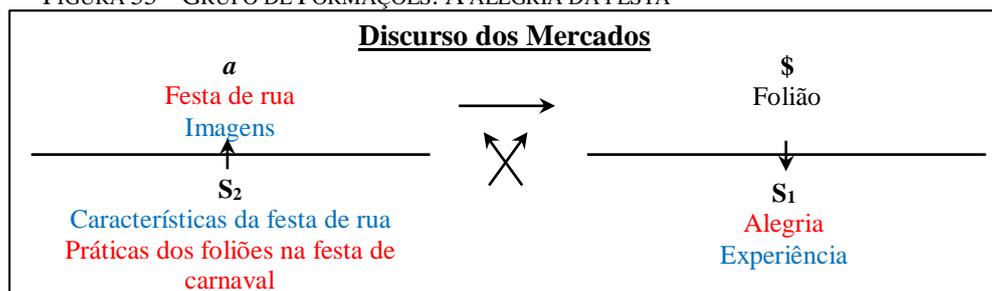
desejo dos foliões (\$) por prestígio (S_1). A forma como estes espaços são apresentados evidenciam o luxo e glamour que oferecem e os define como locais em que a festa é usufruída de uma maneira diferente e mais plena do que nos espaços comuns.

No mesmo sentido, a formação **Personalidades conferem prestígio à festa** trata da reificação de personalidades ilustres, tais como artistas, políticos e celebridades, que se tornam também objetos *a* ao contribuírem com sua presença para a construção do cenário de glamour dos espaços exclusivos. Desta forma, a presença do prefeito, de um ator de renome ou de uma modelo nacionalmente conhecida em camarotes no carnaval é sempre ressaltada, ganhando ares de diferencial em relação à outras possibilidades de espaço da festa carnavalesca. As marcações em azul na Figura 54 demonstram como esta formação se manifestou na análise do nosso *corpus* de pesquisa. Numa lógica preservada em todos os anos submetidos a nossa análise, a própria presença de personalidades (*a*) do meio artístico e social nestes espaços contribui para a construção deste cenário glamoroso. Num paralelo com a separação entre a festa de rua e a festa dos salões do Discurso do Mestre, o camarote como objeto *a* no Discurso dos Mercados no carnaval do Recife se perpetuou no decorrer dos anos analisados, adaptando-se às mudanças ocorridas na festa.

6.11.5 A alegria da festa

As formações linguísticas **Festa de rua oferece animação e Imagens compartilham momentos do carnaval**, apesar de apresentarem da pouca similaridade evidente, compõem o grupo “A alegria da festa” graças à sua proximidade conceitual. Enquanto a primeira formação, presente em todos os anos de nossa análise, remete à festa de rua como objeto *a* do Discurso dos Mercados, a segunda trata do próprio registro desta festa como objeto de desejo dos foliões, manifestado apenas no ano de 2015. A Figura 55 sintetiza a configuração dos matemas destas formações, a serem detalhadas em seguida.

FIGURA 55 – GRUPO DE FORMAÇÕES: A ALEGRIA DA FESTA



FONTE: ELABORADO PELOS AUTORES

As formações linguísticas que compõem este grupo são representadas na Figura 56, que contém trechos de matérias dos anos de 2005 e 2015, respectivamente.

FIGURA 56 – EXEMPLOS DO GRUPO DE FORMAÇÕES: A ALEGRIA DA FESTA

FIGURA 56A

É SÓ FARRA NAS RUAS

A folia pernambucana, que começou antes mesmo do início do novo ano, ganha ares oficiais a partir de hoje, com a abertura da semana pré-carnavalesca em Olinda e Recife. Na Cidade Patrimônio da Humanidade, quem manda, a partir das 9h, são as cinquenta Virgens do Bairro Novo. Rir e pular atrás de orquestras e trios elétricos é a opção oferecida pelos marmajões travestidos de mulher. No Recife, a festa começa às 14h, com o estrepente Carnaval do Parceria. O bloco trocou trios elétricos por um evento misto: maracatus, cabodinhos, orquestras e shows com diferentes artistas, de Silvério a Alcione, fechando com Alceu e Nand Vasconcelos.

FIGURA 56B

pau de selfie pra toda obra

Novidade tecnológica mais cobiçada do ano virou febre também na folia. Preço mais em conta no comércio popular contribui para a popularização do bastão

O carnaval deste ano é a festa do "pau de selfie". A novidade tecnológica mais cobiçada do ano é encontrada com facilidade entre confetes e serpentinas. O objeto já marcou presença nas prévias, com os foliões fazendo autorretratos com grupos de amigos, e se multiplica nos dias de carnaval. No Centro do Recife, os bastões para

tirar foto estão entre os produtos mais vendidos. Enquanto nos shoppings o "selfie stick" custa entre R\$ 120 e R\$ 250, no comércio popular os preços variam de R\$ 35 a R\$ 60.

A enfermeira Rosemere Sousa, 30 anos, usa com frequência o pau de selfie e registrou sua presença nas prévias carnavalescas com o objeto. No desfile do Cabeça de Touro, bloco que sai no bairro do Engenho do Meio, ela fotografou toda a movimentação com o bastão. "A foto fica com um ângulo melhor, mostrando o contexto, e ainda dá para enquadrar todo o grupo de amigos", ressalta.

O objeto, acoplado ao celular, chega a mais de um metro de distância. "Dependendo do local, não faço fotos com ele. No Galo da Madrugada, por exemplo, achei muito arriscado", disse.

Ano contrário do que acontece nos campos de futebol do estado, onde são proibidos, os bastões estão permitidos nos polos de folia. A Polícia Militar de Pernambuco informou que não haverá restrições ao uso, pois proibir o acessório seria o mesmo que não permitir o uso de sombrinhas e estandartes. Mesmo assim, alguns cuidados são necessários. A dica é não abrir o bastão em locais de grande aglomeração para evitar acidentes.

“A foto fica com um ângulo melhor, mostrando o contexto, e ainda dá para enquadrar todo o grupo de amigos”

FONTE: ADAPTADO DE 2005-JC_JAN_029

FONTE: ADAPTADO DE 2015-DP_FEV_054

FONTE: ELABORADO PELOS AUTORES

A formação linguística **A festa de rua oferece animação** é responsável pela representação da festa de rua (a) como um espaço no qual o folião (\$) pode ter acesso à

animação da folia carnavalesca. Nesta formação a festa de rua é sempre retratada como garantia infalível de alegria (S_1). Este aspecto do Discurso dos Mercados se fez notar desde o primeiro ano de nossa análise, sempre com o reforço do aspecto lúdico irresistível e contagiante da alegria do carnaval de rua, como notamos na Figura 56A. Nesta imagem a festa de carnaval (*a*) é retratada como o objeto de desejo que oferece ao folião (\$) o acesso à noção de “Alegria” (S_1). A festa carnavalesca, independente do ano analisado, tem como uma das suas mais poderosas armas de sedução ao interpelar o folião a promessa da alegria extrema durante um breve período de tempo. E neste ponto as atrações artísticas desempenham papel preponderante, uma vez que em muitos casos esta alegria passa necessariamente pela presença e atuação destas atrações, o que nos remete a uma das formações pertencentes ao Discurso da Histórica, já discutido anteriormente.

No ano de 2015, atrelado a esta formação, identificamos também a formação **Imagens compartilham momentos do carnaval**, segundo a qual as imagens (*a*) produzidas na festa permite ao folião o registro e compartilhamento das experiências (S_1) vividas durante o evento. O apelo ao registro constante das experiências, tendência própria do início dos anos 2000, transforma as imagens na expressão da alegria vivida na festa. Esta formação pode ser identificada na Figura 56B, nos destaques em azul. A busca pelo registro (*a*) dos momentos vividos na festa se tonou presente na forma do folião (\$) de brincar a festa de carnaval nos últimos anos. Esta formação, identificada unicamente no ano de 2015 em nossa análise, demonstra o desejo pela captura de experiências memoráveis (S_1) durante o carnaval, que parecem só serem completamente vividas e validadas a partir do momento em que acontece o seu registro e compartilhamento por meio de redes sociais.

6.12 O Discurso dos Mercados ao longo dos anos

Após apresentadas todas as quatorze formações pertencentes ao Discurso dos Mercados do carnaval do Recife, podemos traçar uma perspectiva mais ampla sobre a trajetória deste discurso nos anos analisados. Primeiramente é preciso reforçar o caráter perverso deste discurso, apontado por Braustein (2010) e Žižek (2008a). Aqui o objeto *a* é encarnado pelas diversas e inúmeras mercadorias oferecidas aos consumidores, assumindo o papel do mais-gozar responsável pelo imperativo superegóico de gozo

direcionado aos sujeitos (\$). Tal interpelação leva à produção de significantes-mestre (S_1) que permitem aos sujeitos lidar com este gozo efêmero.

Em nossa pesquisa a festa carnavalesca em si assume a função de *latusa* principal deste discurso, ou seja, objeto *a* a ser desejado pelo folião (\$). A festa de carnaval torna-se capaz de gerar e oferecer diferentes significantes-mestre (S_1), cada um deles relativo a uma dentre suas infinitas potenciais dimensões enquanto objeto *a* demandante. Estes Nomes-do-Pai (S_1) parciais servem para orientar os foliões (em última instância, consumidores da festa carnavalesca) no processo de atendimento à injunção estabelecida pela folia momesca. Os demais objetos *a* (bailes, atrações, espaços exclusivos, personalidades e imagens) se oferecem como objetos complementares a um discurso mais amplo e abrangente que alça a festa carnavalesca ao papel de fonte de gozo irresistível e inalcançável.

Diante disto, as formações responsáveis pela transformação discursiva da festa em um espetáculo cumprem o papel de conversão do evento em um produto a ser consumido, ou uma *latusa*. Desde 1985, com o glamour dos bailes, até 2015, com a grandiosidade da folia de rua, a festa de carnaval foi gradualmente, e de forma cada vez mais abrangente, transformando-se em um gigantesco objeto *a*, que oferece inúmeras opções distintas para atingir o folião com suas demandas de gozo. A expectativa pela festa incitada ano a ano, a partir de 1995, denuncia esta mudança.

Destaca-se também no Discurso dos Mercados a articulação cada vez mais evidente em direção do reforço do caráter autêntico e culturalmente relevante da festa. “Genuinidade” e “Cultura” emergem como significantes de forte apelo junto ao folião em sua relação com as demandas pela fruição da festa. Esta passa a ser tida como a folia verdadeira, representante pura da cultura pernambucana, fonte de gozo capaz de oferecer aos foliões o contato direto com as raízes originais da região. Em paralelo, a festa se desdobra em facetas que emulam o “carnaval de antigamente”, incitando um saudosismo por idealizações também ligadas a este senso de pureza e autenticidade. Neste contexto, as fantasias e adereços carnavalescos se configuram como um dos elementos centrais na constituição do “Carnaval verdadeiro”, a ser brincado da maneira correta pelos foliões por meio de seu uso. Diferentemente do caráter espetacular que festa vem construindo ao longo de todos os anos analisados, as dimensões referentes aos significantes “genuinidade”, “cultura” e “saudosismo” se estabeleceram apenas a partir do ano de 2005,

fruto de um período de mudanças mais drásticas no formato da festa. Enquanto que as fantasias já despontavam em 1995 como objeto de desejo que carregava a promessa de um “Carnaval” pleno.

Outro indicativo da capacidade da festa de Recife em oferecer diferentes versões de si mesma é a contradição das formações que a apresentam como uma festa para todos assim como uma festa para poucos. Travestindo-se de acordo com os desejos que busca despertar em cada um dos foliões, a festa produz significantes como “Democracia” e “Ecletismo” ao mesmo tempo em que objetos *a* derivados (os espaços exclusivos e as personalidades ilustres que os ocupam) geram uma noção de prestígio e distinção. Enquanto as noções de democracia e ecletismo são mais recentes na realidade da festa, estabelecendo-se em 2005, a presença e importância dos espaços exclusivos e das personalidades ilustres já era percebida desde 1985.

Por fim, como uma faceta unificadora, que se soma à dimensão espetacular do evento, temos a festa carnavalesca como sinônimo de alegria. Este significante permeia toda a trajetória de nossa análise do Discurso dos Mercados, oferecendo a promessa de acesso a uma idealizada alegria plena por meio da festa de carnaval. Esta dimensão da festa desdobrou-se ainda no objeto *a* das imagens da festa, latosa surgida nosso último ano analisado. Este último objeto *a* é reflexo do contexto social mais amplo, que faz com que foliões busquem a todo instante o registro dos momentos vividos na festa a fim de validá-los.

Desta forma, temos um Discurso dos Mercados do carnaval do Recife que ao longo dos últimos trinta anos consolidou a festa de carnaval como um objeto *a* sedutor, capaz de despertar o desejo dos foliões de diferentes maneiras, produzindo sínteses significantes diversas. Em seus diferentes desdobramentos a forma de entendimento da festa de carnaval foi se modificando de maneira a permitir que ela assumisse, enquanto folia complexa e multidimensional, o caráter de objeto de desejo central do Discurso do Carnaval do Recife.

7 Considerações finais

Terminada a apresentação de cada um dos discursos fundamentais relativos ao carnaval do Recife, bem como de suas respectivas formações linguísticas, retomamos a pergunta de pesquisa proposta por nosso estudo a fim de traçarmos uma possível resposta a partir do conhecimento gerado por nossa análise. Tendo em mente a questão “**como a cobertura jornalística do carnaval do Recife revela a operação do imperativo do gozo na mercadorização desta festa à luz dos discursos fundamentais lacanianos entre os anos de 1985 e 2015?**”, buscamos lançar um olhar sobre o discurso das mídias acerca do carnaval do Recife e como ele nos permite perceber o processo de mercadorização desta festa de acordo com a lógica discursiva dos discursos fundamentais lacanianos. Assumimos, então, a premissa de que este processo de mercadorização pode ser compreendido como um fruto da alteração da economia libidinal em curso em nossa sociedade de capitalismo tardio.

A partir deste entendimento nos debruçamos sobre o *corpus* de pesquisa no intuito de identificarmos o funcionamento de cada um dos discursos fundamentais na construção simbólica do carnaval recifense no decorrer das últimas três décadas. Decidimos lançar nosso olhar sobre os carnavais dos anos de 1985, 1995, 2005 e 2015, por julgarmos que este intervalo seria revelador de mudanças ocorridas na maneira como o discurso do carnaval do Recife foi articulado. Assim, buscamos na trajetória de cada discurso a chave para nossa pergunta de pesquisa, e, com a análise do nosso *corpus*, pudemos identificar paralelos entre o aporte teórico por nós adotado e o trabalho empírico realizado.

7.1 A trajetória do discurso do carnaval do Recife

Identificamos no ano de 1985 o processo de transição entre ciclos de modelos de festa, já apresentando os prenúncios de um novo formato por vir. Neste período os Discursos do Mestre e da Universidade, prevalecem na construção simbólica da festa. O Discurso do Mestre faz com que o carnaval esteja presente no imaginário popular como a tradição de um tempo extraordinário em que excessos são permitidos numa festa onde há uma delimitação clara de espaços. A percepção do processo em curso de modernização

e mudança do formato da festa já é notada, o que traz consigo também nostalgia pelas festas do passado. Em paralelo, o Discurso da Universidade atua na aplicação do conhecimento racional para a viabilização das condições necessárias para a promoção e realização da festa de carnaval.

Ainda em 1985, os diferentes sujeitos respondem a este cenário de acordo com as maneiras particulares como se relacionam com o carnaval enquanto significante-mestre de maior abrangência, como vimos no Discurso da Histórica. Aqui, a mobilização dos foliões da Zona Norte do Recife para realizarem festejos em seus bairros, sem a dependência da festa da orla de Boa Viagem e do centro da cidade chama a atenção, como um indicativo do que estaria por acontecer nos anos seguintes. O Discurso do Analista é articulado em torno do reconhecimento da tradição, espontaneidade e cultura da festa como sínteses da relação dos foliões com seu desejo pelo evento carnavalesco. Já o Discurso do Capitalista traz a informalidade das trocas comerciais como característica mais marcante, com o carnaval surgindo como oportunidade mercado a ser explorada por diversos agentes econômicos dos mais diferentes portes. Por fim, o Discurso dos Mercados, em consonância com a prevalência do Discurso dos Mestres, tem sua articulação discursiva limitada ao estabelecimento dos bailes, retratados como espaços exclusivos frequentados por figuras ilustres e animado por atrações artísticas, como o objeto de desejo de destaque, além da potencialidade da festa em oferecer alegria para os foliões em geral.

No ano de 1995 a relação entre os discursos fundamentais passa por alterações. Os Discursos do Mestre e da Universidade apresentam novas facetas, e, apesar de manterem seu domínio dentro do discurso do carnaval do Recife, passam a dividir maior espaço com o Discurso dos Mercados. A dimensão do Discurso do Mestre ligada à magnitude da festa e sua rivalidade com outros eventos ganha relevância com o crescimento da festa de rua, o reconhecimento do Galo da Madrugada como maior bloco carnavalesco de rua do mundo pelo *Guinness Book* e a polêmica acerca da absorção possivelmente excessiva de influências do modelo baiano de festa na celebração carnavalesca recifense. Por outro lado, o Discurso da Universidade apresenta articulações discursivas referentes a uma maior mobilização da gestão pública em prol da promoção e fortalecimento da festa, especialmente em determinadas áreas da cidade, e a um destaque mais acentuado do impacto positivo dos dias de carnaval para a economia da cidade e de Pernambuco.

Paralelamente às alterações nos discursos dominantes em 1995, os demais discursos demonstraram certa estabilidade, com destaque para o crescimento das críticas à festa vindas de diferentes posições de sujeito no Discurso da Histórica contra o chamado processo de baianização da festa de carnaval. Tal aspecto reforça indiretamente o Discurso do Analista segundo o qual a festa de carnaval representa a cultura para os foliões, mais precisamente a cultura pernambucana. Aqui cabe destacarmos o caráter dialógico existente entre algumas das festas carnavalescas de maior relevância no Brasil. A construção da relação identitária das culturas locais com o carnaval se mostra um processo dinâmico e fluído, que sofre a ação de influência das práticas festivas de diferentes localidades. Isto fica mais claro no movimento de adoção de práticas do carnaval da Bahia em 1995 e da sua posterior rejeição em 2005. Assim, a alteridade – voltada mais notadamente para o carnaval baiano, mas também em menor escala para o carioca – se estabelece como um dos critérios condutores do processo de mudanças pelo qual a festa recifense passa ao longo do tempo, numa lógica de diferença mínima.

Além disto, o Discurso dos Mercados apresenta novas articulações discursivas ligadas à valorização da festa de rua, que começa a absorver características antes reservadas aos bailes fechados e transformar-se também em objeto de desejo a ser almejado. Passa a haver também a construção de uma expectativa pela chegada os dias de folia, incitando os foliões e gerando uma ideia de ansiedade pela festa.

A mudança na festa, indicada em 1985 e iniciada em 1995, toma corpo de forma definitiva no ano de 2005. O Discursos do Mestre se mantem estável na construção do imaginário acerca do carnaval, e o Discurso da Universidade permanece como fundamento para a organização e avaliação da festa, contudo eles são superados pelo crescimento do Discurso dos Mercados, que se torna dominante na definição do discurso do carnaval do Recife. Neste sentido a festa de carnaval é alçada ao papel de objeto *a* maior, estruturador do discurso do carnaval do Recife. O caráter espetacular da festa é potencializado e a festa se torna caminho de acesso ao mais-gozar para os foliões, representado por diferentes significantes-mestre. O evento de carnaval é convertido na autentica festa carnavalesca, representante maior da cultura pernambucana. A nostalgia pelos carnavais passados, presente no Discurso do Mestre, é transformada em saudosismo a ser acessado por meio de agremiações que simulam práticas carnavalescas de outras épocas e a festa assume uma proposta democrática e eclética, direcionada ampliação da abrangência da festa e de sua capacidade de atingir diferentes perfis de foliões. Assim, o

domínio sólido e centralizador do significante-mestre enquanto organizador do discurso do carnaval foi substituído pela sedução fluida e ininterrupta do objeto *a* opressor, que se molda de diferentes maneiras ao oferecer e impor o acesso ao gozo ao folião.

Complementarmente a este giro discursivo, o Discurso da Histórica sofreu modificações incrementais neste ano, chamando a atenção pela articulação do folião enquanto sujeito que se opôs a manifestações artísticas que se afastassem da cultura pernambucana. Em consonância com a modificação na lógica da festa decorrente da ascensão do Discurso dos Mercados, o Discurso do Analista apontou a festa de carnaval também como demandante de renovação da parte das agremiações a fim de atenderem a estas modificações. Já o Discurso do Capitalista, em 2005, passa por um movimento de maior relevância discursiva da profissionalização das trocas comerciais, incluindo a inclusão das agremiações como sujeitos ativos deste discurso.

Finalmente, o ano de 2015 apresenta a consolidação da guinada ocorrida em 2005. O Discurso dos Mercados mantém sua predominância enquanto definidor do discurso do carnaval do Recife, com mudanças incrementais em suas formações linguísticas, além da aparição do registro de imagens dos momentos da festa de carnaval como um novo objeto *a* representativo da presença dos smartphones e das redes sociais na sociedade contemporânea. Por outro lado, o Discurso do Mestre tem a ausência das formações ligadas à nostalgia pelas festas do passado, completamente absorvida e subvertida pela formação referente ao saudosismo no Discurso dos Mercados, e à modernização da festa de carnaval, que acreditamos não ter surgido neste ano pela estabilidade do novo modelo de festa consolidado em 2005. Os demais discursos demonstraram apenas variações sutis na maneira como suas formações se manifestaram, de acordo com mudanças contextuais da sociedade contemporânea.

Desta maneira, podemos perceber como a principal transformação ocorrida no discurso do carnaval do Recife no período contemplado por nossa análise é a mudança da prevalência da lógica do Discurso do Mestre para a lógica do Discurso dos Mercados, especialmente marcante no ano de 2005.

7.2 Da cultura ao mercado, da subversão ao Imperativo do gozo

Ao refletirmos sobre a trajetória empírica descrita acima percebemos como o marco teórico construído no início de nossa pesquisa se mostra relevante e capaz de oferecer subsídios para a melhor compressão do fenômeno estudado. Primeiramente, é notório o paralelo que se delineia entre o a organização discursiva do carnaval ao longo dos anos estudados com as abordagens de Néstor Garcia Canclini (1983) e George Yúdice (2013). Em todos os anos de nossa análise foi possível estabelecer a aproximação dos Discursos da Universidade e do Capitalista, e em menor medida também o da Histórica, com as questões levantadas pelos autores quanto à utilização da cultura como recurso econômico na lógica do capitalismo contemporâneo.

Especialmente as formações referentes ao potencial e impacto econômico da festa de carnaval (Discurso da Universidade) e às diversas atividades econômicas dos diferentes sujeitos durante o evento (Discurso do Capitalista) evidenciam a maneira como o carnaval é apropriado tendo em vista o desenvolvimento econômico. Esta articulação discursiva converte a manifestação cultural carnavalesca em atividade impulsionadora do desenvolvimento social local. Este argumento está intimamente ligado à exploração da festa por atividades do setor de turismo, comércio e serviços (hotéis, agências de viagem, bares, restaurantes, vendedores ambulantes, artesãos), a fim de promover oportunidades de negócios e um maior fluxo econômico durante os dias dos festejos carnavalescos. Tal lógica se mostra cada vez mais presente ao longo dos anos de nossa análise.

O saber pretensamente impessoal e imparcial do Discurso da Universidade (ŽIŽEK, 2008a), representado pelas diferentes cadeias significantes pautadas por argumentos de racionalidade, fundamentam a organização e distribuição dos recursos na preparação e promoção da festa. Este discurso se mantém sempre funcionando em referência a significantes-mestre específicos (“Economia”, “Organização”, “Justiça”, “Segurança/Saúde”, “Regulação”), corroborando com as perspectivas de Yúdice e Canclini. O Discurso da Universidade atua no enquadramento da manifestação carnavalesca dentro da lógica de uma racionalidade específica, com vistas a moldar a festa de acordo com articulações discursivas particulares.

Enquanto isto, o Discurso do Capitalista encarrega-se da construção discursiva que propicie a produção de latusas a partir do significante-mestre “Carnaval”. Comidas e bebidas, hospedagens, passeios turísticos, apresentações de dança e música, shows, bailes, adereços, camarotes. Tudo quanto for possível será convertido em latusas pelo

Discurso do Capitalista, por meio de articulações de cadeias significantes que resignificam objetos e manifestações a fim de oferecer o retorno do lucro ao sujeito capitalista. E na esteira deste processo os problemas, disfunções e transtornos causados pela festa (tais como a violência, crimes diversos, a desordem urbana, os problemas de mobilidade) são minimizados em prol do benefício maior trazido pela realização não de um “simples” festejo popular, mas de um evento turístico municipal, de escala grandiosa.

Assim, as manifestações culturais são mercadorizadas e comercializadas de acordo com os mais variados interesses econômicos, o que inclui a própria assimilação de práticas originalmente renovadoras e contestadoras pela lógica do capital. A promoção do movimento manguebeat como nova marca da cultura local e a maior visibilidade concedida ao ritmo do maracatu de maneira mais ampla como são representativos desta lógica de apropriação da cultura pelo mercado. Outro aspecto ainda ligado à utilização do carnaval como recurso diz respeito ao comportamento de políticos durante a festa a cada ano (Discurso da Histórica). Neste caso o carnaval torna-se não um recurso econômico, mas sim um recurso político de grande importância.

É importante ressaltar que, apesar do fato de que desde o primeiro ano de nossa análise esta lógica de mercado se faz presente, julgamos seguro imaginar que nem sempre foi assim. A fala de foliões no que diz respeito à nostalgia pelas festas ocorridas no passado apontam para um formato de carnaval que ainda não apresentava estes aspectos dos Discursos da Universidade e do Capitalista aqui discutidos. Neste sentido, acreditamos que em nossa pesquisa nos debruçamos sobre um intervalo de tempo que abarcou o processo de transição entre configurações distintas da festa, passagem de um modelo para outro, que posteriormente veio a consolidar-se. Contudo, não nos parece prudente admitir a existência de um momento histórico utópico onde estes discursos não se fizeram presentes de alguma maneira. Mas sim, acreditamos que estes mesmos discursos podem ter atuado de maneiras distintas e em diferentes intensidades em outros momentos da festa.

Os Discursos da Histórica e do Analista atuaram no sentido de complementar os demais discursos, respectivamente representando as diferentes posições discursivas assumidas pelos diversos sujeitos inseridos no contexto do carnaval do Recife e servindo de base compreensiva e sintética de como o folião buscava lidar com a festa de carnaval enquanto materialização do mais-gozar.

O Discurso da Histórica evidencia um conjunto de posições de sujeito distintas, todas elas apresentando em comum a postura histericizada diante do “Carnaval” significante-mestre maior ao qual é necessário atribuir significado. Na fluidez destes significados o sujeito histórico se perde na busca pela resposta à questão do “Che vuoi?”, na tentativa de entender o desejo do Outro e o que este Outro espera dele. Logo, o Discurso da Histórica no Carnaval do Recife se apresenta como o ermo dos sujeitos (foliões, artistas, agremiações e seus membros, cidadãos, políticos, trabalhadores) à procura em vão pelo porto seguro de significantes-mestre com significado bem definido. Em face à instabilidade e volubilidade destes sujeitos os Discursos do Capitalista e dos Mercados emergem como possíveis ofertantes de referências efêmeras para aplacar esta errância: o objeto *a*.

Por sua vez, o Discurso do Analista atua no Carnaval do Recife no sentido de procurar produzir sínteses acerca da forma como estes mesmos sujeitos histericizados se relacionam com seus objetos de desejo neste contexto. De acordo com as formações linguísticas do Discurso do Analista a festa carnavalesca é assimilada pelo sujeito, enquanto manifestação da irrupção do Real (*a*) dentro da Ordem Simbólica, por meio dos significantes-mestre “Tradição”, “Renovação”, “Liberdade” e “Cultura”. Entretanto, este discurso, em sua versão perversa (Discurso dos Mercados), opera na exploração do desejo destes sujeitos, passando inclusive por estes significantes.

Quanto a esta ação perversa do objeto *a* no discurso do Carnaval do Recife, nossa análise do *corpus* de pesquisa nos permitiu a identificação de outro aspecto importante concernente ao carnaval do Recife, relativo à relação entre a transição da dominância do Discurso do Mestre para o Discurso dos Mercados com as contribuições de Bakhtin e Žižek. Em primeiro lugar, no ano de 1985, o caráter de tempo extraordinário da festa se sobressai no Discurso do Mestre, corroborando as perspectivas teóricas de Mikhail Bakhtin (1987) e Roberto DaMatta (1997) de que o carnaval é o espaço por excelência da superação das limitações sociais. Contudo, é preciso ir mais além, uma vez que a separação estrutural de posições sociais é mantida durante o evento com a importante presença dos bailes fechados e camarotes. Este fato alinha-se com a perspectiva de Maria Isaura Pereira de Queiroz (1992), segundo a qual o carnaval preserva em si as distinções sociais por meio da definição de papéis e espaços claros para cada sujeito participante da festa.

Desta maneira o discurso do carnaval, pautado na estrutura do Discurso do Mestre, estaria articulado centralmente em torno da própria noção de “carnaval”, complementada ainda pelas noções centrais de tradição, grandiosidade e transgressão, além da objetificação e estereotipação da figura do folião, produzindo como objeto *a* uma festa carnavalesca que se nega a ser apreendida em sua totalidade. De acordo com esta lógica do Discurso do Mestre ($\$ \rightarrow S_1 \rightarrow S_2 \rightarrow a$), sustentada pela figura do folião, era a relação entre os diferentes significantes-mestre e as cadeias significantes, que dava origem à folia carnavalesca enquanto manifestação do Real, escapando de qualquer tentativa de significação. Assim, a festa de carnaval emergia como expressão indefinível plenamente da noção do que era o carnaval. Na verdade, a festa era a própria encarnação desta indefinição. Cabendo assim ao folião usufruir da folia na tentativa de ir além dos significantes insuficientes e insatisfatórios a fim de alcançar a experiência utópica e inatingível de contato pleno com a festa, pedaço do Real.

Contudo, vieram as mudanças já anunciadas e desenvolvidas parcialmente no ano de 1995 e consolidadas no ano de 2005. Estas mudanças representavam a expressão de uma mudança mais profunda em curso na estruturação do discurso do carnaval do Recife. Gradativamente a festa carnavalesca deixou de ocupar o papel de produto de um discurso, passando a assumir o protagonismo da posição de agente de um outro discurso, o dos Mercados. A folia carnavalesca, em toda sua inapreensibilidade de manifestação do Real, passou a utilizar a cadeia significativa de suas características e práticas para interpelar o folião e confrontá-lo, oferecendo-se como porta de acesso ao gozo, mesmo que um gozo parcial, ou mais-gozar. Diante da incapacidade do sujeito-folião de lidar com este confronto, a festa passa a produzir os significantes-mestre a serem utilizados como instrumento de síntese para que seja possível ao folião ter acesso, mesmo e unicamente que de forma efêmera e insuficiente, como o mais-gozar representado pela figura da folia carnavalesca. Esta nova lógica discursiva ($S_2 \rightarrow a \rightarrow \$ \rightarrow S_1$) pode ser identificada como estando abaixo da superfície de toda do novo formato da festa carnavalesca como um todo.

Apesar de aparentemente esta nova configuração discursiva representar um avanço na relação do sujeito com o vazio de seu desejo, esta abertura aparentemente positiva da interpelação do gozo ao sujeito traz consigo um caráter perverso e destrutivo marcante. Enquanto expressão máxima da pulsão de morte, o gozo representa o impulso do sujeito à destruição. O hipotético acesso pleno do sujeito ao gozo representaria a sua

completa aniquilação enquanto sujeito, sua saída da dimensão simbólica em direção à plenitude do Real. Logo, o estabelecimento da prevalência do Discurso dos Mercados em 2005 e a transformação da festa em fonte de mais-gozar representa o soterramento do folião por demandas de gozo manifestadas de diversas maneiras (ŽIŽEK, 2008a).

Esta transição do Discurso do Mestre para o dos Mercados traz consigo a modificação da relação do sujeito com a Lei da castração simbólica pela linguagem e com os fragmentos de Real representados pelo mais-gozar. Esta relação passa de uma lógica restritiva da Lei patriarcal para uma lógica sufocante da imposição sempre presente ao gozo. Tal cenário dá origem a uma Lei superegóica do gozo, na qual o mais-gozar interpela o sujeito de maneira direta e desublimada, assumindo a postura de um gozo obsceno e intrusivo (ŽIŽEK, 2006). O gozo se estabelece como uma obrigação moral. Os foliões passam a ser bombardeados por objetos de desejo diversos, cada um relacionado com diferentes significantes-mestre que buscam sintetizar e facilitar a relação sujeito-objeto *a*, que a princípio deveria remeter ao matema da fantasia, da relação impossível de concretização do gozo, agora desublimada.

Como resultado desta transformação do discurso do carnaval do Recife o folião passa a festa passa a ser caracterizada como um grande espetáculo rico em atrativos. E como em todo espetáculo, cabe ao folião-consumidor não mais a participação conjunta na produção da festa composta das microcontribuições individuais das práticas de cada folião, mas sim a admiração e contemplação do espetáculo carnavalesco. Esta dimensão espetacular tem como seu melhor representante a infinidade de shows e apresentações artísticas que marcam a festa contemporânea, espalhados por dezenas de palcos ao redor da cidade. As brincadeiras das agremiações ainda se fazem presente, mas dividindo cada vez mais espaço com as atrações que décadas atrás estavam reservadas às festas dos salões. E até mesmo algumas das próprias agremiações assumem o papel de atração artística a ser contemplada durante suas apresentações.

Ao nos voltarmos para o discurso das mídias acerca do carnaval do Recife é possível identificar a relação da apropriação da manifestação cultural carnavalesca em geral pela lógica capitalista e sua utilização como recurso com a ascensão do Discurso dos Mercados na estruturação do discurso do carnaval do Recife. Estes fenômenos caminham lado a lado. Segundo as contribuições de Yúdice e Canelini, o processo de tomada da cultura pelo capital resulta na transformação e fragmentação desta em produtos

culturais a serem ofertados e consumidos. O Discurso dos Mercados envolve a variedade de manifestações concretas por meio das quais o imperativo do gozo materializa-se ao interpelar o sujeito. Desta maneira a conversão da cultura carnavalesca em produto(s) e o funcionamento do Discurso dos Mercados do carnaval do Recife estão diretamente relacionados, permitindo que o mais-gozar seja incorporado por objetos *a* parciais diversos que atuam no intuito de interpelar o sujeito-folião ininterruptamente a fruir a festa.

Uma ressalva é necessária ao estabelecermos este panorama acerca da mercadorização do Carnaval do Recife. Julgamos pertinente assumirmos a festa de carnaval do Recife como um fenômeno multifacetado. Não podemos afirmar que este processo de mercadorização corresponde à totalidade das manifestações da festa. Consideramos o carnaval um fenômeno complexo o suficiente para abarcar uma dialética entre a mercadorização e a espontaneidade da cultura popular. Na verdade, assumindo um olhar alinhado com a leitura de Žižek da dialética hegeliana, podemos entender a festa de carnaval por meio daquilo que chamaremos de dialética da diferença mínima (Žižek, 2008a). A festa oferece uma miríade de faces passíveis de interpretação, concentrando contradições e possibilidades.

A festa de carnaval não se constitui na diferença em relação a outra referência externa a ela, mas sim na diferença em relação a si mesma, uma diferença interna, apontando para o caráter multifacetado da festa que não assume um significado uno dentro da Ordem Simbólica. Pelo contrário, a festa de carnaval do Recife, enquanto objeto *a*, opera numa lógica de paralaxe, segundo a qual este objeto muda de acordo com a mudança de perspectiva acerca dele. Esta mudança paralática incorre não só na mudança do objeto, mas também na mudança do próprio sujeito que ocupa a posição a partir da qual esse olhar sobre o objeto se constitui. Assim, assumimos e afirmamos a existência de um processo de mercadorização do Carnaval do Recife, o que nos parece apontar para um movimento mais amplo de mercadorização cultura popular em curso na sociedade contemporânea. Porém esta afirmação não nega ou exclui a existência de outras facetas deste objeto paralático, que pode ser entendido ainda como uma autêntica manifestação representativa da cultura pernambucana, valorizando as raízes locais; campo de disputas de poder entre os vários agentes envolvidos com a festa, pondo em jogo interesses distintos, e até conflitantes; espaço de construções identitárias variadas, contradições de significados e negociações simbólicas constantes. A riqueza de dimensões desta festa

popular oferece a possibilidade de diferentes leituras acerca do fenômeno carnavalesco no contexto recifense.

Partindo da análise específica de nosso objeto de estudo é possível vislumbrarmos uma lógica de funcionamento subjacente ao processo de mercadorização da cultura em nossa sociedade. No contexto da festa recifense é concedida uma capacidade de plasticidade ao significante “carnaval”, tornado-se capaz de adequar-se às diferentes possibilidades de vinculação de significantes. O “carnaval” assume um caráter de ambiguidade, podendo ser explorado por variadas articulações discursivas, atendendo a diferentes demandas. Seja a festa da tradição, do saudosismo, da alegria, etc. Assim, nos parece evidente que é esta ambiguidade, ou imprecisão inerente à linguagem que propicia as articulações discursivas que alçam os mais variados objetos e manifestações de nossa cultura, para além exclusivamente do carnaval, ao papel de objetos de desejo, moldando-os e transformando-os simbolicamente em busca da ampliação e exploração de seu potencial mercadológico.

7.3 Contribuições, limites e indicações de pesquisas futuras

Ao término de nosso estudo se faz necessário avaliar quais contribuições foram oferecidas por esta pesquisa, bem como refletir sobre os limites estabelecidos durante a sua condução. Desta forma buscamos reconhecer como estes limites impactaram no escopo do resultado final aqui apresentado.

Acreditamos que a proposição da articulação teórica entre autores vinculados a uma perspectiva de Estudos Culturais como Néstor Canclini e George Yúdice com o aporte teórico de viés crítico e abordagem psicanalítica de Slavoj Žižek traz a possibilidade de um novo olhar sobre fenômenos sociais relacionados com a forma como a cultura popular tem se manifestado e tem sido apropriada na sociedade contemporânea. A crítica à ideologia a partir de uma ótica psicanalítica oferece um ponto médio entre a análise macro e micro social, buscando assim evitar incorrer em reducionismos. Desta forma, entendemos que esta abordagem emerge como uma opção viável para nos debruçarmos sobre questões do contemporâneo como as levantadas por Canclini e Yúdice a respeito do papel da cultura em nossa sociedade. Olhar o social a partir de conceitos

psicanalíticos pode significar a (re)abertura de horizontes de discussão, propiciando campo fértil para produção de conhecimento na área de estudos organizacionais e afins.

Para além da dimensão puramente teórica, entendemos que esta pesquisa tem como uma de suas contribuições o esforço metodológico fruto da opção pela utilização da Análise de Discurso Lacaniana (ADL) como procedimento analítico. Uma vez que esta abordagem analítica ainda não se encontra largamente difundida no campo de conhecimento dos estudos organizacionais, a sua aplicação nesta pesquisa pode colaborar no sentido de difundir esta abordagem. Em meio a diferentes variedades de análises de discurso, a ADL nos parece uma opção viável para a condução de pesquisas que possam produzir resultados relevantes dentro de nosso campo de conhecimento.

Destacamos ainda a contribuição empírica proveniente deste estudo. Por meio deste trabalho pudemos construir um entendimento particular acerca do Carnaval do Recife e sua apropriação pela lógica do capitalista. No decorrer deste processo buscamos nos aproximar de nosso objeto de estudo e elaborar um olhar próprio sobre o fenômeno em questão. Sendo assim, acreditamos que pudemos contribuir com a produção de conhecimento que possa servir de subsídio para novas pesquisas e de fonte de estudo para aqueles interessados em compreender melhor a configuração desta festa tão representativa da cultura nacional brasileira e particularmente da cultura local pernambucana.

De maneira geral dois limites se fizeram notar na realização deste trabalho de pesquisa. Primeiramente destacamos a homogeneidade da natureza dos dados que compuseram o *corpus* de pesquisa como uma de nossas limitações. Contudo, entendemos que esta limitação pode ser superada conceitualmente pelo aporte teórico por nós adotado. Uma vez que assumimos uma perspectiva de mediação cultural e discurso das mídias, entendemos que a natureza do dado acessado e analisado não limita nossas considerações acerca do tema explorado. Os discursos permeiam a sociedade e são influenciadas mutuamente numa lógica de interdiscursividade. O discurso das mídias torna-se então responsável não apenas pela sua função informativa/descritiva, mas também pelo papel de sistema simbólico que contribui para a formação dos discursos presentes na sociedade, o que inclui o discurso do carnaval do Recife.

Apontamos ainda um segundo limite referente a nossa pesquisa, que diz respeito ao recorte dos quatro anos contemplados na construção e análise de nosso *corpus*. Apesar de comporem um *corpus* relativamente reduzido frente à história da festa carnavalesca na cidade de Recife ao longo das décadas, os anos selecionados para análise estão distribuídos de maneira a abranger de satisfatoriamente o fenômeno objeto de nosso estudo, atendendo aos propósitos da pesquisa.

Por fim, indicamos como possibilidade de futuros estudos relacionados com esta pesquisa a realização de trabalhos que se debrucem sobre o discurso do carnaval do Recife em outros períodos históricos a fim de identificarem a presença e as possíveis mudanças e relações de influência entre os discursos lacanianos fundamentais. A análise do período anterior ao ano de 1985, por exemplo, pode contribuir para o entendimento das diferenças na configuração do discurso do Carnaval do Recife entre este período e o período por nós estudado. Julgamos pertinente também a realização de pesquisa voltada para outras festas carnavalescas de relevância no contexto brasileiro, tais como os festejos do Rio de Janeiro e Salvador. Tal pesquisa poderia oferecer subsídios para a comparação da evolução dos discursos das diferentes festas, estabelecendo paralelos e identificando possíveis semelhanças e diferenças. Ainda apontamos como válida a aplicação do aporte teórico-metodológico por nós adotado para a investigação de outras manifestações culturais e seus processos de apropriação pela dinâmica de mercado contemporânea.

Referências

- ALTHUSSER, L. Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado (Notas para uma investigação). In: ŽIŽEK, S. (Org.). **Um mapa da ideologia**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996. p. 105-142.
- ANJ. **Os maiores jornais do Brasil de circulação paga por ano**. 2015. Disponível em: < <http://www.anj.org.br/maiores-jornais-do-brasil/#>>. Acessado em 15 de outubro de 2015.
- ARAI, Y. O carnaval do Recife e a formação do folclore negro no Brasil. In: NAKAMAKI, H.; FILHO, A. P. (Org.). **Possessão e procissão** – religiosidade popular no Brasil. Osaka: National Museum of Ethnology, 1994.
- ARANTES, N. Pequena história do Carnaval no Brasil. **Revista Portal de Divulgação**, v. 3, n. 29, pp. 6-20, Fev. 2013.
- ARAÚJO, H. **Carnaval: seis milênios de história**. Rio de Janeiro: Gryphus, 2000.
- ARAÚJO, I. S. Contextos, Mediações e Produção de Sentidos: uma abordagem conceitual e metodológica em comunicação e saúde. **RECIIS**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 3, pp. 42-50, Set. 2009.
- ARAÚJO, R. C. B. Carnaval do Recife: a alegria guerreira. **Estudos avançados**, 11 (29), 1997.
- BAKHTIN, M. M. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. São Paulo: Editora Hucitec, 1987.
- BARROS, L. M. Os meios ou as mediações? Um exercício dialético na delimitação do objeto de estudo da comunicação. **Líbero**, São Paulo, v. 12, n. 23, pp. 85-94, Jun. 2009.
- BASTOS, M. T. Do Sentido da Mediação: as margens do pensamento de Jesús Martín-Barbero. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, n. 35, pp. 86-89, Abr. 2008.
- BATISTA, C. M.; ÁVILA, M. A. Patrimônio histórico cultural e turismo no carnaval de Caravelas: axé versus samba. **Caderno Virtual de Turismo**, Jun. 2006.
- BAUER, M. W.; AARTS, B. A Construção do *Corpus*: um princípio para a coleta de dados qualitativos. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som**. Petrópolis, RJ : Vozes, 2002.
- BAUER, M. W.; GASKELL, G.; ALLUM, N. C. Qualidade, quantidade e interesses do conhecimento: evitando confusões. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som**. Petrópolis, RJ : Vozes, 2002.
- BECKER, P. **A Economia do Gozo**. Rio de Janeiro: Garamond, 2010.
- BELISÁRIO, K.; RAMOS, M. A Mercadorização da Responsabilidade Social. **Revista Brasileira de Políticas de Comunicação**, Brasília, n. 1, pp. 1-19, 2011.
- BRASIL. Ministério da Cultura. Secretaria da Identidade e da Diversidade Cultural. Secretaria da Cidadania e da Diversidade Cultural. **Plano Setorial para as Culturas Populares/ MINC/ SCC**, Brasília, 2012.
- BRAUNSTEIN, N. A. O Discurso Capitalista: quinto discurso? O Discurso dos Mercados (PST): sexto discurso? **A peste**, São Paulo, v. 2, n. 1, pp. 143-165, Jan./Jun. 2010.

- Braunstein, N. **O gozo**. São Paulo: Escuta, 2007.
- BRITTO, V. C. Mídia, Mediação e Sociedade: o (des)caminho do debate público. **Comunicação e Informação**, v. 8, n. 1, pp. 8-18, Jan./Jun. 2005.
- BUENO, C. M. O. A. **Denegação do Mestre**: os discursos da dominação e o mal-estar contemporâneo. 2011. 244f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.
- CALADO, V. Mediação jornalística dos eventos partidários: lógicas de mediatização do campo jornalístico. In: SOPCOM 2005: 4º Congresso da Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação, 4, 2005, Aveiro, **Anais...** Aveiro, 2005.
- CANCLINI, N. G. **As culturas populares no capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- CARLSON, H. G. Strindberg and the carnival of history. **Scandinavian Studies**, v. 62, n. 1, pp. 39-52, 1990.
- CARNEIRO, N. R. S. A importância do marketing cultural para sobrevivência do carnaval como manifestação popular. **Presciência**, Recife, n. 1, pp. 11-27, Mar. 2006.
- CASTRO, J. C. L. Consumo de Massa e Discurso da Histeria. II Colóquio Binacional Brasil-México de Ciências da Comunicação, 2, 2009, São Paulo. **Anais...** São Paulo, 2009.
- CEDERSTRÖM, C.; SPICER, A. **The Wellness Syndrome**. Cambridge: Polity, 2015.
- CHARAUDEAU, P. **Discurso das Mídias**. São Paulo: Contexto, 2006.
- COELHO, C. M. S. Psicanálise e laço social: uma leitura do Seminário 17. **Mental**, Barbacena, v. 4, n.6, pp. 107-121, Jun. 2006.
- CRESWELL, J. **Projeto de Pesquisa**: método qualitativo, quantitativo e misto. 2.ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- DAMATTA, R. **Carnavais, malandros e heróis**: para uma sociologia do dilema brasileiro. 6ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- DANTAS, J. G. D. Teoria das Mediações Culturais: uma proposta de Jesús Martín-Barbero para o estudo de recepção. In: Intercom – Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, 10, 2008, São Luiz, **Anais...** São Luiz, 2008.
- DELGADO, A. K. C. O carnaval como elemento identitário e atrativo turístico: análise do projeto folia de rua em João Pessoa (PB). **Cultur – Revista de Cultura e Turismo**, v. 6, n. 4, Out. 2012.
- DENZIN, N. K. E LINCOLN, Y. S. The Discipline and Practice of Qualitative Research. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (Eds.). **The Sage Handbook of qualitative research**. 4.ed. Thousand Oaks: Sage Publications, 2007.
- ESCOSTEGUY, A. C.; FELIPPI, A. Jornalismo e Estudos Culturais: a contribuição de Jesús Martín-Barbero. In: SBPJor – Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, 10, 2012, Curitiba, **Anais...** Curitiba, 2012.
- FARIAS, E. Carnaval Carioca, a Matriz do Negócio do Ócio Brasileiro. **Caderno CRH**, Salvador, n. 38, pp. 177-208, Jan./Jun. 2003.
- FARIAS, E. Quando inovar é apelar à tradição: a condição baiana frente à modernização turística. **Caderno CRH**, Salvador, v. 21, n. 54, pp. 571-594, Set./Dez. 2008.

- FELDNER, H.; VIGHI, F. Žižek's Notion of Ideology Critique in Context. **International Journal of Žižek Studies**, v. 4, n. 1, 2009.
- FINK, B. **O sujeito lacaniano: entre a linguagem e o gozo**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- FINK, B. **O sujeito lacaniano: entre a linguagem e o gozo**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- FLICK, U. **Desenho da Pesquisa Qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- FLICK, U.; KARDORFF, E. von; STEINKE, I. What is Qualitative Research? An introduction to the field. In: FLICK, U. KARDORFF, E. von; STEINKE, I. (Eds.). **A Companion to Qualitative Research**, London: Sage Publications, 2004, pp. 3-12.
- FONTENELLE, I. A. O Trabalho da Ilusão: produção, consumo e subjetividade na sociedade contemporânea. **Interações**, v. 10, n. 19, pp. 63-86, Jan./Jun. 2005.
- FRANÇOIA, C. R. O simbólico e a clínica psicanalítica: o início da teoria lacaniana. **Revista AdVerbum**, v. 2, n. 1, pp. 87-101, Jan./Jun. 2007.
- FREUD, S. **Além do princípio do prazer e outros textos**. São Paulo: Editora Schwarcz, 2010a.
- FREUD, S. **O Mal-Estar na Civilização, Novas Conferências Introdutórias e Outros Textos**. São Paulo: Editora Schwarcz, 2010b.
- FUNDAJ. 2011. Disponível em:
<http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&view=article&id=536&Itemid=182>. Acessado em junho 2011.
- GAIÃO, B. F. S.; LEÃO, A. L. M. S. MELLO, S. C. B. A Teoria do Discurso do Carnaval Multicultural do Recife: uma análise da festa carnavalesca de Recife à luz da Teoria de Laclau e Mouffe. **RAM – Revista de Administração Mackenzie**, v. 15, n. 6, Edição Especial, São Paulo, pp. 149-171, Nov./Dez. 2014.
- GAIÃO, B. F. S.; LEÃO, A. L. M. S. Muitas Festas Numa Só. **O&S**, Salvador, v. 20, n. 64, pp. 131-144, Jan./Mar. 2013.
- Empresas**, v. 52, n. 3, p. 330-344, 2012.
- GERMANO, Iris. O Carnaval no Brasil: da origem europeia à festa nacional. **Caravelle**, Toulouse, n. 73, pp. 131-145, 1999.
- GODOI, C. K.; BANDEIRA-DE-MELLO, R.; SILVA, A. B. **Pesquisa Qualitativa em Estudos Organizacionais: paradigmas, estratégias e métodos**. São Paulo: Saraiva, 2006.
- HERSCHMANN, M. Apontamentos sobre o crescimento do Carnaval de rua no Rio de Janeiro no início do século 21. **Intercom – RBCC**, São Paulo, v. 36, n. 2, pp. 267-289, Jul./Dez. 2013.
- HOMER, S. **Jacques Lacan**. London: Routledge, 2005.
- JAGUARIBE, B. Carnival crowds. **The Sociological Review**, v. 61, n. 1, pp. 69-88, 2013.
- JORGE, M. A. C. **Fundamentos da Psicanálise de Freud a Lacan, Vol. 2: a clínica da fantasia**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2010.
- JORGE, M. A. C. **Fundamentos da Psicanálise de Freud a Lacan**. 5ª Ed. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2008.

- JORGE, M. A. C.; FERREIRA, N. P. **Lacan, o Grande Freudiano**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2005.
- KUL-WANT, C.; PIERO. **Entendendo Slavoj Žižek: um guia ilustrado**. São Paulo: Leya, 2012.
- LACAN, J. O estádio do espelho como formador da função do Eu. . In: ŽIŽEK, S. (Org.). **Um mapa da ideologia**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996. p. 97-104.
- LACAN, J. **O Seminário VII: a ética da psicanálise**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- LACAN, J. **O Seminário XI: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.
- LACHMANN, R. Bakhtin and Carnival: culture as counter-culture. **Cultural Critique**, n. 11, pp. 115-152, 1988.
- LAMPOGLIA, F.; MIOTELLO, V.; ROMÃO, L. M. S. Do desfile na avenida ao camarote: um olhar discursivo sobre o carnaval nos cartuns de Angeli. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, v. 11, n. 1, pp. 81-102, Jan./Abr. 2011.
- LEITE, F. B. Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento no Contexto de François Rabelais como obra de maturidade Mikhail M. Bakhtin. **Revista Magistro**, v. 2, n. 1, 2011.
- LEOPOLDI, J. S. Escolas de samba, blocos e o renascimento da carnavalização. **Textos escolhidos de cultura e arte populares**, Rio de Janeiro, v.7, n.2, p. 27-44, Nov. 2010.
- LIMA, C. **Evoé: história do carnaval das tradições mitológicas ao trio elétrico**. 2ª ed. Recife: Raízes brasileiras, 2001.
- LIMA, M. A. C. Lacan, um pós-estruturalista? **Interações**, vol. 12, n. 22, pp. 231-260, Jul./Dez., 2006.
- LINCOLN, Y. S.; GUBA, E. G. Controvérsias paradigmáticas, Contradições e confluências emergentes. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (Eds.). **O Planejamento da Pesquisa Qualitativa: teorias e abordagens**. 2.ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- LÓSSIO, R.; PEREIRA, C. **História e Estórias do Carnaval em Pernambuco**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 2008.
- LUSTOSA, M. A. V.; PIRES, M. G. L. O Sujeito na Experiência Psicanalítica e nas Narrativas Contemporâneas: uma abordagem na filosofia de Žižek. **Revista Dialectus**, v. 1, n. 1, pp. 211-230, Jul./Dez. 2012.
- MADRA, Y.; OZSELÇUK, C. Enjoyment as an Economic Factor: Reading Marx with Lacan. **Subjectivity**, v. 3, n. 3, p. 323-347, 2010.
- MAGALAKWE, M. The Use of Documentary Research Methods in Social Research. **African Sociological Review**, v. 10, n. 1, pp. 221-230, 2006.
- MARCUSE, H. **Eros e Civilização: uma interpretação filosófica do pensamento de Freud**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.
- MARTÍN-BARBERO, J. **Dos Meios às Mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. 6. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.
- MARTÍN-BARBERO, J. **Ofício de Cartógrafo: travessias latino-americanas da comunicação na cultura**. São Paulo: Edições Loyola, 2004

- MELLO, B. N. **As Teorias da Linguagem em Lacan**. 2010. 193f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Departamento de Psicologia, PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2010.
- MIGUEZ, P. O carnaval da Bahia: um desafio para as políticas culturais. **Repertório**, Salvador, n. 19, pp. 136-138, 2012.
- MILLER, J. A. Os seis paradigmas do gozo. **Opção Lacaniana Online**. v. 3, n. 7, mar, 2012.
- MUNIZ, R. F. N. Cultura ou mercadoria? Reflexões sobre o carnaval de Itabuna, Bahia. **Caderno Virtual de Turismo**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 4, pp. 55-61, 2006.
- MYERS, T. **Slavoj Žižek**. New York: Routledge, 2003.
- NOGUEIRA, R. M. F. O carnaval como uma peça da construção identitária brasileira. **Caderno Virtual de Turismo**, v. 8, n. 1, 2008.
- PAIVA Jr., F. G.; LEÃO, A. L. M. S.; MELLO, S. C. B. Validade e Confiabilidade na Pesquisa Qualitativa em Administração. **Revista de Ciências da Administração**, v. 13, n. 31, pp. 190-209, Set./Dez. 2011.
- PARKER, I. Lacanian Discourse Analysis: seven elements. In: PAVÓN-CUÉLLAR, D.; PARKER, I. (Eds.). **Lacan, Discourse, Event: New psychoanalytic approaches to textual indeterminacy**. London: Routledge, 2014, pp. 38-51.
- PAVÓN-CUÉLLAR, D. From the word to the event: limits, possibilities and challenges of Lacanian Discourse Analysis. In: PAVÓN-CUÉLLAR, D.; PARKER, I. (Eds.). **Lacan, Discourse, Event: New psychoanalytic approaches to textual indeterminacy**. London: Routledge, 2014, pp. 325-337.
- PAVÓN-CUÉLLAR, D.; PARKER, I. Introduction: Lacanian theory, discourse analysis and the question of the ‘event’. In: PAVÓN-CUÉLLAR, D.; PARKER, I. (Eds.). **Lacan, Discourse, Event: New psychoanalytic approaches to textual indeterminacy**. London: Routledge, 2014, pp. 1-15.
- PE NO CARNAVAL. **Cidades**. 2015. Disponível em: <<http://www.penocarnaval.com.br/cidades>>. Acessado em 07 de setembro de 2015.
- PERNY, M. M.; MELLO, M. D. Máscaras: eu te conheço, carnaval! In: II Coninter – Congresso Internacional Interdisciplinar em Sociais e Humanidades, 5, 2013, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte, 2013.
- PIMENTEL, A. O Método da Análise Documental: seu uso numa pesquisa historiográfica. **Cadernos de Pesquisa**, n. 114, pp. 179-195, Nov. 2001.
- PREFEITURA DE OLINDA. **História do carnaval, dos romanos aos olindenses**. 2015. Disponível em: <<http://carnaval.olinda.pe.gov.br/historia>>. Acessado em 16 de agosto de 2015.
- PREFEITURA DO RECIFE. **Carnaval Multicultural do Recife**. 2015b. Disponível em: <<http://www.carnavalrecife.com/>>. Acessado em 16 de agosto de 2015.
- PREFEITURA DO RECIFE. **Geraldo: “esse foi o maior Carnaval que o Recife já teve”**. 2015a. Disponível em: <<http://www.carnavalrecife.com/2015/02/19/geraldo-esse-foi-o-maior-carnaval-que-o-recife-ja-teve/>>. Acessado em 16 de agosto de 2015.
- QUEIROZ, M. I. P. **Carnaval brasileiro: o vivido e o mito**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

RABELAIS, G. W.; VIEIRA, M. A. **A devastação na relação mãe e filha como efeito do gozo feminino**. 2012. Dissertação (Mestrado)-Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Psicologia, 2012.

RAMOS, C. Imperativo de gozo e propaganda no laço social da sociedade de consumo. **Mental**, Barbacena, v. 5, n. 9, pp. 101-116, Nov. 2007

RISÉRIO, A. Carnaval: as cores da mudança. **Afro-Ásia**. 1995. Disponível em <http://www.afroasia.ufba.br/pdf/afroasia_n16_p90pdf.pdf>. Acessado em 16 de agosto de 2015.

ROSA, M. Jacques Lacan e a Clínica do Consumo. **Psicanálise Clínica**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 1, pp. 157-171, 2010.

SALDANHA, L. V.; CARRASCO, C. R. O advento da música popular urbana do Recife no rádio e os seus desdobramentos na PRA-8. **XVI Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Música**. Brasília, 2006

SARUP, M. **Post-structuralism and Postmodernism**. 2ª ed. London: Harvester Wheatsheaf, 1993.

SCRIBNER, B. Reformation, carnival and the world turned upside-down. **Social History**, v. 3, n. 3, pp. 303-329, 1978.

SEBE, J. C. **Carnaval, Carnavais**. São Paulo: Editora Ática, 1986.

SILVA, J.; MENDES, D.; LUCENA, S.; ATAÍDE, M. das G. Carnaval do Recife como palco do folkmarketing e imaginário. In: COSTA, F. A. P. **Folk-lore pernambucano**. Recife: CEPE, 2004.

SKARE, N. G. Discurso, Angústia, Capitalismo. **Revista Anagrama**, São Paulo, v. 5, n. 3, Mar./Mai. 2012.

SOIHET, R. Reflexões sobre o carnaval na historiografia: algumas abordagens. **Academia do samba**. 1998. Disponível em: <<http://www.academiadosamba.com.br/monografias/raquelsoihet.pdf>>. Acessado em 16 de agosto de 2015.

SOUZA, E. L. L. Comunicação e Mediação Cultural. **Revista Museologia e Patrimônio**, v. 6, n. 1, pp. 3-24, 2013.

SOUZA, E. M.; SOUZA, S. P.; SILVA, A. R. L. O Pós-estruturalismo e os Estudos Críticos de Gestão: da Busca pela Emancipação à Constituição do Sujeito. **RAC**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, art. 4, pp. 198-217, Mar./Abr. 2013

TEIXEIRA, V. L.; COUTO, L. F. S. A Cultura do Consumo: uma leitura psicanalítica lacaniana. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 15, n. 3, pp. 583-591, Jul./Set. 2010.

TRIGUEIRO, O. M. A espetacularização das culturas populares ou produtos culturais folkmediáticos. **Trabalho apresentado no Seminário Nacional de Políticas Públicas para as Culturas Populares, realizado em Fevereiro de, 2005**.

VALAS, P. **As Dimensões do Gozo: do mito da pulsão à deriva do gozo**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2001.

VENKATESH, A. Postmodernism Perspectives for Macromarketing: an inquiry into the global information and sign economy. **Journal of Macromarketing**, v. 19, n. 12, Dec. 1999.

VIDAL, F. M. C.; ANDRADE, E. L. Civilizar para carnavalizar: proposta de um carnaval moderno em Pernambuco (1935-1985). **XXII Simpósio Internacional Processo Civilizador**. Recife-PE, 2009.

VIEIRA, D. C.; COSTA, R. **Uma visão dos outros Carnavais: do Sec. XVII ao XIX**. I Colóquio de História da Universidade Federal Rural de Pernambuco. Recife-PE, 2007.

VISCARDI, A. W.; SOTTANI, S. M. R.; SILVA, E. J. Carnaval: entre a contradição de classes e o produto midiático espetacular. **Estação Científica**, Juiz de Fora, n. 9, Jan./Jun. 2013.

YOUNG, L. S. Becoming other to oneself: misreading the researcher through Lacanian Discourse Analysis. In: PAVÓN-CUÉLLAR, D.; PARKER, I. (Eds.). **Lacan, Discourse, Event: New psychoanalytic approaches to textual indeterminacy**. London: Routledge, 2014, pp. 279-290.

YÚDICE, G. **A conveniência da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

ŽIŽEK, S. **A Visão em Paralaxe**. São Paulo: Boitempo, 2008a.

ŽIŽEK, S. **Absolute Recoil**. London: Verso, 2014.

ŽIŽEK, S. **As Metástases do Gozo**: seis ensaios sobre a Mulher e a Causalidade. Lisboa: Relógio D'Água, 2006.

ŽIŽEK, S. **Como Ler Lacan**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

ŽIŽEK, S. Como Marx Inventou o Sintoma. In: ŽIŽEK, S. (Org.). **Um mapa da ideologia**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996a. p. 297-333.

ŽIŽEK, S. **Em Defesa das Causas Perdidas**. São Paulo: Boitempo, 2011ab.

ŽIŽEK, S. Four Discourses, Four Subjects. In: ŽIŽEK, S. (Org.). **Cogito and the Unconscious**. London: Duke University Press, 1998. p. 74-113.

ŽIŽEK, S. Introdução: o espectro da ideologia. In: ŽIŽEK, S. (Org.). **Um mapa da ideologia**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996b. p. 7-38.

ŽIŽEK, S. **O Amor Impiedoso (ou: Sobre a Crença)**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

ŽIŽEK, S. **Primeiro Como Tragédia, Depois Como Farsa**. São Paulo: Boitempo, 2011a.

ŽIŽEK, S. **The Fragile Absolute**: or, why is the Christian legacy worth fighting for? London: Verso, 2000.

ŽIŽEK, S. **The Sublime Object of Ideology**. London: Verso, 2008b

ŽIŽEK, S. **Violencia en acto**. Buenos Aires: Paidós, 2005.